

DESASTRES sexuais



ANE
PIMENTEL

MILA
WANDER

JOSY
STOQUE

JULIANA
DANTAS

LANI
QUEIROZ

NANA
SIMONS

VALENTINA
K. MICHAEL



DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

DESASTRES sexuais

ANE
PIMENTEL

MILA
WANDER

JOSY
STOQUE

JULIANA
DANTAS

LANI
QUEIROZ

NANA
SIMONS

VALENTINA
K. MICHAEL

Copyright @ 2019

A cópia total ou parcial desta obra é proibida.

Capa: Thati Machado

Organização: Mila Wander

➤ ÍNDICE

[Desastres Sexuais Às Vezes São Inevitáveis](#)

[Difícil de Engolir – Ane Pimentel](#)

[Blackout – Valentina K. Michael](#)

[Divina Trindade – Nana Simons](#)

[A Azarada do Tinder – Lani Queiroz](#)

[Desvirginado! – Mila Wander](#)

[Amor, Amizade e outros Desastres – Juliana Dantas](#)

[E Se Fosse Real – Josy Stoque](#)

[SOBRE AS AUTORAS](#)

Desastres Sexuais Às Vezes São Inevitáveis...

Essa inevitabilidade, talvez, seja proveniente da enorme vontade de agradar o outro, de não fazer papel de ridículo, de manter o clima confortável, de querer alcançar um nível de satisfação que faça com que aquele momento seja único, inesquecível... perfeito. A busca da perfeição, em qualquer sentido, gera um estado de ansiedade que pode ser destrutivo. Mas às vezes não há nada que se possa fazer: o destino parece não colaborar e os acidentes acontecem como se já estivessem premeditados. Ou, quem sabe, seja a vida gritando um alerta do universo só para avisar que alguma coisa está errada e que algo precisa ser feito.

A verdade é que desastres sexuais podem acontecer em qualquer lugar, com qualquer um. Seja no ambiente de trabalho, durante um blackout ou numa floresta com dois selvagens gostosões; pode vir em forma de desventuras durante toda uma vida, um encontro malsucedido com um cara do Tinder, entre verdadeiros amigos e até pode acontecer somente na sua cabeça, em forma de mecanismo de defesa para evitar acidentes reais. São tantas formas de dar errado que parece que o sexo é um caminho sem volta rumo ao perigo iminente. Mas, quando dá certo... é maravilhoso, não é mesmo?

De uma coisa não há dúvida: esses acidentes, grandes ou pequenos, sejam onde ou com quem for... Serão lembrados para sempre. Eles marcam cada história como uma tatuagem e possuem a grande capacidade de provocar risadas. Dentro desse mundo de possibilidades, sete autoras se juntaram para mostrar o seu talento e criatividade em uma obra que promete arrancar suspiros, gargalhadas, calorzinho e até mesmo a revolta.

Junte-se a nós nessa aventura — ou seria desventura? — e venha desbravar o vasto universo dos desastres sexuais. Tenha uma boa viagem!

Mila Wander
Organizadora

DIFÍCIL DE ENGOLIR

Ane Dimentel

Difícil de Engolir – Ane Pimentel

➤ UM

Sabe aqueles dias em que parece que está dando tudo tão errado que não tem como piorar? A gente sabe que tem. Sempre tem como piorar. Mas quando eu acordei não sabia disso.

Às cinco da manhã o meu despertador tocou, eu o ignorei e mantive meus olhos fechados como se nada no mundo fosse capaz de abalar meu sono. Às cinco e dez ele repetiu o seu toque chato, abri apenas um olho e achei que desse para dormir mais um pouco. Às cinco e quinze, a desgrça insistiu e não consegui mais fingir que aquele era um dia de folga. Por isso, bufando mais do que um rinoceronte irritado, levantei da cama e me arrastei até o banheiro.

A água fria quase congelou os meus ossos. Esse, sim, era um maldito despertador eficiente. Minha mãe já estava de pé, para variar, e por isso já tinha pão comprado e café feito antes das seis da manhã, quando corri para a cozinha.

— Ainda não me conformo com essa roupa apertada que usa para trabalhar, mostrando o tamanho de tudo — ela repetiu a ladainha de todos os dias.

— Mãe, são mais de mil mulheres trabalhando lá, aposto que ninguém nem percebe mais o “tamanho” depois de tanto tempo — rebati com a verdade, enquanto colocava açúcar na minha xícara.

A roupa a qual ela se referia era a legging. Naquele dia, estava usando uma preta e básica, mas tinha várias de diversas cores para usar no trabalho. Na parte de cima, estava com uma camiseta sem mangas, branca, e nos pés estava usando meu velho par de tênis com a mesma meia que usei ontem, porque não tivera

tempo de lavar as roupas sujas da semana.

Trabalho em uma fábrica que tem como objetivo desenvolver partes automotivas para as montadoras de veículos. A *Kakazi* é uma empresa fundada no Japão em 1941 e possui fábricas em algumas partes do mundo, inclusive aqui no Brasil, nos estados da Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Sergipe. Aqui em Sergipe, ela está situada na cidade de Nossa Senhora do Socorro e emprega mais de mil pessoas.

— E a Belinha? Vai para a escola da casa do pai? — ela reproduziu novamente a pergunta que me fez na noite anterior.

— Sim, mãe. Ela pediu para dormir lá e como acaba facilitando para mim, não tem problema — respondi depois de engolir um pedaço de pão doce com manteiga. — Estou atrasada.

— Se levantasse na hora certa isso não aconteceria — revirei os olhos e me levantei. Dei um beijo em seu rosto, em despedida, e corri para pegar minha bolsa.

Moro no Bairro América, na Zona Oeste de Aracaju. Esse bairro já foi um dos mais violentos da cidade, por ter sediado uma penitenciária, mas os números apontam uma redução desse índice. O presídio foi desativado há anos e, atualmente, em seu lugar há uma praça chamada Liberdade. O mais importante nisso é que você entenda que eu morava em Aracaju e trabalhava em Nossa Senhora do Socorro, o que significa que levava em média quarenta minutos, nos dias bons, para chegar ao trabalho de ônibus.

Já disse que aquele não era um dia bom?

Perdi o ônibus que geralmente pegava. A catraca do Terminal de Integração Leonel Brizola, mais conhecido como Terminal Zona Oeste, estava com fila quando cheguei ofegante. Assim que entrei no terminal, meu ônibus estava saindo e nem a minha corrida desesperada fez o motorista parar.

Existe alguma coisa pior do que correr atrás do ônibus e ser ignorada? Existe, você vai descobrir mais tarde, mas até aquele momento aquilo era o pior do dia. Esperei sentada, literalmente, o próximo 040 chegar e quando ele veio

corri novamente, daquela vez para tentar ir sentada. A corrida surtiu efeito e, entre empurrões, consegui um banco no fundo do ônibus. Por isso, aproveitei o tempo para fechar os olhos e apreciar esse raro momento de sorte que é estar sentada em um transporte público lotado.

Desci no Terminal José Franklin de Oliveira, no conjunto Marcos Freire II, já em Nossa Senhora do Socorro. Estava há cerca de cinco minutos da fábrica, mas com os atrasos do ônibus o pequeno percurso pode demorar até meia hora. Cheguei à *Kakazi* às sete horas e vinte e dois minutos, meu horário de entrada era às setes horas, com tolerância de dez minutos.

Entrei correndo, bati o ponto, coloquei o meu colete cor de laranja por cima da blusa e fui para o meu setor de trabalho. Naquela fábrica eram produzidos cabos, chicotes elétricos e outros materiais elétricos e eletrônicos, com exceção de baterias, para atender a empresa Ford, situada em Camaçari, na Bahia. Eu trabalhava, há quase um ano, na produção dos chicotes elétricos. Fomos treinados e ensinados que é preciso atenção e cuidado, pois essa parte é essencial para o carro. Trata-se de um conjunto de cabos condutores e conectores para gerenciar o suprimento de energia elétrica e também a transferência de informações dos dispositivos periféricos ao sistema de veículos automotores. Em resumo, sem os cabos ligados à bateria, não há carro que ande.

Mais especificamente, trabalhava o dia inteiro enfitando os circuitos. A fita isolante era a minha melhor amiga.

Enrolar, enrolar, enrolar...

Era cansativo, mas os benefícios da empresa, como plano de saúde, acabavam me segurando ali. Estava no meu enrolamento diário quando Maicon passou por trás de mim, mais devagar do que o normal. Ele era o supervisor da minha área, responsável por manter a equipe em constante produção. Um dos supervisores mais gatos da empresa, era verdade.

— Bom dia, Sabrina... Atrasou novamente? — perguntou, em tom de voz normal.

— Perdi o ônibus — expliquei, sem parar de trabalhar.

— Você é uma das que mais combinam com essa cor de colete, sabia? — ele sussurrou mais baixo: — Laranja... Ótimo para chupar!

Ele vinha me cantando há uns dias, mas eu estava fingindo que não entendia. O cara era meu superior, afinal. Ficava dividida entre a lisonja de ser paquerada por alguém tão bonito e o receio. Por que receio? A fábrica era enorme e cheia de gente para falar mal da vida dos outros. E eu, bem, já fiquei com outro cara, o Vinícius da segurança. O problema é que no mesmo dia em que ficou comigo, o filho da puta também pegou a Evelyn do setor de cortes. E claro, fez questão de espalhar, não é?

A Evelyn, como foi a última, achou que ela era a dona dele e eu o mandei se foder. No fim de tudo, quem saiu na desvantagem fui eu por ser mulher. Se ficasse com outra pessoa e o boato se espalhasse aquilo ali viraria um inferno.

— É para agradecer a esse elogio? — insinuei.

— Consigo pensar em boas formas de agradecimento — Maicon disse e eu gargalhei enquanto ele se afastava.

Desviei o olhar da fita preta e observei o homem alto, de ombros largos e braços musculosos se afastando vagarosamente.

Nossa senhora desatadora das calcinhas, me ajuda!

➤ DOIS

Às onze horas da manhã saí para almoçar. Sair não era bem a palavra, uma vez que comíamos na empresa mesmo. Mas eram duas horas livres para fazer a refeição e descansar, então eu sempre agradecia por parar de enrolar os fios e passar a enrolar conversa fiada com as meninas.

— Puta merda, que gargalhada foi aquela que você deu quando o supervisor passou por você, Sá? — Raíssa perguntou quando estávamos no refeitório.

— Eita, deu para ouvir? — ela assentiu. — Ele disse que combino de laranja porque sou boa de chupar — confessei e vi a Jeane, ao lado da Raíssa, arregalar os olhos enquanto a Suzi gargalhava.

— Gente, isso é assédio — Jeane disse, tomando um gole do seu copo de suco em seguida.

— Que nada, quanto tempo tem que você não dá, Sabrina? — Raíssa perguntou.

— Vish, um mês? O idiota do Vinícius foi o último.

— Mulher, é até pecado não dar para um homem como o Maicon — Suzi incentivou. — Se fosse eu, parava de enrolar os cabos e enrolava a minha mão no pau dele — todas nós rimos alto.

— Vocês não prestam — Jeane sentenciou com um sorriso.

— Você diz isso porque tem marido e deve ser comida todas as noites, querida — Raíssa continuou. — Se ele te cantar de novo, não vacila, mostra interesse, Sabrina!

— Mas e se as pessoas souberem? Vou ser a vassoura da *Kakazi*!

— E daí? Melhor uma vassoura bem usada do que um rodo guardado, sem

nenhuma parte molhada — Rá fez graça novamente.

— Olha ali — Suzi fez um gesto com a cabeça — a Evelyn saindo de fininho para falar com o Vinicius.

— Com certeza estão indo trepar em um canto qualquer— Raíssa colocou fogo. — E você aí, com medo do que vão pensar?

— Por esse lado... Realmente, pense em você e no que tiver vontade de fazer — Jeane se rendeu e concordou com as outras.

— A gente ganha pouco aqui, mas faz amizades lindas — declarei. — E claro, a gente se diverte!

— E se de quebra gozar gostoso, por que não? — Raíssa trouxe a sacanagem novamente para a conversa.

Continuamos nosso papo até acabarmos de comer. Depois, seguimos em busca de um lugar para nos sentar e descansar até a hora de voltar para o batente.



Vocês já devem ter ido a shows ou eventos lotados, não é? Então, sabem aquele momento em que a festa acaba e todo mundo vai embora de uma só vez? Pegar qualquer transporte é terrível, já que ninguém acha táxi e até as pessoas que vão de carro próprio tem dificuldade para ir embora devido à multidão que se aglomera.

Esse tumulto que acabei de descrever é igualzinho a *Kakazi* quando encerra o expediente. Uma maré de pessoas, mais de 90% mulheres, saindo ao mesmo tempo e se acumulando na frente da empresa, onde ficava localizado o ponto de ônibus mais perto. Resultado? Ônibus lotados que demoravam a sair até que todas as mulheres do mundo entrassem neles.

Eram pouco mais de cinco da tarde quando me juntei à multidão, esperando para subir no *busão*. Ao invés de ficar na frente, sendo empurrada quando o veículo se aproximasse, andei até o lado oposto, ficando “ao fundo”

das pessoas.

Enquanto aguardava o transporte que me levaria embora, não notei um carro saindo de dentro da empresa. Até que ele buzinou, me fazendo erguer o olhar para encontrar o meu supervisor acenando para que eu me aproximasse.

— Quer uma carona? — ele piscou para mim.

— Eu moro no Bairro América — dou uma chance para ele repensar.

— Sem problemas, vou passar no Siqueira Campos e acaba sendo caminho — não sabia se era verdade ou era uma desculpa para me convencer.

Por fim, dei de ombros e abri a porta do carona.

— Obrigada — enquanto colocava o cinto de segurança, o ônibus parou em frente ao ponto e as pessoas começaram a subir, disputando espaço. — Obrigada mesmo.

— É um enorme prazer... — ele manobrou o carro devagar, passando ao lado do ônibus.

Naquele momento, cometi o erro de olhar para as pessoas que estavam ali. Todas elas estavam olhando de volta, interessadas na minha carona. Tentei baixar a cabeça, olhando para o outro lado, mas era tarde demais.

— A noite vai ser boa, hein? — ouvi uma voz masculina gritar a insinuação de dentro do ônibus.

— Aproveita, amiga — foi a vez de escutar uma voz feminina gritar, como se quisesse me apoiar em relação ao comentário machista.

— Isso mesmo, se joga — outra mulher gritou e logo gritos e aplausos se uniram em coro, como uma torcida de futebol faria. Rezei para sumir dali.

— Acelera logo — pedi e Maicon o fez, gargalhando.

— Não sabia que era tão tímida, Sabrina.

— Um ônibus lotado inteiro gritando e insinuando que você está indo... Enfim, isso deixaria qualquer pessoa tímida, eu acho.

— Não fiquei tímido — deu de ombros e continuou dirigindo.

— *Rá-rá-rá.*

Ele ligou o som do carro e a *sofrência* de Marília Mendonça preencheu o

ambiente.

*Já memorizei o seu corpo todo
Para o caso da gente não se ver de novo
Doa a quem doer, essa é a verdade
Entre nós dois não cabe saudade*

É como se a trilha sonora fosse um aviso que, naquele momento, interpretei como uma deixa para um “sexo casual”.

*Pra você sou só mais uma carona
No final de uma balada
Me envolvi sabendo
Somos dois estranhos numa cama temporária
Fazendo amor consciente que é só momento
O quarto é grande mas não cabe sentimento*

Ele também interpretou a música à sua maneira e cantarolou baixinho como um recado.



No caminho que vai de onde trabalhamos até a minha casa, coincidentemente, passamos por uma avenida repleta de pousadas. Chamamos de pousadas os motéis que não podem ter esse nome em área urbana, mas no fim todo mundo sabe que são motéis e que quem entra ali é para transar. Enfim, a Avenida Euclides Figueiredo possui, nas minhas contas, umas cinco ou seis pousadas em sua extensão. Aí é só juntar 2+2 e incluir a *playlist* dele de brinde.

Nós passamos pela frente da primeira pousada sem nenhum incidente. Ao

passar pela segunda, ele tirou os olhos da estrada e me encarou, piscando.

Jesus Cristo! Será?

Eu não saí de casa preparada para isso, gente! Tentei lembrar que calcinha havia colocado cedo e... Nossa, uma bege lisa e sem nenhum detalhe. Mais broxante que isso só o fato de ter tomado banho antes das seis da manhã e já passar das dezessete horas.

Eu devia ter ouvido o meu sexto sentido e dado fora, estava claro que não era para ser. Mas não foi assim, não é? O fogo no rabo incentivado pelas malucas do trabalho falou mais alto. Por isso, antes de chegar em frente à terceira “casa de sacanagem”, ele perguntou:

— E então, está a fim, Sabrina? Porque eu estou muito, muito a fim... Estou louco para beijar você e descobrir as suas curvas embaixo dessa roupa justa.

Pronto, só isso bastou para que eu ficasse com calor e esquecesse das mais de dez horas sem tomar banho. Era só ir ao banheiro, lavar rapidinho e pronto, como dizia Frank Aguiar: Lavou, *tá* nova.

Decidida e pronta para enterrar de vez os embustes da minha vida, faria aquela transa ser inesquecível.

O que eu não sabia era quão inesquecível seria.

➤ TRÊS

Para não dar uma simples resposta verbal, levei minha mão esquerda até a perna dele e a apertei num claro sinal afirmativo. Ele me olhou e sorriu, dando a seta que indicava que entraríamos na pousada *Point Love*.

Na frente do estabelecimento havia um botão com um interfone que o Maicon acionou de dentro do carro mesmo. Quando a mulher perguntou se ele preferia quarto com ventilador ou ar-condicionado, jurei que se ele respondesse ventilador eu abriria a porta e sairia correndo dali.

— Com ar-condicionado — Maicon respondeu, para a sorte dele.

Logo, o portão automático se abriu e entramos no espaço. Eu nunca tinha ido ali, mas havia visto a média de preços do lado de fora: quinze reais a hora. Logo, não poderia se tratar de nada de luxo. Apesar disso, aquela era uma das pousadas mais novas da Avenida.

Ele colocou o carro na vaga de garagem 69, que o cara da portaria tinha indicado, e me olhou. Abri o cinto, louca para descer e ir correndo até o banheiro resolver o meu “problema”, mas ele fez o mesmo e me puxou para um beijo na boca.

Nossos lábios se tocaram e, como alguns primeiros beijos, aquele não estava sendo sensacional. A falta de conhecimento de um sobre o corpo do outro, ou a falta de química mesmo, fez parecer que éramos dois adolescentes desajeitados beijando pela primeira vez.

A mão dele foi diretamente até o meu seio direito e, ao sentir seus dedos circulando em busca do meu mamilo, o negócio melhorou um pouco.

— Vamos para a cama... — ele disse, se afastando o suficiente para olhar em meus olhos.

— Vamos! — respondi de imediato, abrindo a porta do passageiro.

O quarto parecia limpo, com paredes pintadas de azul claro e azulejo branco no chão. O cheiro era de que tinha sido arrumado há pouco tempo e a cama estava forrada com um lençol branco de algodão.

Assim que entrou, Maicon jogou a carteira, a chave e o celular em uma pequena mesa de mármore que, junto com duas cadeiras, ficava no canto.

— Esperei tanto por esse momento... — ele disse, se aproximando de mim.

— Espere só mais um pouquinho, preciso ir ao banheiro, mas garanto que você não vai se arrepender — respondi, dando um passo para trás.

— Tudo bem, não demore — ele riu e eu saí correndo.

Gente, que situação! Assim que fechei a porta, decidi passar a chave para o caso de ele decidir adiantar as coisas e me pegar lavando a *tcheca* no chuveiro. Mas, assim que me vi naquele espaço pequeno, percebi que não havia toalhas ali.

Claro que não, burra, não é o banheiro da sua casa.

As toalhas deviam estar no quarto... Mas como pegaria sem dar bandeira para o *boy*? Não tinha como. Achei na pia aqueles sabonetes pequenos de motel, que vinham embalados em um plástico, como se fosse uma bala. Pelo menos temos a garantia, por estar lacrado, que não foi usado por outra pessoa, né?

Tirei meu tênis e as meias rapidamente, depois me espremi toda para sair de dentro da *legging*. Em seguida, abri a embalagem do sabonete e corri até o chuveiro, tentando ligar bem devagar para não fazer barulho. Mas assim que dei uma pequena girada no registro, o jato forte se fez presente, me fazendo dar um gritinho de susto.

— Sabrina, está tudo bem aí? — ele perguntou próximo a porta.

— Não foi nada, já estou indo — gritei. — Vai tirando a roupa e fica pronto para mim!

— Já nasci pronto, bebê!

Não respondi, estava muito ocupada me esticando toda para lavar a boceta sem molhar o restante do meu corpo. Demorei uns dois minutos entre água, sabão e mais água. Por fim, decidi me secar com a blusa mesmo, já que tinha molhado um pouco com a água do chuveiro.

Prontinho! Deixei todas as roupas no banheiro e saí de lá completamente nua, pronta para ele.

Assim que saí eu o vi deitado na cama. Seus braços fortes estavam à mostra, bem como seu peitoral firme e o abdômen definido. Maicon estava usando uma cueca comum marrom, nada sensual. Era daquelas mais antigas, sabe? Sem ser boxer. E eu preocupada com a minha calcinha bege... Enfim, hora de analisar o conteúdo daquela cueca, hein?

Aproximei-me devagar, tentando parecer sensual. Pé ante pé, cheguei até a cama. Decidi que seria ainda mais sensual ficar de pé nela, já chegar chegando, sem pudor nenhum. Assim que subi, não sei como, meu pé enrolou no lençol e eu me desequilibrei, caindo com tudo em cima do colchão.

Senti meu rosto esquentar de vergonha e quase enterrei minha cabeça ali mesmo, mas então eu ouvi a sua risada. Maicon gargalhava da minha trapalhada e isso me deixou um pouco irritada.

E se tivesse torcido o tornozelo? Ele ia rir antes de perguntar se eu estava bem?

— Desculpe, você está bem? — senti vontade de gritar um sonoro “não”, mas levantei a cabeça e assenti. — Vem cá, me dá um beijo.

Eu me virei, deixando minha barriga para cima para dar acesso à minha boca.

O segundo beijo foi melhor. A língua dele estava aprendendo a conversar com a minha e juntas, bailaram na troca de saliva. Minhas mãos percorreram o peito firme dele, sentindo a pele quente até chegar à cueca.

Passei a mão por cima e... Não encontrei a enorme ereção que achei que encontraria. Maicon era um homem alto, com braços fortes, barriga definida e pau pequeno? Ok, não era tão pequeno assim, constatei ao apalpar mais um pouco. Lembrei-me das minhas amigas e da frase célebre:

Do que adianta ter uma Ferrari e não saber pilotar?

Eu esperava que o Maicon soubesse e fizesse valer meu malabarismo no chuveiro.

— Ei, gata, quero sentir a sua boca...

Fiz um muxoxo interno, teria que enquadrá-lo na categoria de homem egoísta. Ele queria um boquete antes mesmo de me chupar. Só esperava que não gozasse rápido, porque depois dele eu queria o meu sexo oral.

Maicon ajeitou os travesseiros, se recostando neles com as mãos atrás da própria cabeça. Entendi o recado e me aproximei mais para tirar a sua cueca. Assim que puxei a peça e a fiz descer por suas pernas, senti um cheirinho estranho.

Eu o toquei ali, deixando que minha mão deslizesse por seu pau para cima e para baixo. Fiz toda uma encenação, masturbando-o com as duas mãos para tentar descobrir se o odor era o que eu estava pensando.

Disfarçadamente, levei uma das mãos até o nariz e comprovei que o cheiro estranho vinha do pau dele. Não sei se era mal higienizado com frequência ou se aquilo era um problema daquele dia e, assim como eu, Maicon tomou banho bem cedo para ir ao trabalho e o vencimento do sabonete tinha acabado.

Enfim, não sabia o que fazer naquele momento. Parecia errado demais dizer que ele estava fedendo... Talvez eu devesse sugerir que tomássemos um banho juntos. Não ia colar, por isso repeti o gesto de sobe e desce algumas vezes, rapidamente, na esperança de que se ele tivesse uma ejaculação precoce aquilo fosse resolver.

— Mais devagar, gata... — segurou minha mão, mostrando como eu deveria fazer.

Sorri, tentando disfarçar a minha cara de desespero.

— Você tem camisinha? — perguntei, tentando ser a desesperada para ser fodida.

— Tenho várias e já estão aqui pertinho, mas antes me chupa — junto com o pedido, Maicon segurou a minha cabeça e empurrou contra o seu pau fedido.

Não tive o que fazer, abri a boca e deixei que ele enfiasse ali. Tentei não respirar e chupar, rezando para que aquilo acabasse rápido.

Mas foi aí que a coisa complicou.

Ele segurou minha cabeça para ir mais fundo, então precisei respirar para não morrer asfixiada com a piroca e o cheiro me invadiu de uma vez. Meu estômago embrulhou, revirando tudo que estava ali dentro e eu me engasguei.

O cara achou que estava tudo fantástico e continuou. Segurei em suas coxas, tentando me afastar antes que fosse tarde. Maicon fez força contrária e começou a foder minha boca.

Não consegui aguentar, o vômito veio sem que eu tivesse controle.

Com um barulho horrível, expeli tudo de mim sobre ele.

➤ QUATRO

Eu não sabia onde enfiar a cara.

A ânsia não diminuiu depois que vomitei e uma nova onda estava prestes a me atingir, por isso me levantei rapidamente.

— Eu... Isso... Er... Desculpa! — gaguejei. — Desculpa!

Corri para o banheiro e me tranquei mais uma vez.

Meu estômago revirou novamente e eu me joguei no chão, abraçando a privada para despejar meus órgãos vitais ali. Um misto de terror e desespero me invadiu e comecei a chorar.

Que dia terrível, meu Deus.

— Sabrina? — ele bateu na porta. — Está tudo bem, isso acontece... Vem aqui para a gente conversar.

Acontece? Pessoas vomitam em cima das outras na hora H o tempo inteiro? Só que não.

— Olha, podemos continuar de onde paramos. Estava tão bom...

Bom para quem? Eu vomitei, porra! Ele queria que eu continuasse chupando aquele pinto fedorento? Que, além de tudo, estava vomitado? Maicon realmente merecia o selo de homem egoísta.

Eu precisava ir embora. Aquele dia precisava acabar.

Levantei-me do chão, juntando o resto da minha dignidade, e lavei a boca para tirar o gosto ruim. Vesti minha calcinha usada, minha legging suada e minhas meias. Calcei os tênis e quase caí no choro novamente depois que coloquei o sutiã: a blusa estava molhada!

Vesti mesmo assim e respirei fundo antes de abrir a porta.

— Já estava preocupado... — ele chegou mais perto. Estava nu, mas limpo.

Olhei para cama e notei que havia se limpado no lençol. O cheiro desagradável pairava no ar.

— Quero ir embora — disse, de cabeça baixa.

— Mas...

— Por favor, pague a conta e vamos embora — repeti, ainda sem olhá-lo.

Se eu continuasse ali dentro vomitaria novamente. Por isso, abri a porta e esperei na garagem, ao lado do carro dele.

Alguns minutos se passaram até que vi um homem de meia-idade se aproximar para entregar a nota com o valor. Baixei a cabeça, com vontade de me enterrar no buraco da vergonha e não sair de lá até o ano seguinte.

Não demorou quase nada para o Maicon sair do quarto, vestindo suas roupas. Ele estava cabisbaixo quando destravou o carro para que eu pudesse entrar. Sentou-se em frente ao volante, em seguida, e manobrou para sair da garagem.

Quando a porta da pousada se abriu, percebi que aquilo ainda demoraria um tempo infernal para acabar. O trânsito estava parado!

A Avenida Euclides Figueiredo era uma das principais ligações entre os municípios de Nossa Senhora do Socorro e Aracaju. As duas cidades eram próximas e muita gente trabalhava em uma e morava na outra, o que significava que o trânsito nos horários de pico era lento. Havia uma série de semáforos ao longo da via que contribuía para isso, além dos ônibus coletivos que não possuíam faixas exclusivas e, ao parar, faziam com que quase todos os veículos parassem também.

O peso do constrangimento pairava no ar, deixando o clima péssimo naquele veículo. Não sabia o que dizer diante da situação horrível pela qual tínhamos acabado de passar.

Olhei pelo retrovisor e notei que, um pouco atrás, estava um ônibus que passava pelo Terminal Zona Oeste. Sem pensar, levei a mão até a maçaneta interna do carro.

— Obrigada pela carona — disse, antes de abrir a porta e sair correndo

feito uma louca desvairada.

Corri pelo acostamento, desviando de umas duas motos, até chegar ao ônibus. Bati na porta, implorando para que o motorista abrisse. Graças a Deus, ele me deixou subir mesmo fora do ponto e eu me espremi entre as pessoas até conseguir chegar à borboleta e pagar a passagem.

Estava me sentindo suja, com a roupa molhada e o estômago revirado em um ônibus lotado.

Foi nesse momento que eu percebi que aquele foi, de longe, o meu pior desastre sexual da vida.



Assim que entrei em casa, minhas pernas foram agarradas.

— Isso tudo é saudade? — perguntei, me abaixando para abraçar a minha razão de viver.

— Sim, já estava cansada da casa do meu pai. — ela disse, me apertando.
— Por que você tá molhada?

— Quando fui beber água, acabei exagerando e derramei na blusa — menti e alterei o rumo da conversa: — Já fez o dever de casa?

— A vovó estava mandando eu ir fazer agora — deu de ombros.

— Então vá fazer com ela enquanto eu tomo um banho — sorri.

— É, você tá fedendo — Belinha tapou o nariz com os dedos para enfatizar.

Eu ri, mas a vontade de chorar era grande.

Segui o caminho até o quarto que dividia com a minha filha para pegar uma roupa limpa. Escolhi uma camiseta grande e sem mangas, juntamente com um short folgado cor-de-rosa, além de uma calcinha limpa. Nada de sutiã.

Quando a água fria caiu sobre mim, não lamentei ou reclamei como tinha feito pela manhã. Queria que ela fosse capaz de me lavar por completa,

limpando inclusive a minha memória. Só de me lembrar do episódio que acabara de viver, o enjoo voltava com força.

Como é que eu faria para olhar na cara dele no dia seguinte?

Eu podia fingir que estava doente. Será que se eu fosse ao hospital e dissesse que estava vomitando – escondendo o motivo real do meu enjoo, obviamente – eles me dariam um atestado médico?

Isso! Era uma boa ideia. E a única que evitaria que eu tivesse que dar de cara com o senhor pinto fedido tão cedo.



Parecia tão simples: acordar, arrumar a Belinha para a escola e ir ao hospital. Ser atendida, pegar um atestado médico e fim. Mas é claro que não era assim que as coisas estavam acontecendo.

Primeiro, a Belinha enrolou mais do que o normal para acordar, tomar banho, comer e estar pronta para ir à escola. Eu gritei algumas vezes para que andasse rápido porque ia me atrasar. No fim das contas, minha mãe se meteu e disse que ela mesma levaria a garota.

Em segundo lugar, assim que cheguei à emergência do hospital do plano de saúde, percebi que não seria tão rápido. Havia algumas pessoas aguardando atendimento, uma delas era uma mulher que estava com cara de “Morre-mas-não-morre”. Quando ela espirrou, imaginei que Deus fosse me castigar pela mentira me fazendo ficar doente de verdade.

Mas já estava li e, pelo horário, precisaria justificar o meu atraso no trabalho.

Quando chegou a minha vez de ser atendida, fiquei tensa por precisar mentir sobre os motivos de estar nauseada. Não consegui inventar sintomas quando fui perguntada se estava com dores no peito, visão turva, confusão mental, febre alta, torcicolo e aumento da frequência cardíaca, logo descartaram

as coisas graves e o que restou foi: suspeita de gravidez. Fui obrigada a fazer um exame de sangue que, graças a Deus, deu negativo para isso e, por fim, tomei um soro e me orientaram a me manter hidratada.

Se eu consegui atestado médico? Não. O máximo que me deram foi uma declaração de comparecimento, especificando o horário em que permaneci no hospital.

Para não ter o dia de trabalho descontado, eu tinha que ir para a empresa.

Putá que pariu!

➤ CINCO

Quando cheguei ao meu setor de trabalho na *Kakazi* já era quase horário do meu almoço. Precisei passar no RH para deixar a declaração e justificar meu atraso antes de bater o ponto e começar a fitar os fios.

Demorou pouco mais de dez minutos para que o meu supervisor aparecesse.

— Bom dia, Sabrina. Soube que precisou ir ao hospital, está tudo bem? — perguntou com cautela.

— Sim, nem me deram atestado — lamentei.

— Queria falar com você sobre ontem... — ele disse, dando um passo para mais perto de mim. Instintivamente, dei um passo para me afastar. — Sabe, não precisa ficar com vergonha, já passou.

Fiquei calada, continuando meu trabalho.

— Nós podemos tentar novamente hoje, você coloca só a metade na boca... — o desgraçado disse e, só de imaginar a cena, senti o enjoo subir até a minha garganta.

— Olha, Maicon, que tal a gente fingir que nada aconteceu? Você é meu supervisor e...

— Mas eu nem fodi você, gata. Meu pau está duro aqui só de pensar em como você é gostosinha nua.

Olhei para o dito cujo e não havia nenhum indício de ereção. Segurei o riso, o cara era meu superior e eu estava, de todas as formas, tentando ser educada e querendo esquecer a história.

— Foi constrangedor... — justifiquei.

— Eu sei, todo aquele vômito em cima de mim, mas eu não fiquei chateado. Não mesmo, estou disposto a te dar mais uma chance.

Não sabia como dizer aquilo sem parecer ofensivo, minha gente.

— É... Eu... Não quero outra chance.

— Ah, qual é, gata, vai dizer que não quer tudo isso? — ele abre os braços, se exibindo.

— Ontem foi um erro e eu acho que ficou bem claro que não devemos errar novamente.

— Azar o seu — rebateu irritado, antes de dar as costas e me deixar em paz.

— Azar eu tive ontem, querido, me livrar de você é como ganhar na Mega-Sena — sussurrei baixinho só para não ficar sem dar uma resposta.



Como havia atrasado dois dias seguidos, preferi adiantar o trabalho e tirar apenas uma hora de almoço, ao invés de duas. Dessa maneira, quando cheguei ao refeitório as minhas amigas já tinham acabado de comer. Elas me puxaram pela mão até um canto em que nos sentamos no chão, a sós, encostadas na parede.

— Conte logo tudo o que aconteceu ontem! — Raíssa ordenou.

— Nesse caso é melhor que eu não coma nada — expliquei. — Foi terrível.

— Não teve um orgasmo? — Jeane perguntou com um lamento.

— Nem cheguei perto...

— Tem uma história rolando, quero saber a sua versão — Suzi disse, me deixando apreensiva.

— Que história? — Jeane, ao que parece, estava por fora.

— Ah, depois daquele alvoroço no ônibus, quando você saiu de carro com o Maicon, é claro que seria o assunto mais comentado de hoje, né? — Raíssa tentou justificar sem, de fato, dizer qual era o babado.

— Bom, nós saímos daqui e ele deixou claro que queria me dar algo mais do que uma carona, quando chegamos na Euclides ele entrou na *Point Love* — comecei a contar.

— Ele podia ter investido um pouco mais e te levado em um lugar melhor... — Raíssa fez careta.

— Quando você souber a história toda, vai me ajudar a agradecer a Deus por ser um lugar mais perto — justifiquei. — Enfim, eu estava me sentindo suja, já que tinha tomado banho para vir trabalhar e já estava tarde, mas decidi ir em frente. Era só lavar antes, né? — elas assentiram. — Foi o que fiz. Quando voltei para o quarto ele estava só de cueca, uma cueca daquelas horríveis!

— Que broxante — Jeane comentou.

— Ele pediu um boquete logo de cara...

— Típico dos babacas! — Suzi sentenciou.

— E quando eu tirei a cueca dele — fiz careta antes de continuar — senti um fedor vindo dali.

— Eca! — disseram em uníssono.

— Ele enfiou minha cabeça lá e eu não aguentei e vomitei em cima dele!

— Então foi esse o motivo... Bem, você vai saber de qualquer jeito, então é melhor que seja por nós. Alguém espalhou que você vomitou na hora H — Suzi jogou a bomba de uma vez.

Arregalei os olhos, assustada.

— E sabe o que mais? Estão dando a entender que foi porque o pau do Maicon era grande demais e você não deu conta! — Raíssa completou.

— Como é que é? O pau dele é pequeno!

— Vish, coitada de você, amiga, pequeno e fedido — Jeane disse, fazendo as outras duas rirem.

Não achei graça porque estava concentrada no fato de todo mundo da empresa estar sabendo sobre o meu desastre sexual.

— Filho da puta! — xinguei. — Se só estávamos nós dois e vocês são as primeiras pessoas para quem estou contando, foi ele mesmo quem espalhou a

Fake News.

Elas ficaram caladas para que eu absorvesse a história inteira.

— Você está pálida, Sabrina, coma um pouquinho pelo menos... — Jeane me estendeu sua vasilha extra de comida.

Peguei o recipiente e acabei dispensando o arroz com frango assado que estava ali. Raíssa me passou a sua marmita de frutas e eu empurrei algumas rodela de abacaxi, juntamente com uns pedacinhos de maçã.

Elas me distraíram com suas próprias histórias de família por algum tempo e, quando nos tocamos, estava quase na hora de voltar ao trabalho. Por isso, seguimos juntas até o banheiro para escovar os dentes.

Quando estava fazendo minha higiene bucal, notei a Evelyn, água de arroz, entrar no banheiro. Ela se posicionou ao meu lado para lavar as mãos e me encarou através do espelho. Trazia um sorrisinho debochado na boca.

— Cuidado para não vomitar com a escova de dentes — a vaca teve a audácia de dizer.

Cuspi a espuma do creme dental e enxaguei a boca antes de respondê-la:

— Pergunte para o Vinicius se eu vomito assim tão fácil — insinuei e ela gargalhou.

— Se chupasse bem, com certeza ele estaria com você.

— Opa, então é sua experiência em boquetes que segura ele?

— Bem, ele nunca me chamou de garganta rasa — deu de ombros.

— Vai se foder, vagabunda!

— Se depender da sua fama, ninguém mais vai é *te* foder, otária!

Avancei um passo em direção a ela quando senti minhas amigas me segurarem. A vaca saiu rindo do banheiro.

— Que inferno! — gritei. — Eu vou matar aquele esgoto ambulante!

— Amiga, calma, você está no trabalho... — Jeane me lembrou.

— E o filho da puta é seu chefe — Raíssa avisou.

— Ok, ok... Pela Belinha, vou respirar fundo — elas me soltaram quando eu disse essas palavras.

— Está na nossa hora — Suzi informou e cada uma de nós seguiu para seu próprio setor de trabalho.

Ouvi risinhos e comentários sobre “garganta rasa” enquanto passava pelas diversas estações de trabalho até chegar ao setor laranja. A cada passo, uma nova onda de raiva subia por mim.

Eu estava tentando ser legal, porra! Desde ontem, quando eu podia ter aberto a boca para bradar que ele fedia, pensei no quão constrangedor aquilo poderia ser para ele e por causa disso enfiei um pinto podre na boca.

E o que recebi em troca? Difamação!

Humilhação pública.

Mentiras deslavadas.

Bufando, voltei a trabalhar. Enquanto enrolava fita isolante nos fios expostos, listava uma série de torturas que eu gostaria de infligir no babaca mentiroso. Estava na tortura número vinte e sete quando ele se aproximou para me dar um recado.

— A Jenifer do RH precisa que você vá até lá — disse em um tom sério.

— Já vou — respondi, sem me mexer.

— Isso tem que ser feito agora, Sabrina — insistiu.

— Eu disse que já vou.

— Não consegue fazer uma coisa simples que eu mando?

— Está falando da Jenifer?

— Estou falando de tudo!

— Ah, então está incluindo aí o seu pauzão enorme que eu não consigo chupar de tão imenso e grosso?

— Fale baixo, estamos em público.

— Por que você não lembrou disso na hora de espalhar por aí que tem um tronco de árvore entre as pernas?

— Não espalhei nada, sua louca.

— Não? E quem mais estava naquela porra de quarto e me viu vomitar? — gritei.

— Sabrina, se controle...

— O que? Tá com medo que eu afirme em alto e bom tom que você é um mentiroso? Que seu pau deve ter, sei lá, dez centímetros?

— Se meu pau é tão pequeno por que você vomitou? — ele me desafiou, falando tão alto quanto eu.

— Porque estava fedendo, porra!

Ele se surpreendeu com a resposta e, claro, negou.

— Você é louca!

— Uma louca com o olfato em perfeito estado — rebati. — Tentei deixar para lá, fingir que nada aconteceu, mas o seu ego masculino foi ferido, né? E aí contou para todo mundo que eu não sei chupar? Vai se foder, babaca!

— Vagabunda!

— Sou perfeitamente capaz de chupar um pau grande sem me engasgar, Maicon. Basta ele não feder.

Maicon deu um passo em minha direção, mas foi contido por várias pessoas. Só então olhei ao redor e constatei que praticamente toda a empresa havia parado e se juntado ali, em torno de nós.

— Acabou a festa, pessoal — Jenifer, a mulher que mandou o recado, veio pessoalmente me buscar. — Os dois, comigo, agora.

É, parece que as coisas tinham como terminar ainda pior que no dia anterior.

➤ SEIS

Na sala simples, decorada com impessoalidade, o silêncio constrangedor pairou até a Jenifer o quebrar.

— Vocês dois estão malucos? Gritando um com outro no setor de trabalho? — era uma pergunta retórica, por isso não respondi. — Não importa se vocês estão tendo uma relação pessoal ou não, aqui é trabalho.

— Não temos uma relação pessoal — esclareci.

— Enquanto você bradava o que era sexualmente capaz de fazer me pareceu que tinham, sim — ela me fez calar a boca. — Maicon, você enquanto superior não poderia ter deixado as coisas irem tão longe.

— Desculpe, fugiu do controle — ele justificou.

— Não posso deixar isso passar impune porque vocês dois fizeram um show ao vivo sem cobrar ingresso, estava todo mundo olhando.

Fechei os olhos, eu ia ser demitida. Por justa causa.

— Vou advertir os dois e suspendê-los por uma semana — informou. — O que quer dizer que perderão os benefícios do mês.

— Jenifer, foi ela quem começou, não posso ser culpabilizado de maneira tão dura.

— Chore mais baixo, covarde — respondi mais alto do que gostaria.

— Viu, só? É uma mulher instável que só faz mal para a empresa — ele disse.

— Enquanto supervisor dela, tem algo a relatar?

— Várias coisas: atrasos na entrada, enfitamento errado, demora no almoço... Além de se envolver sexualmente com qualquer homem da *Kakazi*.

— Sabrina? — Ela me deu a chance de responder as acusações, mas eu parei para pensar no que seria de mim se continuasse trabalhando ali.

As pessoas nunca parariam de comentar sobre isso. Ele nunca deixaria a verdade vir à tona... Eu nem era apaixonada pelo trabalho mesmo! Realmente me atrasava, enfitei errado algumas vezes que ele deixou passar porque queria me comer e havia me envolvido sexualmente com ele e com o Vinícius, então tecnicamente Maicon não estava mentindo.

— Você é um filho da puta egoísta, Maicon. Esqueceu que eu tenho filha e deixou que um incidente pessoal interferisse na nossa relação de trabalho — deixei uma lágrima desgraçada escapar — mas não posso desmentir nada disso.

— Diante disso, pelo bem da empresa, é melhor demitir você por justa causa.

— Por favor, Jenifer, por justa causa eu perco muito...

— Aguento mais uns dias então, eu te suspendo e na sua volta troco seu setor. Depois, te demito com todas as garantias.

— Obrigada — chorei enquanto agradecia — e você, procure um médico antes que contraia um câncer de pênis — orientei o Maicon antes de me retirar.

Tudo que eu queria era correr para o mais longe possível daquele lugar onde havia virado chacota. Mas precisava pegar as minhas coisas antes de ir e, já que teria que ver algumas caras curiosas nesse percurso, era melhor me despedir das meninas.

Mandei uma mensagem para que as três me encontrassem rapidinho. Aquilo era uma fábrica e não permitia que perdêssemos tempo com conversa, por isso mandei que fossem ao banheiro.

Elas vieram rapidamente e, assim que as vi, corri para um abraço coletivo.

— Vou ser demitida — informei de uma vez.

— Meu Deus, Sá, e agora? — Jeane foi a primeira a falar.

— Eles não podem demitir você por causa dele — Raíssa disse com raiva.
— Isso é tão injusto.

— Oh, amiga, se precisar de qualquer coisa pode contar comigo — Suzi se ofereceu.

— Quem diria, né? Que um homem tão bonito quanto aquele pudesse

feder — perturbei para aliviar o clima. — Não se preocupem, vou ficar bem. Eu não gostava mesmo de trabalhar aqui... Às vezes a vida tem que nos sacudir para que a gente entenda que precisa sair do lugar.

— Isso é que é uma maneira otimista de ver as coisas... — Raíssa disse sorrindo. — Eu te invejo por isso.

— Isso está com cara de despedida — Jeane fungou, limpando uma lágrima.

— Pois é, e não deve ser. Quero que sejam minhas amigas de vida e não só de trabalho. Amo vocês!

— Nós também amamos você — disseram em uníssono enquanto dávamos um abraço coletivo.



O caminho para casa, daquela vez, foi feito de modo automático. Assim, nem percebi se os ônibus demoraram ou não. Meu único pensamento era: fodeu muito! Ficarei desempregada, com trauma de boquete e fama de garganta rasa.

O que seria da minha vida sexual e financeira a partir de então?

Quando entrei em casa, dei sorte de não ter ninguém. Minha mãe devia ter sido convencida a levar a Bela a algum lugar. Ela ficaria arrasada quando soubesse da demissão, uma vez que as coisas ficariam complicadas.

Minha mãe era professora, mas já estava aposentada. Por lei, mulheres que exercem a licenciatura podem se aposentar após vinte e cinco anos de sala de aula. Nossa casa era simples, com dois quartos, sala, cozinha e banheiro, mas era nossa. Não pagávamos aluguel e isso era uma das melhores coisas do mundo. Mas havia os custos de água, energia elétrica, internet e alimentação.

Além do fato de eu ter uma filha. Somente quem tinha um filho poderia entender a minha preocupação. Escola, lanche, roupa, calçado, passeio, material escolar e medicação eram necessidades básicas para Belinha e eu não sabia por

quanto tempo mais poderia manter isso tudo.

Joguei-me na cama e deixei que as lágrimas de incertezas banhassem o meu rosto.

Minha vida nunca foi nenhum conto de fadas, mas como havia se transformado em um pesadelo da noite para o dia?

Maldito Vinícius vassoura que eu peguei no impulso e que pegava várias ao mesmo tempo. Maldito Maicon, sua beleza ilusória e suas cantadas constantes que me fizeram chegar ao pau fedorento destruidor de vidas. Maldita empresa cheia de mulheres fofoqueiras.

Maldito dia, maldita hora, maldita vida.

E assim, amaldiçoando a tudo e a todos, enquanto chorava desesperada, eu adormeci na esperança de que tudo aquilo fosse um pesadelo.



— Mãe, seu celular *tá* tocando... — eu ouvi quando ela me chamou, mas estava me sentindo melhor no escuro do sono. — Mãe!

Algum tempo depois, senti meu corpo ser chacoalhado como um terremoto. Abri os olhos, assustada.

— Achei que não estava viva — minha mãe reclamou. — Sua filha está assustada, você não acordou com o despertador e nem quando ela te chamou. Não vai trabalhar?

— Não — disse, por fim, com a voz mais grossa do que o comum.

— Aconteceu alguma coisa? — ela me avaliou. — Belinha, vai conferir se todos os livros estão na sua mochila que eu já estou indo... — a garota me deu beijo e saiu. — O que foi, Sabrina?

— Estou suspensa e serei demitida — disse de uma só vez.

Fechei os olhos para não encarar a decepção estampada no rosto dela e aguardei que as reclamações comessem. Minha mãe estaria completamente

certa, mas não significa que eu estivesse pronta para escutar.

— O que houve?

— Uma confusão na empresa envolvendo um supervisor, não consegui me controlar e discuti feio — expliquei parcialmente.

— Ele tentou alguma coisa com você? — assenti — Então agiu da maneira correta. Claro que ficar desempregada não é o ideal, mas os homens precisam entender que não mandam mais no mundo. Você é muito bonita e a maioria deles não sabe lidar com a rejeição...

As palavras dela me surpreenderam. O apoio me acalentou um pouco e, por mais que ela não soubesse a dimensão daquela confusão, estava do meu lado.

— Eu vou dar um jeito nisso, mãe.

— Eu sei que vai. Você sempre dá.

— Posso ficar mais um tempinho na cama hoje?

— Pode, vou levar a Belinha na escola e depois vou passar o dia com sua tia que não está muito bem. Já tinha dito para ela que íamos almoçar lá... — assenti.

— Obrigada, mãe.

— Não fique sem comer — ordenou antes de se retirar.

Quem consegue encontrar o apetite quando o mundo está desmoronando?

➤ SETE

Os dois primeiros dias de suspensão podem ser resumidos em: cama.

Era para ela que eu voltava sempre que ficava sozinha. Dei banho, arrumei e dei café da manhã para a Bela, mas minha mãe a levou para a escola e buscou naqueles dois dias. O dever de casa também foi ensinado pela avó. As duas me fizeram assistir desenho, comer e conversar, mas quando eu me via sozinha entre contas e pensamentos financeiros, me enrolava na cama para fazer os números ruins sumirem.

Até que naquela sexta-feira minha mãe alegou não poder levá-la a escola, por isso ajeitei os cabelos, troquei de roupa e estendi a mão para uma saltitante Bela.

— Que bom que você tá indo comigo, mãe — ela disse e fez meu coração apertar. Estava sendo negligente justamente quando tinha mais tempo livre.

— Também estou contente — disse, enquanto andávamos.

Belinha estudava em uma escola particular no mesmo bairro onde morávamos, por isso sempre a levamos a pé. Andávamos cerca de três quadras e meia até o Centro Educacional Barquinho Amarelo e, na metade do caminho, entre conversas sobre desenhos animados, ela avisou:

— Vou para a casa do meu pai.

— Quando?

— Hoje ele me pega na escola e eu vou.

— Tudo bem, mas por que ele não me ligou?

— Acertamos tudo com a vovó — a garota explicou, dando de ombros como se quisesse deixar claro que eu não estava atendendo o celular ultimamente mesmo.

— Certo, certo. Volta quando?

— Tem uma festa da Luana, papai vai comprar um presente...

— Nossa, como ele é legal — resmunguei baixinho. — E suas coisas?

Ela apontou para a mochila como se fosse óbvio.

— Ah, ok. Chegamos, mocinha.

— Mãe — eu me abaixei para ficar da sua altura — tome banho e coma, quando eu voltar a gente conversa, *tá bem?* — Belinha falou como eu geralmente falava com ela. Sorri e a abracei com força.

— Está bem e você se comporte, não dê muito trabalho para a vovó Marinalva, certo?

— Não dou trabalho, mãe, sou uma anja — piscou.

— Eu sei que é — beijei sua bochecha e me despedi, observando o quanto ela estava grande ao se afastar de mim para entrar na escola.

Quanto tempo eu estava perdendo?

Trabalhar era preciso, claro, e os descontos que sofreria naquele mês fariam falta, mas eu não podia reverter isso, não é? Já estava suspensa. O que eu poderia fazer, depois de quase me deprimir e lamentar, chorar e contar as moedas do cofrinho? Aproveitar os dias livres ao lado da minha filha.

Ser a melhor mãe que eu pudesse nessas pequenas “férias forçadas” e lidar com o restante quando chegasse a hora.

No percurso de volta para casa, fiz uma lista mental de coisas para fazer nessa suspensão. Para aquele dia, sem mãe e sem filha, eu começaria cuidando de mim.



Lavei e hidratei meus cabelos, usando uma bolsa plástica mesmo para deixar a hidratação agir, não sabia onde minha touca havia se enfiado. Depilei as pernas e outros lugares mais, me deixando macia e bonita para mim mesma. E naquele instante estava fazendo as unhas.

Sempre gostei de ter unhas longas e bonitas, sem cutículas e pintadas com o esmalte mais vistoso que eu tivesse. Com o nascimento da Bela, precisei cortá-las para não machucar meu bebê, fui mãe aos dezesseis anos, então não era tão jeitosa. Minha filha já tinha oito anos e pedia para que eu pintasse as unhas dela. Assim como a minha mãe, que sempre me pedia para “ajeitar” as suas.

Fato é que para melhorar o humor e levantar o astral, nada melhor do que um esmalte vermelho. Pinte com cuidado, esperando cada um dos dedos dos pés secar antes de partir para as mãos. Minhas amigas sempre disseram que não sabiam como eu conseguia fazer isso sem borrar e sempre perguntavam que mágica fazia para conseguir pintar as unhas da mão direita sendo destra, ou seja, sem habilidades especiais com a esquerda. Não sabia a resposta, provavelmente muito treino, já que desde sempre fazia minhas unhas.

O resultado das horas de beleza estava ali, em frente ao espelho: cabelo bonito, pele macia e unhas deslumbrantes. Tudo isso para assistir Netflix, mas quem se importa?

Estava pegando a panela para fazer uma grande bacia de pipoca quando meu celular tocou. Estava fugindo dele esses dias, mas aquele era o dia de enfrentar tudo. Assim que fui até o barulhento, vi que era a minha filha ligando.

— Oi, Bela — atendi imediatamente.

— Mãe, falei com a vovó Sirleide e ela ainda não está aí, né? Preciso muito daquela saia cor de rosa e do *body* de unicórnio.

— Você não disse que já tinha levado tudo?

— Mas acabei de descobrir que a festa é temática e o meu pai não quer comprar uma roupa nova sendo que eu já tenho uma. Você pode trazer?

— Eu levo. Que horas é a festa?

— É de noite, acho que sete e meia. Você traz de tardezinha...

— Já são quatro da tarde — informo. — Umas cinco eu chego aí. Mais alguma coisa?

— Só isso mesmo — ela ri. — Beijo, mãe.

Ela desligou.

— Parece que a Netflix vai ficar para depois — disse para mim mesma, enquanto seguia para trocar de roupa e sair de casa.

Enquanto estava no ônibus indo atender ao pedido da Bela, me perguntei o motivo para ela não ter pedido para o pai ir buscar a roupa de moto ao invés de fazer eu me deslocar até o bairro São José de ônibus. Não era tão longe, considerando que em Aracaju tudo ficava meio perto de tudo, mas tudo demora quando se precisa de transporte público.

Demorei cerca de quarentas minutos para chegar ao endereço do meu ex. Estudamos juntos e, no fogo da adolescência, transamos sem camisinha. O resultado veio nove meses depois e com ele a obrigação de assumir a responsabilidade por aquele ser que não tinha culpa de sermos tão jovens.

Moramos juntos por pouco mais de um ano, eu cuidando da casa e da nossa filha, ele tendo que ajudar o pai na loja para ter um salário e nos sustentar. Não deu certo e nós acabamos voltando para a casa dos nossos pais.

Esse resumo passou inteiro pela minha mente antes mesmo que eu pudesse tocar a campainha. Quando o fiz, foi ele quem veio abrir o portão.

— Sabrina? O que você está fazendo aqui? — perguntou ao abrir o cadeado, me permitindo entrar.

Ele estava usando apenas uma bermuda jeans azul, seu peito estava à mostra, bem como os seus pés que estavam descalços. Ele andou malhando?

— Belinha me ligou pedindo para trazer uma roupa para a festinha... — respondi enquanto entrava na casa.

— Ligou? — ele repetiu a minha informação?

— Sim, ligou, pegou o celular que ela tanto reclama que está ruim, apertou o meu número e ligou. Qual é o problema? — rebati, perdendo a paciência.

Ele riu e eu o encarei.

— Continua nervosinha, hein? Só perguntei porque não entendi o motivo para ela ter ligado.

— Você tem o poder de me tirar do sério, criatura! Já expliquei que vim trazer a roupa que ela vai usar na festinha da prima hoje. Aliás, por que você não

foi pegar de moto?

— Porque não sabia que ela precisava de uma roupa e a festa é amanhã — ele disse calmamente.

— Ela me fez vir para nada? Chame a Bela aqui que eu vou ter uma conversinha com ela.

— Belinha não está, saiu com os meus pais. Na verdade, ela insistiu muito para ir ao cinema com os dois.

Não estava entendendo, a Bela não era de mentir.

O que ela queria ao me fazer ir até ali?

Encarei o homem em minha frente e ele sorriu. Olhei os seus braços, barriga e engoli em seco, será que ela estava tentando...

— Não é possível — disse, por fim — você mandou a menina mentir?

— Eu? Estou tão surpreso com isso tudo quanto você... Mas observando direitinho — ele olhou minhas pernas expostas no vestido curto e estampado — talvez a gente possa olhar o lado bom da ideia da nossa filha.

— Qual é, Marcelo, você acha mesmo que isso vai rolar?

— Estamos sozinhos aqui, podemos pelo menos sentar? Eu te sirvo uma cerveja, sei que gosta.

Olhei a situação como um todo: ele era um embuste, mas eu conhecia o pau e nunca o tinha sentido feder, era o pai da minha filha e poderia ser a chance de eu testar o trauma de boquetes. A vantagem era que se eu vomitasse em cima dele ainda poderia alegar ser vingança por sua traição quando estávamos juntos.

— Uma cerveja, tudo bem — ele riu e andou até a cozinha. Eu o segui.

Quando me sentei à mesa da ampla cozinha, Marcelo colocou um copo longo em minha frente e abriu a cerveja em garrafa, servindo-me. Em seguida, pegou um copo para ele e fez o mesmo, sentando-se ao meu lado antes de erguê-lo para um brinde.

— À nossa filha.

— À nossa filha — repeti — que puxarei a orelha por mentir.

Ele riu alto e bebeu um longo gole.

— Deve estar acontecendo alguma coisa para ela concluir que esse encontro te faria bem...

Respirei fundo.

— É, acho que ela percebeu que não estou bem... Vou ser demitida — disse, antes de virar o copo inteiro de cerveja.

— Caralho, sério? Merece mais um copo. Vou pegar uns salgadinhos para não me acusar de te embriagar.

E assim ele o fez, trouxe uma variedade de tira-gostos para acompanhar nossos copos de cerveja. Conteí apenas o básico sobre a demissão e enfatizei minha preocupação com as contas e as coisas da Bela. Marcelo me assegurou que não deixaria que nada faltasse para a filha.

Depois mudamos de assunto e falamos das pessoas que estudaram conosco na escola, a grande maioria casada e com filhos.

— Nós também casamos e tivemos filho — rebati — mas nos separamos porque você é um embuste.

— Eu era novo, Sabrina, tinha dezesseis anos. Não carregue todo esse ódio com base nos nossos erros do passado.

— Nossos erros? Você me traiu enquanto eu estava em casa aprendendo sozinha a cuidar de uma criança.

— Eu traí e me arrependi, mas você também não foi um exemplo de esposa. Só vivia para a menina e eu ficava de lado. Sexo era raridade, eu já disse que era jovem? Louco para foder?

— Eu também era jovem, também tinha vontades, mas estava exausta quando você chegava... Enfim, não vamos mudar o que passou, né?

— Sempre fui um pai presente e responsável...

— Nunca disse o contrário, você falhou como meu marido.

— Eu era uma criança e mudei — rebateu.

— Pau que nasce torto... — ele riu.

— Ouvir você dizer a palavra pau já me faz ter ideias. Lembrei daquela tatuagem de borboleta... Como ela está?

Foi a minha vez de rir.

Ainda na escola eu havia feito uma tatuagem, escondida da minha mãe, é claro. Era uma borboleta pequena, mas tão pequena, que só olhando bem de perto para enxergar o que o desenho mal feito significava.

— Parece um sinal...

— Acho que preciso conferir para ver se ainda enxergo uma borboleta — foi direto ao ponto.

Aguardei o leve revirar do meu estômago, mas ele não veio. Não sei se a cerveja me anestesiou ou se eu realmente era capaz de superar o fedorento.

— Seus pais?

— Vão demorar e o meu quarto tem porta com chave.

— Suas habilidades com sexo oral, como estão? — resolvi me certificar.

— Se você já se revirava na minha língua antes, agora, com anos de experiência, é satisfação garantida — ele se levantou e me estendeu a mão.

— Uma última coisa, que horas você tomou banho?

— Cerca de meia hora antes de você chegar, por quê?

— Por nada, vamos para o seu quarto.

Ele deu de ombros e, sem avisar, me puxou para os seus braços.

➤ OITO

Ficar com ex é como andar de bicicleta?

Bom, se for, é provável que o Marcelo tinha virado uma moto e como eu não possuía habilitação, estava com aquela sensação de euforia e medo quando aceleram de uma vez, sabe?

As mãos dele me puxaram e, com o impulso, nossos corpos se chocaram com firmeza. O beijo foi totalmente diferente do que eu lembrava, cheio de vontade de mostrar “para o que veio”. Sua língua percorreu minha boca em rodopios enquanto suas mãos foram diretamente para a minha bunda, apertando com firmeza. Em resposta, me esfreguei contra ele.

Nos agarramos pelo corredor, encostando nas paredes de um lado e de outro, até que chegamos ao seu quarto. Marcelo fechou a porta e me recostou ali para beijar o meu pescoço.

O calor já estava tomando conta de mim e a vontade de prosseguir aumentava um pouco mais a cada segundo, até que ele enfiou a mão por baixo do meu vestido. Quando seus dedos colocaram a calcinha de lado e tocaram a minha boceta, qualquer resquício de dúvida foi embora.

— Ficou molhadinha só com os beijos? Imagina quando eu te chupar.

— Chupa logo, então — resmunguei.

— Vamos só tirar essa roupa antes, quero ver você nua — sussurrou antes de se afastar para tirar a minha roupa.

Meu vestido, bem como minha calcinha e sutiã foram rapidamente ao chão.

— Caralho, como você *tá* gostosa, Sabrina...

— Baba, a criança cresceu — perturbei, fazendo referência à música de Kelly Key.

— Ah, eu vou babar... Vou babar sua boceta inteira e me misturar com o seu mel.

Ele me guiou até a cama e empurrou o meu corpo contra ela. Caí já de pernas abertas, totalmente desejosa.

Os dedos dele me abriram para que os lábios e a língua fizessem bem o serviço. E nossa, ele estava certo, havia melhorado muito com o tempo. A quem eu teria que agradecer pelo orgasmo que teria com aquela boca? Porque aquela obra era de alguma mulher paciente que ensinou direitinho como fazer a coisa fluir. Seja lá quem ela fosse, merecia ser parabenizada.

E fluiu tão bem que não precisei de muito tempo para estremecer em um orgasmo muito bem-vindo.

— Não vou mais puxar a orelha da Bela, vou comprar um presente por ter me feito vir até aqui — confessei, alguns segundos depois.

Ele riu.

— Mas eu tentei chegar em você várias vezes ao longo desses anos...

— Já falamos sobre isso, agora me deixe retribuir a gentileza.

— Vou adorar gozar na sua boca, mas agora, não. Quero te foder antes — mais um ponto para ele.

— Camisinha — informei, antes que ele pudesse prosseguir. — Amo muito nossa filha, mas não quero ter outra.

Ele se afastou para pegar o preservativo, tirando a bermuda e a cueca no caminho. Marcelo vestiu a proteção antes mesmo de chegar até a cama e me penetrou assim que eu afastei as pernas.

Ele não se moveu de imediato, deitando-se sobre mim. Suas mãos e sua boca foram até os meus seios e se dedicaram a dar atenção a cada um dos bicos endurecidos. Eu me contorci sob sua língua e boca, gemendo baixinho.

Meu ex se moveu, entrando e saindo de mim lentamente. A sensação entre as minhas pernas se misturava com as descargas de prazer enviadas a partir dos meus seios e eu me perdi.

Esqueci completamente onde estava e por tudo que passei ultimamente,

minha mente se apagou e, no meio daquele “branco total”, fui preenchida por sensações.

Seu pau estocando.

Sua boca me sugando.

Meu corpo esquentando.

Agarrei o lençol que cobria a cama com firmeza, apertando meus dedos em punho, me preparando para ser quebrada em pedacinhos novamente. Marcelo acelerou, como se estivesse desesperado para chegar lá, e o aumento do ritmo foi o suficiente para me fazer gozar gritando bem alto.

Fui fodida por mais alguns segundos até que ele mesmo se deixou levar pelo êxtase, rolando para o lado em seguida.

Nós dois, de barriga para cima, respirávamos ofegantes. Eu fitava o teto, apreciando cada segundo daquele efeito pós-orgasmo incrível.

— Foi bom para você?

— Não acredito que você ainda faz essas perguntas de adolescente — eu ri — mas posso te responder dessa vez: foi muito bom para mim.

— Que bom, porque eu pretendo repetir...

— Eu tenho que ir — sentei na cama.

— Ah, por favor, Sabrina... Agora que já bagunçou a cama, vamos deitar e rolar. Você acabou de dizer que foi bom, sabe que pode ser ainda melhor na segunda vez.

— Tá usando repertório sertanejo?

— Não estava não, mas já que mencionou, espere aí — ele se esticou para alcançar o celular — essa vai combinar bem!

Em poucos segundos a música Lençol dobrado, canção lançada pelo produtor Dudu Borges, interpretada pela dupla sertaneja João Gustavo e Murilo, que já ouvi algumas vezes, soou no aparelho celular dele.

Ouvi o começo quietinha, sabendo que ele queria mesmo enfatizar o que viria a seguir:

*Vamo levar junto essa briga lá pro quarto
Coloca ela pra dormir e puxa outro papo
E aí tem jeito ou não tem? Eu e você meu bem
Já sei o resultado*

*Meu lençol dobrado já 'tá todo bagunçado
E o seu cheiro no meu quarto
'Tá de brincadeira
Já que esqueceu de tudo o que aconteceu
Aproveita e faz amor comigo a noite inteira*

Marcelo se aproximou de mim, empurrando meu corpo de volta para que eu me deitasse. E sussurrou o refrão bem próximo dos meus lábios.

— Já que esqueceu de tudo que aconteceu, aproveita e faz amor comigo a noite inteira? — o tom de pergunta que ele deu à frase me fez sorrir e as mãos que já percorriam meu corpo me fez decidir.

Por que não?

— Aproveita! Faz amor comigo a noite inteira — respondi, usando o trecho mais interessante da música com uma nova pontuação.



Em algum momento da noite eu dormi. Depois de fazer um sexo oral nele digno de uma atriz pornô, tendo a certeza de que nunca mais vomitarei, e de termos feitos muitas posições que na nossa adolescência eram mais desengonçadas, claro. Eu não pretendia pegar no sono, meu plano era sair na surdina quando estivesse completamente saciada, mas acabou falhando. Espreguicei-me, sentindo meus músculos se esticarem com o gesto.

Ao meu lado, dormindo de lado com o lençol cobrindo metade do seu

corpo, Marcelo dormia. Encarei sem cerimônias os seus braços e o peito desnudo. Se eu soubesse que ele ficar tão melhor com o tempo teria aguentado mais um pouco?

Não, acho que não. Mulher nenhuma, independente de idade, deve se submeter a uma relação fracassada e, na época, era isso que a nossa relação era. Éramos jovens e imaturos, brigávamos por bobagens infantis e a responsabilidade da nossa filha era quase toda minha. Era um fardo pesado demais e, para completar, ele me traiu. Se eu tivesse continuado seria completamente infeliz. E o que teria sido da Bela? Sendo criada em um ambiente cheio de brigas e infidelidade... Tínhamos sido pais melhores por estarmos separados. Graças a Deus.

Levantei da cama devagar e catei as roupas que estavam caídas próximas à porta do quarto. Segui para a suíte e fiz minhas necessidades matinais rapidamente antes de me vestir e ajeitar o meu cabelo.

Estava quase saindo do quarto sem fazer barulho, a porta já estava aberta, quando uma voz me fez parar.

— Mamãe! — ela gritou bem alto.

Seu tom continha uma mistura de surpresa com felicidade e meu coração quase saiu pela boca, dividido entre o susto e o flagrante evidente.

— Oi, filha, eu... — gaguejei — trouxe a roupa que você me pediu.

Ela se aproximou correndo e me abraçou pela cintura.

— Que cena mais... Surpreendente? — levantei o rosto para encontrar a mãe do Marcelo me encarando.

— Bom dia, dona Marinalva, eu...

— Por que a Bela gritou? — foi a vez do meu ex-sogro de surgir do nada para me flagrar saindo do quarto do filho. — Ah, oi, Sabrina.

— Bom dia, seu Jorge — cumprimentei, sem graça.

— Na escola diz que é *boa tarde* depois que passa de meio-dia, mãe — Bela me corrigiu.

— Que horas são? — perguntei com mais vergonha ainda.

— Duas e meia — dona Marinalva respondeu com um sorrisinho. — Não se preocupe, querida, Marcelo sempre acorda tarde aos sábados.

— Ouvi meu nome? — o cara de pau se aproxima sorrindo, — Nossa, um comitê de boas-vindas para a Sabrina. Vamos almoçar?

— Já estava de saída...

— Ah, não, mãe, por favor! — Bela implorou.

— Ainda vamos conversar sobre você ter pedido a roupa ontem à noite, mocinha — ela dá de ombros.

— Eu já almocei — ela anuncia e sai correndo para o lado dos avós. — Nós estamos indo tomar sorvete, não é, vô?

— Hum, sim, estamos indo tomar sorvete — ele pisca para a garota que sorri.

— Fique à vontade, Sabrina, nós voltamos daqui a pouco — minha ex-sogra sorri e dá a mão para a Bela antes de os três se retirarem do campo de visão.

— Puta que pariu — xinguei ao encarar os fatos.

— Isso foi inesperado, mas não foi tão ruim, né?

— Estou envergonhada, Marcelo, seus pais me viram saindo do seu quarto às duas da tarde!

— Precisávamos recarregar as energias que gastamos...

— Você faz piada com tudo — rebati, irritada.

— Seu mau humor é fome, vamos comer e depois eu te levo em casa, tudo bem? — dei de ombros e ele me conduziu até a cozinha.

Enquanto almoçava, tive uma crise de risos lembrando a sucessão de piadas ruins que a minha vida havia se tornado.



Ele me levou em casa, como prometido. Tentou me convencer a ir a tal

festinha em família naquela noite, mas eu declinei. Quando a Bela voltou para a casa, no domingo pela manhã, comecei a colocar meus planos de “mãe e filha” em prática. Naquele dia e nos dois dias de suspensão que restaram nós brincamos de boneca, andamos de bicicleta e fomos ao cinema assistir *Aladdin*. Ela amou o filme e cantou feito uma profissional em todas as cenas musicais que já havia decorado por causa dos desenhos.

Foi um tempo precioso o que dividi com a minha filha e me fez tão bem que não conseguia expressar em palavras. Quando precisei voltar para a fábrica, na quarta-feira seguinte, senti meu coração apertar por ficar tão distante dela novamente.

Fui transferida de setor, como Jenifer havia dito que faria, e agradei por não precisar encarar aquele infeliz fétido e levei os primeiros quinze dias na base do sofrimento: eu não queria estar ali. As fofocas não diminuíram, só fizeram aumentar quando eu voltei a trabalhar e os olhares me incomodavam... Eu sabia que sairia em breve, mas a espera era torturante. Os únicos momentos que aliviavam meu coração eram passados com as minhas amigas, nos almoços. E foi em um desses momentos que a ideia surgiu.

— Você pode até estar infeliz, mas nunca feia, né, amiga? Que unhas maravilhosas são essas? — Suzi comentou.

— Ah, gostou? Fiz no fim de semana!

— Faz a minha, Sá, tenho um casamento para ir e nenhum real no bolso para pagar. Estou no vermelho de novo! — Raíssa falou, com as mãos em formato de reza.

— Faço, sim, quando é o casamento?

— Sábado.

— Se fizer a dela, eu também quero — Suzi se empolgou.

— E eu também, estou um caco — Jeane também se ofereceu.

— Vamos fazer assim, vamos todas para a casa da Raíssa e eu faço a dela primeiro por causa do casamento e logo depois a de vocês duas, suas ciumentas!

— Perfeito — elas concordaram em uníssono.

— Já sabe o que vai fazer quando o aviso prévio acabar? — Jeane perguntou, arrumando sua marmita do almoço.

— Ainda não, mas já comecei a deixar currículos nas lojas dos shoppings.

— É tão difícil ser pobre, não é? Rico faz o que quer e a gente faz o que pode para pagar as contas — ela lamentou.

— Por que não investe o dinheiro do seguro em alguma coisa, amiga? — Raíssa incentivou.

— Já pensei nisso, mas no que? Vender roupas é complicado para mim, que não tenho carro para levar na casa de clientes, e montar uma loja é supercaro!

Foi a Suzi quem falou, um tempo depois de encarar as minhas mãos:

— E se você fizesse unhas? Sei lá, pelo menos no começo, se não achar nada.

— Suas unhas são realmente lindas e bem-feitas, amiga, talento você tem! — Jeane concordou.

— Será? Em casa mesmo?

— Se não tem carro, pode começar em casa. Tenho uma vizinha que tira mais que um salário de unha — ela continuou — e dá para ir de ônibus também, já que os materiais pesam pouco.

— Vou pensar nisso com carinho — respondi, quando anunciaram o fim do horário do almoço. — Obrigada pelo apoio, vocês são foda!



É engraçado como nosso humor muda quando temos esperança, não é? Nossa mente tem o poder de focar em um projeto e canalizar nossos sentimentos para ele. Foi o que aconteceu depois daquele almoço. Passei a pensar na possibilidade de ser manicure e no que eu precisava fazer para viabilizar aquilo, além de refletir sobre quais eram os prós e os contras.

Eu não tive muitas opções quando meu aviso chegou ao fim e fui demitida. Nenhuma loja me chamou para entrevistas e eu não poderia viver de seguro desemprego, afinal de contas, ele durava poucos meses. Então, comecei a por em prática a minha nova profissão.

Marquei com as meninas da fábrica novamente e testei algumas ideias de cores e texturas, tirando fotos para publicar no Instagram que criei para divulgação. Elas indicaram vizinhas e amigas que fizeram unha comigo com um desconto de primeiras clientes. Estas, por sua vez, também poderiam indicar amigas para vir com desconto e foi assim que uma rede de indicações começou a me gerar clientes.

➤ NOVE

Demorou cerca de três meses para que as indicações surtissem efeito e as pessoas me procurassem para marcar um horário. Nesse tempo, o seguro desemprego serviu como salário e os “extras” que ganhava com as unhas serviram para comprar esmaltes, acetonas e algodão.

O material que eu usava era descartável e os alicates e espátulas eram das próprias clientes, por questões de higiene e também de saúde. As pessoas não percebem, mas o risco de ser infectado com o vírus da Hepatite B fazendo as unhas é imenso.

Durante esses primeiros meses, estudei as possibilidades de como investir e, enquanto não sabia exatamente o que fazer, coloquei na poupança o dinheiro que recebi de indenização da *Kakazi*.

Minha despedida da empresa não foi emocionante e cheia de saudades, pelo contrário, não sei quem se sentiu mais aliviado com a minha demissão: eu, os diretores, a Jenifer do RH ou o Maicon (meu antigo supervisor fedorento). Por falar nele, nossa última conversa foi aquela na sala da Jenifer e eu dei Graças a Deus por não precisar me dirigir ao dito-cujo. No fim das contas, despedi-me somente das minhas amigas.

Aquele dia estava sendo puxado, quatro clientes para fazer pé e mão. Quando acabei o meu corpo estava estalando mais do que biscoito crocante. Tomei um banho longo e relaxante antes de me jogar na cama ainda de toalha, morta de preguiça e cansaço, quando meu celular começou a tocar e, pelo toque, eu já sabia quem era:

Atende aí

O Zé da Recaída 'tá ligando aí

*Eu não 'to nem aí
Se salvou meu nome assim
O importante é que ao vivo
'Cê me chama de benzim*

— Oi, Marcelo!

— E aí, gata das gatas, vamos sair hoje?

— Não vai dar, estou morta...

— Olha que me dizer isso me faz pensar em necrofilia — eu gargalhei.

— Que horror! Mas estou falando sério, atendi quatro clientes e minhas costas estão doendo.

— Posso te fazer uma massagem relaxante aqui em casa ou podemos ir até um motel com uma banheira de hidromassagem...

— Tentador, mas eu dormiria no primeiro segundo, fica para a próxima.

— Eu te ligo amanhã, então, pode ser?

— Pode ligar, beijo.

— Outro, na sua boceta — ele encerrou a chamada.

Depois daquele excitante e constrangedor dia na casa do pai da minha filha, nós estávamos saindo. Sem rótulos. Saímos juntos, às vezes com nossa filha, às vezes sem ela, transamos e conversamos. Estamos fazendo o que deveríamos ter feito alguns anos atrás, quando éramos mais novos: curtindo um ao outro. Devo confessar que é uma das melhores fases sexuais da minha vida!

➤ UM ANO DEPOIS

— Um brinde ao seu sucesso! — foi a Jeane quem puxou o brinde.

Raíssa, Suzi e eu levantamos nosso copo de cerveja e batemos no que ela havia erguido.

— Quando estivermos ricas vamos fazer esse brinde com champanhe! — Raíssa falou, depois de virar seu copo, bebendo o líquido de uma só vez.

— Não vai demorar muito, a Sabrina já abriu um salão — Suzi atestou, me fazendo rir.

— Calma, minha gente, é só um salãozinho. Um espaço pequeno no bairro que eu moro só para não precisar mais atender na varanda da casa da minha mãe.

— É o primeiro de muitos, daqui a pouco vai ter uma rede de salões espalhadas por todo o mundo — Suzi afirmou com convicção, nós todas gargalhamos. — *Tá* bem, exagerei um pouco, então vai ser em Aracaju mesmo. Vai ter um monte de salões em Aracaju!

— Vocês são incríveis e me apoiam sempre, se eu tivesse mesmo uma rede dessas vocês seriam minhas sócias, com toda certeza.

— Bem, sou boa com contas — Jeane disse, apontando para a própria cabeça.

— Sou péssima com números, mas sou muito boa de lábia — Suzi nos fez rir, ela era ótima nisso mesmo, vendia água em dia de chuva!

— E eu... Bem, sou boa em ficar no Instagram vendo a vida dos outros, isso ajuda? — Raíssa mostra o próprio celular.

— E como estão as coisas na *Kakazi*? — perguntei, depois de acenar para nos trazerem mais uma cerveja.

— Tudo igual. Só as fofocas mudam, a Evelyn pegou o Maicon para se vingar do Vinícius, que agora parece estar mais interessado em um dos novos

seguranças.

— Mentira, ele é gay? — perguntei de boca aberta.

— Não há nenhuma comprovação, mas é o que a água de arroz anda espalhando.

— Não confio nas fofocas daqueles corredores, diziam que o pau do Maicon era grande e deu no que deu — relembrei, fazendo careta.

— Sobre isso, ela andou dizendo que você tinha razão... — Suzi disse com um risinho.

— Como assim, Brasil? Me contem isso!

— Ela contou para geral que o pau dele fedia — Raíssa verbalizou e eu ri alto.

— E ele?

— Pediu transferência!

— A justiça tarda, mas não falha — constatei. — Vamos fazer mais um brinde, bem ao estilo sertanejo — disse ao ouvir o fundo musical do barzinho. — Um brinde aos que tivemos, aos que temos, aos que teremos — puxei.

— Que nunca falte e sempre sobre é o que queremos — Raíssa completou.

— Que eles não fedam — Jeane disse, nos fazendo rir.

— E que saibam fazer sexo oral — Suzi completou e nós batemos nossos copos em um brinde bem sincero.

Eu não sabia o que seria do futuro, mas estava grata por aquele dia e por tudo que havia acontecido ao longo do ano. Realmente, precisei ser chacoalhada para mudar de vida. Não estava rica, estava bem longe disso, na verdade, mas estava mais feliz trabalhando para mim. Não havia mais tantas mulheres fofoqueiras, chefes fétidos ou fitagem de cabos.

Estava tendo mais tempo com a minha filha, saindo com um homem bom de cama e que, por acaso, era o pai dela. A relação com a minha mãe estava tranquila. As contas estavam sendo pagas em dia e havia conseguido até financiar uma moto para mim, então não tinha do que reclamar.

Um incidente sexual havia desestruturado minha vida para me mostrar que

ela poderia ser muito melhor. Só não agradecia por aquele trágico dia porque não era hipócrita. Eu havia vomitado em cima de uma pessoa, cara, isso nunca poderia ser motivo de gratidão.

Mas as consequências desse dia, sim.

Um brinde aos frutos que conseguimos colher mesmo em meio às tempestades.





BLACKOUT

Valentina R. Michael

Blackout – Valentina K. Michael

PRÓLOGO

Eu não queria acreditar no que estava acontecendo. Aquele era o momento em que as evidências ficavam cada vez mais claras, e eu tinha até fotos, mas não queria acreditar.

Estava sendo traída.

Três anos de casamento e ele jogando nossa história fora de maneira fútil. Enquanto observava dentro do carro, lembrava do dia em que nos conhecemos. Ele, um estilista com uma nova coleção para a Fashion Week e eu, uma das modelos. Juro que me apaixonei pelo seu jeito confiante, a aparente experiência, pois era muito mais velho e exalava maturidade. Naquela mesma noite eu estava na cama de Giovani Beirute e, meses depois, estávamos casados.

Tudo o que restava era revolta.

Vi o carro dele deixando o motel e segui até chegarem a um restaurante de luxo. Do carro saiu ele e uma das minhas colegas de passarela. Eu queria apenas ir para casa e esperar que chegasse para só então confrontá-lo. Mas eu não tinha essa força. Sem pensar, saí do carro e marchei para dentro do restaurante. Os dois estavam lá, como pombinhos, entre cochichos e risos em uma mesa afastada.

— Você é casado, porra! — eu berrei antes mesmo de chegar à mesa. Giovani ficou de pé, com os olhos saltados, e o sangue fugiu do rosto.

— Margarida, não é nada disso. Ela é apenas uma nova modelo...

— Sim, uma nova modelo para trepar com você em um motel. Seu

imundo!

— Não fale assim comigo — ele ameaçou, mas o que me chamou a atenção foi o sorriso de vitória na cara da piranha.

Então eu tirei meu salto e acertei na cara dela. Pronto, a cena estava feita. Com o outro salto bati em Giovani e a mesa do restaurante virou, houve gritos e pessoas da elite correndo em desespero. A polícia foi chamada, tivemos que resolver na delegacia e, naquela mesma noite, Giovani saiu de casa dizendo que acabaria com a minha vida.

E ele acabou. Destruíu cada chance que eu tinha de continuar no mundo da moda. Tornei-me ninguém, não tinha mais trabalho e nem mesmo saía mais na rua. Tinha apenas minha bela cobertura, que comprara junto com Giovani. Tinha apenas isso... Até ele ameaçar tirá-la de mim.

MARGARIDA

— Não, o senhor não vai falar assim comigo! Eu quero falar com o meu marido, agora!

— Ele não é mais seu marido, dona Margarida — o advogado corrigiu em seu mesmo tom calmo e debochado. Tive vontade de jogar longe o celular, porém lembrei-me de que não poderia comprar outro.

— Por favor, passe a ligação para ele, sei que o maldito está por perto.

— Eu falo em nome do senhor Giovani e o aviso é esse: a senhora tem um mês para sair da cobertura. Ele já colocou à venda e uma imobiliária já tem interesse em adquiri-la.

— Como vai vender algo que adquirimos juntos? Ele não pode. Eu faço um acordo para continuar aqui.

— Ele quer a parte dele e vai vender, sim, uma vez que a propriedade se encontra registrada no nome dele.

— Giovani tem dezenas de imóveis, tem carros, casa, tem até uma vadia de uma amante. Ele não precisa dessa cobertura. Não precisa.

— O aviso está dado, dona Margarida — ele desligou e eu acertei, com o celular, o maldito quadro réplica do nascimento da Vênus. Maldição.

Corri para pegar o aparelho e suspirei por ver apenas a tela trincada. Ajoelhada com o celular na mão, me recusei a chorar. Eu era Margarita Espindola, socialite e modelo, não ia dar o braço a torcer.

Tudo aconteceu tão rápido e em impressionante vertigem que ainda estava tonta, sem conseguir assimilar. Em um dia eu estava na passarela de Milão, acenando para meu belo marido ricoço, e no outro já estava batendo com um sapato na cara da amante dele. A cena foi em público e, consequentemente,

filmada. O vídeo se espalhou por toda a mídia, virou meme, ele ficou furioso e me deu como troco um belo pé no traseiro. Ainda fechou as portas da moda para mim. Ninguém queria comprar briga com Giovani Beirute, estilista internacional que vestiu até a Madonna.

E para completar tinha a cobertura. Compramos juntos, metade e metade. Eu queria muito aquele lugar e também queria que fosse com o meu suor, mas ele deu a metade e a queria de volta. Mais de um milhão que eu investi e tudo simplesmente iria ruir em um mês.

Olhei com nojo para a expressão insossa da Vênus nascendo no quadro. Revirei os olhos, tirei-o da parede e o joguei virado no chão. Eu odiava qualquer coisa que pertencia a Giovani, incluindo o sofá, a televisão e quase todo o resto.

Cansada de apenas odiar e surtar em vão, peguei a chave e saí para gastar os últimos centavos que ainda restavam na conta. Era hora de comprar bastante mantimento e me enclausurar. Odiava sair de casa depois dos acontecimentos, pois estava sendo foco de abutres, mais conhecidos como paparazzi. Entretanto, depois de perder os privilégios adquiridos no casamento com Giovani, como por exemplo, ter quem comprasse minha comida, eu precisava levantar a cabeça e reagir, coisa que não acontecia há uns oito anos, desde que entrei no mundo da moda.

Nasci em uma família de classe baixa e quando entrei, aos dezessete anos, nas passarelas, consegui, enfim, ter tudo com o suor do meu rosto. A vida mais luxuosa ainda adquirida com Giovani era apenas bônus. Naquele instante a mídia toda estava ao seu lado, me rotulando como surtada e interesseira.

De boné e óculos escuros, entrei no supermercado e decidi escolher um carrinho pequeno. Eu tinha que comprar comidas pré-prontas, uma vez que minha paciência para cozinhar era zero. Não por desleixo, afinal, eu tinha aprendido a cozinhar o básico, era mais uma questão de não rolar uma química com o fogão. Após as compras bem-sucedidas, sem incomodo de terceiros, apenas olhares acusadores, entrei em um restaurante de comida árabe, comprei um bom estoque diversificado e fui embora, para enfim me trancar por umas

duas semanas.

Banho de banheira, um blues tocando aconchegante, um bom vinho na taça, uma das últimas garrafas deixadas por Giovani. Mas nada daquilo me dava conforto e não tirava os problemas da minha cabeça.

Acho que eu precisava de um bom sexo para relaxar. Não uma coisa romântica, do tipo beijinhos, carícias, cama com pétalas de flores, mas do tipo abaixar uma cueca e cair de boca, arranhar músculos tonificados como uma gata no cio, um momento tórrido, daqueles que há gritos e que o resultado são pernas bambas e vagina dolorida. Era disso que eu precisava. Todavia, as únicas opções eram: sair na rua oferecendo aleatoriamente ou tentar em um aplicativo, o que seria meio perigoso. Na minha extensa lista de contatos não havia um único pau amigo.

Não sei se sabem, mas irei abrir parênteses para informar: geralmente modelos têm apenas amigos gays. São os maquiadores, cabelereiros, enfim, ainda mais uma que era casada com um nome forte no mundo da moda. Eu me resguardei demais para não manchar o nome dele e levei chifre de troco.

Desisti de sexo, terminei o banho, o vinho e fui para a sala. Sete da noite ainda. Aqui, sozinha, parecia o limbo. O tempo não passava e, sem nenhuma perspectiva de vida, o tédio era certo.



Olhando para o semáforo vermelho, com uns dez carros na minha frente, ofeguei impacientemente, ouvindo a voz de Leandro, meu irmão, tentando explicar por que eu deveria passar no endereço do cliente para fazer a avaliação do imóvel que seria colocado à venda. E quando concluiu seu monólogo, se achou no direito de apontar: “seu problema, Bento, é que você se acha o rei do pedaço, desça do trono um segundo, irmão, e olhe em volta”.

— Ok. Logo em seguida, você pode se foder — respondi, usando o cinismo que ele odiava.

— Esse é seu problema, porra. Nosso nome não precisa de mais polêmicas, seu...

Desliguei e avancei o sinal, que já estava no amarelo, prestes a fechar novamente. Eu poderia mandar Leandro se foder, poderia ir para meu encontro das oito e foder até amanhã. Já tinha perdido mesmo minha sessão de crossfit naquela tarde, não tinha por que ainda seguir ordens e ir às sete da noite analisar imóvel. Aquela tarefa não era minha pelo simples motivo de que eu era o dono da construtora e imobiliária Luxemburgo. Leandro ainda achava que era do nosso pai, mas depois que eu comprei a maior parte das ações, as ordens eram minhas.

Mas decidi tampar a boca do meu irmão. Ele esperava que eu fosse embora e não realizasse esse procedimento que deveria ser ainda naquele dia, pois era um cliente de peso e nós tínhamos pressa. Mas eu reagiria diferente, não por ele, mas por mim mesmo. Poderia ligar para que um empregado fosse no meu lugar, dar a ordem a qualquer pessoa, mas esse cliente foi criterioso ao dizer que só confiaria na análise de um dos chefes: eu ou Leandro, e como ele estava

viajando, sobrava para mim.

Apertei um botão no painel e falei: — Ligar para Foda de hoje.

“Ligando para Foda de hoje” — o sensor respondeu e em dois toques uma voz feminina atendeu.

— Oi, já estou na banheira, te esperando prontinha.

— Então, meu anjo. Essa noite não vai dar.

— Como assim, Bento? Eu esperei por duas semanas...

Era uma das alunas da turma de crossfit e estava de olho em mim há semanas. Mas como eu já tinha algumas na frente dela, teve que esperar. Busquei o seu nome na mente, mas não adiantou, era chamar de anjo mesmo.

— Anjo, eu sei. Quero muito passar a noite me esbaldando em seu corpinho, mas surgiu uma emergência. Amanhã está bom?

— Aaah... — começou um gemidinho mimado de revolta.

— Você sabe que não pode desperdiçar horário comigo. Aceite, linda.

— Ok. Amanhã, então. Não desmarque.

— Você mal pode esperar. Um beijo — desliguei e, assim que parei em outro semáforo, digitei no GPS o endereço do imóvel a ser avaliado. Ele tinha sido construído pela nossa empresa e o atual dono oferecera para que comprássemos de volta. Era minha missão avaliar para fixar um preço.

Parei o carro e li rápido a ficha do cliente. Giovani Beirute, estilista renomado que, após se envolver numa polêmica com amante e esposa, estava vendendo a cobertura que adquirira com a esposa Margarida Espindola. Sem fotos, apenas nomes e idades. Ele com sessenta e cinco e ela com vinte e oito. Putz! Estava na cara que era uma interesseira. Por que uma mulher jovem se envolveria com um velho de sessenta e cinco anos?

O porteiro me deixou entrar e ligou para o atual morador. A visita seria rápida. Eu precisaria tirar algumas fotos, ver todos os cômodos e fazer algumas perguntas.

— Sinto muito, senhor...

— Bento Luxemburgo.

— Senhor Bento. A moradora se recusa a deixá-lo subir.

— Como assim? Foi marcada essa visita com antecedência. Diga a ela que é uma visita oficial e que precisa me receber.

E ninguém aqui é desempregado para ter que dar meia volta.

— Um momento — o porteiro voltou para sua guarita e tornou a falar ao telefone. Eu já estava prestes a dar meia volta e ir para a casa da “anja” quando o porteiro veio com uma expressão de alívio.

— A dona Margarita vai te receber.

— Certo — fui com ele ao elevador.

— Como estão as instalações do prédio? Tudo Ok? — perguntei a ele. O imóvel seria revendido e eu devia relatar tudo.

— Está tudo em ordem. O prédio é muito bem equipado, com saídas de emergência, sensores de alarmes e câmeras de segurança. Visitantes só podem entrar com autorização do morador e tem mudança de turno dos porteiros.

— Ótimo.

— Os elevadores funcionam com energia de gerador, caso ocorra uma falha de energia.

— O gerador levar energia provisória a todos os apartamentos?

— Não. Apenas nos sensores de segurança, como câmeras e alarmes.

Ao chegar ao elevador, ele precisou digitar uma senha para o acesso à cobertura e me deixou ir sozinho. Quando as portas se abriram, saí em um belo hall que já fazia parte da cobertura. E me espantei ao notar que era bem mais bonito do que o meu apartamento.

Bati na bela porta de madeira e quase fiquei sem fôlego ao me deparar com a mulher magnífica. Ela ficou lá me olhando com a mesma cara de atração espontânea que eu fiz. Passou os olhos pelo meu corpo e, após soltar o ar aos poucos, recobrou os sentidos e encostou a porta, dando a entender que não iria me deixar passar.

Nada de bate bocas — mentalizei e sorri amigavelmente.

— Bento Luxemburgo, vim avaliar o imóvel... — Ela olhou com descaso

para a minha mão estendida e empinou o nariz.

— Não está à venda.

O pior de tudo era que eu estava demorando tempo demais com os olhos grudados em seu corpo. A tal Margarida vestia um roupão e seus cabelos longos, do jeito como eu gostava, e loiros, de uma tonalidade mel, estavam húmidos. O cheiro gostoso de algum produto de banho me atingiu com força, tendo consequências imediatas no meu pau. Ele farejou mulher gostosa por perto e já estava aceso.

— Dona Margarida, o caso é o seguinte...

— Primeiramente não chegaremos a lugar nenhum com você me chamando de dona. E segundo que não acho que seja o momento dessa visita. Volte outra hora.

Ah, então estava lidando com uma encenqueira. Eu amava desafios. Coloquei o pé no vão da porta quando ela tentou fechar.

— Ou você gostaria que o seu ex-marido estipulasse o valor que ele quisesse? Meu trabalho é fixar um preço justo — pisquei para ela. Margarida me fitou por alguns segundos até tomar a decisão e abrir a porta. Se afastou para que eu passasse. Às vezes se aliar ao inimigo era melhor do que lutar.

Assobiei ao me deparar com uma luxuosa sala de estar e me perguntei por que eu não tinha uma cobertura dessa. Passei o dedo no sofá preto de couro e mirei os janelões que iam do chão ao teto. Me aproximei e deixei minha visão saciar com a maravilhosa vista da praia e da noite iluminada da cidade.

Eu era acostumado com luxo, lógico. Mas me impressionou que uma cobertura tão boa como aquela estivesse prestes a ser vendida. Teria briga entre compradores, incluindo eu.

— Mora aqui há quanto tempo?

— Um ano e meio.

— Como foi o processo de compra e por que quer se desfazer do imóvel, pode me contar?

Ela estendeu a mão elegantemente, apontando o sofá, me convidando a

sentar. Me sentei e Margarida se acomodou em minha frente, tentando parecer desinteressada, mas era nítida a sua atração. Minha presença mexia com ela. E a recíproca era verdadeira. Eu passei longos segundos encarando a curva dos seus seios despontando pelo roupão. Era linda e eu não teria problema em tirar a peça do corpo dela e lambar cada pedacinho.

— Eu sempre quis um lugar assim para morar. E quando vi no catálogo da construtora, me apaixonei. Comprei com ajuda do meu marido e agora que separamos ele quer a parte dele.

— E por que não compra a parte dele para manter o imóvel?

Ela gargalhou e recostou na poltrona.

— Você não está mesmo por dentro do mundo das celebridades, não é?

— Um assunto que não me interessa.

— Eu perdi tudo. Ele era algo como meu agente. Abriu as portas do mundo da moda para mim e as fechou quando pediu o divórcio — terminou expressando seu rancor e em uma voz mais baixa emendou: — Ele que venda essa merda, me dê minha parte e vou tentar fazer minha vida.

Fiquei tempo demais analisando a beleza da mulher à minha frente. Não era só gostosa, era refinada também e combinava perfeitamente com o mundo da moda.

— Bom... — olhei para o tablet em minhas mãos. — Pode me mostrar os cômodos? Achei isso bem legal — apontei para uma estátua do Freddy Mercury. Ela tinha mais ou menos um metro e meio de altura e apontava o microfone em riste, como o Freddy fazia apontando para a multidão.

— Só mais uma excentricidade do meu ex. Eu acho essa coisa horrível, mas custou uma fortuna. Venha, vamos começar pela cozinha.

MARGARIDA

Eu não estava acreditando naquela surpresa do destino. À minha frente estava um exemplar único de homem. Bento Luxemburgo. Eu não tinha ouvido falar, mas parecia um nome importante. Entretanto, estava apenas avaliando o imóvel às sete da noite, denunciando, assim, que era apenas um funcionário.

Em uma noite tão tediosa, e com a revolta gerada por Giovani, ter um homem como Bento olhando em volta da minha cozinha poderia ser entendido como um presente dos meus anjos da guarda. Homem nunca era a solução, mas poderia sempre ser o meio para chegar à ela. Bento poderia não ter um nome de peso, mas tinha um peso e tanto no corpo todo. Coxas tonificadas, bíceps musculosos, rosto másculo, com um belo queixo quadrado forrado por uma barba bem-feita.

O calor veio de imediato, cobrindo meu corpo, principalmente entre as pernas. Eu não tinha ficado com homem algum desde a separação e aquele era o primeiro que me atiçava de forma erótica, quase nunca experimentada.

Ele se virou e me flagrou com uma expressão estranha ao estudá-lo. Seu cenho franziu e eu sorri, sem graça, pronta para distraí-lo.

— A cozinha, como pode ver, é toda aparelhada. No projeto foi apresentado um modelo mais simples, entretanto, sentei com o design e redesenhamos — acariciei o armário. — Essa é minha cozinha, a que sempre sonhei. Escolhi cores, texturas, até o granito dessa bancada — demorei mais que o suficiente mirando o balcão e tive certeza de que meu olhar era triste. — Por isso exijo um preço maior do que a média do mercado.

— Não é assim que funciona, Margari...

— Apenas Marg, por favor — mordi o lábio e recobrei meu tom vaidoso.

— Marg, sua cozinha é deslumbrante e de bom gosto. Posso colocar isso nos altos do relatório, mas a casa em geral precisa estar à altura da cozinha. Por exemplo, alguma falha no banheiro pode perder os pontos extras que a cozinha conseguiu.

— Então seus chefes terão a melhor venda da vida deles, pois tudo está muito bem cuidado.

— Meus chefes? — com ar divertidamente surpreso, elevou as sobrancelhas.

— Sim. Pessoas a quem você responde.

Ele riu com um leve tom de escárnio, me olhando com incredulidade. Eu não sabia se tinha falado algo errado, mas ignorei. Era um homem muito gostoso, no apogeu da virilidade, o cheiro dele era divino e incitava sensualidade, mas eu esqueceria isso se soubesse que ele estaria zombando de mim.

— Essa porta dá passagem a uma área de serviço e uma varanda — esperei ele ir olhar e tirar fotos. Quando voltou, andei de volta para a sala.

— A sala de estar você já conhece e a sala de jantar é aqui — apontei para um ambiente separado por uma parede de vidro. Andamos até lá e eu abri as cortinas. — Aqui tem uma segunda varanda — não a abri, mas mostrei a gigantesca porta que a gente sempre abria durante as refeições, quando era época de calor.

— É um lugar muito arejado e agradável.

— Sim — de braços cruzados, observei-o ir até os grandes janelões e olhar a rua lá embaixo. Depois analisou as cortinas e os cordões folheados a ouro que serviam para amarrá-las quando estivessem abertas. E eu analisava suas costas largas, quadril forte e bunda avantajada.

— Vamos *pro* quarto?

— O... oi?

— Ver o resto da casa, falta o quarto.

— Ah! — soltei um sonoro som de alívio. Ou de frustração por não ter

sido um convite. — Sim, claro. Mas ainda tem o escritório aqui embaixo e um banheiro social — mostrei a ele esses ambientes e subimos as escadas, não deixando de fazer observações sobre como elas eram bem desenhadas e de material de primeira.

— Ora, ora — ele murmurou ao entrar no quarto principal, que dividi por quase dois anos com um desgraçado. Bento abriu as cortinas, uma vez que ultimamente eu estava sem um pinga de espírito de alegria para deixar o sol entrar. Conferiu a vista, o teto, o closet e, enfim, voltou e mirou a cama gigantesca que tinha se tornado solitária nos últimos dias.

— É gigantesco, muito maior que o meu.

— Na verdade deve ser maior que a sua casa inteira, meu querido. Essa cobertura não é para qualquer um — tentei não ser arrogante, entretanto, era inevitável. — Ali está o banheiro, pode ver. — Ele não foi. Estava me encarando de olhos semicerrados.

— Acha que eu sou um pobretão?

— Talvez não, mas também não é um magnata. Desculpe, sou sincera.

Ele virou as costas e eu achei que estava deixando a conversa de lado, mas resmungou:

— Às vezes as pessoas confundem má educação com sinceridade. É um belo quarto, vocês têm bom gosto — andou para o banheiro e ficou lá, tirando foto e digitando no tablet. Quando saiu parecia satisfeito.

Eu estava esperando sentada na cama.

— Terminamos? — indaguei.

— Sim. Parece que sim.

— Aceita beber algo? Tenho um vinho muito bom...

— Oh, claro. Muita generosidade sua com alguém que nunca deve ter tomado vinho caro.

— Desse, com certeza, nunca tomou. É mesmo muito caro. Venha — saí do quarto e ele me seguiu. Sentou-se no sofá enquanto fui buscar o vinho. Servi duas taças e peguei uma para entregá-lo, mas como minha mão tremia

inexplicavelmente, um acidente acabou acontecendo e o vinho espalhou-se pela camisa branca de Bento.

— Oh, meu Deus! Eu juro que não foi porque quis — e não tinha sido mesmo. Planejava construir um clima legal e acabei colocando tudo a perder. O desespero me tomou e eu tentava limpar a mancha na camisa dele.

— Marg, tudo bem — ele tentou me parar, mas continuei passando a mão em seu peito. — Margarida! Está tudo bem! — segurou meu pulso. E só então me dei conta de que estava com um joelho no sofá, completamente inclinada para cima de Bento.

Encarei seus lábios e engoli em seco. Eram bonitos e tão sexy que dava vontade de experimentá-los. Com certeza eram macios e quentes. Ele também me olhava compenetrado e eu quase cedi à tentação de beijá-lo. Na verdade estávamos bem próximos e eu até tinha fechado os olhos, só esperando o momento em que sua língua invadissem a minha boca, quando ele se sobressaltou. Abri os olhos e tudo estava escuro à nossa volta.

BENTO

— O que aconteceu? — perguntei e fiquei de pé, olhando em volta. Tudo estava escuro. O som de vários alarmes disparados ao mesmo tempo era muito incômodo. Até as vistas se acostumarem com a escuridão, não dava para ver nada, depois comecei a enxergar o contorno dos móveis.

Com a lanterna do meu celular, observei em volta. Margarida estava estática, começando a se apavorar.

— Calma, foi um apagão — caminhei até as suntuosas janelas e confirmei a minha teoria. As ruas também estavam escuras. — Deve ter sido algum curto-circuito. Vou descer e dar uma olhada, tentar descobrir o que houve. Prepare as velas — corri para a porta, mas estava trancada.

— Como abre a porta? — questionei.

— Apenas gire a maçaneta — ela falou e veio, tateando pelas paredes, até mim.

— Não está abrindo — girei várias vezes e nada. Eu não vi o rosto dela, mas tive certeza de que revirou os olhos sem paciência, achando que eu era incapaz de abrir uma porta. Ela passou na minha frente e foi tentar. Nada.

— Ué. Que estranho.

Eu tinha a solução. Ainda bem que eu estava ali e tinha comigo um guia completo dos apartamentos construídos pela Luxemburgo Arquitetura.

Voltei para o sofá, peguei o tablet e acessei a página do imóvel. Toquei na planta digital e arrastei o dedo pelo desenho da sala, depois toquei na porta. Uma caixa de texto informativa apareceu:

“Porta automática ligada ao sistema de segurança. Abre apenas por dentro e por fora abre com uma chave. Obs.: Se a força de energia for interrompida, o

sistema de segurança vai reiniciar e travar a porta. Será necessário digitar a senha para destravar as fechaduras de todo o imóvel.”

— Ah, ok. A porta travou por causa do apagão — iluminei o caminho e cheguei ao painel ao lado da porta. — O sistema de segurança está reiniciando e precisa da senha. — Olhei para Margarida e ela me deu uma expressão confusa.

— Senha?

— Sim. A senha que você usa para ativar o sistema de segurança quando vai dormir ou sai de casa.

— Eu nunca ativei.

— Como assim?

— Eu nunca ativei. O Giovani que fazia isso, depois que ele se mudou eu nunca mexi nessa coisa. Não sei qual é a senha.

— Meu pai amado — esfreguei a mão no rosto. — Mas que porra.

— Ei! Você não pode falar assim comigo.

— Posso, sim. Como você pode ser tão relapsa a ponto de não saber a senha de sua própria casa?

— Porque não estava nos meus planos ser trocada por uma vadia com metade da minha idade e não estava nos meus planos ter que abrir a minha casa para um estranho porque o meu marido queria me punir, tirando a única coisa boa que me restou. Eu não precisava guardar a merda da senha, porque achei que teria uma vida estável. — Ela não esperou para saber minha reação diante do surto. Caminhou de volta para o sofá e se sentou lá, com a cabeça baixa, as duas mãos no rosto.

Caralho!

Talvez eu tenha sido um pouco insensível.

Digitei um número no celular e esperei Leandro atender.

— Diga — atendeu secamente.

— Estou na cobertura. Houve um apagão aqui no quarteirão e as portas travaram.

— Normal. O sistema está reiniciando e daqui a pouco você...

— Eu sei, digitar a senha, mas a moradora não tem a senha. Como está o serviço de segurança do prédio? É terceirizado ou o nosso mesmo?

— Você é o dono da merda e não sabe? — ironizou.

— Não te liguei para ser criticado.

— É terceirizado. Uma empresa oferece todo o sistema de segurança. Deve ligar para eles — desligou antes que eu pudesse dizer qualquer coisa. Às vezes eu entendia Leandro, era dele o direito de tomar frente dos negócios da família. Ele seria o rosto à frente da Luxemburgo, mas não esperava que eu pudesse comprar a parte do meu pai, ficando então com a maioria das ações.

Eu não queria ter feito essa escolha e rachado a nossa relação, mas ou eu salvaria o meu pai da ruína ou deixaria ele e a empresa naufragarem. Procurei no tablet o número da agência de segurança, ignorando Margarida ainda na mesma posição no sofá.

Assim que falei com eles, tive a péssima notícia: apenas Giovani poderia ligar para que eles destravassem o sistema da cobertura. Tentei de tudo, inclusive dizer que eu era dono da Luxemburgo, mas foi inútil.

Respirei fundo e fiquei olhando a sala imersa em completa escuridão. Pelo que vi rapidamente no tablet, a coisa tinha sido séria: um acidente que ocasionou na queda de um poste e um curto-circuito na fiação de todo o quarteirão. Não havia ainda uma estimativa de tempo para consertarem o estrago e trazer a luz de volta.

Caminhei para o sofá e me sentei ao lado dela. Senti sua inquietação e, antes que tomasse qualquer atitude, falei:

— Estamos presos até a energia voltar ou você ligar para o seu ex-marido e ele falar com a empresa de segurança. — Ela não respondeu nada. Os cabelos loiros caíam ao lado do rosto, além disso, tinha a escuridão que me permitia ver apenas o contorno dela, nenhum tipo de expressão.

Ok. Eu era horrível com isso, mas tinha que ceder e pedir desculpas.

— Desculpa. Eu só estou apavorado com a situação.

— Tudo bem, não vou me estressar com um funcionário. — Escolhi não

contradizê-la. Acendi a lanterna do celular novamente e observei Margarida andar pela sala, mostrando que conhecia muito bem o ambiente, e pegar algo em um móvel de madeira. Ela fechou a gaveta e foi lá para a cozinha. Quando voltou, tinha uma vela enorme na mão, parecendo vela de sete dias. Colocou-a na mesinha e pegou o celular.

— Vai ligar para ele?

— Tanto faz falar com mais um babaca, já que eu estou do lado de outro — digitou o número e esperou. — Ele não vai me atender. Giovani nunca me atende. A gente se comunica através do advogado — e como foi dito, ele não atendeu.

— Tente no meu — estendi meu celular. — Para ele será um número desconhecido. — Ela recebeu o celular, digitou e esperou.

— Giovani, preciso da senha de segurança da porta — falou imediatamente sem se identificar, para que ele não desligasse. — Como assim, não sabe? O prédio todo está no escuro, a porta travada e preciso da senha para destravá-la. Pode me passar, por favor? — Chocada com algo que ele deve ter dito, ela me olhou. Estava puta de raiva. — Não, Giovani! Seu miserável! Eu não quero saber se está em uma reunião ou na puta que te pariu. Só me passa o caralho da senha! — sem que eu pudesse intervir, jogou longe meu celular e gritou, enfiando as mãos nos cabelos.

— Que loucura foi essa?

— Ele desligou — Margarida andou de um lado para outro na sala e eu fui procurar o celular no escuro. — Disse que não sabia a senha. Ele quer me ferrar de qualquer forma!

Encontrei meu celular, analisei e por sorte não quebrou a tela. De pé, observei Margarida. Era linda. Com suas longas pernas perfeitas e lisas, cintura fina e seios voluptuosos. Os cabelos eram, sem dúvida, um dos melhores que já vi. Longos e caindo em cascatas douradas pelas costas. Uma mulher que tinha o poder de fazer qualquer macho babar e eu não entendia por que o marido a desprezava.

Ela voltou a se sentar e eu me acomodei ao seu lado.

— Quando começou a dar errado? Só me conte se quiser.

— Eu não sei. Um dia estávamos bem, trocando juras de amor. No outro ele estava me traindo e fazendo de tudo para me ferrar.

— Ele não te traiu da noite para o dia. Sou homem e sei como funciona. Ele já tinha a amante e conseguia levar adiante as duas vidas. O que você fez para ele?

— Procure aí no Youtube “Margarida vs amante”.

Peguei meu celular e fiz isso. A internet dele não era tão boa, mas quebrava o galho. Esperei o vídeo carregar e suprimi uma risada ao ver a baixaria. Deixei o aparelho de lado, tirei a camisa molhada de vinho, depois peguei a garrafa sobre a mesinha. Servi as duas taças e entreguei uma a ela.

— Vamos esquecer esses problemas.

— Por que tirou a camisa?

— Porque está manchada.

— Merda — deu um golinho no vinho — tirou justo quando não temos luz?

— Gostaria de ver o tanquinho do funcionário?

— Não seria uma má ideia — virou a taça na boca.

— Você pode tocar e sentir. Eu deixo.

Margarida não respondeu. Tomou a taça da minha mão, colocou na mesinha junto com a dela e subiu sobre mim. Em fração de segundos, e sem me dar chance de pensar, atacou a minha boca, segurando meu pescoço e ombros. Eu sabia que ela estava apenas usando o estranho para esquecer seus problemas, entretanto, eu que não iria, naquele momento, discutir suas motivações.

Enchi minhas mãos com os cabelos dela, puxando-os forte, fazendo o rosto dela inclinar levemente. Eu vi seu rosto pela fraca luz da vela e soube que o tesão ardia igualmente em nós dois. Puxei-a para um beijo de língua novamente.

MARGARIDA

Eu não sabia o que estava fazendo. Mas pouco importava, muitas decisões na minha vida tinham sido impulsivas. Naquele momento eu queria apenas esquecer, me jogar sem medo em uma grande loucura, que no caso era transar no escuro com um completo estranho.

Mergulhei nos lábios de Bento, que eram tão gostosos como imaginei. Sua barba fazia uma carícia sedutora em meu rosto e suas mãos me seguravam de forma forte, um tipo possessivo. Apertei os olhos e soprei quando ele abandonou meus lábios e percorreu sua boca pelo meu pescoço. Eu estava nua por baixo do roupão e, com apenas um puxão, Bento tinha meus seios a sua inteira disposição. Como se fossem imãs, ele ofegou e abaixou a boca, completamente atraído.

Primeiro lambeu com suavidade, sem tocar nos mamilos, me deixando trêmula e esquentando mais a cada segundo. O contato com a pele quente dele e os músculos duros era um adicional perfeito para o meu corpo entrar em combustão. Quando a boca de Bento se fechou em volta dos mamilos, chupando com desejo, deixei o gemido escapar. Era gostoso gemer daquela forma, agarrada ao corpo dele, sentindo seu cheiro de perfume masculino com vinho. A combinação mais perfeita que poderia existir. Tive vontade de provar cada pedaço de seu corpo.

— Cacete — ele sussurrou. — Teu marido é um idiota. Você é muito gostosa.

— Esqueça ele e dê o seu melhor — arfei contra a sua boca e voltei para o beijo.

Bento tirou todo o meu roupão e eu desci as mãos pelo seu abdômen, chegando ao volume em sua calça. Massageei, sentindo o contorno do pênis. Ele

estava totalmente pronto e eu queria mais, queria sentir, tocar, pele com pele. Tentei desabotoar o seu jeans enquanto beijávamos, mas foi necessário que me ajudasse. Bento levantou um pouco o corpo e eu puxei a calça para baixo. Na minha crescente euforia, saí do colo dele e o ajudei, rindo ao tirar seus sapatos. Mas quando puxei as pernas da calça, ela bateu na vela da mesinha, que apagou.

— Ops — sussurrei.

— Dane-se, venha aqui — Bento me pegou e jogou no sofá.

Eu estava completamente nua e ele, de cueca. Foi a coisa mais erótica e gostosa que eu já tinha tido oportunidade de fazer. Sua língua era magnífica e a cada beijo e mordida que ele espalhava pelo meu corpo, o mundo ao meu redor se desfazia, deixando apenas nós dois como foco.

Ele desceu pelo meu ventre, beijou meu umbigo e abriu minhas pernas. Eu praguejei por estar escuro e não poder ver com clareza a perfeição que devia ser aquele homem enorme e viril descendo o rosto para o meio delas. Foi o paraíso. Fechei os dedos nas almofadas assim que senti o primeiro contato de sua boca com meus lábios íntimos. A boca abrindo e chupando devagar, degustando a cada dobra, indo até o meio onde eu latejava dolorosamente.

Bento exclamou algo desconexo e voltou a me chupar daquele jeito delicioso que toda mulher merecia experimentar um dia. Nem um terço do que tive com Giovani. Na verdade, nem poderia comparar. O homem com a boca na minha vagina sabia como dar prazer a uma mulher e, naquele instante, estava prestes a me fazer gritar pelo orgasmo.

Ele inseriu um dedo em mim, devagar, experimentando minha umidade. Seu dedo alcançou meu interior enquanto a língua saboreava meu clitóris. Levantei o quadril do sofá, tamanho prazer inquietante. Quando cheguei ao orgasmo, foi uma sensação que eu já sentia saudade, havia tempo que não a experimentava.

Bento se levantou depressa, pegou algo no bolso da calça e em questão de segundos já estava rasgando um preservativo. Ele acabou de vestir, sentou-se no sofá e me puxou para acomodar sobre ele.

— Venha aqui, gata. Sou todo seu essa noite.

Ainda com as pernas trêmulas, subi nele devagar e toquei o pau. Era grande e grosso. Iria me saciar, não havia nada mais que eu quisesse naquele minuto. Ter Bento dentro de mim, me recheando por completo, entrando e saindo vigorosamente.

Montei sobre ele e gememos juntos quando deslizei, sentando-me. Seu pau me abriu aos poucos, friccionando em meu interior de maneira quase torturante. Forcei até acomodá-lo por completo em mim e levantei novamente. Quando estava quase todo para fora, me sentei de novo. Aquele entra e sai que eu provocava foi responsável por encher a sala de gemidos altos, vindo de nós dois.

Ele beijou meus seios na medida em que eu embalava, aumentando as investidas. Mas Bento queria mais, ele queria rápido, queria sentir o quanto eu aguentaria. Queria poder empurrar o quadril várias vezes contra mim em um ataque devastador.

Me carregando, ele ficou de pé sem parar de mover sensualmente dentro de mim, nossas bocas travando uma luta voraz.

— Quero te comer no seu quarto, na cama que era do trouxa — murmurou.

— Vamos. — Era uma ótima ideia. Eu estava agarrada a ele, as pernas em volta do seu quadril e as bocas tão grudadas no beijo que era impossível afastar.

Foi naquele instante que aconteceu: ele tropeçou na calça jogada no chão.

— Eita, caralho — tentou se segurar. Eu agarrei mais ainda em seu corpo e gritei.

Sem nada para apoiar, ele começou a desequilibrar, dando passos para trás. Quando estava sucumbindo, a queda ocorreu no lugar menos propício. O estátua do Freddy Mercury. O microfone foi exatamente na bunda de Bento. Deve ter machucado, pois ele deu um grito e me jogou no chão. Bati o cotovelo com força e no escuro pude ver a silhueta dele rolando no chão, gemendo. A estátua ficou caída.

— Está tudo bem?

— Caralho! O microfone quase entrou no meu rabo.

— Não importa, venha cá. Vamos continuar.

— Margarida, porra, eu estou com o cu latejando. Temos que ver se saiu sangue.

Ele conseguiu sentar-se, passou a mão na bunda e olhou para tentar ver algum resquício de sangue.

Rastejei até ele, com as costelas doloridas pela queda, mas eu precisava continuar porque a sensação de tê-lo dentro de mim foi indescritível. Engatinhando no escuro, consegui alcançá-lo. Bento estava sentado no chão, recostado no sofá.

— Ssshiu — murmurei — Vamos devagar — voltei a montar nele. Foi o suficiente para o pau ficar duro novamente e deslizar para dentro de mim.

Beijei a sua boca, cavalgando sem freio, gemendo enquanto o pau entrava e saía em ritmo cada vez mais rápido. Mesmo com o corpo dolorido pela queda, nos entregamos ao momento e voltamos à embarcação do prazer.

Estava quase gozando quando ele teve a ideia de me colocar de quatro, com as mãos apoiadas na mesinha. Ele veio por trás, de joelhos, e começou as gostosas investidas, me fazendo ver estrelas. Naquela posição eu ficava mais exposta e ele conseguia um contato maior dentro de mim, além das socadas que definiam o tom.

Bento começou a acelerar mais forte, indo mais fundo. Eu estava prestes a chegar ao ápice quando, na loucura das socadas, o pau saiu e acertou em cheio meu ânus. O susto foi grande, por isso pulei para frente, a mesinha cedeu e minha boca foi de encontro com a madeira. Por sorte não era de vidro.

— O que houve? — ofegou atrás de mim.

— Merda! Minha boca. Acenda a lanterna do seu celular — eu tinha certeza de que havia cortado.

Ele se levantou rápido para procurar o celular, mas tropeçou novamente na calça, o pé enganchou na mesinha e ela afastou com brusquidão, levantando uma quina e acertando meu olho.

— Porra! Meu olho! — a dor era dilacerante. Tampei o olho machucado

com as duas mãos. Bento achou o celular e apontou a luz para mim.

— Putz — exclamou. — Danou-se.

BENTO

Havia sangue no rosto de Margarida. No supercílio e no lábio. Eu tinha que me manter estável e concentrado, já que ela estava aos berros.

— Ai, meu Deus! — gritou em desespero. — Meu rosto. Meu lindo rosto. O que aconteceu com meu rosto?

— Calma — tentei alcançá-la — não é tão grave. Vamos para o banheiro, temos que fazer um curativo — olhei para a mesinha virada no chão. Era de um material leve, por isso revirou quando eu tropecei nela.

Iluminando o caminho com o celular, guiei Margarida até o banheiro. Fiz com que se sentasse no vaso sanitário e peguei o kit de primeiros socorros que ela me mostrou onde ficava.

Com tremores na mão, mantive o celular apontado para o rosto enquanto eu limpava o sangue com uma gaze. Não era fundo, foi apenas um corte e ela tremia por causa do choque e não pela dor. Margarida gargalhou de repente e eu até achei que seria um pranto, mas era uma risada alta.

— Do que está rindo?

— Olha a que ponto chegamos! Você está com uma camisinha no pinto enquanto cuida de mim.

Olhei para baixo e só então percebi que ainda estava encapado. Gargalhei também e retirei a camisinha da rola, que já estava mole. Com o susto que passamos não tinha como ainda continuar excitado.

— Você ainda me deve uma gozada — falei. Cortei um pedaço de esparadrapo e coleí com cuidado no ferimento dela, junto com uma gaze nova.

— Vamos ter coragem de voltar a transar? Parece que o destino não quer que façamos isso.

— Só vamos com cuidado da próxima vez. O destino não decide quando e como irei foder — acabei o curativo e ela ficou em frente ao espelho, tentando ver a situação sob o feixe de luz da lanterna do celular.

— O que acha de bebermos mais um pouco? — virou-se para mim.

— Agora — saímos do banheiro, atravessamos a sala e paramos perto da estátua. A queda tinha sido forte, a cabeça do Freddy já era e o microfone só Deus sabia onde estava.

— Veja a situação da minha bunda — entreguei a Marg o celular e ela inspecionou.

— Apenas um arranhão — deu um tapinha a seguir. — Você tem uma bela bunda, senhor Bento.

— Obrigado — me sentei no sofá, ignorando a dor no traseiro. A porra do microfone pegou de jeito.

Margarida foi para a cozinha e voltou, andando bem devagar, trazendo outra garrafa de vinho.

— Tem bastante vinho por aqui — observei. — E dos caros.

— O erro do maldito foi ter ido embora sem levar nada — ela sentou-se ao meu lado e me passou a garrafa após beber um gole. — Sem taça mesmo, para evitar acidentes.

Ficamos por minutos calados, pelados e bebendo, revezando a garrafa, encarando a sala escura à nossa frente.

— Você o amava? — perguntei. Porque até aquele momento não conseguia compreender o relacionamento deles. Marg era uma mulher muito bela e gostosa, como eu pude experimentar. E tinha toda essa questão do imóvel comprado em conjunto.

— Eu o amei. Muita gente julgou interesse da minha parte. Gostar de um homem bonito e novo, como você, nunca levantaria questionamentos. Mas Giovanni já alcançou a meia idade e é podre de rico, além do nome de peso no meio da moda. Foi horrível enfrentar todas as acusações que fizeram contra mim, mas eu gostava dele de verdade. Era nova e ingênua, estava fascinada pela

experiência dele — ela olhou rápido para mim e soprou sofregamente. — E quando, enfim, superamos, ele destruiu tudo — puxou a garrafa da minha mão e virou na boca. — E você, gato? Qual é a sua história? É casado por acaso e está me colocando um rótulo de vadia destruidora de lares?

— Não. Não sou casado e nem tenho namorada.

— E faz o quê da vida, além de transar com toda estranha que encontra?

— Você não é só uma estranha aleatória.

— Aham. Vai começar a ser meloso?

— Ia dizer que você é a estranha do apagão. Nunca tive o prazer de comer uma mulher nessa situação.

— Besta — ela riu e bebeu mais um pouco. — Eu não sei o que faço da minha vida. Perdi três contratos só essa semana.

— Por causa dele?

— Sim. A vagabunda que o tomou de mim é modelo e está lá no topo.

— Ela não tomou nada de você. Esse velho desgraçado nunca foi seu. Nariz empinado e bola pra frente.

— É fácil falar...

— Nada é fácil, mas também não é impossível. Se joga no caminho desconhecido comigo — estendi a mão para ela, oferecendo um desafio. — Ei, eu gosto de garotas insanas e você é de longe a minha preferida. Vamos mandar o mundo se foder?

— Só em me propor isso você já ficou de pau duro. Meu deus, você é louco? — Mesmo criticando, ela segurou minha mão, aceitando a proposta — O que sugere?

— Suas janelas — aponte para as enormes janelas da sala. — Aquelas cortinas me deram ideias quando cheguei aqui. O que acha de transar ali, amarrada nos cordões de ouro?

— Oi?

— Ideias insanas. Vai ou não aceitar?

Ela ficou me encarando no escuro, com apenas a luz da lanterna do celular

iluminando nossas expressões. Margarida começou um sorriso e, de repente, tomou a garrafa da minha mão, bebeu um gole e falou:

— Você não vale nada — ficou de pé e eu a segui em direção à janela, após conseguir mais uma camisinha na minha carteira.

Eu a empurrei para o vidro e a beijei com a mesma ansiedade que sentíamos antes dos acidentes. O tesão em letargia ressurgia aos poucos, esquentando meu ventre, minhas coxas e atacando meu saco. Algumas partes do meu corpo ainda doíam por causa do nosso momento desastrado. Eu ainda não tinha gozado e meu corpo parecia um barril de pólvora com um pavio curto. Margarida demonstrava sentir a mesma poderosa sensação.

Virei Marg com a cara para o vidro, de frente para o escuro lá de fora, e deixei meu celular no chão, com a lanterna virada para cima.

— Fique assim — afastei os cabelos dela e mordi seu ombro. Marg gemeu sensualmente quando rolei minha língua pelo lóbulo de sua orelha.

— Ainda nem começamos. Vai ficar mais gostoso. — Em resposta inclinou o traseiro para trás, em busca de contato.

Busquei um dos cordões da cortina e amarrei um pulso dela. Bem devagar, ouvindo Margarida rir pela ideia absurda que estávamos colocando em prática. Pulso amarrado, peguei outro cordão da cortina e amarrei o outro. Ela terminou de braços abertos e de costas para mim.

— Queria que tivesse luz — beijei sua bunda — para eu ver seu corpo — subi meus beijos pelas costas — com mais clareza. — E quando cheguei à nuca, mordi de leve e ela ronronou como uma gata manhosa. Marga estava derretendo nos meus braços.

— Caramba! O que estamos esperando? — murmurou. Seu tom denunciava tesão incontrolável.

Nenhum de nós conseguiu disfarçar a profusão de emoções explodindo em nossos corpos. Abracei-a por trás, segurei seus seios e deixei meu pau duro como rocha, no meio de suas pernas. Margarida gemeu, me fazendo ouvir o som de um riso baixo, e jogou a cabeça para trás, recostando no meu ombro.

— Me amarrou para me torturar?

— Exatamente — pincei, com os dedos, os mamilos dela e meu pau latejou em contato com o seu sexo escaldante. Um simples movimento e eu estaria dentro, me afundando em sua maciez e me movendo freneticamente, nos levando à inquietação do prazer.

— Quer ele todinho aqui? — deslizei a mão para o meio das pernas dela e acariciei seu clitóris.

— Ahhh!

— Pronta para ficar com as pernas bambas?

— Merda! Sim, depressa.

Era o que eu queria ouvir. Abri o preservativo, desenrolei no pênis e me acomodei atrás dela, abraçando-a e beijando seu ombro enquanto forçava sua entrada. Gememos juntos no momento em que avancei pelo seu interior. E quando eu estava todo dentro, urrei de puro prazer, voraz, começando a bombar tão fundo e gostoso que minhas próprias pernas ficaram bambas.

Marg empurrou a bunda para trás e rebolou. Caramba! Quase tive um solavanco. Mexi devagar o quadril, afastei e arremeti forte.

— Aaahh — ela berrou e seus pulsos puxaram as cordas.

— Bom?

— De novo... Que delícia!

Fiz de novo e ela quase subiu pelo vidro. Segurei em sua cintura e comecei a comê-la forte e fundo, em um ritmo rápido. Margarida gritava, enlouquecida, tornando música para meus ouvidos escutá-la sucumbir ao prazer. Estava gostoso demais e eu poderia classificar tranquilamente como uma das minhas melhores fudas. Eu a abracei por trás e continuei empurrando, tirando forte e rápido. Estávamos quase alcançando a portinha do paraíso quando, inesperadamente, eu vi uma luz forte lá fora, no céu.

— Que merda... — e a luz se aproximava, aproximava...

Eu estava estático, sem saber o que fazer ou pensar. Margarida, no entanto, já havia decidido: estava aterrorizada pela luz alta que vinha em nosso encontro.

— Bento, me tire daqui! — gritou, sacudindo os pulsos ainda presos.

A luz no céu vinha exatamente em nossa direção, como se fôssemos hamsters em uma gaiola de vidro, sendo observados por cientistas. E mais uma vez não chegamos aos finalmente no sexo. Meu pau já estava amolecendo com a surpresa do momento. Tentava desamarrar Margarida e consegui tirar uma mão dela. A luz lá fora era parecida um farol e só então eu notei que, acompanhado da luz, existia um barulho desconfortável, como... hélices?

Margarida não esperou que eu desamarrasse a outra mão, puxou com força, se enroscou na cortina e o cordão acabou se soltando. Com as mãos entre as pernas, protegendo minha rola de possíveis perigos, corri para me esconder da luz, que com certeza era um helicóptero, mas eu não iria ficar na janela pelado, esperando uma resposta.

Margarida achou uma ótima ideia correr bem pertinho de mim e então parte do cordão que ainda estava no braço dela enroscou no meu pé. Caímos juntos pela sala, indo bater com força contra os móveis. Margarida foi em cheio contra uma mesinha e um abajur e eu bati feio contra uma luxuosa cristaleira. Mais que depressa, engatinhei, ainda com a mão entre as pernas.

Nós nos arrastamos para nos refugiar atrás do sofá a tempo de nos proteger de uma grande cristaleira que desabou quase sobre a gente. O barulho dos vidros e cristais chocando no chão foi ensurdecedor, enquanto nós dois nos encolhíamos atrás do sofá.

E só depois, quando tudo se acalmou, eu levantei o rosto e vi o helicóptero lá fora, se afastando.

MARGARIDA

— Caralho. Que merda foi essa? — observei a luz do helicóptero se afastar. — O que eles queriam?

— Não sei — Bento deu uma olhada nas pernas e no pinto. Em seguida, jogou a cabeça para trás, completamente cansado.

— Que merda. Mais um orgasmo interrompido. Estou com uma dor dilacerante nas bolas. Parece que não vamos chegar nunca aos finais.

— Ah, mas nós vamos, sim. Chega de conversa, para o quarto agora! — ordenei e fiquei de pé. Ele seguiu meu movimento e voltou para a janela. Pegou o celular e estendeu a mão para mim.

— Tem razão. Vamos — gargalhei, segurei na mão dele e corremos em direção à escada.

Só começamos a nos beijar quando já estávamos em cima da cama, como forma de se precaver. E daquela vez conseguimos ir até o final.

Ele estava em cima de mim, indo com toda a força, com todo delírio do gozo que tinha sido interrompido. Eu agarrei seu corpo quente e suado, beijando-o fervorosamente, querendo mais, querendo chegar mais fundo e mais forte. Antes do orgasmo ele me virou e eu cavaleguei sobre seu corpo musculoso e duro, triplicando o prazer delirante.

Foi de longe o meu melhor orgasmo e até acho que a culpa foi dos desastres, que ocasionou muito tesão reprimido e a tensão de escapar com vida. Gritei o mais alto que podia e ele urrou quando também chegou ao clímax.

Tomamos banho em água gelada, bem rapidinho, e nos enfiamos debaixo do cobertor. Mais uma vez, transamos abraçados, nos beijando como se fossemos um casal apegado que estava fazendo o último sexo de despedida. E

acabei dormindo com Bento. Simplesmente deixei o sono me pegar enquanto me abraçava por trás. Uma conchinha com ele era a melhor coisa que existia.



Acordei com alguém me chamando e sacudindo a minha perna. Quando abri os olhos, vi, para o meu horror, Giovani. E Bento ao meu lado, totalmente pelado.

— Gi... Giovani? — busquei o lençol para me cobrir. A claridade lá fora denunciava que o dia estava nascendo.

— Que pouca vergonha é essa aqui, sua vagabunda? — começou a berrar. — Na minha cama?

— Sua cama? Faça-me rir.

Bento acordou com os gritos e franziu os olhos, creio que tentando se acostumar com a claridade e relembrar onde estava. Abracei o lençol contra o corpo e saí da cama, ficando praticamente encolhida no canto.

— Como entrou aqui? — questionei Giovani.

— Como eu entrei? Essa casa é minha!

— Não é! — berrei imediatamente. — Deixou de ser seu lar no dia que decidiu transar com uma vadia. — Já era para ele estar explodindo de raiva por eu ter colocado a biscate no bolo, mas Giovani estava ocupado demais encarando Bento, que acabava de se levantar pelado, não dando a mínima para meu ex-marido. Adorei poder mostrar a ele que eu estava muito bem servida com um homem jovem e viril.

— Você vai me explicar essa merda toda. Por que trouxe esse cara para cá? Olha o que você está fazendo com nosso casamento!

— Nosso casamento? Aquele que você desfez e já está preparando o divórcio?

— Eu só queria um tempo e viria conversar com você, mas parece que

você não estava sofrendo nem um pinga sequer. — Era impossível tentar esconder a bruta perplexidade que me tomou. Eu o olhava, boquiaberta, diante de tamanha hipocrisia.

— Você deve ser louco. Depois de eu ter implorado, tentando falar contigo todos os dias, chorado sozinha aqui nessa cobertura... Você vem dizer que não sofreu? Enquanto pousava nas fotos com outra, levando para jantar, dormindo juntos e dando a ela toda posição que era minha?

— Eu estava confuso...

— Saia da cobertura, agora.

— Você não tem mesmo noção do papelão que fez essa noite, não é? — me olhou com asco e levou o mesmo ar de nojo para Bento.

Como nós dois ficamos calados sem entender, ele explicou:

— Apareceu na TV, ao vivo, pelada e transando. Você mesmo destruiu sua carreira, Margarida. Nenhum lugar da moda vai te levar a sério a partir dessa noite — deu uma risada irônica e falou com Bento: — Cuidado, rapaz. Essa ave de rapina só está procurando quem tem mais na carteira. Você, como herdeiro...

— Herdeiro não, meu senhor, sou dono. Eu mando e desmando por lá e tenho maturidade o suficiente para decidir por mim. Agora vaza, a moça já pediu e ela não vai falar outra vez.

Giovani ficou olhando para a cara de Bento e depois assentiu. Virou-se para mim e apontou um dedo:

— Não terminamos aqui — saiu do quarto com sua costumeira elegância enfadonha. Eu soltei o ar com alívio, mas me lembrei de algo e preendi a respiração.

— O que você quis dizer com dono?

Bento soprou e, só de cueca, sentou-se na cama.

— Eu não sou funcionário, como você achou, Marg. Eu sou o dono da empresa que construiu esse prédio.

— Como assim...? Você vai comprar a minha cobertura?

— Sim, eu iria. Mas a partir de agora, duvido que Giovani vá querer

vender para a minha empresa.

— Por que não me falou? Não me desmentiu?

— Porque eu vi que era genuíno de sua parte o fato de não me conhecer. E eu gostei disso, ser um Zé ninguém por uma noite. Você não queria foder comigo por causa do meu dinheiro e da minha posição, mas sim porque gostou de mim.

Assenti, ajeitei os cabelos e me sentei ao lado dele na cama.

— Eu não sou mesmo uma interesseira...

— Isso não é verdade. Você tem muito interesse em homem gostoso, como eu — flexionou os braços, se exibindo e me fazendo rir.

— Ridículo.

— Agora vamos ver os estragos de ontem — ele virou as costas, alcançou o celular e eu curvei para olhar também.

— Puta merda, somos o assunto mais comentado no Twitter.

— Como é? Por quê? O que houve?

— O helicóptero era de uma emissora e fomos filmados — Bento tocou no vídeo. O apresentador começou falando que tinha imagens ao vivo do apagão que ocorreu na zona sul da cidade e o helicóptero sobrevoava o local.

“Durval, estamos sobrevoando a área”, alguém falava dentro do helicóptero. “Como pode ver, tudo está apagado. Os prédios até parecem desertos, sem ninguém... Ei, o que é aquilo naquele prédio?”

“Aproxime-se”, outra voz recomendou.

“Parece que estão pedindo socorro”, alguém falou no helicóptero. E então naquele momento foi ficando cada vez mais nítido. Ao passo que se aproximava e a câmera dava zoom, era impossível não reconhecer meu rosto e o de Bento.

“Eles estão pelados.”

“A garota está amarrada.”

“Aproxime-se mais, vamos averiguar.”

“Cara, está ao vivo e eles estão pelados.”

“Olha lá, os dois correndo.”

Imediatamente a imagem corta e volta para o apresentador, que está com uma cara de choque.

Bento ficou paralisado com o celular na mão. Alguns segundos depois, nós dois gargalhamos. A cena inusitada era cômica se não fosse trágica. Nossa noite tinha sido um horror, mas era memorável.

BENTO

Saí da casa de Margarida e fui direto para meu apartamento a fim de tomar um banho e trocar a roupa. Ainda tentava assimilar tudo que acabara de acontecer, principalmente o fato de ter gostado muito dela. Geralmente eu nem me lembrava das mulheres que transava, mas Marg era diferente. Tinha uma personalidade forte e não tinha medo de viver, assim como eu.

Leandro já me ligava incansavelmente, mas só o atendi quando cheguei a minha casa.

— Diga.

— O que você está pensando, Bento? O que aprontou essa noite? O povo tudo comentando...

— O povo devia cuidar da própria vida. Ninguém transa nessa porra?

— Não vê o quando isso é ruim? É o nosso nome passando pelo ridículo...

— Sabe o que eu acho ridículo, mano? Você dar ouvidos a burburinhos maldosos. Fica calmo, a empresa não vai explodir só porque me flagraram transando. Onde está o cara de bem com a vida que eu conheci? Não deixa que a formalidade te engula.

Mais calmo, ele falou:

— Giovani acaba de retirar o contrato de exclusividade. Ele não quer mais que a Luxemburgo adquira a cobertura.

— Eu já esperava por isso. Também não quero que a Luxemburgo adquira.

— Como é?

— Isso mesmo. Aquele imóvel será meu. Nos falamos depois, até mais — desliguei e fui direto para o banheiro. Depois do banho demorado e de ter me certificado de que minha bunda saíra ilesa da noite desastrosa, liguei para um

dos meus advogados de confiança.

— Geraldo, preciso que faça uma coisa para mim.

— Diga, Bento.

— Quero comprar um apartamento e preciso de um laranja.

— Me conte essa história direito.

Contei a ele tudo que tinha acontecido, incluindo minha noite louca. Não sabia ainda o que eu faria com aquele imóvel, mas eu o queria independente de qualquer coisa.

Enquanto decidíamos tudo, fiquei sorrindo feito bobo, lembrando-me da bela mulher desastrada que conseguiu me fascinar no escuro. Ela não precisou de roupas caras, maquiagem perfeita ou qualquer artifício. Marg abalou mais meu coração do que o microfone do Freddy em minha bunda.

MARGARIDA

Eu não estava acreditando. Em dois dias Giovani conseguiu vender a cobertura e chegou à minha porta com um sorriso de vitória na cara. Me entregou uma cópia do pré-contrato e saboreou ao dizer:

— Você precisa sair em 24 horas. Amanhã iremos assinar os papéis finais.

Tremendo, olhei por alto o papel e ele entrou, olhando tudo em volta.

— Decidi vender com os móveis.

— Como é que é?

— Isso aí. Você só vai tirar daqui as suas coisas. Não pode levar uma almofada sequer. O comprador exigiu assim — com as mãos nos bolsos, observou por segundos a janela onde eu fui flagrada transando com Bento. Depois virou-se para mim. — Dois dias se passaram, seu nome está mais sujo que pau de galinheiro e sozinha, na sarjeta. Ele ao menos teve a decência de te ligar?

Não. Bento não mandou nem uma mensagem sequer. Eu tentava me convencer que o motivo seria não ter meu número, mas isso ele poderia conseguir fácil ou vir até aqui me visitar. Eu o esperei, queria conversar com ele no claro, ver seu rosto e talvez repetir a dose do sexo. Mas Giovani não precisava saber disso. Sustentei o olhar dele, esboçando uma expressão de arrogância.

— Na verdade, sim. Ele me ligou duas vezes. Vamos sair...

— Você é uma grande mentirosa. Pesquisei sobre aquele cara. Trinta e cinco anos, comprou a empresa de construção do pai e hoje é um dos homens mais bem-sucedidos do estado. Ele não quer nada com você além de sexo, que convenhamos, parece que é a única coisa que você pode oferecer no momento.

Tentei acertar um tapa na cara dele, mas Giovani desviou e me empurrou com força no sofá. Eu caí com os olhos saltados, achando que ele poderia vir para cima de mim. Mas não aconteceu. Giovani me olhou com desprezo, foi até a porta e chamou:

— Pessoal, pode entrar.

E eu fiquei lá no sofá, olhando vários homens de uniformes entrar e começar a recolher as coisas, como os vinhos caros dele, o maldito quadro, a estátua quebrada do Freddy.

Não movi uma perna, fiquei apenas assistindo. Quando Giovani saiu eu desabei, cansada demais para recomeçar do zero.



Passei minha vida preocupada demais em apenas subir, ser alguém, ganhar meu próprio dinheiro e dar uma vida melhor para a minha família. Atualmente, meus pais estavam bem acomodados, morando no interior. E eu sentia vontade de chorar só em pensar em voltar para lá. Com minha parte na venda do imóvel eu poderia comprar algo mais barato e viver do resto. E era o que eu tinha que fazer.

Não queria prolongar mais tudo isso e ficar remoendo a dor. Era hora de dar adeus à minha vida boa. Arrumei minhas coisas e no fim do dia um carro do Uber me deixou na porta de um hotel mais em conta. Nada de gastar o que eu ainda nem tinha ganhado.

Suspirei, com minha gigantesca bagagem me rodeando em frente ao hotel. Quando eu o escolhi na internet não achava que era tão horrível. Deixei tudo na calçada e fui até o balcão onde tinha uma mulher lixando as unhas.

— Oi, boa noite. Preciso de um carregador para me ajudar com as malas.

— Aqui não tem isso não, querida.

— Como assim...

— Não tem, ué — ela deu de ombros com ar de descaso. — E para hospedar precisa dar um sinal de metade do valor.

— Eu vi no site que o hotel era de quatro estrelas...

— Não é mais, culpa da crise. O elevador está com defeito, tem que subir as escadas.

— Mas estou com uma mudança.

Ela deu de ombros novamente. Eu estava prestes a surtar, gritando e chorando, mas peguei o celular e escolhi outro Uber. A primeira noite eu passaria em um bom hotel. Ainda tinha um pouco de dinheiro e possivelmente conseguiria pagar um pernoite.

Quando enfim me deitei na cama fofa e fechei os olhos, o peso dos problemas caíram sobre mim, sufocando-me. O que eu faria da minha vida? Não estudei, não sabia fazer outra coisa além de posar para fotos e desfilar. No contrato que Giovani me mostrou, dizia que eu ganharia um milhão e quinhentos, que era minha parte na venda do imóvel. Era dinheiro o suficiente para eu viver tranquila. Abrir uma lanchonete, talvez, viver de qualquer coisa, menos seguindo meu sonho no mundo da moda.

Apesar dos pensamentos torturantes, tive uma noite relativamente boa. Acordei com um e-mail de Giovani dizendo que o contrato seria assinado às três da tarde, no escritório dele.

Passei a manhã batendo em várias portas. Liguei para marcas que me patrocinaram, para antigos agentes, para estúdios, ninguém tinha nada para mim, por mais baixo que fosse o serviço. E isso era claramente uma perseguição, já que eu havia estampado capas famosas como a Vogue. Estive em dois desfiles da Victoria's Secrets e era figura carimbada no Fashion Week.

Era cansativo implorar e mais cansativo ainda lutar contra a influência de Giovani.

Logo depois do almoço, escolhi uma saia e terninho pretos, preendi os cabelos em um coque e passei um batom vermelho-sangue. Era hora de aparecer poderosa na assinatura do contrato.

Quando desci do carro em frente ao escritório do ateliê de Giovani, um segurança veio rápido me receber e me guiou até onde eles estavam. Ele abriu a porta de uma sala, anunciou minha chegada e eu entrei. Lá estava um homem que eu não conhecia — e que devia ser o comprador —, Giovani, o advogado dele e, claro, Luciane, a vaca que destruiu meu casamento e estava no auge no mundo da moda. Era mesmo bonita. Bem alta, magra e com cabelos pretíssimos. Tinha aparência de muito nova e fontes diziam que ela tinha acabado de completar vinte anos.

Não cumprimentei ninguém. Escolhi uma poltrona para sentar e mantive meu olhar duro para o nada.

— Leu o pré-contrato? — Giovani perguntou.

— Sim. Onde eu assino?

— Nem vai contestar? — ele riu. — Você passou parte de sua vida contestando tudo.

— Meu querido, você não terá nem mesmo minha contestação. Vamos logo com isso.

Fiquei os observando dar início aos procedimentos. Primeiro o advogado de Giovani deu uma última olhada no documento, depois passou para seu cliente que, estupidamente, ofereceu a caneta para Luciane beijar, como aqueles caras dos cassinos fazem as mulheres beijarem os dados antes de uma jogada. Revirei os olhos e esperei.

Quando o papel passou para mim, olhei para cada rosto ali. Tinha chegado a hora. Fechei os olhos, contei até cinco e assinei. Adeus cobertura, que eu passei anos desejando. Devolvi o documento para o comprador que mexia no celular, provavelmente mandando mensagem. Era um senhor de mais ou menos cinquenta anos e eu já tinha raiva dele.

— Só vamos aguardar o meu cliente, para ele decidir se está tudo certo.

— O que? — Giovani questionou, confuso. — Você não é o comprador?

— Estou comprando com uma procuração. Mas o verdadeiro dono é outra pessoa — ele nem precisou terminar de explicar. Ouvimos batidas na porta e

olhamos todos ao mesmo tempo. O segurança apareceu.

— Tem um cara aqui dizendo que...

— Manda-o entrar — Giovani ordenou. Quando Bento entrou Giovani e eu ficamos de pé no mesmo instante.

— O que está fazendo aqui? — meu ex-marido gritou.

Bento sorriu cinicamente e piscou para mim, fazendo meu coração saltar de uma forma quase arrebatadora. Ele estava um gato de morrer, vestindo calça e camisa pretas, além de sapatos lustrosos. Não parecia o cara que apareceu na minha porta dias atrás.

— Tudo certo? — perguntou ao homem que achávamos que era o comprador.

— Parece tudo bem, senhor Luxemburgo. Pode assinar.

— Ei, ei! — Giovani berrou. — Não vai assinar porcaria nenhuma. Eu disse que não ia vender para a Luxemburgo...

— E quem disse que o senhor está vendendo para a minha empresa? Estou aqui como comprador físico e não jurídico. A cobertura é ótima, vale o dinheiro bem abaixo do valor de mercado que o senhor aceitou — ele se virou para mim. — Oi, Marg, há quanto tempo, hein? O que acha de jantar comigo hoje na minha nova cobertura?

— Ah, caralho! Você é um puto poderoso — gargalhei.

— Mais do que esse povinho dessa sala te garanto que sou.

Fiquei toda eufórica, rindo da cara de bode velho de Giovani. Bento assinou a papelada, entregou para seu advogado e estendeu a mão para mim.

— Quer uma carona no meu conversível?

— Já que você insiste — falei, segurei a mão dele e acenei para Giovani. — Prepare logo os papéis do divórcio, não vejo a hora de ficar livre.

Bento me levou para o hotel onde estavam minhas coisas e já entramos no quarto nos despindo enlouquecidos, beijando ao mesmo tempo.

— Espera — falei. — Vamos com calma. Nós temos propensão em causar desastres.

— Verdade — ofegou. — Vamos com calma — começou a desabotoar a camisa e eu acompanhei com os olhos.

— Está com os olhos grandes para cima de mim?

— Demais. Tira logo! — avancei sobre ele, puxei a camisa e quando o peito musculoso apareceu, lambi. Subi para morder o seu ombro e quando cheguei aos lábios, Bento sorriu de modo libertino. Suas mãos enroscaram nos meus cabelos e sua língua possuiu minha boca com luxúria. O beijo dele era, sem dúvida, o mais delicioso que já havia provado. Bento era uma força da natureza.

Eu também me despi com urgência e pulamos na cama pelados, agarrados, nos devorando com as bocas grudadas, sugando o prazer que o outro oferecia. Ele me atacou libidinosamente, adorando meu corpo com beijos. Quando abriu as minhas pernas, o mundo se perdeu à minha volta.

— Eu estava desesperado de saudades — sussurrou e afogou-se com voracidade no meu sexo. Ele me deu um orgasmo enlouquecedor.

E no momento em que eu estava me debatendo feito doida com o vulcão de prazer dentro de mim, acertei um chute em seu nariz.

— Eita, caralho! — ele se ajoelhou com as mãos no rosto.

— Ai meu... meu... Deus... — ainda estava tremendo pelo orgasmo e mal conseguia falar. — Você se... se... machucou?

— Que coice, hein, gata? Puta merda! — ele riu e por sorte seu nariz estava inteiro. — A gente vai continuar se machucando enquanto transa?

— Acho que esse é o propósito.

Bento riu, pegou uma camisinha na carteira e eu pude me esbaldar com a visão dele pelado. Ah! Obrigada, Giovani, por ter colocado esse deus grego na minha vida.

Juro que sorri, entregue à felicidade que o prazer gerou, ao senti-lo se aprofundar em mim. Minhas pernas enrolaram em seu quadril e eu agarrei aquele corpo grande e cheiroso, incentivando-o a se mover cada vez mais rápido em uma dança sensual de quadril.

Ele arremetia com força, ao mesmo tempo em que mantinha sua boca na minha com o beijo de língua quente que tinha virado sua marca registrada. Nunca mais iria criticar um papai e mamãe. Naquele momento, com o peso do homem em cima de mim, era a posição mais deliciosa que eu poderia experimentar.

Depois que eu consegui gozar assim, ele sentou-se na cama e me acomodei em seu colo, me movendo devagar, abraçando-o e olhando seus olhos, vendo a satisfação que eu lhe dava. E daquela vez eu o fiz gozar, entregando-me de corpo e alma para ele.



Passamos a nos ver com frequência. Ele me contou sobre sua vida e como tinha prosperado tão novo. Passamos a ter uma rotina de sexo e conversas, banho e mais sexo. Era sempre assim, muito gostoso beber com ele, pelados e conversando. Bento me entendia e eu entendia perfeitamente as paranoias dele. Inclusive o incentivei a entender o irmão mais velho, que ainda não aceitava ser o segundo acionista da empresa. Para Leandro, aquilo deveria ser dele e Bento ainda era o menino imaturo. Marcamos um jantar para Leandro e eu nos conhecermos.

Bento me ajudou a escolher um novo lar, aquele era o trabalho dele, e disponibilizou um apartamento para eu alugar bem próximo ao seu. Claro que ele me levou ao seu apartamento também, que era tão luxuoso quanto minha antiga cobertura, só era um pouco menor.

— Você tem bom gosto — falei ao terminar de analisar tudo.

— Sim, eu tenho. Prova disso é a mulher que eu estou pegando esses dias.

— É? — enlacei os braços ao redor do seu pescoço. — Então você é bem sortudo, porque essa tal mulher é muito boa.

Rimos, nos beijando. Ele pediu o jantar em um restaurante porque

queríamos tudo perfeito para o irmão mais velho dele, que era muito discreto. Fizemos parecer que não compramos no restaurante. Ajudei-o a colocar nas vasilhas e as deixamos no forno enquanto fui me arrumar.

Leandro era um homem de quase cinquenta anos e já casado. Ele chegou com a esposa e se espantou com minha presença. E eu não sabia se ele se espantou por seu irmão estar com a garota do vídeo polêmico ou se por que ele estava apresentando uma mulher para a família.

Bento e eu éramos imbatíveis e conseguimos a façanha de fazer o irmão dar risadas durante o jantar. Sim, contamos sobre as desventuras de nossa primeira noite.

E no fim, éramos grandes amigos. A mulher de Leandro gargalhava, banhando os olhos de lágrimas, e eu tive que levá-la depois ao banheiro para retocar a maquiagem. Eu vi os irmãos conversando sem a costumeira tensão que Bento havia relatado. E quando foram embora, ele abriu os braços para mim, convidando-me a aninhar em seu corpo como uma forma de agradecimento.

— Obrigado — sussurrou. — Eu acho que Leandro e eu estamos em um caminho certo dessa vez e você me ajudou.

— Você está feliz, é o que importa.

— Eu também quero te ver feliz, por isso tenho dois presentes para você — me espantei e afastei do abraço dele.

— Dois presentes? O que é?

Ele foi até a sala de jantar e pegou dois envelopes no aparador. Me entregou um.

— Eu quero vender a cobertura para você — abri rápido o envelope e vi lá dentro uma proposta de venda.

— Como assim? Eu... não tenho dinheiro. Só tenho a metade que ganhei na venda.

— É o que diz aí — ele sorriu de um modo reconfortante. — Você me dá a entrada e pagará o resto em suaves prestações, que eu terei o prazer de cobrar todos os meses... na cama.

Dei uma risada fraca e li novamente, mas a tristeza me tomou. Eu não tinha nada no momento, não tinha nem uma opção de emprego.

— E antes que diga que não tem emprego — ele pareceu ler meus pensamentos e me estendeu o outro envelope. Enquanto eu abria, com dedos trêmulos, Bento falou:

— Eu não sou só uma máquina de foder e malhar. Tenho contatos. Esse é um contrato de uma agência para você. E sua presença já está confirmada para o São Paulo Fashion Week... e... abrirá o desfile.

Com as mãos no rosto e os envelopes no chão, deixei uma lágrima rolar na minha face. Não estava acreditando. Era demais para assimilar.

— Não quero que chore — ele riu, limpando minhas lágrimas. Eu fiquei no mesmo lugar, em choque completo, paralisada.

— Mas, tem uma condição — falou.

— Que condição? — soprei, pensando no que ele pediria em troca.

— Você vai aceitar ser minha namorada.

— Oi? — Agora sim tinha sido um soco no estômago. Nem ousei dar um passo para o lado, talvez fosse um sonho e eu iria acordar com Giovani roncando do meu lado.

— Estou brincando, não é uma condição, mas vou adorar se aceitar ser a minha namorada! — reforçou o pedido.

— Por quê?

— Porque se for para fazer loucuras sozinho, prefiro acompanhado de uma pessoa que me entende e que não veio até mim por causa do meu dinheiro. Você está comigo porque gosta de estar ao meu lado.

— Ah, e como eu gosto. Não só do seu lado como embaixo e em cima de você.

Ele gargalhou e esperou a minha resposta.

— E então?

— Ah, cacete! Você só pode estar zoando com minha cara. Aaaahh! — gritei bem alto e pulei nos braços dele. — Você fode com a minha alma, seu

gostoso!

Bento gargalhou e acabou caindo comigo no chão da sala. Rimos mais ainda. Agarrados, beijando e eu ainda berrando de felicidade.



O dia do desfile tinha chegado. Fazia três meses que Margarida e eu estávamos juntos. Brigas? Pequenas discursões que sempre acabavam com um dos dois lutando para não rir em meio à raiva do momento. Tínhamos algo forte em comum, uma ligação impossível de explicar. Ela era igual a mim e juntos queríamos experimentar cada pedacinho do mundo.

A opinião pública apoiou nosso namoro e juntos conseguimos reerguer a imagem dela, que tinha sido danificada por Giovani. O povo na internet adorava a gente, principalmente nossos vídeos caseiros. Não de sexo, mas de momentos corriqueiros como ela tentando cozinhar ou eu passando na sala de cueca, coçando a bunda.

Mas se quisesse ver o vídeo da trepada na janela, era só ir no Youtube e ainda estava lá, com mais de oitocentas mil visualizações.

Me sentei na primeira fileira da plateia. À minha frente, do outro lado da passarela, estava Giovani e ele semicerrou os olhos para mim. Ninguém sabia que Marg iria desfilar, muito menos que ela era a modelo que abriria o desfile. Ele achou suspeito eu estar na plateia e tentou se levantar rápido para conferir se suas suposições estavam certas, se sua ex-esposa estaria desfilando. Mas não deu tempo. A música começou e uma voz avisou que o desfile estava começando.

Tudo ficou escuro e apenas um feixe de luz apontou para o meio da passarela. Todo mundo esperava que as modelos surgissem da porta, mas então uma parte no centro, abriu, como um alçapão, bem sobre o feixe de luz. E uma mulher começou a ser elevada de dentro da passarela. Sussurros de surpresa tomaram a plateia e, quando Marg estava fora completamente, foi perplexidade geral. Ela saiu desfilando com um vestido longo e leve da cor da noite, repleto

de brilho. Tudo ainda estava escuro e apenas o holofote a acompanhava.

Bela, magnífica, brilhando no meio da escuridão. Como eu a conheci, da mesma forma de quando me apaixonei por ela. Tão intensa e amando a vida com voracidade, me contagiando também.

Eu tive o prazer de aplaudi-la, junto com os outros, e queria poder ver a cara enfurecida de Giovani.

Marg parou bem na minha frente e com as mãos fez um coração sobre seu ventre. Por um instante eu falhei em perceber, mas aos poucos tudo começou a fazer sentido. E eu acabei me sentando com o choque.

“Verdade?” — sussurrei.

Ela fez que sim, jogou um beijo para mim e voltou a desfilar.

E eu ia ser pai. Caramba! Um bebê a caminho com a promessa de minha nova família, nova vida. Nem vi o momento em que gritei:

— Eu te amo, Margarida!

Era o meu ápice de felicidade.



 DIVINA TRINDADE

Nana Simons

Divina Trindade – Nana Simons

QUANDO O UM ACONTECE

Eu corria sem direção pela floresta, ciente de que, se parasse, eles poderiam me alcançar, eles *iam* me alcançar. Soltei um gemido de dor, ofegante, sentindo cada canto do meu corpo estremecer, exigindo que eu parasse, mas era impossível. A água tinha acabado há algumas horas e o pouco de comida que consegui enfiar no saco estava acabando rapidamente também.

Sozinha.

Correndo por três dias.

Dormindo não mais do que o necessário para não desmaiar nos lugares errados.

Eu só precisava cruzar a baía da fronteira do reino de Kaubla com o reino de Devux e estaria a salvo. Era o único reino que não mantinha alianças com meu pai, e estaria segura contanto que eu entrasse escondida e não me revelasse a ninguém, pelo menos por um tempo.

Meu vestido agora cortado um pouco acima da canela, para facilitar a corrida, estava sujo e começava a rasgar, o tecido não aguentaria por muito mais tempo. Eu chegaria a Devux como uma mendiga e teria sorte se pudesse passar pelos portões.

Pelos meus cálculos faltavam quatro dias. Enquanto estivesse dentro de Kaubla não podia correr o risco de pedir carona a alguém, todos ali podiam me ver como uma oportunidade de arrancar algumas moedas de ouro do meu pai, e o conhecendo, eu sabia que ele pagaria feliz se pudesse colocar as mãos em mim

novamente e me castigar. Mostrar o que acontecia quando sua autoridade era violada e desrespeitada.

Parei por apenas um minuto, respirando profundamente. Minha garganta queimava, o suor pingava pelo meu rosto e escorria entre meus seios e costas. A cabeça começava a latejar, mas não podia parar, tinha um longo caminho a percorrer.

Pus força nas pernas, primeiro caminhando e depois indo mais rápido. Sabia que não deveria correr tanto, já que nunca tinha feito tantos exercícios e aquilo poderia ser um problema, mas eu não me importava.

Por um momento minha visão ficou escura, então, quando pensei que ia cair, bati diretamente contra algo duro. O impacto tão forte me fez ficar tonta e vacilei para trás. Ainda atordoada, pensei ser uma árvore, mas quando ergui meus olhos e vi um corpo grande, largo e alto, que se impunha de pé diante de mim, soltei um grito que podia doer nos ouvidos de um surdo e ele deve ter sentido também.

O grande homem grunhiu, o peito inflou e comecei a rezar para todos os deuses em pensamento. O desespero de fugir se transformou em medo e lamentei por não ter conseguido encontrar nenhuma única espada antes de sair do castelo. Não pensei que haveria atrito na floresta, nem que fosse preciso me defender com uma luta. Ainda assim, em que realidade eu poderia vencer aquele homem?

Ele era feito de músculos e possuía uma raiva mal contida em sua expressão. Encarava-me com os lábios abertos para me mostrar dentes cerrados. Parecia um cão quando estava prestes a atacar sua presa e ficava rosnando em ameaça.

Eu encarei o enorme homem à minha frente, muito dividida entre correr e gritar ou pedir para ter misericórdia e para que me deixasse ir sem me devorar. Sim, porque era a única coisa que podia pensar que ele faria. Que me devoraria como um selvagem. Ele rosnou mais uma vez e eu dei um passo para trás, sentindo meus olhos arregalados e o coração batendo rápido como nunca fez,

nem quando estava em cima do meu cavalo por horas e voltava para o castelo cheia de adrenalina.

Podia ver que não era um homem qualquer também. Seu cabelo era longo, um pouco abaixo dos ombros largos e fortes, e muito escuro, tão preto como a noite. Sem qualquer pano o cobrindo na parte de cima, pude ver cada centímetro de seu peito grande. Ele irradiava poder, fluía dele ondas de imponência e eu sabia que se ele não me deixasse partir, jamais poderia escapar com vida.

Percebi que se me apertasse com um pouco de força, me quebraria. Balançando a cabeça, espantei os pensamentos que envolviam aquele grande — muito grande — homem me apertando ou sequer chegando perto.

Olhei ao redor, engolindo em seco enquanto tentava disfarçar que procurava uma rota de fuga, um caminho seguro para tentar ficar longe. Talvez, afinal, ele estivesse tão ansioso para ficar longe de mim quando eu estava dele. Eu podia pedir “por favor” e dizer “obrigada”. “Com licença” e “foi um prazer”, mas não achava que ele entenderia qualquer uma dessas palavras mágicas.

O homem estava rosnando para mim. Rosnando!

Eu já tinha ouvido falar deles. Os selvagens que ficavam escondidos naquela floresta não explorada, tanto que ninguém se atrevia a chegar perto para descobrir se era apenas uma lenda ou de fato real.

Mas nunca tinha visto um deles. Apostava que era um mercenário, que lutava batalhas pelo maior peso em ouro. Eu nunca lhe diria isso, afinal, ofender a honra de um guerreiro selvagem era pedir para parar de respirar e eu duvidava que mesmo se soubesse quem eu era ele deixaria meus insultos passar. Talvez até fizesse pior por simples prazer em desrespeitar a majestade.

— Você está nas minhas terras! — disse, por fim, a voz grossa e imponente vibrando através de mim. Estávamos tão próximos que sua respiração batia no meu rosto.

— E-eu não tive a intenção. Na verdade, já estou indo — fiz menção de dar um passo, mas ele grunhiu mais alto.

— Já invadiu!

— Estou atravessando a floresta para chegar ao reino de Devux.

— Isso não pode ser verdade.

— E por que não?

— Você precisa atravessar o mar para chegar a Devux. Eu não vejo como uma garota com um saco e quase desmaiando chegará lá.

— Eu tenho planos — menti, de repente preocupada com a informação de que havia um mar para atravessar. Eu não sabia daquilo e minha cabeça latejou ao perceber que tipo de problema poderia ter.

Ele franziu o cenho, inclinando a cabeça para mais perto de mim.

— Você mente.

— Você não sabe disso! E mesmo se eu mentisse, o que te importa?

— Você invadiu minhas terras!

— Já disse isso, o que você queria? Que eu voasse por cima dela? Sequer tinha um aviso para ficar longe!

— Porque todos sabem que não devem se aproximar.

— Bem, eu não sabia. Então a culpa é sua.

Ele cerrou os punhos e cada veia dos braços que iam até o pescoço pulsou. Eu pensava que Alef era forte e grande, mas ao ver aquele selvagem diante de mim, meu prometido parecia pequeno e indefeso.

— Você me deve!

Minhas mãos tremeram ao ouvir aquilo, era tudo de que eu não precisava!

— Eu te pago em ouro, não tenho muito, mas...

— Não. Eu tenho ouro. Quero você.

Eu ofeguei, andando para trás e batendo numa árvore.

— Não!

— Por que não?

— E-eu... Eu estou prometida a outro homem!

— Você mente! — ele rosnou as palavras, batendo no tronco acima da minha cabeça com força, como se quisesse expressar sua fala.

— Não estou mentindo!

— Se fosse prometida a alguém não estaria correndo pelos lados mais obscuros do reino, ainda mais nessa parte da floresta. Qual é o problema? Acha que não posso ser um bom companheiro? Posso lhe proteger, alimentar e cuidar. Ainda posso lhe dar muitos filhos fortes!

Ele dizia aquilo com uma confiança e determinação que parecia que havíamos nos encontrado para conversar sobre aquilo. Não havia insegurança na voz. Pareceu até esquecer que só estávamos nos falando porque achava que eu lhe devia algo.

Eu não tinha tempo para lidar com um selvagem recluso procurando alguém para se acomodar e ter filhos. Minha luta era maior do que todas que ele ganhava por ouro. Eu estava fugindo pela minha vida!

— Deixe-me ir e será muito bem recompensado.

— Serei recompensado de qualquer maneira.

Sem que eu esperasse, ele levantou a mão e tocou meu cabelo, depois passou os dedos pela minha bochecha, franzindo a testa o tempo todo. Percebi que ia chegando mais perto, seu corpo quase me prendendo ao tronco e sabia, sentia que ele ia me tocar.

O calor que irradiava dele me parou por um momento e os arrepios quando o nariz encostou à minha têmpora foi algo novo, que nunca senti. A mão esquerda ainda segurava meu cabelo, a respiração ficava mais e mais próxima e aqueles olhos verdes, tempestuosos como a floresta que nos cercava, estavam cravados nos meus. A mão direita chegou ao meu ombro e subiu pelo pescoço. Quando ele inclinou meu rosto... Eu ergui o joelho com tudo, batendo diretamente no meio de suas pernas.

Ele arregalou os olhos, a boca abriu num “O” silencioso e as mãos escorregaram de mim. O homem resmungou coisas incompreensíveis e foi caindo aos poucos, batendo os joelhos na grama baixa. Esperei para ver se não cairia numa posição fetal ou se tinha causado algum dano seriamente grave, mas ele só parecia estar com muita dor.

Então, saindo rapidamente de perto do selvagem, segurei meu saco nas

costas e corri mais rápido do que estava fazendo antes.

Ele podia ser o homem mais gostoso que já vi na vida, mas nem ele me salvaria se a fúria de papai me alcançasse.

A REALEZA ANTES DA FUGA

— Vamos, Gigi, prenda a respiração!

Eu bufei disfarçadamente, me apoiando no espelho, e segui a ordem de mamãe.

Ela nunca me vestia, mas naquele dia curiosamente resolveu fazer. Penteou meus longos cabelos loiros e fez duas tranças finas na frente, prendendo-as juntas atrás. O vestido azul era muito bonito, cheio de rendas e detalhes no corpete delicado, que exibia demais os meus seios. Mamãe não havia entendido que parei de vestir aquele número dois anos atrás?

— Está apertado! — resmunguei e, como repreensão, além de seu olhar pelo espelho recebi um puxão brusco nos cordões, fazendo com que eu mal respirasse.

Fui impulsionada para frente, mal me aguentando em pé, e eu jurava que meus olhos pulariam do rosto a qualquer momento.

— Gigi, essa noite é muito importante. Preciso que seja a boa menina que aprendeu a ser, nada de falar sobre as guerras e as armas dos guerreiros, entendeu?

— Eu nunca posso dizer nada, mamãe.

— Você é uma princesa, pode dizer o que for conveniente em sua posição.

— Mas mamãe...

— Nada de “mas mamãe”. Comporte-se, Gigi, ou ficará de castigo outra vez.

Eu estremeci, me lembrando de como tinha sido passar uma semana inteira sem ser autorizada a sair do meu quarto. Minha mãe, a rainha de Kaubla, era extremamente correta e rígida, sempre tomando conta de tudo, controlando as

situações e as pessoas ao redor. E comigo não era diferente. Porém, a decepção era clara, já que eu não estava nem perto de ser a menininha que ela idealizou que seria quando ficasse mais velha.

Eles queriam um filho homem para tomar o lugar de papai quando chegasse a hora, mas ao invés disso, tiveram a mim. Trabalho dobrado, porque ao invés de arrumar uma boa moça, teriam que procurar por um rapaz.

Eu tinha completado a maioridade dois anos atrás e mesmo que papai quisesse me casar antes disso, minha mãe quis esperar. Dizia que eu ainda não estava preparada para ser uma boa esposa. Nada de preocupação por deixar sua única filha ir embora, ela só queria garantir que, quando eu saísse, teria um bom... desempenho.

Ela ajeitou o último botão do vestido e segurou meus ombros, me olhando pelo espelho.

— Está linda, Gigi. Você tem a minha beleza — passou a mão pelo meu rosto, com um suspiro. — Seu rosto é tão bonito quanto o meu já foi.

Eu franzi a testa. Ela não falava aquilo com admiração, mas sim lamentando ter que olhar para mim, jovem e parecida com ela, e depois olhar para si mesma, achando que já não era mais tão bonita.

— Agora vamos. Eles já devem chegar, precisamos estar lá embaixo para recebê-los.

Fui praticamente arrastada para a ala dos convidados no castelo. Papai já nos esperava, vestia um de seus melhores trajes assim como nós. As criadas e os homens de papai estavam agitados e mais cedo foi pior ainda. Do meu quarto eu assisti a todos inquietos, os guardas ensaiando suas posturas no pátio lá embaixo e as empregadas correndo de um lado para o outro.

Mamãe sorriu.

— Receberemos o rei e a rainha de Brolen e seu filho, o príncipe Alef.

Arregalei os olhos.

— Eu não sabia que era hoje.

— Mas é e nós já ensaiamos como tudo deve ser, espero que não se

esqueça.

— Eu não me lembro muito deles.

— Você era muito pequena da última vez que houve um encontro entre nós e a família Bifrost — papai confirmou, conferindo no espelho se estava apresentável.

— Sim, mas as pessoas falam sobre eles às vezes. Já ouvi. Alef é um grande bundão.

Ele me repreendeu com o olhar.

— Sabe que não deve ficar de conversinha com subalternos, Gigi — fitou minha mãe. — Onde você está quando ela fica fofocando por aí, mulher?

Mamãe estreitou os olhos para mim, beliscando meu braço discretamente.

— Sempre a repreendo, meu rei. Mas ela é desobediente.

Era uma mentira. Ela nunca me disse nada sobre isso. Estava sempre concentrada em fazer com que papai a notasse, tentando chamar a atenção dele. Sempre à toa, já que ele só queria saber do reino. Abri a boca para contrariá-la, mas me beliscou outra vez e não pude dizer nada, pois os convidados foram anunciados.

Eu respirei fundo, sabendo que estava chegando a hora que mais temia.



Alef parecia ter saído dos sonhos. Sonhos de mamãe, é claro, porque para mim tratava-se de um pesadelo. Suas roupas eram mais passadas do que as minhas, o cabelo mais penteado que o meu e a pele tão cuidada quanto a minha. Ele nasceu para ser um príncipe e depois, um rei. E naquele momento estava jantando comigo, meus pais e seus pais.

E eu sabia o que viria a seguir.

Ele tinha um sorriso bonito e o rosto muito bonito também. Um corpo forte, mas não exagerado, e eu sabia que ele participava de competições a

cavalo, estando sempre à frente de suas tropas. Os rumores eram de que ele nunca entrou para uma batalha real, que quando as coisas ficavam difíceis, ia para trás de todos esperando que acabasse. Aparecia apenas quando seus guerreiros gritavam a vitória, para levar toda a glória que não merecia.

No castelo o chamavam de covarde com músculos.

— Não é, Gigi? — minha mãe perguntou e eu a encarei, sem fazer ideia do que falava.

— Desculpe?

Papai bateu seu copo na mesa, chamando a minha atenção, mas não o fitei. Sabia que estaria me repreendendo com o olhar por minha falta de atenção.

— Eu dizia a Rainha Zala que você está pronta e animada para se casar.

Eu olhei para a outra mulher. Tinha certeza de que ela era tão séria e rígida quanto a minha mãe. Engolindo em seco, assenti.

— Sim, majestade, aprendi tudo para que possa deixar o meu marido feliz.

Mamãe me deu um sorriso sincero, orgulhoso.

Aquela resposta tinha sido treinada desde quando eu soube do jantar, duas semanas atrás. Ela sentou comigo todas as tardes, sem nenhuma folga, e ensaiou diversos discursos, me fazendo decorar cada um. Isso, juntando a forma como o rei e a rainha Bifrost me analisavam e Alef não tirava os olhos carnis de mim, já me dizia tudo. Eles já tinham decidido o nosso futuro.

— Nosso reino esperou por anos até que eu finalmente encontrasse alguém à altura. Espero não me arrepender, minha princesa.

Eu me arrepiei ao ouvi-lo me chamar de “minha”. Queria gritar que não era sua, que mesmo que casasse comigo, eu jamais lhe pertenceria.

— Garanto, sua alteza, que minha Gigi nunca vai desapontá-lo. Foi criada para esse momento e está muito ansiosa.

Ele sorriu para mim como um caçador sorri ao pegar sua presa, como uma promessa. E eu me irritei mais ainda, sabendo que meus próprios pais me dariam àquele covarde. Murchei de dentro para fora, ele era tão bom... tão... bobo. Eu o olhava e sentia tédio. Como seria quando nos casássemos? E filhos? A percepção

de que eu passaria minha vida ao lado de Alef Paspalho Bifrost me deu náuseas.

A mãe dele me observava com total atenção.

— Soube que a última guerra foi um ganho sem suor, príncipe — meu pai comentou.

Alef riu, acenando e jogando a mão em desdém.

— Meus guardas estavam preparados e eu sou um líder nato. Então, sim, Majestade, estou colhendo os frutos de um bom treinamento e uma cabeça em forma.

Eu tomei um gole do refresco servido, tentando não rir de tamanho absurdo. Pelo visto ele desconhecia como era chamado fora de sua presença.

— Príncipe, é maravilhoso saber que minha Gigi estará cuidada e protegida fora de nossos muros.

Ele inflou o peito e, ridiculamente, como se não fosse possível ficar pior, jogou a cabeça para o lado, ajeitando o topete. Notei que até minha mãe inclinou levemente a cabeça, mas disfarçou. Papai parou com o copo no ar, também fitando o príncipe.

— Rainha de Kaubla, eu garanto! Em nome de minha honra e pelo meu reino, meu castelo, meus guardas, minha fenomenal abundância de masculinidade e majestosa graça...

— Filho — o rei de Brolen o interrompeu nos dando um olhar, talvez reconhecendo que seu filho era um pateta.

Alef sorriu, passando as mãos, as duas de uma vez pelo cabelo, jogando-os para trás. Então ficou de pé.

— Rainha e Rei de Kaubla, Majestades e adorável, incrivelmente bela princesa Gigi de Kaubla... Eu lhe prometo que estará protegida! E eu nunca falho com uma *prometividade*!

Eu inclinei a cabeça, desconhecendo a palavra. A rainha de Brolen puxou o filho pela mão, incentivando-o a sentar. Com um riso sem graça, falou:

— Ele nunca falha com uma promessa.

Eu olhei para meus pais, vendo nos olhos deles que estavam tão

desacreditados de que aquilo estava acontecendo quanto eu.

Mas pior era para mim, que graças à falta de carinho e respeito, devido a suas ambições, eu pagaria o preço tendo que me casar com aquele inacreditável homem.

Poderia ser pior?



Quando a família Bifrost finalmente foi embora, mamãe me abraçou.

— Estou tão, tão orgulhosa querida!

Não retribui. Papai segurou minha mão, demonstrando um carinho que era raro, quase inexistente.

— Fez muito bem hoje, Gigi.

— Sim! Fez ótimo! Alef parecia encantado com você, não acha, meu rei?

— Parecia. Ele a adorou e tenho certeza de que não nos arrependemos da escolha.

Eu queria chorar, gritar, correr para longe, mas permaneci quieta ouvindo os planos horríveis de papai. Estava praticamente me vendendo e nem se importava com isso. Afinal, o que sabia sobre Alef? E se fosse violento comigo? Com certeza seria, a maioria dos homens era e nós nunca podíamos fazer nada.

Em um dos meus passeios raros que papai autorizou, presenciei um guerreiro batendo em sua esposa, fazendo-a cair no chão com uma menininha no colo. Corri até ela, deixando os seguranças do castelo, e ataquei o homem, ameaçando-o com sua própria espada que tirei de seu punho.

Ajudei a mulher a ficar de pé com a criança e esperei até que ela estivesse fora de vista. O guerreiro jamais poderia encostar em mim, sabia quem eu era e que estava acima dele. Mas papai podia me castigar e ele fez. Naquele dia aprendi que o marido sempre terá controle completo sobre sua mulher. E alguém de fora não interfere. Perguntava-me o que Alef faria comigo se lhe fosse dada a

chance.

— Agora vá descansar, minha filha, serão semanas agitadas as próximas!
— mamãe cantarolou enquanto me guiava até meus aposentos. Após me ajudar com a roupa e o cabelo, observou-me deitar. Só saiu quando apagou a luz.

Eu não dormi naquela noite.

As semanas seguintes foram terríveis. Eu temia que a qualquer momento Alef entrasse pelas portas do castelo e dissesse que estava na hora. Eu tinha ficado tão cismada com aquela história absurda que até mesmo ouvia a voz da rainha Zala. Alucinava de pavor!

Sonhava com ele, aliás, tinha pesadelos. Dos piores!

Mamãe entrava e saía do meu quarto de hora em hora, parecia que queria ter certeza de que eu ainda estava ali, então comecei a desconfiar de sua atitude. Quando ela terminou mais uma inspeção, saí do quarto, andando calmamente pelo castelo e estranhei ao não ver nenhum soldado como papai sempre fazia questão de deixar. Fui até a cozinha, puxei papo com as moças que trabalhavam lá e elas me deram trela, afinal, contrariando o papai, eu conversava com todas as pessoas que eram agradáveis comigo.

Por fim, uma delas me confidenciou que estávamos com poucos soldados no território porque papai havia ido a uma viagem muito perigosa, que podia virar uma guerra, e precisou levar nosso exército de casa junto.

Então as visitas de mamãe fizeram sentido. Ela estava com medo que eu fosse fugir! O que era compreensível, já que se eu soubesse antes da ausência das tropas, teria ido dias atrás. Nunca tive uma oportunidade daquela; sem um escudo em cada centímetro dos muros, sem homens em cada portão.

Eu mal podia acreditar!

Então, naquele momento, tomei uma decisão que mudaria tudo. Que não me deixaria mais ser protegida e reconhecida como Gigi Eriwoff. O reino, a coroa, o nome e os poderes... Eu estaria livre de tudo aquilo. Não tinha nada a perder, nem uma mãe e nem um pai que se preocupavam verdadeiramente comigo. Eu era só uma moeda de troca para os dois e, por isso, iria embora.

Ao aceitar aquela decisão em meu coração, esperei sentir medo, tristeza ou incerteza, mas a única coisa que me veio foi alívio. E uma palavrinha brilhou em minha mente: liberdade.

QUANDO O DOIS SE UNE

O sonho vívido e real demais me acordou. Eu corria pela floresta depois de ter decidido fugir e bati diretamente no homem selvagem. Ele só faltava gritar Uga-Uga, de resto, era um homem das cavernas. Saí de debaixo da cama, tirando as peles de cima e dobrando novamente como as encontrei.

Olhei ao redor, sabendo que precisava ir embora rapidamente. Era muita sorte ter encontrado uma cabana no meio do nada, muito longe de onde tinha batido naquele homem. Era pequena, estava vazia, mas numa rápida verificação, percebi que moravam pessoas na casa. Tinha comida, camas e pele o suficiente para aquecer num longo e tortuoso inverno.

Graças às conversas e escapadas que eu dava com os guardas do reino, quando os mais amigáveis aceitavam me levar junto por algumas moedas de ouro, escapei de armadilhas do lado de fora, algumas realmente perigosas.

Eu queria um banho e uma refeição antes de continuar meu caminho. Sabia que não deveria abusar. Até ali, a sorte estava ao meu favor, mas era uma maré que poderia mudar a qualquer momento. Só que meu cheiro de dias sem um banho já não era nem um pouco suportável e meu estômago clamava por uma refeição decente.

Decidida a fazer tudo rápido, para não ser pega pelos donos da casa, tirei as roupas rapidamente, colocando as botas na janela para pegar um ar fresco, e corri para o banheiro. Ao ver a banheira de barro, quase desmaiei, sentindo um sorriso que dividia meu rosto. Preparei tudo, me arrepiando quando, enfim, mergulhei na água morna. Tentei ao máximo não molhar muito o lado de fora; quanto menos mexesse, melhor seria. Eu cuidaria das minhas coisas e os donos da casa nem perceberiam que estive ali.

Quando terminei, um pouco depois, saí relutante da banheira, queria jogar mais um balde de água quente, fechar os olhos e ficar lá dentro pelo o resto do dia.

Reconheci-me no espelho, as olheiras dos cochilos pela floresta estavam um pouco mais fracas e a sujeira foi embora, deixando-me limpa de novo. Estiquei os braços com um sorriso, já planejando o que comeria antes de ir.

Sentia-me quase nova!

— Não dê mais nem um passo — o rosnado veio pelas minhas costas e eu, nua, travei no lugar, sem saber se corria ou obedecia ao comando.

Meu coração galopava no peito, minhas pernas ficaram fracas, abri e fechei a boca várias vezes, pensando em algo para dizer que fosse tornar a situação menos constrangedora ou... mortal para mim.

Eu ainda nem tinha lhe visto, mas só pela voz e a vibração que ela causava, já estava com um medo que nem papai causava em mim.

— Meu senhor, sinto muito ter invadido, juro que...

— Quieta.

Franzi a testa, não gostando de receber suas ordens, mas por outro lado eu sabia que estava errada. Invadir a propriedade de alguém era um crime sério e ele tinha direito a fazer justiça como quisesse.

— Não quebrei nada, nem baguncei, só tomei um banho e ia comer algo — espremi os olhos, sabendo que era melhor se admitisse logo tudo de uma vez. — Dormi também. Mas dormi no chão, nem sentei na cama!

Senti um vento do lado direito e percebi que era um tecido, talvez sua roupa, que me encostou de tão perto que ele passou de mim.

— Não foi convidada a esta casa.

Sabendo que estava à minha frente, não consegui mais evitar e abri os olhos. Imediatamente, soltei o ar que nem sabia estar prendendo. O homem diante de mim parecia um anjo.

— Eu sei — respondi com certo esforço, depois de buscar as palavras. — Não pretendia que me visse aqui.

Ele ergueu as sobrancelhas claras e inclinou a cabeça, aparentemente se divertindo com a minha resposta.

O homem tinha os braços enormes de tão fortes, era pelo menos uma cabeça mais alto do que eu e tinha um rosto como nunca vi antes. Tão bem construído, detalhado. Não sabia como podia manter os pelos de seu rosto tão bem aparados, mas isso deixava a face completamente exposta e eu podia ver como era impressionante.

— Meu presente — disse, por fim, encarando meus olhos novamente.

Meu coração disparou e me lamentei pela segunda vez estar passando por aquela situação. Que diabos estava acontecendo naquela floresta? Que hora perfeita para me meter no meio dela!

— Para mim — ele disse e, me pegando desprevenida, tirou minha toalha.

Senti meu rosto queimar na hora, meus olhos tão arregalados que ardiam, podiam saltar do rosto a qualquer momento.

— O que? Não! — gritei, batendo em sua mão e tentando me tampar ao mesmo tempo.

Ele franziu o cenho, levantou a mão e cutucou meu ombro, me tirando mais um grito.

— Não me toque! Socorro!

Ele rosnou.

— Pare de fazer isso!

— Socorro! — gritei mais alto dessa vez, dando passos para trás até que bati na parede.

Rosnando novamente, ele mostrou os dentes perfeitos e bateu a mão acima da minha cabeça.

— Pare de ferir meus ouvidos, mulher!

— Pare de me tocar!

— Einar a trouxe para mim! Minha!

— Quem?

— Einar! Minha!

— Que merda você está falando? Ninguém me trouxe para você e eu não sou sua!

O grande guerreiro me cutucou mais uma vez, parecia curioso, me olhando de cima abaixo com a testa franzida e a boca numa linha apertada. Quando eu ia gritar novamente, houve um baque da porta fechando com força e passos pesados ecoando até nós. Eu já estava apavorada, mas quando olhei sobre o ombro do loiro à minha frente outro homem apareceu e o grito ficou preso na minha garganta.

Era o selvagem da floresta!

Eu queria estar aliviada por não mais ficar sozinha com o loiro que rosnava as palavras sem parar, mas estar nua diante de dois homens das cavernas não era boa ideia. Principalmente quando deixei um deles urrando de dor no dia anterior.

— O que está... — ele começou a falar, mas seus olhos desviaram para mim e parou qualquer palavra. Houve um traço de reconhecimento em seus olhos, então a fúria veio com tudo. — Você! — rosnou.

— Einar — rosnou o loiro. — Seu presente está quebrado. A mulher não fica quieta, ela grita, fere meus ouvidos e me bate.

Einar olhou para o loiro, depois para mim, então chegou mais perto. Invadiu meu espaço enquanto se inclinava para me olhar nos olhos. Era tão alto quanto o outro. Fitando meu rosto de cima a baixo, passou o nariz pelo meu queixo e preendi a respiração, suspirando meu choque quando o ouvi fungar. Estava me cheirando!

Não pude deixar de notar como era tão exageradamente bonito, mas naquele instante não era apenas um e sim dois!

Então se afastou e voltou um passo atrás, ficando ao lado do outro.

— Sim, ela costuma fazer isso.

— Po-por favor, deixe-me ir embora.

— Estou cansado de ouvi-la dizer isso.

O loiro deu mais um passo à frente, grunhindo.

— Meu presente — daquela vez ele cutucou minha testa.

Eu olhei para Einar com desespero, esperando que me ajudasse de alguma forma. Não sei por que, mas depois de me encarar silenciosamente por uns minutos, arrancou o pano do loiro e me devolveu. Não perdi tempo em me cobrir. Percebi que o loiro não gostou, pois sua careta aprofundou ainda mais.

Recompondo-me, sabia que precisava tomar alguma medida, uma atitude que os fizesse me levar a sério e perceber que não deveriam de modo algum me machucar. Mesmo sabendo os riscos de ser levada de volta, era melhor tentar enganá-los durante o percurso até o castelo, caso fossem me devolver ao papai em troca de ouro, do que fugir de mercenários se me vendessem.

— Sou a princesa Gigi Eriwoff, do reino de Kaubla. Se me deixarem ir embora, juro que serão recompensados.

Os dois ficaram quietos por um momento, então Einar riu, batendo no ombro do loiro. O sorriso dele era estonteante.

— É mesmo? — o loiro, como resposta, enfiou a mão atrás das costas e puxou uma espada. Fiquei sem reação. — Seu pai nos deve, te mandou aqui para pagar a dívida?

— Eu não sou uma ama que ele envia para seus soldados, cabeça de boi! Sou sua filha e não, ele não me mandou.

— Cabeça de boi?

— Ela está me ofendendo em minha casa, Einar. Por que ainda estamos falando? Por que lhe damos abrigo?

Einar entrou na minha frente, encarando-o.

— Nós não estamos. Acontece que a princesa aqui gosta de invadir coisas. Terras, casas, o que mais?

— Eu estou com problemas! Pensei que os donos da casa estavam viajando!

— Estavam, mas voltaram. Estamos bem aqui.

Aquilo me surpreendeu, pois pensei que apenas o loiro fosse o dono. Lambi meus lábios secos, mas me arrependi na hora vendo como os olhos dos

dois acompanharam o movimento e o loiro, sem vergonha nenhuma, mexeu em suas calças, como se estivesse se ajeitando. Ignorei o gesto.

— Vocês dois são os donos? Moram aqui?

— É o que estamos dizendo.

— Eu já disse que não fiz por mal, só me deixem ir e não terão mais problemas comigo.

— É uma ladra — disse o loiro, empurrando seu cabelo um pouco mais curto que o de Einar para trás. — Onde estaria nossa honra se a história que deixamos uma pequena ladra escapar sem a devida punição se espalhar?

— Eu nunca direi a ninguém!

— Diriam que, se não podemos lidar com uma pequena ladrazinha, os mais fortes também estão liberados para tomar de nós.

— Eu já disse que é uma história morta!

— Eu não a conheço, princesa Gigi de Kaubla, portanto, sua palavra não vale muito.

— E ouro? — perguntei desafiadoramente.

Os dois riram dessa vez.

— Ulf e eu não precisamos de ouro.

Ulf... Então esse era o nome dele.

Combinava. Os cabelos loiros eram ondulados, apenas um pouco abaixo da orelha, bagunçados. Tinha olhos castanhos que pareciam chocolate, o cacau mais puro que chegava ao castelo, e neles, um brilho de mistério. Era tão construído fisicamente quanto Einar, forte e alto. Músculos cobertos por uma pele clara, que evidenciava as veias correndo por seu corpo, principalmente enquanto ele ficava com os braços cruzados. Encarava-me sem piscar.

Os dois.

— Será que pode me emprestar uma calça? — resmunguei de mau gosto.

— Prefiro vê-la andando sem nada.

Suspirei, evitando o olhar de Ulf depois de suas palavras, e encarei Einar.

— Se não quer ouro, o que é que você quer de mim?

Ele sorriu um sorriso nada doce, nada gentil, e segurou meu queixo pela ponta dos dedos.

— Ora, princesa... mas essa não é a pergunta que vale um castelo?

O PRIMEIRO PASSO

Eu tinha medo da resposta, mas ainda assim precisava perguntar. Mesmo quando os sorrisos de ambos, mostrando as presas, pareciam tão ameaçadores. Se quisessem, me destruiriam ali facilmente. Apertei o pano mais forte em volta de mim, realmente queria roupas.

— O que vocês querem?

— O que acha que queremos?

Estreitando os olhos, decidi que era hora de colocar os dois em seus lugares.

— Não sei e não me importo com o que querem, mas sei do que precisam.

— Então nos diga — disse Einar, com os olhos brilhando para mim.

— De limpeza. Vejo que moram num muquifo e precisam de alguma ordem aqui.

Ele rosnou, me mostrando os dentes.

— Não me provoque, princesa.

— Então não me tome como uma tola, seu bruto!

Ulf riu.

— Princesa, está demasiadamente irritada! Sabemos sobre ciclos que as mulheres têm, está no cio?

Eu o encarei, ultrajada.

— Como ousa falar assim comigo? Me dizer tal absurdo?

Ele deu de ombros, balançando sua espada no ar.

— Sou muito sincero, princesa. E não estou lhe faltando com respeito.

— Está me comparando com um cão, guerreiro. Pensei que a inteligência que faltava em seu irmão bruto, havia ficado toda com você, mas vejo que me

enganei.

Ele parou os movimentos com a espada e me fitou.

— O que quer dizer?

Eu elevei o queixo.

— Que é tão chulo quanto ele! São dois neandertais.

Einar parecia que ia espumar pela boca. Quando Ulf guardou sua espada, pensei que me atacariam e eu morreria ali mesmo. Mas ao contrário do que esperava, eles começaram a rir.

Senti-me irritada, por que estava rindo de mim? Eles me viam como uma piada? Eu não seria caçoada por ninguém!

— Do que estão rindo?

— É engraçada, princesa.

— Não tem nada divertido, falo sério!

— É engraçado que agora tem uma dívida conosco. Com os dois neandertais.

— Pretendo pagar sem demoras, então estarei livre para ir longe de vocês e desse reino que só me trouxe problemas e infelicidade.

Os sorrisos sumiram imediatamente, quase como se fosse ensaiado. Ulf fechou a cara, dando um passo a mais à frente, invadindo meu espaço *novamente* e fazendo-me pressionar mais ainda na parede.

— O que quer dizer?

— Quero dizer com o que?

— Que está com problemas e infeliz?

Einar rosnou.

— Quem tem lhe incomodado, princesa? Nos diga e vamos cuidar disso.

Confusa se estavam ainda caçoando de mim, ergui o queixo, orgulhosa.

— Não preciso que cuidem de nada. Vou pagar minha dívida e irei embora. Foi isso o que quis dizer.

Eles me observaram por um momento silencioso, me analisando.

— Ela tem um homem — decretou Ulf, por fim.

— O que? Não! Não tenho.

Alef brilhou em meus pensamentos, mas o espantei, irritada por me fazerem lembrar do meu desagradável noivo, que naquele instante provavelmente me caçava.

— Tem, sim. É dele que está indo embora.

— Cuidem de suas próprias vidas!

— É nossa agora, princesa Gigi. Entrou em nossa casa e nos ofereceu seus serviços. Nós o aceitamos, mas deve saber que seguirá nossas regras e que nos dirá se estiver em perigo.

— Não tenho que dizer nada a vocês — resmunguei, começando a me sentir sufocada novamente.

— É nosso dever lhe proteger enquanto estiver aqui.

— Sim. Mesmo que tenha invadido nossa casa, roubado nossa comida e esmagado minhas bolas, é nosso dever. Somos homens honrados, pode perguntar a qualquer um a milhas de distância e nos reinos vizinhos.

— Já chega! — gritei, apontando para os dois.

Eu não havia fugido de papai, mamãe e Alef para começar a receber ordens de dois malucos!

— E ouçam bem o que vou dizer, pois não vou repetir: não ousem falar sobre meu ciclo comigo e nem me toquem novamente!

Deixei ambos de boca aberta com minha explosão. Dando as costas, saí da cabana. Precisaria de muita paciência para passar pelos próximos dias.

O ACORDO ENTRE DOIS

— O que quer aqui, Ulf? — perguntei com um tom de impaciente, querendo afastá-lo.

Ao longo de semanas convivendo com os dois, percebi que a forma de não pecar tanto em pensamentos era me manter longe. E a forma de não cair em tentação física era fingir que nem os estava vendo.

Era difícil, pois parecia que ambos sabiam da minha atração e faziam de tudo para me provocar. Roupa de cima era quase lei que não usassem, e as calças, tantas vezes os peguei sem elas que comecei a anunciar minha chegada, mesmo que isso não os impedisse. Eram orgulhosos de seus corpos e de seus... complementos no meio das pernas.

Eu podia entender, é claro, eram dois dos homens mais bonitos que eu já tinha visto em minha vida, por isso não sabia como lidar com eles. Nenhum conselho de mamãe me preparou para os selvagens que seriam meus empregadores.

Eles lutavam quando eu estava olhando, faziam competições como se estivessem fazendo apenas por diversão, mas o tempo todo me pediam para assistir e decidir qual foi melhor, qual foi mais forte, quem se dedicou mais e era merecedor do prêmio.

No final, na hora de decidir, eu estava sempre em meio a nuvens de cobiça para conseguir terminar um raciocínio depois de ver os músculos e as peles beijadas pelo sol em plena exibição na minha frente, então dava um jeito de fugir sem declarar um vencedor. E os deuses que me protegessem de saber que prêmio seria aquele.

Einar era mais descarado em suas investidas, me dizia que sua cama era

mais confortável do que a que fizeram para mim, que tomando banho juntos poderíamos não gastar tanta água e tempo, além de que elogiava meu café da manhã até a hora do almoço, depois, elogiava o almoço até a janta. Quando chegava no dia seguinte, na hora do café, ele sempre dizia algo como: dormi pensando naquele bife.

Seus flertes terminavam com piscadas e ele tinha uma mania de falar perto demais, a ponto de dividirmos o mesmo ar. Saía da boca dele e entrava no meu nariz, me deixava tonta.

Einar me fazia rir como louca, mesmo que eu quisesse me manter o mais reservada possível com eles, mas às vezes simplesmente não tinha como. Ele tinha essa energia e vontade de me fazer sentir confortável, querida e até... bem-vinda.

Já Ulf...

Bem, era difícil descrever.

A primeira coisa que me acontecia quando Ulf chegava perto era a ansiedade colossal que me tomava, a vontade de correr, de me esconder, a sensação de que se ficasse perto, ele ia me comer viva. E realmente não duvidava que pudesse. Ele falava olhando para os meus olhos, desviando para os meus lábios e sempre encerrava nossos assuntos tocando em mim. Ou segurava um pedacinho do meu cabelo ou passava seu polegar pelo meu lábio, às vezes dizia algo segurando meu braço ou pescoço.

— Ei, eu gostei do assado de ontem, pode fazer isso hoje novamente?

E ele dizia isso segurando minha nuca, mantendo-me tão perto que eu sentia suas palavras vibrarem em meu peito.

Não importava qual dos dois era, quando eu saía de perto, quase sempre sentia aquela inundação: meus pensamentos turbulentos, meu corpo quente e meu núcleo fervendo. Uma vez eu me toquei, contrariando tudo o que minha mãe havia dito sobre garotas e seu corpo.

Eu nem sabia o que estava fazendo, só sentia um fogo tão insuportável, tão visceral que *precisava* acabar com aquilo. Toquei minha intimidade, assustando-

me com o quão encharcada estava e segurei um gemido, sabendo que não podia de nenhuma forma acordar Ulf ou Einar.

Meus dedos facilmente escorregaram, descobrindo onde era bom e onde era sensível. Até mesmo quando os pelos do cobertor roçaram meus seios desnudos, senti algo tão bom que precisei fazer de novo, dedicando-me a tocar partes de mim que nunca nem imaginei experimentar.

No fim, acabei suada entre os lençóis, com a pele fria, trêmula e um pouco sem ar. Nem me levantei para lavar as mãos, pois sabia que, se visse um dos dois, não me importaria com mais nada, só com o desejo desconhecido e estranho que me tomava.

Lavei os lençóis no dia seguinte e coloquei o cobertor no sol só por precaução. Passei o dia envergonhada demais para olhar qualquer um deles nos olhos.

Ambos saíam muito, mas durante as semanas não me deixaram sozinha, se um ia, outro sempre ficava. Eu disse a eles que estava tudo bem, que eu tinha palavra e não fugiria, mas eles disseram que não era seguro, que mesmo que todos soubessem que as terras tinham donos, vez ou outra surgiam turistas ou espertinhos.

Eu fiquei grata com aquilo, mas confesso que às vezes saía da casa apenas para não ter que ficar perto deles.

— Apenas vim ver se está tudo bem — Ulf respondeu, por fim, sentando-se num tronco próximo.

Eu limpava algumas frutas que colhi e preparava a faca para trabalhar o coco, planejava algo diferente para o jantar. Estava focada, mas com Ulf ali me encarando sem parar, eu sabia que algum desastre ia acontecer com a navalha afiada.

— Estou muito bem, só aproveitando enquanto as árvores ainda dão bons frutos.

— É uma época boa.

— Einar está caçando?

Ulf deu de ombros.

— Saiu para um trabalho.

Deixei um pequeno sorriso aparecer.

— E você resistiu a ser deixado para trás?

Ele me deu um longo olhar antes de responder:

— Às vezes é bom ficar em casa. Pode ser mais interessante.

Ignorando o arrepio em minha espinha, me concentrei nas uvas.

— Onde dormem quando saem para esses trabalhos?

Ele deu de ombros de novo, ainda me encarando fixamente.

— Por aqui e ali.

— Quer dizer árvores e bancos de bar?

— Quero dizer... casas onde a companhia é boa ou há sempre damas generosas dispostas a oferecer um canto humilde para nós.

Eu apostava que tinham muitas mulheres competindo por um pouco de sua atenção nos bares e casas pela região. Estranhamente, pensar naquilo me causava uma irritação que não podia entender.

Mas ouvir a confirmação disso era ainda pior. Então as suas saídas, mesmo que as curtas, eram para isso, para se divertirem nos braços de companhias generosas. Quase bufei com o clichê. O que eu esperava?

Na verdade, não sabia e nem entendia por que estava tão incomodada, afinal, desde que os conheci, um depois o outro, sabia que não eram doces homens inocentes. Nem de longe.

Limpei a garganta, assentindo, tentando parecer neutra.

— Bem, que bom que estão sendo bem cuidados.

Ele ficou quieto. Quando o espiei com um olhar rápido, vi que encarava ao redor, prestando atenção em volta de nós. Deuses... era realmente tão, tão bonito.

Fitei seu cabelo e, novamente, a esperança de um sorriso apareceu, mas logo cobri. Três dias atrás eu havia sido a única a tocar os fios macios e cortá-los.

— Do que está rindo? — perguntou e eu balancei a cabeça.

— Nada demais, só me lembrando de quando cortei um pouco seus cabelos.

Ele deu um sorrisinho pequeno.

— A cara de Einar era impagável.

— Ainda vou convencê-lo a me deixar cortar o dele.

— Eu duvido. Ele diz que o cabelo dá sorte.

— Talvez esteja na hora de ele encontrar outro amuleto, então.

Não sei de onde tirei aquilo, mas simplesmente disse. Com Einar eu conversava muito, mas sempre ficava mais contida com Ulf. Era a primeira vez que realmente tínhamos uma conversa um pouco mais longa. Principalmente uma em que ele não estava me dando ordens.

— Pegue essa navalha e venha até aqui.

Estreitei os olhos, confusa, e hesitei.

— Por quê?

— Venha, princesa.

E lá estavam as ordens. Até que demorou, era nosso novo recorde.

Deixando as bacias de barro no tronco e a faca na pedra, fui até ele. Parei a dois passos de distância, esperando. Ele me observou um pouco, de queixo erguido. Então separou as pernas e apontou para o chão, no meio delas.

— Venha perto de mim.

— Eu estou perto.

— Não o suficiente.

Eu suspirei, trêmula. Ulf tinha esse efeito sobre mim. Era de outro mundo.

Fiz como mandou, meu rosto para baixo, olhando seus olhos. Se ele abaixasse a cabeça, estaria de frente ao meu decote e, ao pensar nisso, senti meus mamilos ficando duros. O tecido não era o bastante para cobri-los.

— Assim? — sussurrei.

Ele envolveu um braço em minha cintura e me puxou um pouco mais para perto, depois me soltou, nunca parando de olhar meus olhos.

— Perfeito. Agora corte os pelos do meu rosto.

— O que?

— Você fez bem no meu cabelo, agora tire os pelos do meu rosto também.

— Ulf, posso cortá-lo, não sei se...

— Sei lidar com um arranhão, princesa. Agora faça isso.

Deuses, eu não sabia lidar com ele me chamando de “princesa”.

Respirando profundamente, ergui a navalha e toquei seu rosto. Passei a mão pela barba, admirando. Lambi os lábios, criando coragem, então comecei. Nós ficamos em silêncio nos primeiros minutos, mas era desconfortável. Ele parecia tranquilo, mas eu ia explodir.

— Essas companhias generosas... — pesquei, tentando parecer desinteressada enquanto voltava no assunto que já havia sido encerrado.

— Hum — ele grunhiu, me esperando continuar.

— Eu nunca vi nenhuma por aqui.

— São damas de passagem, não há por que trazê-las para casa.

Isso queria dizer que eram mulheres da vida, eu as conhecia. No reino havia uma casa discreta, onde eu via homens entrando e saindo. Mas no castelo não se falava muito nisso e eu suspeitava que fosse ordens de mamãe.

— Você nunca pensou em tomar uma mulher para si, guerreiro? — perguntei baixinho, ainda raspando seus pelos. Queria ter parado por um minuto e olhado seu rosto quando fosse responder, mas tinha medo do que veria lá, então continuei.

Ele era tão tentador. Suas mãos permaneciam nas coxas, as pernas abertas para me manter lá. Fui o mais lenta possível. Queria segurá-lo perto por mais um tempo, ele era sempre o único a me dar pequenos toques rápidos, mas enquanto eu segurava seu rosto, queria ficar ali um pouco.

— Não. Sempre fomos Einar e eu, somos irmãos.

— E se ele encontrasse alguém?

Pensar nisso também me causava um arrepio de... medo? Imaginar Einar com uma mulher em seus braços era tão doloroso quanto ver outra ali onde eu estava com Ulf.

— Não vai acontecer também.

— Por que diz isso?

— Uma mulher não poderia nos entender, não poderia viver conosco. Não nos aguentaria.

— Eu aguento vocês.

— Porque está pagando sua dívida.

— Então será sempre você e ele? Nunca vão casar e procriar?

Ele não respondeu, mas senti sua respiração mais forte em meu peito e ele segurou minha mão, afastando a navalha. Eu o olhei nos olhos escuros, fascinada pelo brilho que havia lá.

— Por que quer tanto saber, princesa?

— Eu só...

Ele apertou meu pulso mais forte, fazendo-me deixar a navalha cair e lentamente se levantou, erguendo-se sobre mim.

— Está com pressa que alguém venha tomar seu lugar e possa ir embora?

— Ulf...

— Ou a incomoda pensar que a qualquer momento podemos trazer alguém para nossa vida?

Apertei meus lábios, sem saber o que dizer.

— É isso, Gigi Eriwoff? Não quer nos ver nos braços de outras? — ele ficou mais perto, seu hálito batendo em meus lábios. — De outra?

— Eu estou apenas curiosa que...

— Você cheira bem, princesa. Eu quero lambe-la.

Suspirei com suas palavras, meus olhos arregalando de choque. Ele nunca havia sido tão direto, isso era para seu irmão. Eu sempre imaginei que Ulf me aturava, mas dizer aquilo... Deixar-me saber que desejava algo? Eu não podia nem imaginar!

Meus dedos estavam congelados em seu peito forte, quente, suado, sentia as batidas aceleradas de seu coração. Eu sentia tudo: o vento em volta de nós, os pássaros, seus braços subindo dos meus pulsos até os cotovelos, dando um

aperto leve antes de subir até meus ombros e, por fim, meu pescoço. Ele tinha algo com segurar meu pescoço que eu não podia entender e tampouco pedir para parar.

Ulf nunca me pareceu pensar demais ou ser lento quando decidia algo e realmente não foi. Ele aproximou a boca da minha, nossas respirações misturaram enquanto só aproveitávamos aquele momento de “vai acontecer”.

Por um breve instante, um pensamento piscou em minha mente:

Einar.

Mas no segundo seguinte, todo e qualquer raciocínio pulou no lado mais próximo, descendo o barranco mais alto e me abandonou completamente, porque a única coisa que eu sentia era a boca de Ulf. Os lábios cheios, macios e perfeitos acariciando o meu antes de abri-los com a língua e me grudar a ele completamente.

Beijou-me com veemência, as mãos fortes segurando meu cabelo com força, era como se nunca fosse me soltar. Eu não estava presa, mas não tentei sair, pelo contrário, agarrei-o com mais força. Entreguei-me ao beijo primitivo que Ulf me dava. Ele tinha um cheiro de homem bruto e forte, as mãos ásperas de um trabalhador que não fugia do sol e nem do inverno.

Eu gemi em seus lábios, incapaz de segurar os sons que queriam escapar. Sentia-me mole, como uma poça derretida nas mãos dele. O calor dominava meu corpo, me fazia ferver. Aquela excitação já conhecida para mim, que molhava minha roupa de baixo, parecia alcançar novos níveis, escorria pelas minhas pernas.

Ulf grunhiu e começou a nos levar para trás. Suas mãos me empurravam delicadamente, ao mesmo tempo em que puxavam as mangas do meu vestido para baixo. Eu já sonhava com seus dedos explorando onde apenas eu toquei, cada pensamento, cada pinga de desejo que me obriguei a reprimir estava lá e eu não podia conter nada.

Ulf moveu suas mãos em frente a nós e, mesmo ainda me beijando, eu sabia que tinha desfeito suas calças, liberando o mastro que eu já tinha visto em

vislumbres, quando ele e Einar ou pareciam esquecer que eu estava na casa ou faziam de propósito.

Eu esperava o momento certo de tocá-lo, esperava suas instruções, seus ensinamentos, pois sabia que era experiente.

— Princesa, — respirou contra meus lábios — quero tanto...

E de repente ele estava longe, se curvou, fazendo uma cara tão agonizante que eu travei, preocupada que tivesse feito algo errado.

— Ulf? Ulf, o que está acontecendo?

— Inferno. Diabos.

Ele não estava grunhindo e rosnando, apenas ficou ali curvado, os olhos arregalando um pouco e percebi que segurava algo. Segurava seu... membro.

Oh, deuses.

O que foi que eu fiz? Primeiro Einar, agora Ulf?

Eu segurei seu rosto, sentia que meus olhos estavam tão arregalados quanto os dele.

— Ulf, fale comigo!

— Uma abelha — respondeu, abafado.

Levei as mãos à boca, assustada. Eu já tinha visto alguém morrer no reino por uma picada de abelha. Ele meio que riu do meu susto, balançando a cabeça.

— Já fui picado antes, vai ficar tudo bem. É só a dor... passageira.

— Ah, Ulf — suspirei aliviada, mas ao mesmo tempo sentida por sua dor. Não podia nem imaginar quão insuportável era para um homem ser picado... lá.
— Você quer que eu olhe?

Ele riu. Um riso abafado e curto.

— Bem, não posso dizer que não imaginei você fazendo isso, mas nessa situação? Não. Ficaré assustada. Eu sinto a cabeça inchando.

— Droga — sussurrei, olhando ao redor. Será que não havia uma folha ou algo do tipo que poderia ajudar na dor?

— Vou ficar bem, princesa. Só esperar mais alguns minutos e te levo para casa — sua voz estava trêmula, um pouco de suor escorria na testa, mas se

endireitou e ajustou as calças. Eu tentei não olhar, mas peguei um vislumbre e parecia bem feio. Vermelho, muito inchado. Bem lá em cima!

— Não há nada mesmo que eu possa fazer?

Ele me deu um sorrisinho parecido com o de Einar, malicioso.

— O ferrão da abelha é muito traiçoeiro.

— O que quer dizer? — perguntei, alarmada.

— Posso estar em perigo de vida.

— O que eu faço?! Devo ir chamar alguém, procurar alguém — comecei a me afastar, mas Ulf me segurou e, estranhamente, juntou os lábios, fazendo um bico.

— Dizem que o único jeito de melhorar uma picada de abelha é chupando para tirar o ferrão.

Levei apenas dois segundos para entender o que quis dizer.

— Ora, seu bruto! — bati nele, acertando-o no peito, braços e até no rosto.

— Como ousa me dizer algo tão... tão...

— Tão? — desafiou, segurando-me mais forte, grudada ao peito.

— Tão grosseiro! — boquiaberta, me recriminei por ceder à tentação e saí de seu agarre. Logo que viu meu rosto sério, Ulf me deixou ir. — Chulo! É igual ao seu irmão, um chulo!

Saí gritando, indo rapidamente de volta para a cabana, o tempo todo agradecendo por Einar não estar lá. Eu podia resistir a um, mas a dois no mesmo dia... nenhuma garantia disso.

Fechei a porta do quarto improvisado e cobri a boca, tirei a roupa e corri para o banheiro.

O pior era que eu *realmente* queria ajudá-lo com aquele ferrão.

SELVAGENS

Eu evitava Ulf a todo custo, mas parecia só encorajá-lo a fazer mais. Mais provocações, mais piadinhas, mais toques... Ele insistia naqueles toques.

Foi um alívio que Einar não tivesse demorado a voltar. Na manhã seguinte ele chegou junto com o sol. Os dois se abraçaram, rindo aliviados. Eu não fiquei de fora, Einar me pegou nos braços grandes e deu-me um abraço de urso, esmagador. Foi rápido, mas mesmo depois de ter me soltado, eu ainda sentia.

— Bem-vindo de volta, guerreiro.

— É bom estar de volta, princesa. Senti falta de comer bem.

— Não me diga que passou fome?

— Não, nem de longe. Mas a comida de fora não é tão boa quanto a de casa — deu-me uma piscadela e riu. Ulf o acompanhou, batendo em suas costas.

Eu não sabia como interpretar aquilo, mas nenhuma delas me agradou.

Ele comeu literalmente fora? Ou foi... foi... deuses. Com certeza foi como Ulf disse naquele dia na floresta. Alguma moça cheia de generosidade o alimentou. Por isso os dois estavam rindo e trocando olhares como se fosse uma piada muito divertida.

A fúria que me tomou ao saber que ele estava se aventurando *em todos os sentidos* era completamente *sem sentido*. Ele não era nada meu, nenhum dos dois. E como Ulf havia dito, não estavam interessados em ter alguém.

Depois de Einar tomar um banho, sentaram-se nas pedras em frente a casa para conversar. Curiosa, eu encontrava desculpas a cada poucos minutos para ir lá fora e ouvir sobre a aventura que ele contava a Ulf. Algumas coisas me assustavam, detalhes do trabalho. Eu sabia que ele estava medindo as palavras, sendo cuidadoso com o que dizia, pois sabia que eu estava por perto, mas mesmo

com todo o cuidado, uma coisa entendi: as viagens que faziam eram perigosas.

Tão perigosas quanto imaginei.

A barba dele estava maior, mas continuava tão lindo quanto quando se foi.

Eu comecei e terminei o jantar e eles continuaram conversando, mas hora ou outra eu sentia olhos sobre mim. Nos de Ulf, sentia uma saudade do que havíamos experimentado, uma vontade de ter mais, de continuar, de parar de negar o que estava à minha frente.

E quando era Einar, sentia um peso na consciência. Um sussurro que parecia gritar na minha mente. Tão estúpido quanto era, eu sentia em meu coração que o tinha traído. Sequer entendia o motivo, não existia um porquê.

Mas a verdade era que não tinha nem um e nem o outro.

Dormi pelos próximos dias com a imagem de Einar e outras mulheres em minha mente. Um pesadelo sem fim. E quando acordava, enfrentava uma realidade ainda pior: nenhuma delas era eu.



Meu humor estava terrível quando acordei. Nenhum dos dois estava em casa, mas eu apostava que em breve os veria por ali, já que nunca iam longe demais. Estavam literalmente ao alcance de um grito. Uma vez, me assustei com um vento tão forte que derrubou a corda com as roupas limpas e gritei. Em segundos os dois estavam diante de mim com as espadas na mão e rostos assassinos, prontos para, como diziam... me proteger.

Eu ainda não havia tido coragem de dizer a eles do que fugia e sabia que era errado, era injusto que estivessem sendo bons comigo e eu continuasse mentindo, escondendo algo que poderia colocar os dois em risco. Eu não era uma prisioneira ali.

Mesmo com as vozes grossas e os corpos enormes, sabia que nunca me machucariam, provaram isso a cada dia, a cada semana que passei dentro e fora

daquela casa. E de qualquer fora, eu querendo ou não admitir, tê-los encontrado me salvou. Eu estaria lá fora, enfrentando a floresta desconhecida, noites no frio e dias de sol escaldante, em busca de abrigo no reino vizinho. Mas quem me garantia que conseguiria chegar lá viva? Ou melhor, inteira?

Conhecia os homens que viviam no reino, conhecia os guerreiros e os soldados, sabia que nem todos eram protetores e cuidadosos como Ulf e Einar.

Decidi então que ia contar, já vinha pensando nisso há algum tempo, só precisava do momento certo. Não sabia qual seria, mas ia chegar e, quando chegasse, eu poderia sentir isso. Certas coisas nós simplesmente sabemos quando acontece.

Comi algumas frutas e me espreguicei em frente à janela.

Estava um dia tão lindo e eu não tinha realmente muito trabalho a fazer. Embora os dois fossem desorganizados e bagunceiros, eu estava conseguindo pouco a pouco colocá-los na linha.

Já até guardavam suas espadas nos lugares certos!

É claro que precisei fazer uma grande encenação sobre isso para que elas não ficassem mais jogadas em qualquer canto da casa.

Saí da casa e peguei um pano limpo. Durante as caminhadas que me apresentavam ao redor do lar deles, acabei conhecendo uma cachoeira perto que, durante a noite, nos dias que ventava muito forte, era possível ouvir a água se deixasse a janela aberta e fizesse silêncio.

Era uma das minhas partes favoritas dali.

A cachoeira estava vazia como sempre, linda, viva e agitada. Tinha um cheiro tão bom, próprio, que fez um sorriso tomar meu rosto por inteiro. Tirei o vestido, deixando-o numa pedra e, caminhando até a beirada, entrei na água. Testei a temperatura nos pés, deliciando-me em como estava fresca. E aquele sol só tornava tudo perfeito. Mergulhei completamente nua, molhando meus longos cabelos e rosto, emergindo para deixar as luzes solares banharem minha pele.

Morando no castelo nunca tive tanto contato com a natureza. Era revigorante. Por isso vivia sempre tão triste, estressada e ansiosa. Invejava quem

não tinha deveres com o reino, era livre para ir e vir. E agora eu era uma dessas pessoas, mesmo que do modo errado, consegui minha liberdade. Caminhadas na floresta, pegar frutas, nadar nua numa cachoeira e quem sabe até mesmo aprender a usar uma espada!

— Parecem pensamentos alegres, princesa.

Soltei um grito e me afundei na água, puxando o cabelo para frente numa tentativa de cobrir meus seios expostos. Encarei Einar de olhos arreganhados e boca aberta. Ele tinha um sorriso no rosto, os cabelos presos para trás e não usava uma camisa, apenas um casaco meio aberto.

Os braços cruzados faziam parecer que ele estava ali há algum tempo e senti minhas bochechas ficarem vermelhas de vergonha. Vê-los nu era algo que se tornou rotineiro para mim, mas, na presença deles, nunca deixei faltar nem uma peça de roupa.

— O que está fazendo aqui, Einar?

Ele encolheu os ombros.

— Eu que pergunto. Fui eu que lhe apresentei a cachoeira, ela é minha. Mais uma coisa que está invadindo, hein?

— Por favor, entregue meu vestido que sairei da *sua* cachoeira.

Não era dele coisa nenhuma, mas provocá-lo era como dizer a uma criança que ela não podia comer doces o suficiente.

— Qual vestido? — se fez de desentendido.

— Está bem ao seu lado.

— Ah — ele o pegou. — esse aqui? — levou ao rosto e cheirou. — Cheira bem, princesa.

— Me dê, Einar.

— No que estava pensando?

— Meu vestido — pedi novamente.

— Responda-me primeiro. Tinha um sorriso lindo no rosto e quero saber o que o causou.

— Se eu responder, vai devolver meu vestido e ficar de costas até eu sair

da água?

— Sim.

Suspirei, ele era tão difícil de lidar quanto seu irmão. Talvez pior.

— Está bem — parei um pouco, pensando em como dizer aquilo sem parecer infantil.

— Apenas diga, princesa. Pare de pensar demais.

— Talvez esse seja o seu problema, sabia, guerreiro?

Ele riu, cruzando as pernas.

— Eu tenho um?

— Sim. Você não pensa para dizer as coisas.

— É claro que penso.

— Não pensa, não. Você me perturba todos os dias, diz coisas para me provocar e constranger e nunca pensa para fazer isso. É parte de você, é um devasso.

Ele jogou a cabeça para trás, rindo alto. Então ficou de pé e tirou seu casaco.

— Einar! — gritei, tampando meus olhos para não vê-lo nu.

Era uma tentação que nem os deuses podiam me salvar de querer, mas ainda assim tentei.

— Eu penso para dizer as coisas, princesa. Penso para fazer também e o que vou fazer agora é algo que tenho pensado há muito tempo!

A próxima coisa que vi foi ele pulando na água e nadando até mim. Eu estava travada, em transe. Entre fugir e sair ou ficar e correr o risco.

Será que beijava tão bem quanto Ulf?

Ah, Ulf! O que pensaria se visse isso?

— O-o que está fazendo? — perguntei com meus olhos arregalados e finalmente tentando dar pequenos passos para trás.

Mas ele era mais rápido e, em segundos, estava diante de mim. Nu como veio ao mundo.

— Mostrando o devasso.

Eu não pude dizer mais nada, pois sua boca estava na minha. Pergunta respondida: era *tão* bom quanto Ulf. Ótimo, excelente.

A água não era gelada o suficiente para esfriar o calor que ele fez brotar em minha pele. Os dentes mordiam meus lábios, chupando minha língua e segurando minha cabeça com firmeza, como se quisesse ter certeza de que eu ficaria exatamente ali e tomaria o que ele queria dar.

Não me esqueci de minha nudez, principalmente quando me puxou tão perto que meus seios foram esmagados em seu peito. Ele gemeu, apertando mais a mão que segurava minhas costas.

Soltei um suspiro sôfrego, acompanhado de um gemido que implorava, e senti o líquido da excitação correr por dentro de mim. Acho que, mesmo na água, se ele tocasse poderia sentir como seu toque, seus lábios e simplesmente estar com ele me fazia sentir.

— Tão boa, princesa — sussurrou, mordendo meu pescoço. — Tenho pensado em você quando estou acordado, sonho com você quando durmo e carrego meu pau duro como aço sempre que está por perto.

Ao dizer isso, ele me beijou novamente, suas mãos escovando minha pele, puxando meu cabelo, explorando minha boca sem parar, sem me dar fôlego. E eu nem queria. Mas então eu senti. Na minha perna, algo encostou do lado de dentro, a poucos centímetros do meu núcleo, da minha intimidade.

Mesmo com o beijo, nunca cheguei a sentir Ulf, mas Einar estava encostando-se a mim agora e eu precisei afastar nossas bocas, espantada com o que sentia roçando minha perna.

— Uau, Einar... — suspirei.

Mas então um pensamento me ocorreu, como é que aquilo entrava... lá?

Eu sabia que as mulheres se ajustavam ao corpo dos parceiros, não era estúpida, mas aquilo... era simplesmente louco. Fiquei ansiosa, temerosa e envergonhada. Não tinha experiência nenhuma, fora aquele desastre com Ulf, e não queria frustrar Einar. Mas realmente... era *muito* grande!

— Einar... — sussurrei, mordendo o lábio.

Sentia-me tão boba!

— O que foi, princesa?

— Eu não acho que posso fazer isso.

Ele inclinou a cabeça para o lado, acariciando meus lábios.

— Não precisamos fazer nada, eu só estou te beijando.

Seu sorriso era tão lindo que quis continuar, deixá-lo fazer o que desejava, mas tinha que ser sincera.

— Mas eu estou te sentindo nu e acho... acho que nunca vou conseguir fazer isso. Você sabe... te deixar entrar.

Ele estreitou os olhos, me olhando mais confuso ainda.

— Eu ainda estou de calças, princesa.

Inclinei a cabeça e desci a mão lentamente para minha perna, tocando levemente com a ponta dos dedos.

Ah, não!

Dei um grito, afastando-me e correndo para fora da água. No caminho, gritava para que ele saísse também. Einar me fitava, confuso, as sobrancelhas levantadas e a boca aberta.

— Uma cobra! Uma cobra! Saia daí!

Quase fazendo meu coração parar, ele mergulhou e eu gritei mais desesperada ainda, não dando a mínima que Ulf podia ouvir e aparecer ali.

— Calma, princesa — ele emergiu, rindo e segurando a maldita nas mãos.
— É uma bela criatura, não?

As lágrimas já transbordavam em meus olhos. Estava incrédula, em choque.

Ele a jogou longe na água, depois saiu e lentamente veio até mim.

— Você não deveria ter feito isso — resmunguei, meus dentes batiam juntos.

— Já nadei em lugares piores e já fui picado também.

Einar me enrolou no pano que havia trazido e colocou seu casaco em mim, passando seus braços por minhas costas e me mantendo perto de seu corpo por

um tempo. Eu não queria ser uma dramalhona, mas aquelas situações eram novas para mim. Teria que aguentar as boas e ruins.

O lado bom era a cachoeira, mas o ruim era que poderia haver cobras nela.

— Ainda não me disse por que estava sorrindo.

— Estou feliz. É a primeira vez na vida que posso fazer o que quero. A primeira vez que saí do reino.

Ele me olhou por vários minutos, sorrindo.

— Vou levá-la para além dele, princesa. Vai conhecer muito mais que isso.

Eu dei risada, segurando o pano firme em volta de mim enquanto ele me levava para casa. Não parei de rir. E não sabia se estava rindo da cobra, de pensar que era seu membro ou simplesmente porque era Einar e ele tinha aquele efeito sobre mim.

— Se qualquer um de nós tivesse sido picado, era só chupar para sugar o veneno.

Ele piscou e eu não aguentei, a ironia era tão grande que comecei a rir de novo.

A DECLARAÇÃO

— Gigi.

Ulf.

Abri meus olhos pouco a pouco, sentindo-me ser balançada, cutucada e ouvindo meu nome baixo.

— Gigi, acorde.

Einar.

— O que? — resmunguei. — Ainda não está na hora de levantar.

— Princesa, preciso que se esconda agora.

Aquelas palavras demoraram três segundos para fazer sentido em minha mente. Levantei, enrolando o cobertor em volta de mim.

— Po-por quê?

— Nós ainda não sabemos.

Eles falavam enquanto se vestiam e pegavam suas espadas.

— Einar, Ulf...

Ulf se aproximou e segurou meu pescoço como ele sempre fazia.

— Fique aqui, não saia de jeito nenhum e esconda-se. Não deixaremos que nada te aconteça, mas são os guardas reais. Se entrarem, não podem te ver.

Meu coração afundou ao ouvir aquilo. Guardas reais? Então era isso, aquele era o fim. Iam me levar de volta, papai me castigaria e aconteceria exatamente o que eu quis impedir: Alef me teria. Papai estaria tão zangado e tomado pela vingança que não se importaria com o que fosse feito a mim, ia me esquecer.

E Einar e Ulf, eu nunca mais ia vê-los.

— Acalme-se — disse Einar, levando-me para o banheiro.

— Eles... eles...

— Shhh... Não diga nada — olhou no fundo dos meus olhos e beijou minha mão. — Você fugiu, nunca esteve aqui.

Então ele saiu.

Eu estava tremendo, suando, inquieta, num nível de ansiedade que fazia meu peito doer. Pude ouvir os cavalos, vozes e espadas. Mas não ouvi gritos e nem os sons de uma batalha.

Não aguentei. Não podia ficar escondida ali dentro sem saber o que acontecia lá fora. Com cuidado a cada passo, abri a porta e saí. Passei pelo quarto, ouvindo os sons mais altos, nítidos. Espiei nossa pequena sala e saí ao ver que estava vazia, com a porta fechada. Fui até a pequena janela e olhei por uma fresta, suspirando meu pânico quando vi os dois irmãos lado a lado e, um pouco à frente, três guardas. Vestiam as armaduras e marcas do reino, um deles segurava o cavalo um pouco atrás.

Einar e Ulf não seguravam as espadas, elas estavam guardadas em suas costas, pareciam tranquilos, como se estivessem apenas defendendo sua casa.

Mas isso mudou quando o cavaleiro do meio pegou a espada e apontou para a porta, dando um passo à frente. Ulf pegou a sua primeiro e Einar logo em seguida. Trocaram poucas palavras, mas todos estavam tensos. O homem chegou mais perto e eu senti o pavor me engolfar, lágrimas de medo escorrendo pelo meu rosto. Eu havia colocado aqueles dois homens bons e generosos em perigo. Eles podiam conhecer meu pai, mas não conheciam sua fúria.

Seria dada em dose dupla: como pai e como rei.

Ulf então avançou e eu cobri a boca, abafando um grito. Depois de alguns golpes, tiraram as espadas dos homens. Einar se aproximou do que ameaçava entrar na casa e o derrubou no chão, dizendo algo perto de seu rosto que o fez arregalar os olhos e acenar freneticamente. Ele ficou de pé e recolheram suas armas, depois cada um subiu num cavalo e se foram.

Eu observei com espanto os dois ainda lá fora, como se quisessem ter certeza de que os guardas realmente tinham ido embora antes de entrar.

— Dissemos para se esconder, Gigi!

Soluçando, corri para eles, estavam tão próximos que pude envolver um braço em cada um. Após um momento de hesitação, eles me envolveram também.

— Obrigada, obrigada, obrigada! — eu dizia sem parar, com as lágrimas incessantes caindo.

— É nosso dever.

Balancei a cabeça, me sentindo horrível, mais do que já sentia.

— Papai vai me caçar para sempre. Os dois vão, nunca me deixarão livre.

— Dois? — Einar questionou, franzindo a testa.

— Alef Bifrost.

— O príncipe?

— Sim — sussurrei, afastando-me. — Fui prometida a ele. Por isso fugi.

— Eu disse que havia um homem — Ulf rosnou, jogando sua espada.

Pulei no lugar, assustada.

— Eu não tenho um homem — expliquei calmamente.

— Um príncipe e uma princesa, isso me parece velho.

— Se eu o quisesse, por um acaso teria fugido?

— E não o quer? — Einar pressionou.

— Já disse que não, eu o desprezo! Não o quero, não o amo e não desejo me casar com ele, essa é a vontade de meus pais.

— Isso não explica ter mentido.

— Eu sei, mas não sabia como entrar no assunto e sei que logo vou embora, então...

— O que? — Ulf perguntou baixo, olhando-me com uma raiva que eu nunca tinha visto. — Vai embora?

— Estou pagando minha dívida, mas...

Ele riu, sarcástico.

— Eu aqui mentindo para o meu irmão, pisando em armadilhas para descobrir como contar a ele e você diz que vai embora?

— Como mentindo? — Einar grunhiu, fitando seu irmão.

— Não posso continuar escondendo isso — virou-se para Einar e inflou o peito. — Eu beijei a princesa Gigi Eriwoff.

Meus olhos arregalaram e fitei Einar. Olhei um, depois o outro. E eles ficaram se encarando por longos minutos. Eu não sabia o que dizer, muito menos o que fazer. Se os dois puxassem espadas eu nunca me perdoaria.

Aquela conversa estava fugindo totalmente do ponto principal: o motivo da minha fuga. Mas eles já estavam entrando num território que, por medo de separá-los, eu nunca queria entrar.

Einar fungou e bateu no peito.

— Não. Eu beijei a princesa Gigi Eriwoff.

— Não é possível. Eu beijei.

— Já chega — sussurrei. — Eu beijei os dois.

O momento era aquele: ou se atacariam ou me atacariam. Eu esperei, esperei pacientemente. Mas ao contrário disso, eles nem se moveram. Apenas olharam um para o outro, mas não havia raiva, ódio ou competição ali, havia... curiosidade. Eles olhavam para mim, depois um para o outro e para mim de novo.

Então as palavras de Ulf vieram em minha mente.

“Sempre fomos Einar e eu, somos irmãos. Uma mulher não poderia nos entender, não poderia viver conosco. Não nos aguentaria.”

Mas eu entendia. Eu aceitava. Não podia correr para um e nem para o outro. Não podia escolher, não queria. Não podia fugir ou ir embora e nunca houve realmente uma dívida. Ulf tinha razão, afinal, eu era um presente. Mas não apenas para ele e sim para os dois. Eu nunca ia dividi-los, eu ia me juntar a eles.

Aqueles homens salvaram a minha vida.

— Me mostrem — falei e eles me olharam.



Eu vi os olhos de cada um escurecer e as mãos cerrarem em punhos. Eles respiraram com força pelo nariz. O desejo me consumiu. Não pensei em mais nada quando deixei os panos caírem no chão.

— Mostrem-me.

Einar cerrou a mandíbula.

— Mostrar o que?

Ulf caminhou lentamente, até que parou a um braço de distância atrás de mim e eu podia sentir irradiando dele a mesma atração. De nós três. Aquela mesma do bosque e da cachoeira, só que naquele instante estávamos juntos e não havia como explicar.

— O que quer ver, princesa?

Eu engoli em seco.

— Quero saber por que me protegeram. Por que não me entregaram aos guardas reais.

Einar fitou seu irmão, depois a mim.

— Não sabe o que está pedindo, Gigi.

— Eu sei. Quer dizer, na verdade... não sei. Mas imagino.

— Uma vez que tocarmos você, será para sempre.

— Não irá embora nunca mais, princesa.

Einar acenou.

— Completamente nossa.

Eu elevei o queixo.

— Ulf me disse que nunca tomariam uma mulher porque nenhuma aguentaria vocês, porque foram feitos para ficar juntos.

— Ele disse a verdade.

— Eu concordo. É por isso que não estou pedindo que se separem, estou pedindo para me juntar a vocês. Eu os entendo. Eu os aguento.

— Completamente nossa, Gigi — Ulf repetiu as palavras de seu irmão.

E eu sabia, sabia realmente que aquele era como um último aviso.

— E quem disse que não quero isso? Não estou escolhendo nem um e nem o outro, quero os dois.

Ouvi um rosnado atrás de mim e então as mãos de Einar seguraram minha cintura. Ele abaixou o rosto, tocando os lábios em minha testa, e eu tremi. Involuntariamente e desesperada para finalmente me agarrar a ele, segurei seus braços, sentindo os músculos duros dentro dos panos maltrapilhos. Com um único dedo, ele levantou meu queixo e, sem mais, me beijou.

Eu não podia acreditar que era realidade. Não quando Ulf chegou atrás de mim e, sem pedir licença, segurou a bainha da minha camisola fina, tirando-a com delicadeza. Então eu estava nua entre aqueles dois enormes homens.

Meu pulso acelerou, o coração disparado.

O hálito quente de Ulf se fez presente em meu pescoço e suas mãos calejadas acariciaram minha barriga, subindo até segurar um seio.

— Você é tão macia, princesa. Me pergunto se é assim em todos os lugares.

Tentei me virar para ele, mas Einar segurou meu queixo, tomando posse, reivindicando minha boca outra vez. Seu beijo era forte, bruto, tão gostoso como ele próprio. E eu não sabia se queria beijá-lo para sempre ou me separar apenas para agarrar Ulf.

Quando me soltou, foi apenas para me virar, então Ulf foi quem ferozmente tomou meus lábios. Eu os sentia inchados, doloridos, e minha pele tinha um leve ardido de suas barbas. Os fios do cabelo de Ulf roçaram meus seios, fazendo-os endurecer mais ainda. Ele gemeu, apertando-os em suas mãos. Caiu sentado na poltrona a dois passos de nós e me puxou, sentando-me em seu colo de costas para ele. Senti sua boca beijando minhas costas, cada canto que

ele alcançava não ficou livre de seu carinho.

Fechei os olhos, deliciada.

Einar se aproximou pela frente. Passando o nariz em meu pescoço, arrastando os dentes para baixo, em direção aos meus seios, cheirava como se quisesse que o odor da minha pele ficasse impregnado em seu nariz. Deixando beijos molhados em cada centímetro, arrastou sua boca até meu mamilo duro, primeiro lambendo e depois sugando, como se estivesse beijando minha boca.

Estremeci sob seu toque e, quando senti as mãos de Ulf segurando minhas pernas abertas, uma antecipação começou a tomar conta. Porque beijar e acariciar era apenas uma preliminar para o que eu sabia que ia acontecer. E não queria impedir.

— Preciso tocar você, princesa — Einar disse.

Ulf segurou meu cabelo, inclinando sua boca para o meu ouvido.

— E quando ele quebrar a barreira dentro de você, estaremos os dois aí, princesa. Tão fundo e tão forte que você não vai saber onde um começa e o outro termina.

Einar lambeu do meu colo até meu queixo, mordendo meu lábio.

— Quer isso, princesa?

Eu gemi, concordando com um aceno débil.

— Diga para nós, queremos ouvir dessa sua boquinha que quer sentir nossos paus te invadindo.

— Eu quero... quero vocês.

— Onde, princesa?

Abri os olhos, fitando os belos olhos negros de Einar.

— Onde quer que vocês possam estar.

Einar sorriu para mim antes de se inclinar e tomar minha boca em um beijo necessitado. Ulf segurou ambos os meus seios, rodando os mamilos arrebitados entre o polegar e o indicador. Cada puxão molhava ainda mais a minha intimidade e me perguntei se eles podiam sentir o cheiro da minha excitação.

Einar caiu de joelhos na minha frente, acariciando do tornozelo até o

centro da minha coxa, fazendo arrepios se espalharem. Eu era incapaz de controlar minha respiração. Abri mais minhas pernas. O calor que aquecia meu corpo não era comum, nunca senti antes.

Os beijos que antes ele depositava em meu pescoço foram postos perto da minha intimidade, onde nunca fui tocada. Ele subiu mais, sua respiração chegando mais e mais perto de onde eu derramava líquidos de prazer. Então finalmente sua língua quente e molhada tocou o meio das minhas pernas. Arquejei em cima de Ulf. Primeiro foi apenas uma lambida, mas tornou-se mais rápido, mais intenso, mais forte. Seus dentes arranharam meu botão inchado e ele rosnou contra meu núcleo, tornando-se desesperado em suas carícias.

A língua e os lábios faziam uma pressão de tal forma que meus quadris não podiam ficar parados. Eu me remexia, sôfrega em busca de alívio, tentando encontrar algo para segurar enquanto meus gemidos se tornavam mais fortes.

Aquilo, combinado com Ulf beijando, mordendo meu pescoço e torturando meus seios me levava à loucura. Os dois estavam gemendo e rosnando, me deixando ver o quanto meu corpo os afetava, o quanto estavam excitados por me tocar e me ter.

Quando Einar mordeu os lábios da minha vagina e balançou sua língua rapidamente no meu broto sensível, foi tudo que eu consegui aguentar. A sensação que me invadiu era de estar saindo do meu próprio corpo. O suor brotou em minha pele e não podia parar de tremer, nem evitar tentar me afastar de sua boca. Minhas mãos soltaram os braços de Ulf e foram diretamente para o cabelo de Einar, tentando afastá-lo enquanto o mundo explodia dentro de mim.

Fiquei mole, confusa e curiosa sobre o que aconteceu. Mas não podia parar para pensar. Tudo o que sabia era que queria muito mais. Einar sorriu para mim, seu peito subindo e descendo com a respiração rápida, assim como senti o de Ulf embaixo do meu corpo.

Ele se inclinou, passando minhas pernas em volta de sua cintura e me puxou para cima. Sem demora sua boca estava na minha. Eu senti um gosto diferente e me lembrei de que há alguns segundos sua boca estava na minha

intimidade. Mas não senti nojo, aquilo me despertou ainda mais.

Enquanto ele me beijava apaixonadamente, fazendo com que eu me perdesse em sentidos e sensibilidade, percebi que estávamos andando e ele só parou quando se abaixou, me deixando deitada de costas em um colchão.

Em sua cama.

Respirei fundo.

Finalmente vai acontecer.

A vida toda tinha escutado sobre o ato. Mas nunca, jamais imaginei que seria assim. Ulf se aproximou da cama, me olhando com seus olhos castanhos brilhando e ajoelhou à minha frente, passando a mão pela minha perna até chegar à minha vagina.

Senti mais uma rajada daquele líquido escorrer de mim quando acariciou de cima para baixo. Um gemido escapou da minha boca e observei Einar ainda de pé, tirando sua calça.

Nada nunca podia me preparar para a visão daquele homem nu.

Sempre e sempre imaginei que sentiria nojo, que iria querer fechar os olhos e só abrir quando meu marido terminasse. Mas não com eles.

Abri a boca, surpresa, olhando para seu pênis grande, grosso e pesado pendurado entre as pernas, muito ereto. Ulf riu, atraindo meu olhar. Ele tinha tirado a roupa e, quando deixou a calça cair, ofeguei. Um segundo de desespero me bateu, pensando em como eram grandes e eu... pequena em tudo comparada a eles. Mas meus olhos foram para seus rostos. Tão fortes e selvagens, mas ainda assim tinham me salvado e protegido. Nunca me deram nenhum motivo para desconfiar de que não eram íntegros, honestos e leais.

Eu confiava minha vida a eles.

Abri mais minhas pernas, sorrindo para Ulf, depois para Einar.

— Nossa princesa está preparada, Einar.

— Está. E parece que não aguenta mais esperar.

— Ele está certo, princesa?

Eu assenti.

Ulf sorriu.

— Quero ouvir da sua boca.

— Eu quero vocês.

— Não precisa dizer outra vez.

Observei Einar se aproximar como um tigre quando está prestes a capturar sua presa. Ele ficou entre as minhas pernas, grudou seu peito no meu e beijou meus lábios, acariciando meu rosto. Eu senti seu pênis latejando na minha pélvis e me remexi, tentando sentir mais dele.

Ulf riu.

— Ela está tão... tão ansiosa.

Olhei para o lado, vendo quando Ulf envolveu uma mão em torno do seu próprio membro e começou a acariciar a si mesmo. Lambi os lábios e ele sorriu, os olhos suaves. Estiquei uma mão, querendo que se aproximasse, e ele fez. Minha mão tomou o lugar da sua e senti sua carne dura, pesada, cheia de veias salientes.

— Isso é normal?

Einar riu, parando para beijar minha bochecha.

— Nós comemos muitos legumes, princesa.

Eu arregalei os olhos, fazendo movimentos calmos que fez Ulf suspirar.

Einar segurou meu rosto, fazendo-me encará-lo.

— Eu vou entrar em você agora.

— É o que mais quero, Einar.

Um punho segurou meu cabelo e, de repente, Ulf estava esmagando sua boca na minha. Pensei que depois daquelas palavras Einar fosse simplesmente entrar em mim, mas me surpreendeu de novo. Eu senti a ponta de seu dedo me invadindo lentamente, indo até a metade e escorregando para fora. Ardeu e tomei plena consciência de que, quando fosse ambos os paus, iria mais do que arder.

Mas queria isso, queria ser deles.

Einar passou a ponta de seu pênis sobre o meu clitóris e pressionou, massageando meu centro úmido enquanto seu dedo ainda escorregava em mim.

Então ele enfiou mais um e a sensação de seus dois dedos começou a me lubrificar ainda mais.

Meu corpo inteiro formigava e senti aquilo de novo se aproximando, estava perto.

— Einar... eu... isso é...

— Deixe vir, princesa.

Os tremores começaram e como se tivessem combinado, enquanto eu ainda via estrelas, Ulf torceu meus mamilos e Einar me penetrou completamente.

Eu gritei. Encarando-o de olhos arregalados, ele enxugou as lágrimas que fugiram dos meus olhos.

— Já vai passar, princesa.

Balancei a cabeça, não aguentando.

— Não, é muito, me machuca... — sussurrei.

Ele grudou seu corpo ao meu, abrindo mais as minhas pernas, e me beijou. Einar me rodeou por completo e esperou até que a dor se tornasse um incômodo. Quando se afastou lentamente, apenas para afundar outra vez, o atrito de sua pele com o meu clitóris inchado me fez gemer. Doía, mas não era o fim do mundo como ouvi as mulheres comentando ao redor do castelo.

— Ela me aperta como nada nunca antes, irmão. É o paraíso.

Ulf sorriu.

— Eu sei que é.

Sentia o pau enorme de Einar me esticar, arrastar contra as minhas paredes internas e acariciar pontos doces dentro de mim. Ele me virou de repente, fazendo minha mão escorregar do pau de Ulf e eu o senti completamente. Estava empalada, totalmente preenchida por ele.

Eu escorria e conseguia ver o brilho dos meus líquidos na minha pele e na pele dele. Einar apoiou os dois pés na cama e segurou minha cintura, começando a estocar com mais vontade. Seu pau batia fundo em mim, cada polegada de sua espessura me testando. Gritei de prazer quando ondulou os quadris e Ulf se aproximou, me beijando, respirando forte em minha boca, totalmente fora de

controle.

As sensações eram insanas, loucas, perdidas. Não podia definir.

Eu não era a princesa Gigi Eriwoff ali. Sentia-me livre, cheia, completa.

As mãos de Ulf enrolaram no meu cabelo e sua boca chegou ao meu ouvido.

— Vou tomar você por trás, princesa. Será completamente nossa agora.

Eu pude sentir quando se moveu atrás de mim. Sentada como eu estava em cima de Einar, ele segurou minha bunda, massageando as bochechas por vários minutos antes de abrir, afastando e deixando-me mais exposta do que nunca.

A língua de Ulf foi certa sobre o meu buraco apertado, então me contrai e Einar gemeu.

— Irmão, você está fazendo ela ficar tortuosamente apertada aqui.

— Espere até que eu afunde nesse cuzinho bonito.

Levando-me com mais força, Einar tornou-se selvagem. A língua e os lábios talentosos de Ulf me enchiam de saliva no lugar mais proibido que eu poderia pensar. Enquanto ele afundava um dedo delicadamente, ardeu um pouco, mas eu estava tão apertada que um prazer perverso me corroeu. Sabendo que os dois homens mais incríveis que eu já tinha visto estavam me tocando tão intimamente, me adorando como se eu fosse a única mulher no mundo.

Eu estava quase explodindo de novo, com o atrito que o roçar do corpo de Einar tão apertado no meu fazia, me entregando ao prazer outra vez quando senti a cabeça grossa de Ulf começar a me esticar. Eu olhei para trás, encarando seus olhos, e ele sorriu, perdido entre o prazer e me passar confiança. Mas ele já a tinha, então eu envolvi a mão em seu pescoço e o puxei, beijando sua boca e deixando que minha língua passeasse em cada canto.

Einar agarrou meu mamilo com os dentes, desviando de um para o outro. Pouco a pouco, Ulf estava completo dentro de mim.

Nós três gememos juntos, enquanto eu era inclinada para frente e para trás. As mãos passando por mim, em cada canto, e o rastro de fogo presente em cada carícia.

Era prazer, carinho, uma força bruta e delicada, mas também... amor.

— Eu decidi que vou comer sua boceta para sempre — Einar rosnou.

Ulf ronronou no meu ouvido.

— Diga a ele que vai dividir comigo, minha princesa. Quero sentir um pouco desse paraíso também.

— Então eu estarei comendo essa bunda deliciosa.

Ulf riu e minha pele tremeu.

— Você vai amar comer esse cuzinho apertado, irmão. É melhor que tudo.

Os elogios torcidos, os sons animais e masculinos vindo de seus lábios me faziam sentir poderosa. Porque era eu quem estava fazendo aqueles dois homens fortes, brutos e enormes perderem os sentidos.

O clímax rasgou através de mim, levando tudo: minha força, minhas energias, minha sanidade. Os pensamentos se misturaram e eu não pude pensar em nada que não fosse os dois me enchendo e me fazendo gozar e gozar outra vez.

Logo os dois alcançaram seu ponto e não sei o que aconteceu depois, porque meus olhos se fecharam sentindo beijos por meus ombros, rosto e pescoço. E desmaiei ali mesmo. Mais segura do que nunca estive.

INDECISÃO

Quando abri os olhos na manhã seguinte, precisei de todo o cuidado para não acordá-los. Estava com o braço de Ulf em minha cintura e minha perna em volta do quadril de Einar.

Os dois se mexeram, mas felizmente não acordaram. Eu parei em frente à cama, ainda nua, e os fitei. Soltei um suspiro ao ver que nossa noite mágica tinha acabado e era hora de começar a pensar com clareza, com a razão.

Pensei sobre minha rígida criação. O que papai diria, o que faria comigo se soubesse tudo o que fiz na noite passada? Que deixei um homem enfiar a língua em mim, sentada no colo de outro. Depois permiti que tirassem minha virgindade, tanto da frente quanto de trás, e gritei, gemi, pedi por mais. Ficaria decepcionado, envergonhado.

Pensei sobre como foi quando fugi, sobre Ulf e Einar me defendendo das tropas. Os dois grandes guerreiros prontos para morrer apenas para que eu me salvasse.

Olhei-os na cama mais uma vez. Entre eles, apenas um espaço que foi onde eu dormi. Meu corpo implorava para ir até lá e me deitar de novo, como se soubesse exatamente onde era seu lugar. Mas resisti. Enfie-me em meu vestido e a bota que havia usado para fugir e prenda o cabelo. Pretendia correr e não queria nada atrapalhando.

Saí do quarto com uma lágrima descendo pela bochecha. Doía tanto deixá-los, saber que não seria tocada por eles outra vez. Mas não podia deixar que corresse perigo, se papai mandasse que os soldados fizessem uma busca mais detalhada, me encontrariam e então os dois seriam condenados. Mortos.

Engolindo a tristeza e sabendo que estava perdidamente apaixonada pelos

dois, saí da casa sem perder tempo, correndo pela floresta. Passei apenas uma vez com Ulf pelos arredores, mas não sabia o que encontrar além dali. Lembrei-me do desespero que foi quando fugi do castelo, e o medo que senti quando encontrei Einar, além de Ulf chegando no dia seguinte.

Tive tanto medo, mas estranhamente sabia o tempo todo que nunca me machucariam, que nunca me fariam nenhum mal. Passei os dias aprendendo sobre os dois, me apaixonando secretamente. Percebia os olhares de ambos, a fome no rosto, e mesmo quando tentavam disfarçar, eu percebia como queriam estar perto de mim.

Cansada de correr, percebendo que havia ido muito longe, sentei encostada no tronco de uma grande árvore e me deixei pensar sobre tudo.

Como é que aguentaria a vida toda sem eles, se em apenas algumas horas já estava morrendo de saudades?

Enrolei-me em mim mesma e deixei que as lágrimas caíssem. Sabia que nunca, jamais, superaria Ulf e Einar. Nunca amaria novamente.

DE JOELHOS

— Acorde! — Ulf rosnou, empurrando Einar tão forte da cama que seu irmão caiu com um baque, levantando rapidamente, atordoado e alerta.

— Que diabos!

— Gigi sumiu.

— O que quer dizer com sumiu?

O coração de Einar pareceu parar, uma dor forte lhe bateu, fazendo suas pernas tremerem como não tinha acontecido nem quando estavam nas piores batalhas.

— Acho que alguém a pegou. Quando acordei fui procurar por ela e não a encontrei.

— Não acho que a tenham pegado. Se tivessem, nós não estaríamos falando agora.

Os dois pegavam espadas e armaduras enquanto falavam, mal vestindo as botas direito antes de sair e começar a se aprofundar na floresta.

— Tem razão — concordou Ulf. — Então ela deve ter apenas ido dar uma caminhada. Vamos procurar pelos lugares que já a levamos.

— Ulf...

— Não diga nada.

Einar rosnou.

— Precisamos considerar que ela...

Ulf não o deixou terminar, desferiu um soco no rosto de seu irmão, e continuou andando. Não queria considerar coisas erradas antes da hora. Não aceitaria o que estava passando pela cabeça de Einar e menos ainda queria admitir que também pensou o mesmo.

Ulf foi derrubado no chão, batendo o nariz no tronco da árvore com tamanho impacto do chute de seu irmão em suas costas.

— Ela pode ter ido embora. Pode ter nos deixado por vontade própria!

— Foda-se! Eu ainda vou procurá-la e quando a encontrar veremos por que foi embora.

— É claro que vamos encontrá-la, acho que estou feliz de admitir isso? Que nossa mulher fugiu de nós na madrugada?

Os dois se olharam por um momento, gritando no meio da floresta como nunca haviam feito antes e suspiraram com a dor no coração.

— Se ela não quiser voltar, vamos protegê-la até que esteja segura onde quer que pretenda ir, então vamos deixá-la.

Einar ouviu as palavras de seu irmão e odiou, mas sabia que era a única coisa a se fazer.



GIGI

Começava a anoitecer e já fazia frio. Eu havia andado por toda a manhã e tarde, tentando colocar o máximo possível de distância entre o reino de Kaubla e Ulf e Einar.

Meus pés doíam, estava faminta e sentia que tinham bichos subindo em cima de mim depois de ver tantos pela floresta. Cansada, avistei uma árvore grande, com muitos galhos em volta e coberta por grama bem verde. Sentei, suspirando de alívio por tirar o peso dos pés. Lágrimas vieram aos olhos ao pensar que há apenas algumas horas estava deitada mais confortável do que jamais estive antes, nem na melhor cama do castelo.

Encolhendo-me no casaco de pele grosso e quente que havia pegado da casa deles, fechei os olhos, planejando descansar apenas um pouco antes de

continuar. O casaco tinha cheiro de macho, o cheiro de Einar e Ulf, eu não sabia a qual dos dois pertencia, mas não importava, porque sentia que estava sendo abraçada por ambos ali.

Quando abri os olhos mais tarde, precisei piscar algumas vezes para me acostumar com a luz. Não era possível que tivesse dormido até o amanhecer, isso dificultaria demais a fuga!

Mas então um crepitar próximo a mim me fez ficar tensa e percebi que a luz vinha do fogo. Também estava mais quente, panos pesados em cima de mim. Levantei até ficar sentada e quando vi as duas sombras de costas para mim, observando a fogueira, fez sentido.

As lágrimas que tanto segurei caíram sem reservas. Fiquei sem forças e um soluço meu lhes chamou a atenção. Ambos vieram para mim na hora, agachando em cada lado meu.

— Gigi...

— Isso não deveria ser assim — sussurrei em meio às lágrimas.

— O que? — Ulf, confuso, perguntou.

— Eu fui embora, eu fugi e vocês deveriam ter ficado para trás!

Einar abaixou a cabeça com minha confissão, franzindo a testa.

— Nós desconfiamos disso.

— Decidimos que aceitaríamos também, mesmo tendo dito que seria nossa para sempre.

— Se o que quer é ficar longe de nós, então vamos levá-la em segurança até onde estava indo e a deixaremos.

— Não vamos incomodá-la novamente, princesa Gigi.

— O que... eu... — tentei falar, mas Ulf levantou a mão.

— Apenas nos diga se a machucamos de alguma forma.

— Não podemos dizer o quanto sentimos se foi isso, Gigi. Se fomos brutos e duros demais, se isso te assustou.

Meu coração se quebrou por eles. O que estavam pensando de si mesmos desde que se deram conta de que fui embora?

— Parem! — acariciei o rosto dos dois. — Vocês não fizeram nada. É tudo sobre mim, eu sabia que ir embora era a melhor forma de protegê-los.

— Nos proteger? — Ulf parecia ultrajado. — Nós não precisamos que nos proteja!

— Sabemos nos cuidar, Gigi, nossa única preocupação é proteger você e falhamos nisso.

— Não, vocês não falharam.

— Fugiu de nossa casa sem que percebêssemos, ficou exposta e dormiu sozinha na floresta. Sabe quantas coisas poderiam ter acontecido? Se os guardas do seu pai te pegassem?

— Sei! E foi por isso que fugi! Não posso suportar que meu pai coloque as mãos em vocês e sabia que iam me proteger a ponto de serem descuidados com sua própria segurança!

— Gigi... — Einar continuou, a cada palavra ficava mais impaciente.

— Não quero colocá-los em risco, são tudo para mim. Se os perder, perderei a mim mesma também — lamentei.

Eles trocaram um olhar antes de se ajoelharem na minha frente.

Tão lindos. Tão absolutamente lindos. Estavam com os cabelos soltos, com algumas folhas que caíam das árvores penduradas nos fios.

Os dois seguraram minhas mãos e então Ulf declarou:

— Minha princesa, passei toda a minha vida trabalhando e voltando para uma casa vazia de amor, delicadeza e cuidados. Se não fosse por meu irmão, nem voltaria. Passaria os dias indo e voltando das guerras, caçando os tesouros e me aventurando por aí. Mas não posso cogitar fazer qualquer outra coisa que não seja acordar e olhar para você. Gigi, se não for para nossa casa, não vou também.

Eu abri a boca, mas Einar colocou um dedo em meus lábios.

— Podemos ir embora, princesa. Não há nada que nos prenda aqui. Queremos você e sabemos que nos quer também. Estou apaixonado por você, Gigi.

— E eu — Ulf concordou. — Tão apaixonado que meu peito dói se não

tenho você ao lado.

Einar beijou minha mão.

— Volte conosco. Vamos pegar nossos pertences e partir. Onde quer que seja, venha e seja nossa.

Ulf imitou o gesto.

— Estamos de joelhos por você, princesa.

— É tudo o que eu quero, mas tenho medo.

— Não há o que temer. Nós vamos protegê-la com nossas vidas.

Ulf assentiu, concordando com o irmão.

— Conhecemos outros reinos, outras pessoas. Podemos construir uma nova vida longe. Só precisamos que confie em nós.

Eu chorei, mas logo me atirei neles, sendo segurada por quatro braços fortes.

— Então me levem e vamos partir. Não posso ficar sem vocês, eu os amo tanto. Façam de mim sua princesa, meus guerreiros.

➤ TUDO VEM DO TRÊS

Quando entramos em casa, os planos de pegar os pertences e partir foram momentaneamente esquecidos assim que Einar me beijou. Braços se cruzando, pele se tocando, roupas saindo mais rápido do que pensei ser possível tirar e logo eu estava nua entre os dois, também nus.

Ofegantes, desejosos. Sentia uma saudade tão grande que não parecia nem de longe que a última noite havia sido passada entre eles. Parei um minuto para observá-los, ver do que quase desisti. Quase não... que desisti! Mas os dois, fortes e decididos, é claro que não me deixariam ir. Eu tinha sido avisada, se me mostrassem por que se importavam, não haveria volta. Eu era deles.

E graças aos deuses eles eram meus também.

Ajoelhei-me no meio, sem que nenhum esperasse, e segurei seus membros, massageando com força e rapidez. Dei um beijo na cabeça de cada, lambendo a gota que brotou nos dois e passei a lamber e chupá-los com ansiedade.

Mãos agarraram meu cabelo e Ulf gemeu.

— Porra, princesa. Isso, chupa meu pau.

— Sim, Ulf, tudo o que quiser.

Rodeei a língua, sugando profundamente, e logo passei para Einar, deixando que entrasse em minha boca até engasgar. Eu não sabia o que estava fazendo realmente, mas a vontade de agradá-los, provar deles e devolver pelo menos um pouco dos prazeres que davam a mim, era tanta que não me permiti ser tímida.

Ele sorriu, acariciando minha bochecha.

— Eu vou gozar, princesa, se você continuar me apertando desse jeito. Vou soltar minha semente em todo o seu rosto.

Eu sorri para Einar, apertando-o mais forte ainda.

Molhei-os com a minha saliva, enfiando a ponta da língua no buraco que havia nos dois. As bolas pesadas tiveram atenção também. E contrariando tudo o que minha vergonha dizia, enfiei-as na boca uma por uma, chupando e vendo como meus homens perdiam o controle me tendo de joelhos e gemendo com a boca cheia deles.

— É agora... — Einar resmungou.

— Ela adora nossos paus, irmão.

Ulf gemeu e então eu senti no meu rosto e seios quando, de cada lado, jatos de suas sementes brancas caíram sobre mim. O que foi até meu lábio, eu lambi, e dos meus seios... bem, eles espalharam como se fosse um creme corporal.

Meus guerreiros selvagens ficaram mais selvagens ainda, vendo como sua princesa adorava testar seus limites.

E nós testamos um ao outro a noite toda... Para só então partir.

OS FRUTOS DO AMOR

Encontrei-os do lado de fora de casa, rindo e falando alto como estavam acostumados a fazer. Apenas com as calças e pés descalços, ambos tinham os cabelos soltos. Um escuro como a noite e o outro, claro como o dia. Eles se completavam e me completavam também.

— Erga mais sua espada, irmão, estou a poucos centímetros de acertá-lo direto na garganta.

Ulf bufou com a provocação, saltando com a espada erguida, aterrissando tão perto do peito de Einar que desviei os olhos. Sabia que era um perigo que ambos corriam todas as vezes que saíam para trabalhar.

— Eu serei o único a ensinar nosso filho a lutar, vendo como você está ficando mole.

Einar rosnou, então deu um giro e a espada parou direto no pescoço de Ulf, literalmente encostando à sua pele. Eu ofeguei, soltando um pequeno grito, e ambos me fitaram, deixando as espadas imediatamente e correndo até mim.

Quatro mãos afobadas mexiam na minha barriga grande e redonda.

— O que houve, Gigi? É o bebê?

— Ele está bem?

Eu sorri por sua preocupação.

— O bebê está bem, ele só não vai conseguir lidar com sua mãe explicando que seu pai foi morto em um treino de luta pelo próprio pai.

— Einar não poderia me acertar nem se eu vendasse os olhos.

Einar bufou ao ouvir as palavras de Ulf.

— E Ulf não conseguiria vender os próprios olhos sozinhos.

Eu dei risada de suas provocações, mas fiquei séria pouco depois.

— Eu os ouvi falando sobre ensinar o menino a lutar.

Eles trocaram um olhar antes de confirmar.

— Sim, ele será um grande guerreiro, como seus pais.

— Ele será o que quiser ser — acariciei ambos os rostos. — Mas prometam-me que, não importa quem for, mas se for uma menina, vão ensiná-la a lutar caso ela deseje também.

Os dois me abraçaram, beijando os lados da minha cabeça enquanto acariciavam seu filho.

— Tem nossa promessa, Gigi.

Sabiam como a criação que tive me fez mal e que eu não queria aquilo para nenhum de nossos bebês. Com o tempo, estávamos aprendendo um sobre o outro e não havia um único dia que eu me arrependia de ter fugido, menos ainda de ter me entregado a eles.

Einar era carinhoso, preocupado e de humor leve. Ulf me protegia até dos galhos mais afiados, me beijava como se fosse o último toque e era mais sério. Nós nos equilibrávamos, eles não tinham ciúme um do outro, mas se qualquer outro homem chegasse perto demais, sabia que poderiam arrancar sua cabeça.

Meus pais não continuaram procurando por mim e eu sabia que isso tinha algo a ver com meus companheiros. Eles haviam feito algo, eu só não sabia o quê e não planejava perguntar.

Abriram mão de sua casa, da floresta que tanto adoravam com os campos de caça e as cachoeiras, até mudaram de reino, viajando por dias para garantir a minha segurança longe de Kaubla. Aprendi a lidar com o temperamento de ambos e isso incluía saber que tudo o que faziam era para cuidar de mim, assim como eu cuidava deles.

— Eu só queria dizer que o jantar está pronto.

— Então vamos comer — disse Ulf, pegando-me no colo e correndo para dentro de casa. — Mas antes nós queremos a sobremesa.

A risada de Einar nos acompanhou para dentro.

EPÍLOGO

Ulf escorregou para fora de Gigi, Einar logo depois. Deitaram-na sobre a cama, acariciando sua barriga já evidente, e se encaram. Sua princesa lhes daria o terceiro filho em três anos e parecia que com cada gravidez ficava mais irresistível, eles não queriam nunca deixar de dar a ela suas sementes.

Floki e Knut dormiam no quarto ao lado, seus filhos pequenos haviam brincado o dia todo e dormiram cedo. Estavam animados que os pais voltaram do trabalho antes do planejado. Gigi era mãe e esposa em tempo integral, ela nunca reclamou e nem tinha por que, estava feliz e completa.

Seus bebês eram doces e também teimosos, porém as crianças mais incríveis. Sem contar que tinham personalidades fortes como seus pais, mas quando a encaravam, tinham os olhos brilhantes de amor, assim como seus dois guerreiros.

Gigi segurou o rosto de Ulf e o pescoço de Einar, puxando-os para baixo, beijando os lábios de um e do outro depois.

De repente, os dois se sentaram, trocaram olhares e ficaram em silêncio. Pareciam querer dizer algo, segurando as mãos de Gigi, inquietos. Ela logo se preocupou. De cara pensou que iam dar uma má notícia, por isso lágrimas encheram seus olhos. Será que precisariam viajar por um longo tempo? Ou pior, precisariam ir os dois juntos? Aquilo nunca acontecia, mas não era impossível.

— O que está acontecendo?

— Temos pensado sobre algo — disse Einar.

— Nós dois — emendou Ulf.

Gigi, aflita, observou seus companheiros de perto, esperando.

— Digam-me. Digam de uma vez, não façam esse suspense que deixa tudo

pior!

— Você está feliz?

Ela encarou Ulf sem entender, até mesmo assustada, alguma vez tinha lhes dado essa impressão?

— Por que está dizendo isso? Não mostro a vocês como sou feliz?

— Sabemos de onde vem — Einar soltou. — E agora com as crianças crescendo e mais uma chegando, pensamos que precisa de mais.

Gigi se sentou e soltou ambas as mãos. Já sentia sua irritação começar. De novo aquela história? Durante anos, sempre que começavam com aquela conversa ela os cortava, sempre deixava claro que não havia nada que amasse, desejasse e a satisfizesse mais do que a vida que tinham. Que construíram juntos!

— Ouça, Gigi — pediu Ulf. — Podemos lhe dar mais. Ouro, uma casa maior, joias e vestidos costurados para você.

— Meus vestidos são costurados para mim e tenho joias.

— Nós temos dinheiro para te dar mais. — Einar continuou. — Uma casa dentro do reino, talvez?

Ela quase riu, havia fugido de uma casa no reino. Não entendia por que continuavam achando que ela queria voltar para uma. Mesmo que não fosse o de seus pais.

— E o que mais? — perguntou, fingindo estar animada.

Eles olharam um para o outro, dando de ombros.

— Bem...

— Talvez...

Ela suspirou.

— Amo vocês, não direi nada além disso. Amo nossos filhos, essa casa, os lagos tão perto e a paz do silêncio da floresta. Amo que o mar fique a passos de distância e podemos fazer coisas que eu nunca pude antes, como pescar.

— Gigi...

— Não! Nossos filhos vão poder brincar sem alguém ditando regras, os

limitando, ordenando coisas sobre eles. Tudo o que temos, essa vida... ela é mais do que o suficiente para mim. Mais do que mereço.

Ambos a encararam sem palavras, os olhos brilhando de adoração.

— Podem aceitar isso? — perguntou com um sorriso. — Podem me prometer que essa será a última vez que falamos sobre ouro, castelos e a possibilidade que eu *precise* disso para viver?

Eles tentaram segurar, mas um soltou o ar e o outro suspirou de alívio. Gigi riu, balançando a cabeça em negação. Sabia que viver uma vida de luxo dentro de paredes e muros cercados de regras não combinava com seus dois selvagens. Eles amavam a floresta, o mar, suas pescas e caçar. Adoravam ensinar a forma de vida para as crianças. Os destruiria pouco a pouco se Gigi quisesse mais do que o que tinham, mas acima de tudo... Estava sendo sincera; amava tudo aquilo.

— Obrigada, princesa — Ulf declarou. Sentia-se grato a ela por muitas coisas e uma delas era a felicidade que trouxe para aquela casa, que antes era apenas dele e de seu irmão.

Einar acariciou o rosto dela.

— Te amo, minha princesa.

Gigi sorriu. Estava saciada, era adorada todos os dias e não tinha uma coisa que seus homens não fariam por ela.

E eles... bem, eles não poderiam imaginar vida melhor do que aquela. Sua Gigi, teimosa, desafiadora e maravilhosamente bonita era toda sua. Toda deles.

Sua princesa era rara e era a única dos dois.

Aquela trindade era simplesmente... a perfeição.



A AZARADA DO TINDER

Lani Queiroz

A Azarada do Tinder – Lani Queiroz



Eu confiro minha imagem no espelho do guarda-roupa, em meu quarto de babá. Sorrio, satisfeita.

— Nada mal, senhorita Pérola — pronuncio baixinho. Esse termo faz com que um rosto moreno e olhos escuros sagazes invadam minha mente. *Ele* é a única pessoa no planeta que me trata por *senhorita*. Eu gemo e me recrimino: — Pare já com isso, garota. O homem é seu chefe.

Passo mais uma camada do batom vermelho-sangue, combinando com o tom do vestido de seda. Hoje é minha noite de folga e estou estreitando laços com um carinha que conheci no Tinder. Eu sei o que está pensando, conhecer alguém pela internet não é seguro. Verdade. Porém, minha melhor amiga está noiva de um cara maravilhoso, advinha onde ela o conheceu? Isso mesmo, no Tinder. Então, nem tudo está perdido. Se ela se deu bem, quem disse que não posso acertar também?

Estou animada com Júlio, que tem se mostrado um rapaz agradável de estar perto. Estamos conversando há mais de três meses e nos encontrando há um. Certo, estou me forçando a gostar dele, para ser sincera. Preciso gostar ou meu chefe não vai sair da minha cabeça de vento.

Meu chefe é um renomado juiz de Direito, nunca se interessaria por garotas sem pedigree, como eu. Ele só sai com advogadas, promotoras e juízas tão glamorosas quanto ele. Essa constatação meio que me deprime. É a verdade, porém. Estufo o peito e me examino uma última vez. Meus olhos verdes estão brilhantes, expressivos, com a sombra escura esfumada.

Sem querer parecer metida, hoje estou de arrasar quarteirão. Meu vestido é um modelo de um ombro só, colado no busto e cintura, se abrindo levemente na saia, parando alguns centímetros acima dos joelhos. Sou uma loira baixinha, *mignon* mesmo. Tenho ridículos 1,55 de altura! Sempre minto quando me perguntam a respeito. Eu sei, coisas assim devemos levar para o túmulo. Sou quase uma anã. Cruzes!

Não que eu seja preconceituosa com os anões, não me entendam mal, mas custava ter crescido só mais uns seis, sete, oito, dez centímetros? Não é pedir muito, é? Principalmente para alguém que será uma professora, em breve. Como as crianças vão me respeitar se são quase do meu tamanho? Esse sentimento de pequenez só aumentou nos últimos dois meses, desde que cheguei aqui na mansão do meritíssimo senhor juiz Alessandro Bismarck.

Eu o chamo pelas costas de: Alessandro, *o Grande*. A alusão não é apenas pela estatura do homem, que é de dar medo em qualquer um. Ele seguramente tem uns dois metros, estou dizendo. Pelo menos é assim que o vejo quando chega perto de mim para rosnar suas ordens. A verdadeira razão do apelido é que fui azarada o suficiente para flagrar meu patrão em uma situação bem comprometedora, logo na minha primeira noite nesse mundaréu de casa.

Como a boa curiosa que sou, esperei todos se recolherem e fui explorar a casa, pois estava sem sono e tinha esquecido meu Kindle na casa da minha irmã mais velha, Márcia. Desci pelas escadas, ignorando o elevador. Sim, a casa parece a merda de um hotel! Tem dois andares só de quartos, pode isso? Voltando ao assunto, fui em busca da biblioteca que o meritíssimo havia me dito que poderia usar.

Minha mente vaga para aquela noite...

Calculei mal a localização e empurrei outra porta, entrando numa sala quase completamente escura, não fosse a luz branda da lua passando pelas paredes de vidro. Eu já estava me virando para sair ao perceber que não era a biblioteca, quando ouvi algo que me fez ficar alerta: um gemido masculino. Um gemido baixo, erótico, e isso fez uma quentura despudorada deslizar em minha

coluna, além de arrepios tomar a minha pele.

Em minha defesa, eu estava na seca há mais de um ano quando meu namorado de adolescência me pediu um tempo, o desgraçado! Mais tarde fiquei surpresa pra caramba quando o dito cujo saiu do “armário” e assumiu a homossexualidade.

Pois é, sou uma azarada no quesito relacionamento. Sabe aquela conversa do dedo podre? Minha filha, eu devo ter os malditos vinte dedos podres! Estou dizendo.

Voltando ao assunto... Deveria ter seguido para fora, mas a curiosidade, e algo que não consigo explicar, me venceram, por isso avancei um pouco mais, tomando cuidado para não fazer barulho. Então o divisei, sentado no sofá em forma de L, num canto recuado do recinto e minha respiração travou na garganta. Minha. Nossa. Era o doutor Alessandro, meu patrão sério, sisudo e um tanto irônico, que estava lá, usando apenas um robe negro, aberto dos lados, expondo todo o corpo grande, moreno, com músculos bem definidos.

Meu olhar o devorou e fui hipnotizada pelos movimentos lentos que sua mão grande fazia em seu – pausa para tomar um fôlego –, igualmente grande, pau. Eu engasguei, nunca tinha visto nada parecido em toda a minha vida. Já sabia que o homem era lindo de morrer estando vestido, agora, ele nu, meu Deus! Era uma total injustiça com os outros pobres mortais.

Como qualquer mulher de libido saudável faria, eu fiquei lá, observando o deus grego se masturbar. Sua cabeça estava apoiada no encosto do sofá, os olhos fechados, o rosto bonito franzido em concentração, os gemidos indecentes exalando da boca máscula, de lábios bem formados e levemente cheios.

Minha boca salivou, meus olhos cravados no pau grosso, cheios de veias pronunciadas. Eu desejei ir até ele, me ajoelhar entre suas pernas fortes e chupá-lo, ajudando-o na tarefa... Na verdade, devo ter gemido alto com essa vontade desvairada me incendiando inteira, porque o homem moveu a cabeça do encosto. Meu coração parou na garganta quando aqueles olhos de ônix cravaram diretamente nos meus. Fiquei paralisada, completamente alarmada e

envergonhada. Todavia, para minha total surpresa, ele não parou o serviço. Os gestos ficaram mais e mais intensos e ele passou a rosnar, olhos faiscando nos meus, parecendo um animal selvagem.

Eu queria sair, porém algo na expressão dele parecia me ordenar para permanecer ali, olhando-o. Então, com um gemido gutural, ele gozou, os jatos potentes espirrando em seu abdômen trincado. Ofeguei, lambendo os lábios secos como a merda do Saara. Minha vagina inundada, latejando tanto que tive medo de ele escutar o barulho. Jesus apaga luz... Que raio foi isso?

Seus olhos nunca deixaram os meus enquanto esfregava o eixo inchado. Quando os movimentos foram parando, foi como se eu saísse da espécie de transe a que fui submetida. Mortificação me atingiu e eu soube que precisava dar o fora dali o quanto antes. Me virei para sair, mas a voz grossa e baixa me fez parar, meu coração saltando sem controle.

— Encontrou o que estava procurando, senhorita Pérola? — seu tom foi cheio de sarcasmo. Com toda razão. Fechei os olhos, começando a imaginar como sairia daquela situação. — Fiz uma pergunta. Será que encontrou o que procurava?

Cacetada... Eu gemi e me virei para ele, envergonhada como nunca estive em minha vida.

— E-eu s-sinto muito, senhor. Estava procurando a biblioteca — gaguejei, engolindo em seco, vendo-o se levantar e limpar o pau ainda ereto, com alguns guardanapos, sem qualquer cerimônia.

Tinha os olhos escuros presos aos meus, de forma intrusiva, penetrante. Os arrepios de excitação se misturaram ao medo de ser demitida. Eu preciso muito desse emprego e do salário generoso que o juiz está me pagando. Ele também não fechou o robe. Não, o homem intimidante andou para mim, devagar, grande, enorme, nu. Não consegui desviar os olhos do seu membro bem dotado.

Meu Deus! Por que será que quanto mais a gente sabe que não deve olhar, mais os olhos vão para lá? Que vergonha...

— Deve ter percebido que era um escritório tão logo entrou — parou bem

na minha frente, parecendo o Golias diante do pobre Davi, no caso, eu. Deus do céu... Grande. Moreno. Delicioso. Tremi dos pés à cabeça. Com gestos lentos e um tanto arrogantes, ele finalmente fechou o robe e cheguei a suspirar. Pois é, eu me envergonhei sem limites naquela noite. — Devo me preocupar com sua conduta a partir daqui, senhorita? É prática sua se esgueirar pelos cantos e observar seus patrões batendo uma? — seu tom foi ao mesmo tempo duro e zombador. Havia algo quase divertido brilhando no fundo das íris escuras.

Meu santo Deus! Senti meu rosto esquentando. Isso que chamo de impressionar o chefe, o resto é bobagem.

— N-não senhor. N-não tenho essa prática, senhor — gaguejei ridiculamente. — Eu estava sem sono, senhor... Jamais pensei que o encontraria aqui, senhor... Assim...

— Para uma futura professora, você usa muitas palavras repetidas na mesma frase — continuou zombando.

Queria que se abrisse um buraco no chão para eu cair dentro. O juiz estreitou os olhos perspicazes, me encarando bem de perto. Consegui ter uma ideia de como os réus que passam pelo seu tribunal se sentem. Ele é assustador, intimidante.

— Eu gosto de me masturbar aqui, após a leitura dos processos... — disse, ainda no tom irônico, e eu voltei a engasgar pela sua forma direta de falar. Minha Nossa Senhora... Eu soube ali que, toda vez que o visse indo ao escritório para ler os processos, minha mente iria para a sarjeta. — Me relaxa... — murmurou, sua expressão guardada, indecifrável. — Então, quando precisar falar comigo, bata antes.

— Sim, senhor — falei rapidamente, olhando-o como que hipnotizada.

— E você precisa parar de me olhar assim, menina — sua voz soou áspera e eu fiquei vermelha de tanta vergonha. Deus, ele percebeu meu deslumbramento patético. — Geralmente não tenho pudor em me divertir com funcionárias, desde que sejam mulheres experientes, que saibam exatamente o que estou lhes oferecendo — o arrogante pegou o volume da ereção por cima do robe, deixando

claro o que dá para essas mulheres. Eu ofeguei e o juiz riu, cínico, levando minha atenção de volta para seu rosto. — Você é uma coisinha curiosa, não é? Mas é jovem demais para um homem vivido como eu, senhorita.

— Eu não tive a intenção de parecer que estava interessada no senhor... — o homem levantou uma sobrancelha presunçosa, me esperando completar o pensamento. Suspirei, derrotada. Ele não era nenhum tolo, ou não seria um profissional tão respeitado em sua área. Não havia nada mais a fazer senão controlar os danos. — Realmente sinto muito, doutor Alessandro. Não farei mais nada que comprometa minha função aqui dentro, fique tranquilo — murmurei.

— Estou contando com isso, senhorita — ele me olhava bem de perto, me fazendo sentir minúscula e incomodada. Me senti assim desde que meu olhar encontrou o dele a primeira vez, na entrevista que fiz em seu escritório chique, na Av. Paulista. — Está aqui para cuidar dos meus sobrinhos, nada além disso.

— O senhor está certo. Minha conduta será ilibada daqui para frente, lhe prometo, doutor.

Ele me encarou longamente, então se virou, me dando as costas largas.

— Boa noite, menina.

Não sei por que meu corpo voltou a se acender pela forma como me chamou. Não senhorita. *Menina*. Sua voz pareceu um tanto rouca.

— Boa noite, senhor.

Suspiro e volto do meu recuo mental.

— Esqueça o juiz bonitão, Pérola. Para o seu próprio bem — alerto-me e pego minha carteira, me dirigindo para a porta.

Passo nos quartos de cada um dos meninos e eles já estão recolhidos. Caio, Davi e Mateus, de treze, onze e dez anos, respectivamente, estão jogando no computador. Vou até o quarto das meninas, Beatriz e Léa, de oito e seis anos. Elas já estão dormindo. Provavelmente o tio veio contar as histórias de princesas que tanto gostam. Eu beijo a testinha de cada uma e saio, rindo um pouco ao me recordar o trabalhão que tive para treinar o juiz para ser uma boa figura paterna para seus sobrinhos.

O homem viveu sozinho tempo demais. Essa mansão era sem vida. Cores escuras, muita sobriedade. Sugeri que mudasse a cor para branco e creme nas salas e nos quartos dos meninos, sugeri pintura e decoração mais colorida e lúdica. As crianças adoraram e isso me fez ganhar muitos pontos com eles.

Nosso começo não foi nada fácil, no entanto. O renomado juiz Alessandro Bismarck, solteirão convicto, aos trinta e seis anos teve que reorganizar sua vida devido a um trágico acidente de carro que matou sua única irmã e o marido. O casal deixou cinco filhos órfãos. Sim, eles trabalharam muito bem! Três meninos – que são um terror, diga-se de passagem –, e duas meninas lindas. O juiz pediu a guarda das crianças, mesmo sem ter a menor ideia de como se cria um filho, e foi aí que entrei. Minha irmã mais velha, Márcia, trabalha como secretária do homem há mais de dois anos e me falou do desespero dele para selecionar alguém competente e de confiança para cuidar dos sobrinhos.

Seis babás já tinham tentado e falhado. Os três pestinhas as colocaram para correr sem dó nem piedade. Fui para a entrevista e quase mijei nas calças quando entrei na sala imponente e me deparei com o homem mais imponente ainda. Eu fiquei sem fala por alguns minutos quando nossos olhares se conectaram. Foi impossível para uma garota sonhadora de vinte anos não ficar impressionada com a beleza do homem mais velho. Moreno, grande, aqueles olhos escuros como a meia-noite, intensos, fizeram meu corpo tremer inteiro. Arrepios tomaram minha pele e quando ele me cumprimentou, com a voz grossa e firme de homem da lei, eu era um caso perdido, apenas olhando-o como uma garota lesada. Ele me olhou longa e fixamente, então franziu o cenho antes de ajustar o terno bem cortado e me indicar um assento.

Foram duas horas de entrevista e eu me peguei em muitos momentos, viajando com o timbre de voz grosso, firme, rude até. Eu acho que é o tipo de voz que um juiz precisa ter. Ele exigia curso superior completo, mas depois que recobrei a fala, consegui convencê-lo de que era capaz de cuidar de seus sobrinhos. Fui contratada imediatamente e transferi meu curso de Pedagogia para o período noturno, para cuidar dos meninos em tempo integral. Eles fizeram

coisas terríveis comigo nas primeiras duas semanas. Meu Deus! Pegaram pesado, pensando que me colocariam para correr, como fizeram com as outras. Colocavam sapos dentro da minha banheira, sobre a cama, embaixo dos lençóis. Usaram até uma cobra de borracha para me assustar num passeio pelo jardim.

Um fingia bater no outro, que se esgoelava, gritando meu nome e chorando. Eles revezavam nesse teatro pelo dia inteiro. Essas crianças não são de brincadeira. A nova geração Bismarck é para os fortes, costume dizer. Contudo, fracassar não era uma opção, pois em nenhum outro lugar me pagariam tão bem. Respirei fundo, arregacei as mangas e tive que lançar mão de todas as teorias de Piaget, Vigotsky, Luria, Engeström, essa turma que é da pesada também, para conseguir dobrar as criaturinhas abençoadas. No final do primeiro mês eles já tinha se rendido.

Aleluia! Nem em meus primeiros estágios na escola pública sofri tanto e olha que o sistema público de ensino é de matar qualquer um do coração!

Eu desço pelo elevador. Estou perdida em pensamentos. Júlio marcou em um restaurante aqui perto de casa. Pelo menos não vou gastar muito em transporte. Tenho um fusquinha, herança do meu pai. O bichinho está em seus últimos dias e só vive quebrado. Uma pena, mas não vou me desfazer dele. Vou guardá-lo na garagem de Márcia até dar conta e comprar um cantinho só meu. Estou contando que daqui a dois anos nesse emprego consiga a minha tão sonhada independência financeira. Márcia já me ajudou demais. É hora de eu andar com as minhas próprias pernas. Minha irmã tem um marido e três filhos para se preocupar, não é justo ainda ter que se preocupar comigo.

Quando o elevador para, meu coração sofre um baque. O juiz está do lado de fora, usando o maldito robe de seda negra, uma pasta embaixo do braço. Ele estava no escritório. Droga. Agora as imagens proibidas que venho tentando expulsar do meu cérebro desde aquela fatídica noite voltam numa enxurrada. Eu piso para fora e tomo o cuidado de ficar a uns bons passos dele. Não falamos nada a princípio, apenas nos olhamos. Seu olhar negro corre pelo comprimento do meu corpo, numa leitura lenta, que faz meu ventre ficar quente. Depois

daquela noite, nossa interação tem sido estritamente profissional. Só falamos coisas relacionadas aos meninos e eu o agradeço, porque com a aparência que ele tem é muito fácil uma garota fantasiar bobagens.

Alessandro não se fez de rogado nesse meio tempo e saiu algumas vezes para encontros com as tais mulheres experientes que mencionou naquela primeira noite. Isso me deixou ressentida. Eu sei, sou patética. O cara tem todo o direito de se divertir. Até porque tem se dedicado com afinco para se aproximar dos sobrinhos e ser uma referência para eles. Eu sei de tudo isso, porém meu coração tolo continua saltando quando o vejo, meu corpo tremendo, minha pele arrepiando quando os olhos negros encontram os meus. Não consigo controlar meu corpo perto dele, droga.

— Boa noite, senhor — sou a primeira a falar para não denotar meu nervosismo.

— Boa noite, senhorita — sua voz grossa faz meu centro pulsar e meus seios arrepiarem.

Merda. Júlio. Júlio. Repito o nome do meu encontro uma e outra vez, na esperança de parar as sensações traiçoeiras do meu corpo à presença do meu chefe. Muito lindo, gostoso, tesudo, mas meu chefe.

— Eu estava lendo alguns processos... — a forma como diz isso, o brilho malicioso invadindo as íris escuras e o leve subir de um canto da boca indicam que ele não estava apenas lendo a porra dos processos. Estava se masturbando, como revelou que gosta de fazer. Que safado!

Não sei o que me dá, mas as palavras pulam para fora da minha boca antes que possa detê-las:

— Está bem relaxado, então...

Arregalo os olhos e seu olhar fica mais cintilante, o sorriso se abrindo devagar. Meu Deus do céu... Nunca o tinha visto sorrir assim. Não para mim. Ele faz muito para os meninos. Até mesmo para uma juíza que trouxe para jantar aqui na semana passada. Nunca para mim. Na verdade, tenho a impressão de que ele não quer muito contado comigo. Não posso realmente culpá-lo, depois do

meu enxerimento logo na primeira noite.

— Sim, bem relaxado — murmura, o olhar escuro fixo no meu. — Espero que volte do seu encontro bem relaxada também, senhorita Pérola.

O quê?! Como ele sabe que tenho um encontro?

— Como sabe que tenho um encontro? — pergunto, aturdida.

— Todos os passos da senhorita são monitorados por mim — ele diz com a maior naturalidade. — São medidas de segurança para os meus sobrinhos.

— Pensei que confiasse em mim — digo, magoada.

Seus olhos adquirem um brilho de aço.

— Eu não confio em ninguém, menina — seu tom é cínico e meio debochado quando acrescenta: — E você também deveria ser mais cautelosa. O *Tinder* não é um bom local para encontrar um relacionamento sério.

Isso me irrita. Quem ele pensa que é para me dar conselhos amorosos?

— E quem disse que estou atrás de um relacionamento sério? — rebato e seus olhos estreitam, algo brilhando lá no fundo. — Sou muito jovem para me prender, senhor — para chocá-lo e na esperança bem ridícula de lhe fazer ciúmes, eu completo: — Só quero uma boa noite de sexo quente. Só isso.

O juiz meio que rosna e me observa mais detidamente. Então, aquele sorriso lento volta a brincar em sua boca. Ele parece gostar do que lê em meu rosto.

— Boa sorte na sua noite de sexo quente, senhorita — me diz com uma expressão presunçosa na cara bonita.

Filho da mãe! Eu continuo querendo afrontá-lo, como uma menina petulante.

— Eu já tive sorte, senhor. Júlio é um ótimo rapaz e...

— É estagiário num bom escritório de advocacia. Cuida da mãezinha doente. Faz faculdade de Direito na USP... — completa as informações com deboche e arrogância.

Meu queixo vai ao chão. Ele não estava brincando quando disse que meus passos são monitorados. Então, uma suspeita se instala em mim. Até que ponto

vai esse tal monitoramento?

— Como sabe de tudo isso? — questiono, rezando para que não diga que teve acesso às mensagens que troquei com o Júlio. Pela expressão presunçosa e maliciosa no rosto moreno, eu já sei a resposta.

— Sim, eu tenho acesso às mensagens. Desculpe, não é pessoal. Tenho muitos inimigos em minha profissão e não posso dar mole. Muito menos agora que estou com os meninos sob a minha tutela.

Aceno, ainda irritada e envergonhada por ele ter lido as malditas mensagens. Agora sabe que estou há mais de um ano sem sexo e, portanto, matando cachorro a grito. Merda, me envergonhar para esse homem parece ser o meu carma desde quando o conheci. Gemo, desgostosa.

— Obrigada por me avisar — eu bufo. — Terei cuidado com o que falo de agora em diante.

Aquela sombra de um sorriso aparece em seu rosto de novo.

— Deve ter cuidado com o que fala sempre, senhorita — diz em tom de repreensão. — Ninguém é de verdade na internet. Para de ficar dando informações sobre você.

— Eu não dei muitas informações sobre mim...

— Você disse para o *perfeito* Júlio que está há mais de um ano sem foder, menina. O cara só tem pensando em te comer desde o momento em que foi tola e admitiu sua fraqueza.

Eu engasgo com sua forma esdrúxula de falar. Quem diria, hein, doutor juiz? Acho que homem sempre vai falar palavras rudes, não importa o grau de instrução. Oh, raça...

— Eu não fui tola. Estávamos conversando e ele também está há seis meses sem sexo depois que teve um rompimento doloroso e...

— Oh, coitadinho do Júlio. É realmente triste... — o homem está claramente debochando de mim. — Por favor, me diga que não é tão ingênua assim.

Pisco, me sentindo um tanto boba por acreditar piamente na conversa de

Júlio. Droga. Ele sempre me pareceu confiável. Eu paro, franzindo o cenho. Espera, isso são apenas conjecturas do juiz. O homem parece estar querendo me amedrontar por alguma razão alheia ao meu entendimento. Júlio só me tratou bem até agora, não tenho motivos para desconfiar dele. Decidindo acabar de vez com essa conversa confusa, eu o questiono:

— Encontrou algum registro criminal em suas buscas, meritíssimo? — eu não consigo deixar o tom irônico de fora. Ele torna a semicerrar os olhos escuros e intensos.

— Não — admite a contragosto. — O que não quer dizer que seja, de fato, uma pessoa confiável.

Eu rolo os olhos e estufo o peito. Ele só está sendo paranoico. Ossos do ofício dele, porém, não vou deixar que isso me impeça de finalmente me livrar das teias de aranha na região sul...

— Eu preciso ir. Obrigada pelos conselhos, senhor — eu digo, tentando parecer confiante, mesmo que seus alertas tenham fodido meu ensaio *mulher fatal* para esta noite.

Agora cada vez que Júlio abrir a boca estarei analisando se o coitado está sendo sincero. Mas que merda. Me viro antes que jogue mais água fria na minha fervura.

— Pérola? — a voz grossa e baixa me faz parar, meu coração saltando loucamente. Ele chamou o meu nome? Fecho os olhos, saboreando o momento. O timbre bonito, rouco reverberando por todo o meu corpo. Droga. Preciso me livrar dessa atração insana por esse homem. Eu não me viro para olhá-lo, apenas espero pelo silêncio que se segue. — Se algo não sair como espera, me ligue imediatamente, está bem? — há algo em seu tom. É uma espécie de urgência e isso me faz olhá-lo por cima do ombro. Seus olhos escuros e penetrantes cravam nos meus, me fazendo ofegar pela intensidade com que está me encarando. Ele sussurra com aspereza: — Eu vou buscar você. Não importa onde esteja, irei buscá-la.

Meu coração dá algumas cambalhotas. Mesmo que seja apenas

preocupação de patrão, me sinto, de certa forma, importante. E ele me chamou pelo nome pela primeira vez. Eu fico muda por alguns instantes, tentando não entender tudo errado e me envergonhar ainda mais para esse homem.

— Obrigada, Alessandro — sussurro, chamando pelo seu nome também.

Me encara com um olhar firme e acena. Se vira, apertando o botão do elevador, me descartando sem mais delongas.



Entro no restaurante sofisticado. Uau! Júlio não economizou esta noite, hein? Segundas intenções? Bom, para falar a verdade, eu também estava animada e com segundas, terceiras, quartas intenções. Mas ter visto o deus moreno do meu chefe antes de sair abalou a minha determinação.

Atravesso o recinto em direção ao bar onde marcamos de nos encontrar. Avisto o cara imediatamente. Ele é bonito, loiro, olhos castanhos doces. Alto, esguio, elegante. Júlio abre um sorriso lindo para me recepcionar e me sinto culpada por não estar mais tão entusiasmada para a nossa noite. Sorrio de volta e ando para ele, que me recebe com um beijo leve no rosto. Ele está cheiroso, constato, gostando disso. Adoro um homem cheiroso. Talvez a noite não esteja perdida, afinal.

— Oi — ele diz, sem se afastar. Parece que sim, o cara está pronto para o ataque hoje. — Você está linda, Pérola.

Sua gentileza me faz abrir mais um sorriso. Eu gosto disso.

— Oi, Júlio. Obrigada. Você está ótimo também — digo-lhe com sinceridade. — Sempre gentil.

Ele abre um sorriso largo. Droga, eu queria que minha calcinha molhasse sob o seu olhar gentil. Mas nada, nadinha mesmo acontece lá embaixo. Parece que certo moreno é a única razão da minha libido. Eu rio. Desculpem, não resisti a essa analogia infame, afinal, é tudo que a imprensa tem falado nesses dias.

Caramba, como é que o Neymar pode ser tão bom de bola e tão ruim de cantadas? Cruzes!

Ele me ajuda a me acomodar num dos bancos e pedimos as bebidas para abrir o apetite enquanto nossa mesa fica pronta. Eu peço uma taça de vinho tinto. Não sou uma garota que bebe muito. Duas taças para mim já são suficientes, então eu vou bebericando com calma. Júlio já estava bebendo o que parece ser uísque antes de eu chegar. Ele toca seu copo em minha taça, um sorriso lindo, aberto para mim. Sim, ele quer transar hoje. Eu tomo um grande gole para ver se sinto algo lá embaixo... Vocês sabem, o vinho ajuda a esquentar as coisas...

Começamos uma conversa casual. Eu pergunto sobre a sua mãe. Ele é filho único e acho bonito como cuida da sua mãe. Júlio abre um sorriso radiante e começa a falar sobre sua progenitora. Minha mãe sempre diz que sabemos se um cara será bom marido pela forma como trata sua mãe. Olhando por esse lado, Júlio é um partidão! Ele fala das crises de reumatismo da senhora e de como ela gostou da minha visita para o jantar na semana passada. Ela não gostou, na verdade. A senhora ficou me medindo dos pés à cabeça e o tempo todo exaltando as qualidades de seu filho, como que deixando implícito que eu não estava à altura.

Acreditam que a mulher até torceu o nariz quando eu disse que estudo Pedagogia? Disse que as licenciaturas são uma subcategoria de formação. Tive que lembrar a boa educação que minha mãe me deu ou teria mandado a velha ir catar coquinho, como se diz no Nordeste. Júlio interveio e amenizou a grosseria da mãe com sua gentileza característica.

Ele, enfim, para de falar sobre sua *santa mãe*. Ironizo-o. Então, pergunta sobre a minha e digo que a coroa está bem. Minha mãe mora no interior do estado desde que meus avós deixaram o Nordeste, quando ela era ainda muito novinha. Márcia veio para a grande São Paulo com seu marido, há seis anos, e vim também para estudar e trabalhar. Porém, minha mãe sente a nossa falta, principalmente depois que meu pai morreu, há três anos. Ainda bem que minha avó materna ainda está viva e mora com ela, ou estaria muito solitária. Márcia e

eu já as chamamos para virem morar aqui, mas nenhuma das duas quer deixar a vida pacata do interior. Elas estiveram aqui em visita apenas uma vez e nunca mais vieram, nós é que vamos sempre visitá-las.

— E seu patrão? Você tem uma boa relação com ele? — Júlio pergunta em seguida.

Eu franzo a testa com a mudança brusca de tema.

— O quê? Como assim? Por que está interessado na minha relação com meu patrão? — pergunto, intrigada.

Ele fica calado um instante, me observando.

— Estive no escritório dele ontem, Pérola — revela, me deixando mais intrigada.

— Por quê? Para quê? — questiono-o.

Ele parece um tanto sem jeito agora.

— Seu patrão é um juiz muito respeitado. Desde quando me falou que trabalhava para o Juiz Bismarck, soube que tinha tirado a sorte grande — ele abre aquele sorriso de novo. Um sorriso que começo a perceber, talvez não seja tão gentil e desinteressado. Que merda é essa?

— Eu não estou entendendo, Júlio. O que tem a ver quem é o meu patrão? — indago, não gostando nada do rumo da conversa.

Talvez Alessandro esteja com a razão, afinal. Eu dei mesmo mais informações sobre mim do que deveria. E o pior, ainda falei sobre ele, que não tinha nada a ver com a situação. Entendo agora sua preocupação sobre não revelar coisas pessoais nas redes. Droga, meu ano de seca nublou meu discernimento. Claro que sei que não devemos nos expor na internet. Merda.

— Sabe quando um reles estudante de Direito teria acesso ao doutor Alessandro? Provavelmente nunca, Pérola — ele continua, o tom empolgado, não percebendo minha insatisfação com seu interesse pelo meu patrão, em uma noite que seria, supostamente, para nós.

— O que está dizendo? Seja mais claro, por favor, Júlio — peço, tomando mais um gole da bebida muito bem-vinda. Tenho a impressão de que não vou

gostar dessa resposta.

— Eu estive conversando com o juiz sobre um possível estágio agora e futuramente, quando nos casarmos, um emprego com ele, querida.

Júlio diz e eu explodo a bebida para fora, tamanho o susto. Casar? Ele está doido? Nós mal começamos a nos conhecer.

— Minha nossa, você está bem? — ele pula para fora do banco e começa a dar tapas em minhas costas.

Estou engasgada, vinho espirrando pela boca e nariz. Meu Deus, não é uma imagem bonita. Logo os clientes das redondezas chegam para perto para ajudar. Eu continuo tossindo. É realmente uma droga quando a bebida erra o caminho. Meu vestido está arruinado e a camisa branca de Júlio toda manchada também.

— Quer ajuda? — um cara pergunta. — Eu sou médico.

— Estou bem — digo, limpando a garganta, o acesso de tosse diminuindo finalmente. Olho em volta, constrangida. Há mulheres torcendo o nariz para o estado do meu vestido e outras com olhares de pena. Merda. Pobre não tem sorte em lugares chiques, parece uma praga que os ricos lançam. Nenhum pobre se dará bem no meio de nós! — Obrigada.

Os curiosos e esnobes voltam para seus lugares e encaro Júlio. Ele me pega pela mão e nos acomoda de novo sobre o banco.

— Como estava falando, eu tive tanta sorte em te encontrar, Pérola — torna a dar aquele sorriso suave, que agora vejo, é dissimulado. — Linda, inteligente e...

— Com um chefe que te despertou mais tesão do que eu, pelo visto — digo em tom afiado. — Eu acho que é melhor encerrarmos a noite, Júlio.

Me levanto e ele arregala os olhos, se levantando também.

— Encerrar? Mas por quê? — parece genuinamente surpreso. Oh, ele é um bom ator.

— Eu acho que chegou a hora de sermos sinceros um com o outro — digo, alisando meu vestido arruinado pelo vinho. — Você só quis um encontro comigo

quando deixei escapar, estupidamente, que era babá dos sobrinhos do doutor Bismarck, não foi?

O rosto de Júlio cai. Eu vejo a resposta antes mesmo de ele concordar com palavras.

— Não posso negar que isso me influenciou um pouco — eu bufo e ele reconhece. — Certo, me influenciou muito.

— Obrigada pela sinceridade — digo, irritada.

Que idiota! E eu o achando gentil e cavalheiro. Que falácia.

— Não, não, está entendendo errado, Pérola — ele tenta, seu tom aflito. — Eu gostei de você verdadeiramente. Você trabalhar para o juiz é apenas um bônus, querida. — Eu rolo os olhos. — Sinto atração por você. Claro que sinto, ou não teria nem começado nada, acredite.

Tudo que sai da sua boca agora soa tão falso quanto uma nota de três reais.

— Bem, é realmente uma pena, querido, porque nunca senti nenhuma atração por você — falo, querendo pagá-lo na mesma moeda. E também porque bebi a taça de vinho muito rápido e estou me sentindo um tanto afrontosa nesse momento. — Nunca senti nada. Nenhuma ínfima contração lá embaixo, sabe?

Júlio torna a ampliar os olhos, então cerra a mandíbula.

— Quer um conselho? Estude, passe na prova da OAB e construa sua carreira. Eu não serei a porra de trampolim para um filhinho mimado da mamãe — zombo.

— Ei! Não fale da minha mãe — ele aperta os lábios.

Eu rolo os olhos.

— Mais um conselho? Não fique o tempo todo falando sobre a sua mãe quando encontrar outra garota. — Ele está verdadeiramente irritado agora. — Gostamos de caras que respeitam suas mães, claro, mas você, meu filho, é entediante como o inferno! Passar bem, Júlio!

Eu começo a andar para longe.

— Pérola? — ele chama e eu o olho por cima do ombro. — Pode pelo menos falar bem sobre mim para o juiz?

Eu não acredito que teve a audácia de pedir isso. Não respondo nada, apenas ergo o dedo do meio e atravesso o restaurante chique, pisando duro.

Caramba, que fiasco! Estou ainda chateada, frustrada com as reais intenções de Júlio se revelando essa noite. O infeliz queria apenas se dar bem à minha custa.

Entro em casa e as luzes estão apagadas. Alessandro já está dormindo, graças a Deus. Rumo para a cozinha. Vou preparar um bom café para combater o efeito do vinho. Credo, minha resistência ao álcool é simplesmente ridícula.

Eu piso para dentro do ambiente parcamente iluminado e levo um susto quando acendo o interruptor. O juiz está lá, perto da janela, uma caneca na mão e, merda, meu olhar vai imediatamente para o peitoral nu, com músculos deliciosos e alguns poucos pelos negros. Eu sempre gostei de homem com pelo. Não como o Tony Ramos, pelo amor de Deus! Mas alguns pelos no peito, antebraços e pernas deixam um homem com cara de homem mesmo, concordam?

Ele está usando apenas a calça do pijama. Engulo em seco ao conferir o volume do seu equipamento, que é simplesmente impossível esquecer...

— Isso foi rápido — ele meio que assovia, levando meu olhar de volta para seu rosto.

Há uma expressão divertida no rosto moreno. Seus cabelos negros estão um tanto revoltos, como se tivesse passado os dedos muitas vezes entre eles.

— Hã? — pergunto, limpando a garganta e tentando a todo custo não encarar seu corpo grande, moreno, perfeito.

— Você voltou rápido — sua voz soa mais engrossada, os olhos negros me analisando intensamente. — O que aconteceu?

— O que está tomando? — pergunto, me aproximando cautelosamente da bancada.

— Café. Eu estava sem sono — dá de ombros.

— E vai continuar sem. Não sabe que café não é a bebida mais indicada para insônia? — digo, analisando-o.

— Aconteceu algo? — ele insiste.

— Sim. O *perfeito* Júlio não era tão perfeito assim, no final das contas — eu torço o nariz, bufando. — Ainda tem desse café?

Alessandro me olha fixamente e acena, saindo de perto da janela, vindo para perto. Eu me encolho contra a bancada da pia quando para à minha frente, o peito nu e, meu Deus, muito cheiroso, ficando bem no meu nariz. Não consigo controlar a reação do meu corpo. Meu coração dá saltos que fariam inveja ao lendário João do Pulo. O que ele está fazendo? Quase digo isso em voz alta, mas seus braços sobem e ele abre o armário acima da minha cabeça.

Deus... Decepção me atinge. Droga, ele está apenas pegando uma caneca. Eu inalo profundamente o cheiro dele. É com muita força de vontade que não me inclino um pouco e lambo sua pele. Na verdade, chego a salivar. Santo Deus! Maldita seca!

Graças a todos os santos, Alessandro se afasta e vai para a cafeteira, enchendo a minha caneca. Quando volta para mim ainda estou abalada, meu corpo todo estremecendo, meus hormônios todos enlouquecidos pela rara proximidade. Ele tem sido sempre muito sério, distante até, jamais chega perto de mim.

— Obrigada — sussurro quando me entrega a caneca. Nossos dedos se tocam e meu corpo vibra inteiro pela sensação da pele quente tocando a minha.

— Não por isso — diz, rouco, esses olhos de ônix insistentes nos meus.

Sua atitude esta noite está me deixando confusa. Ele se afasta um pouco, se recostando à ilha, ainda muito perto. Eu preferia que voltasse para junto da janela. É mais seguro. Para ele, claro. Como todos já sabem, estou matando cachorro a grito, droga! Não é justo para mim ter que ficar de cara com seu corpo escandalosamente em forma. Nós bebemos nosso café em silêncio nos primeiros instantes.

— Você não parece relaxada... — seu sussurro tem uma nota levemente divertida e eu o encaro.

Ele está me provocando sobre a minha seca? Me encara por cima da borda

da sua caneca.

— É porque não estou — eu digo num grunhido.

Vejo a diversão e um brilho satisfeito invadir as íris escuras. Está gostando que não me livrei das minhas inconvenientes teias de aranha? Que filho da mãe...

— O que houve com o cara? — pergunta casualmente e vejo o quanto é bom em dissimular. É claro que já sabe o que houve. O idiota aproveitador do Júlio foi ao seu escritório ontem.

— É sério, meritíssimo? — eu rolo os olhos. — Vai mesmo continuar fingindo que não sabia que aquele bundão queria se dar bem à minha custa?

Seu rosto fica sério e ele abaixa a caneca.

— Certo. Fico contente que tenha finalmente percebido que o Tinder não é um bom local para se relacionar, senhorita — ele diz no tom de homem da lei que adora usar quando dá broncas nos meninos.

— Ah, então, eu voltei a ser “senhorita”? — pergunto, estreitando meus olhos.

— Não fuja do assunto. Você foi muito imprudente com o tal cara — seus olhos estão como aço agora. — E falou que trabalhava para mim. Não vou admitir esse comportamento de novo, Pérola — ele rosna.

Eu engulo em seco. Ele está certo. Fui muito estúpida.

— Sinto muito. Você está certo. Isso não vai se repetir, prometo — digo, aceitando a bronca.

Ele fica em silêncio, olhos fixos nos meus, me deixando quente, agitada.

— Procure alguém da vida real. Pare de ficar dando sopa na porra do Tinder, menina.

— Você está certo quanto a ficar dando bobeira. No entanto, não é uma regra que todo cara do Tinder é um idiota — rebato. — Minha melhor amiga está noiva de um cara muito gente boa, que conheceu na rede. Não pode generalizar — suspiro e acrescento: — Eu achava que conhecia meu namorado de adolescência. Ele morava na casa ao lado da minha, crescemos juntos. — Ele me encara, interessado. — Até que um belo dia ele me pediu um tempo, precisava

pensar e tal... — eu bufo, ainda chateada. — Poucos meses depois, fui à minha cidade, esperançosa para voltarmos, então Marcão me disse a verdade: era gay e estava saindo do armário de vez.

Alessandro faz menção de sorrir e eu o fulmino com o olhar.

— Isso é engraçado?

— Não, claro que não — se apressa em negar, mas ainda está claramente lutando para não rir. — Desculpe, é o nome... Marcão...

Eu solto um gemido.

— Sim. Parece machão, né? — me vejo rindo também. — Bom, pelo menos eu soube a razão de ele parecer estar a caminho da força sempre que íamos fazer sexo.

Alessandro grunhe com o meu desabafo.

— Mesmo assim queria voltar com ele? — indaga com clara ironia. — Você não é muito seletiva, é?

— Claro que sou — retruco imediatamente. — Fique sabendo que sou muito seletiva, doutor.

Aquele arremedo de sorriso torna a curvar sua boca.

— Sim? Não de onde estou vendo — seu tom é arrogante. — Procure na vida real, torno a dizer — seus olhos ficam mais intensos e eu me sinto quente por todos os lugares. — Você é uma garota incrível, Pérola — eu engasgo, a respiração travando na garganta. O quê?! De onde está vindo isso? O que está havendo com ele esta noite? Limpa a garganta e acrescenta: — Além disso, é muito jovem para estar tão desesperada.

Certo, a última sentença me faz murchar um pouco.

— Eu não estou desesperada — torno a retorquir.

Alessandro me lança um olhar condescendente e vem lavar a caneca na pia, bem do meu lado. Jesus... Que pecado de homem... Eu quero me afastar, mas isso seria assumir que ele me afeta. Aguento firme, garota! Não ousa nem mesmo respirar enquanto o observo na ação, os músculos dos braços, peito, ombros se movimentando. Não suporto mais a tortura de tê-lo tão perto e me

afasto, indo para perto da janela. Meu Deus, por que continuo sentindo essas coisas por um homem com quem nunca terei uma chance? Eu olho para fora, a lua está bonita, grande, soberana no céu.

— Pérola? — ele chama e eu suspiro baixinho, me virando para olhá-lo. Seu olhar crava no meu por um tempo longo.

— Sim? — sussurro, meu coração começando a bater forte de novo pela forma intensa como me olha.

Estou ficando louca ou há algo nos olhos escuros, algo parecido com interesse masculino? Houve alguns momentos nesse tempo em que estou aqui, alguns ínfimos momentos em que pensei ter percebido Alessandro me checando. Mas nunca deixou transparecer nada mais além de um homem admirando um corpo feminino. Ele deixou claro na primeira noite que não se envolveria comigo.

— Eu vou precisar me casar para manter os meninos comigo.

Suas palavras me puxam dos pensamentos.

— O quê?! — indago, surpresa. — Como assim?

Ele suspira e passa as mãos pelo rosto.

— Estou lutando com os avós paternos desde que Lúcia e Maurílio morreram. — Lúcia era a sua irmã mais nova e mãe dos meninos. — Eles estão requerendo a guarda das crianças — diz em tom irritado. — Nunca ligaram para os netos, porra. Estão apenas interessados na pensão gorda que minha irmã e meu cunhado deixaram.

Eu fico irritada junto com ele. Alessandro tem se esforçado para cuidar dos sobrinhos. Tenho visto seu progresso com eles desde que cheguei. Seria um pai maravilhoso se quisesse ter filhos, um dia.

— Nossa... Eu sinto muito — digo. Queria poder ir até ele e confortá-lo, mas não é aconselhável, dado o meu nível de atração por esse homem. — Eles podem fazer isso? Pensei que já tivesse ganhado a guarda.

— Não, eu ainda não tenho a guarda definitiva — seu olhar escuro continua me sondando. — Vou precisar mostrar um lar estável para derrotar os

avós paternos.

— Compreendo — murmuro, meu coração sendo comprimido porque já suspeito aonde isso vai dar.

— Posso contar com você? — ele pergunta e eu quase engasgo com o café.

O que, em nome de Deus, ele está falando?

— E-em qual sentido, Alessandro? — minha voz quase não sai de tanto que meu coração está correndo em expectativa.

— Trarei a minha escolhida para jantar aqui amanhã.

Quando diz isso, eu sinto o golpe quase físico. Por um momento cheguei a pensar que... Merda, sou mesmo tão tola, não é? E aqui e agora, percebo de uma vez por todas que esse homem nunca será meu. É hora de deixar o encantamento bobo ir embora. Luto com todas as minhas forças para não deixar a decepção transparecer em meu rosto. Até mesmo sorrio.

— Claro. Me diga o que precisa que eu faça — vou até a pia, usando a desculpa de lavar a minha caneca, para escapar do escrutínio dele.

Um silêncio incômodo se faz no recinto. Preciso escapar daqui e rápido.

— As crianças são tudo que me restou de Lúcia. Eu farei tudo ao meu alcance para mantê-las comigo — ele diz baixo.

Seu tom é quase como se estivesse se justificando para mim, o que provavelmente é mais um absurdo da minha mente fantasiosa. Um homem como o juiz não é para garotas como eu.

— Eu sei, senhor — digo, fechando meus olhos por um momento.

— Voltei a ser “senhor”? — ele pergunta baixinho.

Eu me viro, pegando minha carteira sobre a bancada, pronta para ir para o meu quarto, tentar curar a minha dor de cotovelo.

— Acho que sua esposa não aprovará que o chame pelo primeiro nome — digo, encarando-o finalmente.

— Tem razão — acena e suspira em seguida. — Quando pedi sua ajuda, já sabe do que se trata, não é? — inquire e seu rosto suaviza um pouco. — Preciso

que Caio, Davi e Mateus estejam em seu melhor comportamento para receber a juíza Rafaela como minha noiva.

Eu quase bufo quando anuncia o nome da mulher. Rafaela, a Cruela. Os meninos e eu colocamos esse apelido “carinhoso” na mulher. É a mesma vaca que ele trouxe para jantar semana passada. Meu Deus, a mulher é uma esnobe e não tem o menor jeito com crianças. Passou o tempo todo ignorando os meninos na mesa. Aposto que a primeira ação da bruaca quando pisar aqui dentro, como dona da casa, será enviar os meus meninos para um colégio interno. *Os meus meninos...* Ah, Cristo, vou ficar sem eles e sem o meu emprego.

— Eles estarão comportados — digo solenemente. — Boa noite, senhor — então saio da cozinha.



— Você vai morrer solteiro, Alessandro! — a morena de cara esticada berra enquanto se sacode inteira, quase arrancando o vestido de grife. — Esses meninos são uns diabinhos!

— Rafaela, deixe-me ajudá-la — o juiz está aflito, cercando-a.

— Não ouse chegar perto de mim! A culpa é sua que não sabe educar esses pequenos marginais! — ela torna a berrar, sapateando, enquanto se coça, as mãos subindo, desfazendo o coque antes elegante.

— Rafaela, não fale assim dos meus sobrinhos — ele rosna. — São apenas crianças. Está doida, porra?

— Doida estava quando pensei que pudesse me casar com um homem que herdou cinco pestinhas para a vida toda! — ela zomba, as mãos se coçando sem parar. Os meninos estão rindo e ela arreganha os dentes para eles.

Cruzes! Rafaela perdeu completamente a compostura. Mas também os meninos foram com tudo para escorraçar-la. Davi colocou uma lagartixa viva dentro do seu prato de sopa. Mateus jogou a infame cobra de plástico sobre a

cabeça dela e a mulher caiu da cadeira, se tremendo toda. E, para coroar, Caio jogou pó de mico sobre a mulher. Só Jesus na causa! Onde esse menino conseguiu pó de mico?

Eles não são bobos, porém. Viram na semana passada que a juíza era intragável. Não sei onde Alessandro estava com a cabeça ao pensar que isso daria certo.

— Vamos conversar, Rafaela, eles são apenas crianças e...

Ela bufa, sua pele já toda avermelhada.

— Você precisa dar um corretivo nesses diabinhos, Alessandro! Só volto a conversar sobre casamento se colocá-los numa escola rígida, onde aprendam boas maneiras — ela atira punhais para mim. — E vamos demitir essa mocinha incompetente.

Mas o quê?! Que abusada! Eu lhe devolvo um olhar mortal.

— Nós não vamos para escola rígida coisa nenhuma, não é, tio? — Caio, o mais velho e em pleno atrevimento do começo da adolescência, peita a mulher. — E a senhora deve estar noiada se acha que vamos demitir a nossa Pérola. Diga a ela, tio.

Ah, que bonitinho. Meu coração se derrete. Logo ele que era tão arredo comigo quando cheguei.

— Caio! Não seja ainda mais desrespeitoso com Rafaela — Alessandro o repreende. — Mas está certo. Não vou demitir a senhorita Pérola porque quem manda em meus funcionários sou eu, ninguém mais — ele rosna, encarando a juíza pomposa.

Ai, minha nossa... Isso foi quente.

— Caio está certo, tio, ela parece uma bruxa! — Davi entra na conversa. As meninas estão apenas olhando tudo, com as mãozinhas nas bocas, tentando esconder os sorrisinhos travessos.

Eu tenho que me segurar para não rir também desses meninos arteiros.

— Nós vamos ter uma conversa muito séria, mocinhos — Alessandro avisa e eles, enfim, se calam. — Sentem ali no sofá, agora!

Os três suspiram derrotados e vão para o sofá, um atrás do outro. Quem os vê agora, fora do contexto, pode até ficar com pena de suas carinhas sofridas. Eu já estou familiarizada com sua capacidade de atuar depois que aprontam.

É como sempre digo, eles são para os fortes!

— Então, Alessandro? — a mulher pergunta, aflita, raspando as unhas compridas por todo lugar. — Vai mandar esses endiabrados para uma escola de verdade?

— E o que seria uma escola de verdade, Rafaela? — ele a encara e percebo seu tom mais duro e sua postura um tanto hostil para a mulher.

Não posso evitar, isso me alegra, mesmo que eu saiba não ter nenhuma chance com ele. Meus meninos merecem alguém que os aceite e os ame. Sim, eles são terríveis, meu Senhor! Como diria o Galvão Bueno, haja coração, amigo! Mas são apenas crianças e perderam os pais de forma trágica, numa tacada só.

A próxima mulher que Alessandro cogitar precisa ter empatia por eles. Vou falar isso para o juiz tomando o devido cuidado para não parecer enxerida, mas preciso cuidar dos interesses dos meus meninos. Certo, meu interesse não é só nos meninos, admito. Porém, não posso deixar o tio deles colocar qualquer descompensada aqui dentro. Meus bichinhos vão sofrer as consequências.

— Um colégio interno — ela diz sem titubear. — Fui educada em um, meus irmãos todos fomos educados...

— Ótimo para você e seus irmãos — ele rosna e ela arregala os olhos, surpresa com o tom dele. — Acha mesmo que vou preterir meus sobrinhos em seu favor? Certo, reconheço que são um pouco... Hum, difíceis. — Ela bufa em desdém e um sorriso irônico curva a boca do juiz. — Caio está certo, querida, você só pode estar “noiada” se achou que colocaria meus meninos, a única coisa que me restou da minha querida Lúcia, num maldito colégio interno! — ele diz com uma voz grossa e alterada e o imagino dando uma sentença em seu tribunal.

Todo fodão, viril. Ai, droga, delicioso. Eu fico excitada e constrangida por me sentir assim em meio a uma discussão séria.

Rafaela, a Cruela, grunhe. Um som feio, com fumaça saindo pelas ventas.

— Vai se arrepender disso, Alessandro! Está me ouvindo? — berra, parecendo tudo, menos uma juíza de seu calibre. — Onde irá encontrar outra mulher com o meu currículo?

É a vez de Alessandro bufar.

— Desculpe, Rafaela, acho que não deixei claro que estou querendo uma esposa, não uma parceira profissional — diz entre dentes.

Uau. Alguém traz a pipoca? Ah, e um pouco de guaraná, por favor? Eu rio furtivamente, gostando do show.

Ela estreita os olhos, ajeita o cabelo todo assanhado e empina o nariz esnobe.

— Adeus, juiz Bismarck — diz numa pose dramática, fazendo caras e bocas, me lembrando as novelas mexicanas.

— Adeus, juíza Figueira — ele diz em tom firme e definitivo.

A mulher se vai, graças a Deus! Solto uma respiração alta e o olho rapidamente, temendo que veja meu alívio. Sua atenção está na trinca sobre o sofá. Sabe aquele olhar suplicante e sofrido do Gato de Botas? Pois é, é aquele que está nos rostinhos dos três danadinhos agora. Eu rio, sem som, para não piorar a situação.

— Aquilo não foi bonito, rapazinhos! — a voz grossa do juiz reverbera na sala.

Até eu estremeço com o tom e sua expressão séria. Alessandro anda para lá e para cá, mãos atrás das costas, a pose clássica dos pais ao darem sermões. Mateus está querendo rir e eu coloco o indicador em minha boca, pedindo-lhe silêncio. Ele aperta os lábios, a carinha sapeca amolecendo meu coração. Ah, meu Deus, esses monstros lindos me ganharam completamente.

— Pare de sorrir para eles, senhorita. — Eu me sobressalto com a reprimenda. E agora sou eu quem está apertando os lábios e os meninos colocando os indicadores em suas bocas. — Você me prometeu que eles estariam comportados — o juiz rosna, os bonitos olhos escuros me cravando no lugar.

— Eu sei, senhor — tento não transparecer que estou alegre com tudo que meus meninos fizeram com a mulher antipática. — Não consegui controlá-los, sinto muito.

— Eu não gostava daquela mulher feia, tio — Beatriz diz com sua vozinha doce. — Por que não se casa com a nossa Pérola? Ela, sim, sabe cuidar de nós.

Eu engasgo, meus olhos indo como um flash para Alessandro, que está com os olhos arregalados para a sobrinha. Sua cabeça escura gira para mim e eu engulo em seco.

— Não, querida. As coisas não funcionam assim — me vejo obrigada a dizer algo ou o homem pode pensar que estou manipulando seus sobrinhos para me dar bem. — A nossa relação é apenas profissional. — Alessandro cerra um pouco a mandíbula e desvia o olhar para Beatriz de novo.

— A senhorita Pérola tem razão, princesinha. Ela foi contratada para babá de vocês, não para se relacionar comigo — ele parece mais irritado ao puxar o colarinho da camisa branca de mangas compridas, abrindo alguns botões. — Droga, onde estava mesmo? Ah, sim, o castigo...

— Castigo não, tio... — os três meninos reclamam em uníssono.

— Castigo, sim. Precisam entender que há sempre uma punição quando se viola as regras, mocinhos — reafirma, mas seu tom é uma nota mais amena. — Um mês sem seus games favoritos.

— Ah, não, tio... — eles tornam a falar, derrota em seus semblantes.

— Senhor, se me permite... — digo com cuidado.

Alessandro me olha e eu me calo, lambendo os lábios. Ele está visivelmente estressado com o desfecho da noite.

— Fale — rosna. É impressão minha ou está chateado comigo também? Mas o que foi que eu fiz, meu Deus?

— Um mês é muito tempo, senhor — sinto-me incomodada com os olhos negros fixos em mim. Há um brilho feroz lá e eu não sei bem identificar qual emoção está por trás disso.

— Está contestando uma decisão minha, senhorita? — ele levanta uma

sobrancelha irônica, o rosto moreno ficando ainda mais bonito com sua seriedade e irritação. Sou um caso perdido. Para mim o homem é bonito em todas as versões. Até mesmo me dando bronca. Caramba...

— Não, senhor. Eu não ousaria — balbucio, piscando diante do olhar penetrante e intimidante. — Apenas... Eles não tem muitos amigos por aqui ainda... Os jogos são sua única diversão. Não os castigue por tanto tempo assim...

— Eles precisam de limites, não vamos nos esquecer disso, senhorita. — Alessandro diz, olhando seus sobrinhos de relance. Eles estavam sorrindo para mim e minha defesa, então ficam sérios, a expressão sofrida do Gato de Botas voltando com rapidez aos rostos travessos. Esses meninos... Eu seguro um sorriso. Ele estreita os olhos para os sobrinhos peraltas e torna a me olhar. — O que sugere, então?

Eu olho os meninos e eles estão com as mãozinhas juntas, implorando clemência.

— Acredito que duas semanas sem games é o suficiente para assimilarem essa lição, não é, meus amores? — pergunto-lhes e eles suspiram, ainda não gostando da punição, mas aceitando que é o melhor que conseguiremos barganhar com o juiz.

— Sim, senhorita Pérola — dizem em uníssono.

— O que faremos por duas semanas sem games? — Davi pergunta, com carinha triste.

— Eu vou pensar em algo divertido, querido — digo-lhe e ele abre um sorriso.

— Promete? — Mateus está sorrindo, expectante.

— A Bea tem razão, tio — Caio se levanta, encarando o tio. — Devia parar de trazer bruxas para cá e se casar com a Pérola. Ela gosta de nós, não consegue ver isso?

Volto a engasgar com a sugestão descabida. É bonitinho, no entanto. Ah, Deus, eu já amo tanto esses meninos. Como os malandrinhos me ganharam em

tão pouco tempo? Caramba. Meus olhos ardem um pouco e eu pisco para conter a emoção boba me tomando. O juiz não é para mim.

— Caio, seu tio e eu não temos esse tipo de relação... — eu forço minha voz firme, não me atrevendo a olhar Alessandro, mesmo que sinta seu olhar sobre mim. — Sou apenas uma funcionária aqui, querido. Estou aqui para cuidar de vocês.

— Nós não vamos aceitar outra bruxa como aquela, tio, estou avisando — o menino diz com empáfia.

Alessandro bufa, estreitando os olhos.

— Eu sou o adulto aqui, rapazinho. *Eu* decido com quem vou me casar — diz em tom duro para o sobrinho. Caio faz uma carranca e os outros o seguem, cruzando os braços. — Por hoje chega. Subam e vão para suas camas, crianças. Enquanto isso, reflitam sobre o que fizeram hoje.

O restante se levanta do sofá e fazem uma fila, aparentemente comportada.

— Nós não fizemos nada, tio — Léa, a caçulinha, reclama.

Isso derrete o juiz. Ele se abaixa, ficando na altura dos olhinhos escuros da menina. Os meninos são morenos, puxando a mãe, e as meninas são loiras, puxando ao pai.

— Tem razão, princesinha. Como pude me esquecer disso? — ele toca o rostinho dela e abre o sorriso mais bonito. Meu coração bombeia fortemente vendo o carinho dele com a pequena. — Suba com Bea que daqui a pouco passo para dar boa noite, está bem? — beija-a na testa e puxa Beatriz para perto, beijando-a também. Encara os três mosqueteiros e sua expressão se mantém terna — passo para ver vocês, encrenqueiros, também.

Os meninos sorriem. Eles sabem que seu tio, embora queira parecer durão, os ama.

— Vamos, queridos. Todos escovando os dentes e depois, cama! — eu digo, começando a andar com eles para o elevador.

— A senhorita fica — a voz grossa de Alessandro às minhas costas me faz parar.

Me viro cautelosamente para ele. Ouço o som do elevador se abrindo e o juiz espera as crianças embarcarem, só depois retoma.

— É impressão minha ou a senhorita acabou de transformar o meu castigo em algo “divertido”? — seu tom parece uma bronca, mas a expressão em seu rosto e olhos de ônix carrega certo humor.

— De forma alguma, senhor — nego e minha respiração trava quando ele começa a abrir os botões da camisa social com gestos aparentemente casuais. Meu olhar indisciplinado vai imediatamente para seu peitoral e abdômen bem definido.

Eu limpo a garganta, me forçando a olhar para seu rosto de novo. Há a curva arrogante do meio sorriso na boca sensual. Ele sabe que o desejo. Sabe que sinto esse tesão ensandecido e fora de hora. Por que está me torturando assim? Preciso encontrar logo outro cara e me esforçar com mais afinco para parar de desejar meu patrão. É isso, preciso esquecer Alessandro Bismarck de uma vez por todas.

— Os meninos são difíceis, sim, porém precisamos entender que perder os pais de forma trágica, e de uma vez só, é algo que pode acarretar muitos traumas para crianças na idade deles — digo com o meu tom sério de professora.

Alessandro me olha longamente, então vira as costas, indo para o bar no canto da sala. Ele se serve de uma dose de uísque e toma um gole, ainda de costas para mim.

— Eles já amam você — diz roucamente e me olha por cima do ombro.

— E eu os amo — digo-lhe sem titubear porque é a mais pura verdade. — Se me permite um conselho, senhor. — Ele se vira para mim, a camisa aberta, a pose casual, a pele morena, tudo nele perfeito, me tentando além da conta. — Confira se a candidata gosta de crianças antes de trazê-la para apresentá-la aos meninos.

— Merda, eles vão continuar aprontando, não é? — ele está meio que sorrindo ao dizer isso.

— Sim, eles vão — eu não minto. Esses meninos não são de brincadeira.

Nos olhamos em silêncio. Ele recostado ao bar e eu, perto dos sofás. Minha boca seca quando o vejo se movimentando, vindo devagar em minha direção. O cheiro dele me engolfa, posso sentir o calor da sua pele porque o homem para na minha frente, muito perto para a minha sanidade mental. Levanto a vista, meu pescoço esticando para olhar toda a sua impressionante estatura.

— Nós tivemos muita sorte em encontrá-la — murmura, a voz grossa fazendo minha pele arrepiar. Olhos negros presos aos meus. Eu ofego baixinho. Meu centro umedecendo, tudo em mim começa a latejar, tesão desvairado me incendiando. Então, ele pisca e parece sair de um transe. Bebe mais um gole e se afasta de mim. — Os meninos tiveram muita sorte, quero dizer — corrige e eu murcho.

Sim, droga, preciso virar essa página. Desse mato não vai sair um maldito coelho sequer!

— Serei mais criterioso com a próxima mulher — ele diz, confirmando que vai continuar a escolha, olhando apenas as vacas da área jurídica. De repente, me sinto irritada com ele e seu preconceito com as garotas pobres, reles estudantes de Pedagogia.

Ah, merda, supere isso, Pérola. Siga em frente, garota.

— Espero que encontre uma boa mulher, senhor — digo, mesmo querendo mandá-lo catar coquinho.

Ele me dá mais um de seus olhares intensos e indecifráveis.

— Eu também espero — murmura.

— Boa noite, senhor — digo-lhe, já me preparando para sair.

— Boa noite, Pérola — diz, enrouquecido. Eu franzo o testa. Esse homem é uma incógnita para mim. — Eu não vou mais tratá-la por senhorita. Não há a menor necessidade de tanta formalidade — diz na sua voz grossa e intimidante.

— Como irá explicar isso para a sua futura esposa? — questiono-o. Na verdade, prefiro que continue a me tratar com formalidade. O jeito que meu nome soa em sua voz grossa não é bom para manter a minha determinação em

superar a atração boba.

— Ela chegará depois, não tem nenhum direito de interferir no andamento da casa — dá de ombros.

Vejo com tristeza que está fazendo isso apenas para cumprir uma exigência formal para obter a guarda dos meninos. Ele parece alguém que está a caminho da força. Mas isso não é da minha conta. É a vida pessoal do homem.

— Boa noite, senh... Alessandro — corrijo-me e ele curva levemente os lábios.

— Bons sonhos, Pérola — sussurra antes de me virar as costas largas.

➤ UM MÊS DEPOIS...

Eu termino de me arrumar. Estou indo para mais um encontro do Tinder. Não me julguem, ok? Estou firme na missão de superar a atração inadequada pelo meu chefe. Eu até estava conversando com um carinha da faculdade, mas não rolou. Ele tinha terminado um relacionamento e percebi que estava ainda ligado na ex, o que se confirmou quando me disse que ia voltar com ela. Me elogiou pra caramba, masssss... Tem sempre um “mas”, né?

Então voltei a garimpar no Tinder. Esse é um bancário, no final dos vinte, moreno, alto. Já nos encontramos quatro vezes no decorrer desse mês. Não sinto *aquela* tesão todo, porém há alguma faísca, admito. É muito bonito, sarado, bom papo. De hoje não passa! Nada pode dar errado. Já confirmamos o motel. Vamos jantar por lá mesmo, para agilizar o meio de campo, entendem?

À essa altura do campeonato não estou mais matando cachorro a grito, estou matando o canil inteiro, minha gente! Minha situação é calamitosa. A coisa se complicou ainda mais nesse último mês porque passei a sonhar com o juiz. Sonhos descarados, desvairados, indecentes, que me deixam subindo pelas paredes quando acordo.

Sentiram o drama? Necessito, urgentemente, dar um jeito na situação da zona sul... E como diria a Ludmilla, é hoje!

Os dias passaram rápido. Logo se transformaram em semanas, e depois, um mês já tinha ido embora. Alessandro tentou apresentar mais duas candidatas a esposa nesse interim. As duas tentativas frustradas. Os meninos derramaram óleo de peixe sobre o vestido caríssimo da primeira, uma promotora linda e pedante, do Rio de Janeiro. O odor impregnou toda a casa por dias, sendo necessário contratar uma firma de limpeza pesada para controlar o cheiro ruim.

A segunda, uma promissora advogada da área criminalista, até que tentou

ser simpática, mas caiu na armadilha dos meninos quando lhe serviram um suco antes do jantar. Os terríveis tinha colocado laxante, acreditam?

Pois é, deu merda. Literalmente!

Eu rio e saio do meu quarto. Estou em ótimo humor. Com sorte, voltarei bem relaxada para casa...

Quando saio do elevador na sala, dou graças a Deus por não ver ninguém, ou melhor, Alessandro nas redondezas. Não é um bom sinal quando o vejo antes de sair. Sem mencionar que acabo perdendo o foco porque o homem é ridículo de tão bonito. Afeeee! Eu ando a passos largos para a porta e é quando ouço às minhas costas:

— Mais um encontro do Tinder? Você não aprende mesmo, não é?

Eu paro no meio da sala, meu corpo todo vibrando ao som da sua voz idiota e, droga, rouca, sexy. Mas que merda! O que esse homem quer de mim? Reunindo minhas forças, eu me viro, colocando a máscara que tenho usado em sua presença no último mês. Seu olhar negro passeia por mim, fazendo minha pele arrepiar, minha vagina umedecer. Eu fico irritada. Ele não tem a porra do direito de me olhar assim. Não quando continua procurando uma porra de candidata a esposa perfeita, com um currículo impecável da área jurídica, porque nós, as reles mortais, não servimos.

Cruzes! Estou tão despeitada, não é? Puxo e exalo uma respiração calmante. Não, ele não vai me atrapalhar hoje. Minhas teias irão embora hoje!

— Me passe logo a ficha completa, doutor — eu zombo. — Me poupe tempo.

Ele enfia as mãos nos bolsos do jeans. Está vestido casualmente, com uma camiseta preta, que o deixa com aparência mais jovial.

— Ainda com aquele problema, Pérola? — pergunta, os olhos acendendo com o que parece diversão.

— Que bom que minha seca o diverte, doutor — eu bufo.

O homem irritante abre um sorriso. Um muito lento e perverso, os olhos voltando a passear sobre o meu comprimento.

— O cara de hoje é... — dá de ombros — normal.

— Normal? — questiono, franzindo as sobrancelhas.

— Entediante — diz com o brilho se intensificando nas íris escuras. —

Eu já lhe disse, menina, procure aqui, na vida real.

Rolo os olhos.

— Estou dispensando seus conselhos hoje, meritíssimo — falo com ironia e me viro para a saída.

Ouçó seu suspiro. Um som que parece... Frustrado? Foda-se. Hoje, não.

— Me ligue se precisar de mim — ele diz asperamente às minhas costas.

— Obrigada, mas não vou precisar — digo com soberba e abro a porta.

➤ UMA HORA DEPOIS...

— Eu trabalho para o juiz Bismarck! — berro, lutando contra os policiais que querem me algemar.

— É claro que trabalha — um deles zomba. — É cada uma que os meliantes inventam hoje em dia para se safar...

— Mas, é verdade! Droga! — torno a berrar. — Me deixem ligar para o juiz!

De nada adianta. Eles me levam para a delegacia. O motivo? Ok, vamos por partes... Estava tudo correndo muito bem no motel. Era um lugar chique, agradável. Vladimir, meu encontro, estava muito empolgado. Bebemos vinho, dançamos. Até que ele pediu para ser algemado à cama. Eu estranhei, mas fiz, porque esses fetiches estão muito na moda... O problema todo começou quando as velas vermelhas que eu tinha, numa tentativa romântica, espalhado pelo chão do quarto começaram a pegar fogo nas cortinas. Eu não vi de imediato porque ele só ficava dizendo: fogo! Fogo!

Pensei que minhas carícias o estavam deixando quente. Quando me virei e vi as cortinas pegando fogo, fiquei alarmada, sem saber o que fazer primeiro, se gritava, tentava apagar o fogo ou o libertava das algemas. Então fiz só a primeira e a última, gritei e peguei as chaves das algemas, minhas mãos tremendo tanto que a derrubei no vão entre a cabeceira e a parede. À essa altura já estávamos os dois gritando. Ele me chamando de desastrada, azarada do Tinder.

Não demorou muito o alarme de incêndio foi acionado e os seguranças arrombaram a porta com extintores nas mãos. Vladimir estava peladão, algemado à cama porque não consegui alcançar as chaves de jeito nenhum. Eu estava ainda de sutiã e calcinha, pelo menos isso. Deus é pai!

Minha Nossa Senhora... Teria sido cômico se não fosse trágico.

— E foi exatamente assim que aconteceu, senhor — gemo no final do meu relato para o delegado. — Não houve qualquer intenção da minha parte. Foi um acidente.

— Um muito infeliz! — Vladimir rosna, sentado na cadeira do meu lado. — Desastrada assim, vai morrer solteira, garota! Deus me livre de te ver de novo!

Caramba. Essa doeu. Então, ouço um tumulto do lado de fora da sala e logo meu coração salta quando um Alessandro, visivelmente irritado, passa para dentro.

— Por que não me ligaram imediatamente? — ele ruge para o delegado, que está branco como papel. — Onde está o advogado a que a senhorita Pérola tem direito, doutor?

— Juiz Bismarck?! — os policiais que me algemaram exclamam, atrás da mesa do delegado.

— Oh, meu Deus! Alessandro... — meu corpo todo se enche de alívio. — Não foi intencional, eu juro! Foi um acidente.

— Devia ter me ligado, porra — range asperamente.

— Eles não me deixaram — aponto os dois policiais, que agora estão provavelmente querendo se esconder embaixo da mesa.

Alessandro lança um olhar intimidante para os dois.

— Eu vou cuidar de cada um de vocês depois — ameaça e os homens engolem em seco. — O que fizeram com você? O que aconteceu? — ele está me puxando da cadeira, as mãos passando pelos meus ombros até encontrar meus pulsos. Merda, eu sei que a situação não é das melhores, mas sentir suas mãos grandes sobre a minha pele me faz engasgar e, de certa forma, agradecer pelos eventos que o trouxeram até mim. — Algemaram você? — Eu aceno, muda. Ele grunhe, descontente. — Vou levá-la para casa, agora.

— Doutor, ainda estamos interrogando a senhorita...

— Não estão mais — ele rosna, cortando o delegado, o olhar duro para o

homem. Alessandro está muito zangado. Isso é tudo por minha causa? Eu tento conter meu coração boboca de fantasiar. — O advogado dela a acompanhará amanhã, se ainda precisar de mais detalhes.

— Mas senhor...

— A senhorita está indo comigo. Não me faça abrir uma sindicância sobre essa delegacia, doutor — Alessandro ruge e dessa vez todos se calam.



Alguns minutos depois, já mais calmos, tomamos chá em sua cozinha. Ele preparou o chá e nos serviu duas canecas. Não falamos nada na vinda da delegacia. Ainda bem que foi sensível o suficiente para não me encher com perguntas. Ele simplesmente foi lá, me tirou da confusão e me trouxe para casa.

— Deus, eu tenho o pé mais frio para encontros do que o Mick Jagger para assistir a jogos de futebol... — zombo de mim mesma, cansada de ficar em silêncio.

Alessandro me olha e um ínfimo sorriso brinca em sua boca, seu rosto moreno relaxando.

— Eu não queria dizer nada, mas vou ter que concordar... — então ele gargalha.

— Droga... — praguejo e não resisto, caio na gargalhada também. Nós rimos com vontade. Rio tanto que meus olhos estão cheios de lágrimas. — Caramba. Me superei esta noite.

— É, ninguém pode dizer que não é uma garota quente... — caçoa.

Eu gemo.

— Jesus... Você não vai me deixar esquecer isso, não é?

Seus olhos brilham mais.

— Dificilmente. — murmura. — Nunca mais tive um dia de tédio desde quando os meninos chegaram e em seguida você.

Meu coração tamborila no peito com sua admissão. Mesmo que esteja caçoando da minha inabilidade para namorar.

— Obrigada por ter ido lá — falo. Estamos os dois sérios agora. — Vou dar um tempo de encontros. Talvez o Tinder não seja mesmo para mim. Deu certo para minha amiga, mas comigo está se mostrando um fiasco até agora... — estremeço em desânimo.

Ele me encara longamente e acena.

— E como vai ficar a sua seca? — o sorriso e a expressão perversa estão voltando ao rosto moreno.

Eu bufo.

— Depois do desastre de hoje, vou continuar com as teias de aranha por algum tempo, obrigada — digo em tom de brincadeira.

Alessandro faz um som áspero na garganta, os olhos ficando mais intensos, ferozes sobre mim.

— Porra, você não tem filtros, menina — rosna. — Acha que sou de ferro?

— Não sei o que quer dizer... — franzo a testa.

— Sou homem, Pérola — ele ruge. — Acha que é agradável ouvir que uma garota linda e sensual está cheia de tesão?

Ui! Qual é o problema dele agora? E ele me acha linda e sensual? Desde quando?

— Com todo o respeito, doutor, eu conferi o quanto é homem em primeira-mão, logo na primeira noite aqui, caso tenha esquecido — digo e então aperto os lábios.

Nunca mencionamos aquele episódio nesses três meses. Ele estreita os olhos, um sorriso safado curvando os cantos da boca. Tenho certeza de que esse homem é um pecado total na cama. Por baixo dessa seriedade se esconde um macho alfa. Posso ver na postura, na forma de olhar e, droga, nos gemidos que emitia naquela noite se masturbando em seu escritório. Mas para meu azar, não chegarei a comprovar minha teoria.

— Aquilo foi constrangedor, garota — ele rosna. — Nunca tive uma

funcionária tão indiscreta antes.

— Eu já pedi desculpas — gemo, ainda envergonhada.

Ele sorri, gostando de me ver encabulada. O homem adora me provocar.

— E quanto ao projeto casamento? Já tem uma quarta candidata alinhada?
— pergunto para fazê-lo parar de me encarar com arrogância.

Não funciona porque seu olhar fica ainda mais penetrante, um brilho enchendo suas íris.

— Sim — murmura, os olhos nunca desviando dos meus. — Eu já encontrei a mulher certa.

Porra. Mas, já?! Alegria de pobre dura pouco.

— Já? — não me contenho.

Lá vem outra. Eu quase gemo em desgosto.

— Sim — ele assente.

— Quando irá apresentá-la para os meninos? — pergunto, não conseguindo esconder o sorriso.

Ele estreita os olhos escuros, meneando a cabeça, um sorriso brincando em sua boca também.

— Você não deve apoiar aqueles pequenos engenhosos em suas travessuras, Pérola — grunhe. Toma um gole do chá, me encarando por cima da borda da caneca. — Eles são terríveis, não são?

— Sim, eles são — concordo, meu sorriso alargando.

— Eles estavam certos, no entanto — me diz depois de mais uns instantes em silêncio. — Aquelas mulheres não serviam para eles — sua voz abaixa uma oitava quando murmura: — Nem para mim.

Ele deve gostar dessa quarta. Nunca o vi com esse brilho nos olhos quando falava que ia trazer as bruxas aqui.

— Como já disse, torço para que encontre uma boa mulher — digo, sentindo um nó na garganta. Tomo um gole do meu chá para disfarçar.

— Ela é perfeita. Você irá gostar dela — ele murmura, algo indecifrável brilhando nos olhos negros. — Trarei aqui em breve.

Vou odiá-la, com toda certeza. Mas sorrio, bancando a babá compreensiva. Espero que os meninos peguem bem pesado com essa cadela.

— Eu, ah, torço muito que realmente acerte dessa vez — digo, forçando meu tom animado, rindo e tudo. — Você merece encontrar uma boa mulher. E os meus meninos também — acrescento e então sorrio, meneando a cabeça, encabulada por me sentir tão íntima deles quando, para todos os efeitos, sou apenas a babá. — Desculpe, eu não tenho o direito de chamá-los assim...

— Shh, tem todo o direito — sua voz fica mais áspera, o pomo de adão se movimentando enquanto engole. — Aqueles bagunceiros te amam, Pérola.

Eu fico toda boba ao ouvir isso. Meus olhos ardem um pouco e eu pisco, limpando a garganta.

— E eu os amo. Acredite, Alessandro — digo, olhando-o firmemente. — Sei que sou apenas uma babá, mas eu me apaixonei por cada um daqueles meninos, de uma forma que não consigo explicar — pisco, limpando uma lágrima antes de ela cair e sorrio, entre lágrimas. — Desculpe. Eu sou um pouco emotiva — fungo. Ele está me olhando com tal ferocidade que me faz arfar. — Eu os amo — torno a repetir. — Mesmo depois que não precisarem mais dos meus serviços, quero poder estar perto deles de alguma forma. Não quero perder o contato e...

— Você estará — ele diz com tanta certeza que me faz franzir o cenho, confusa.

— Obrigada — digo, terminando de tomar o meu chá. — Mas me conta mais sobre a próxima vítima das crianças.

Ele solta uma risada profunda e eu quase gemo. Juro que o som vibra dentro de mim. Meu caso é totalmente perdido. Não vejo como me livrarei dessas coisas tão fortes que sinto por ele.

— Eu vou cortejá-la primeiro — diz com aquele brilho misterioso tomando seus olhos de novo. — Ela merece isso.

Ok, então ele realmente está encantado por essa. Deve ser mais uma dessas vacas do meio jurídico, claro. Eu quero bufar em despeito, mas sou uma garota

civilizada e muito controlada, fiquem sabendo.

Vou até a pia e lavo minha caneca. Quando me viro, Alessandro está com os olhos cravados em mim. Ele precisa parar com essa merda de ficar me secando, porra. Homens... Oh, raça. Está aqui todo derretido falando que vai cortejar mais uma cadela do seu meio social, mas não perde a chance de dar uma checada na empregadinha, não é?

— Eu vou me esforçar para manter os meninos nas rédeas quando a pobre mulher vier aqui — digo e isso o faz rir.

Alessandro precisa parar de sorrir assim também.

— Não faça promessas que não pode cumprir, Pérola — ele vai lavar sua caneca também.

É a minha vez de sorrir.

— Boa noite, Alessandro — murmuro.

— Boa noite, menina — diz e eu saio da cozinha o mais rápido que consigo.

Há algo em seu tom, em seu olhar quando me chama de “menina”, que faz meus joelhos tremerem e amolecerem.

No dia seguinte, quando entrei no Tinder com o objetivo de encerrar a minha conta, um tal de “garanhão de SP” estava interessado em falar comigo. Eu sei, eu sei, estão pensando, lá vai ela de novo! Juro que tentei não dar trela para o cara, mas ele me disse que me conhecia, que já me observava há algum tempo. Instiguei e ele me disse algumas coisas que não se descobre stalkeando redes sociais. Ele já me viu pessoalmente.

A conversa acabou evoluindo e já estamos falando há mais de três semanas. Ele é inteligente, engraçado. Às vezes penso que é um pouco mais maduro do que eu, pelo teor da sua conversa. Tem apenas paisagens nos perfis tanto do Tinder quanto do Facebook. Eu sei, parece mais uma furada, não é? No entanto, algo me atrai nele, na conversa. Nunca fizemos sequer chamada de vídeo ou enviamos áudios, porém, suas palavras... Não sei como explicar. O cara me toca de uma forma estranha. É como se me conhecesse profundamente,

soubesse exatamente o que preciso ouvir.

Alessandro está se divertindo por eu não ter conseguido sair da rede. Para ele ninguém pode ser levado a sério com o codinome “garanhão”. Confesso que também achava no começo, mas o homem me ganhou. Terminei de me arrumar, mais uma vez em um curto espaço de tempo, apostando no Tinder. Última vez, prometo.

Estou usando um vestido verde, tomara que caia, saia rodada e sandálias de salto Anabela. Meus cabelos loiros estão soltos sobre os ombros. Caprichei um pouco mais na maquiagem, admito. Algo dentro de mim me diz que é esse homem. Como explicar uma empatia assim através apenas da tela de um celular?

Pego minha carteira e saio do meu quarto. Encontro os meninos no corredor. Eles estão bonitos, todos bem arrumados, para o jantar daqui a pouco. Alessandro trará a sua candidata hoje. Tive que testemunhar toda a sua empolgação com a mulher nesses últimos dias. Ele está diferente dessa vez. Tem conversando muito com os meninos também sobre a tal mulher. Acho que dessa vez a coisa vai. Nós meio que viramos confidentes um do outro nessas três semanas. Ele me contava as coisas dela e eu as coisas do “garanhão”.

Nós começamos a sair com os meninos também. Fomos a parques de diversões, a restaurantes. Em muitos momentos, eu ainda me peguei sonhando que éramos uma família. Que ele poderia me escolher para sua mulher e mãe dos meninos. Mas aí ele falava dessa cadela, do quanto é perfeita e o quanto está louco para estar com ela livremente. Nesses dias eu ficava triste e era o meu “garanhão” quem me fazia sorrir. Então, decidi que era hora de deixar Alessandro Bismarck ir.

Continuarei sendo apenas a amiga que sei, ele já me considera.

— Vocês estão tão bonitos, queridos — digo como uma mãe coruja, me aproximando e beijando cada um nas cabeleiras fartas.

— Você também — eles dizem quase em uníssono.

— Não se esqueçam do que me prometeram, ok? — não custa nada reforçar para esses danadinhos. — Essa mulher é importante para seu tio.

Tratem-na com cortesia.

Eles abrem os maiores sorrisos.

— Nós vamos nos comportar, Pérola — Caio, o mais endiabrado, ri meio de lado. Deus, ele é tão parecido com seu tio. — Relaxa. Estreito meus olhos sobre o espertinho.

— Você me disse isso em todas as vezes que seu tio trouxe uma candidata aqui, mocinho — recordo e ele ri, piscando com travessura. — Não estarei aqui, então, por favor, se comportem, amores. É um pedido meu.

Eles ficam sérios.

— Está bem. Nós já aprovamos a candidata — Davi diz e Caio resmunga, tapando a sua boca.

— Pare de dar com a língua nos dentes, fedelho! — o mais velho ralha. Isso me faz franzir a testa.

— Já aprovaram? Como? — pergunto, aturdida.

— O tio mostrou uma foto dela para nós três, hoje à tarde — Caio explica.

— Eu também quero ver a foto! — Bea reclama, fazendo beicinho.

— Eu também quero! — Léa a segue, como sempre.

Rio. Meu Deus, eu amo essa bagunça deles. Só espero que essa mulher saiba o tesouro que são essas crianças. Suspiro, resignada. E o homem lindo que é Alessandro.

— Vamos descer, amores — digo, já pegando as mãos das meninas.

— Não — Caio interrompe. — Nosso tio nos disse para ficarmos aqui, por enquanto.

Eu torno a ficar intrigada.

— Por quê?

O menino ri misterioso.

— Ele quer ficar a sós com a escolhida por um tempo antes de a cavalaria descer — torna a piscar. Esse menino vai causar um reboiço com o sexo feminino daqui a alguns anos.

— Tudo bem, então — dou de ombros. — Eu já vou. Não se esqueçam do

combinado — digo uma última vez e aperto o botão do elevador.

Quando ele chega, eu entro e confiro minha aparência no espelho, sorrindo para o meu reflexo.

— Seja feliz, Alessandro — falo, abrindo mão de vez dele como homem.

Chego ao térreo e passo para fora. E fico ainda mais aturdida com a mudança na sala. Está tudo muito diferente de quando estive aqui há umas duas horas. Não mais que isso. Os móveis estão afastados para os cantos. Há arranjos de rosas por todos os lugares. Eu me sobressalto quando o som de violinos soa no ambiente. Não posso evitar, me ressinto dessa mulher antes mesmo de conhecê-la. Ele a ama. Se não estava claro antes, agora não restam mais dúvidas.

Estou lutando conta as lágrimas traiçoeiras que queimam meus olhos, quando olho de lado e meu coração para ao ver Alessandro descendo o último degrau da escada. Ele está absolutamente deslumbrante esta noite. Nunca o vi tão bonito antes. Usa um terno escuro, camisa branca, gravata e tudo. Seus olhos encontram os meus e ele para um instante, fazendo algo que se tornou uma constante quando me vê, seu olhar desce preguiçosamente sobre mim. Então, recomeça a andar e eu quero correr para longe, porque não posso mais continuar negando o óbvio, eu o amo. Nem mesmo o garanhão e sua surpreendente afinidade comigo me fez esquecê-lo, porque é amor.

— Você está chorando... — ele murmura com voz rouca quando para na minha frente. — Pérola... — seu tom fica mais urgente, os olhos cheios de uma emoção vibrante. Sua mão direita levanta, tocando meu rosto, e eu engasgo, minha respiração travando na garganta quando a manga do terno sobe e eu vejo uma fita verde em seu pulso. Minha combinação com o garanhão era que usaria uma fita no pulso, da cor do meu vestido. — Não chore, preciosa... — sussurra e eu fecho os olhos. Meu garanhão me chamou assim desde a nossa primeira conversa.

— Alessandro... — soluço, minha carteira caindo no chão, minhas mãos levantando para o seu rosto. — Oh, meu Deus... — toco-o, chorando como uma boba por finalmente conseguir fazer isso, apenas tocar o homem que amo. —

Droga, você é o garanhão do Tinder...

Ele ri, seus olhos escuros muito brilhantes.

— Sim, porra, eu preciso beijar você ou vou morrer — ele rosna, um braço forte enrolando em minha cintura, seu rosto abaixando para o meu.

Segura minha nuca e eu quase desmaio quando seus lábios mornos, tão desejados, tocam os meus. Estremeço inteira e então eu o abraço pelo pescoço, me rendendo, sedenta, delirando. Era eu. Meu Deus, a cadela que odiei tanto nesses dias era eu! Rio, ofegando em sua boca. Ele se torna mais exigente, me apertando mais contra o corpo grande, o beijo ficando mais ardente, molhado.

Nos beijamos pelo que parecem horas. Desesperado. Lento. Desesperado de novo. Se eu estava matando o canil antes... Jesus apaga a luz! Agora sou um caso de segurança pública, meu povo! O juiz sente minha excitação e ri, safado, esfregando o material, que já vi muito bem, em meu ventre.

— Eu amo você, Alessandro... — declaro, sussurrando contra sua boca, sem poder guardar isso no peito nem mais um segundo.

Ele arranca a boca da minha, os olhos escuros fixos nos meus.

— Eu também amo você, menina — diz com voz engrossada. — Lutei muito contra isso. Tive muito medo de não dar certo entre nós e os meus meninos serem prejudicados.

— Eu sei, querido, eu sei — digo-lhe. — No que depender de mim já deu certo.

Ele sorri, lindo, charmoso, então, rosna:

— Porra, tem ideia do quanto torci para dar errado com cada filho da puta do Tinder?

Eu rio. Meu peito está leve. Não acredito que o juiz é o garanhão.

— Bem, seu santo é muito forte, devo dizer — bufo. — Continuo com as teias de aranha na zona sul...

Ele grunhe, os olhos incendiando.

— De hoje não passa, porra — morde meu queixo. — Vai ter muita dificuldade para andar amanhã...

— Droga, não fica me atiçando ou vou querer pular o jantar — eu digo, sentindo cada parte minha latejar.

Antes que qualquer um de nós diga mais alguma coisa, ouço risinhos vindo da escada. Alessandro nos gira e eu rio, vendo os meninos lá, abaixados, cada um sobre um degrau. Ah, meus malandrinhos. Eles já sabiam de tudo.

— Você tem certeza sobre isso? — Alessandro pergunta em meu ouvido e eu viro o rosto para o seu.

— Absoluta — digo firmemente.

— Eles são cinco! — sorri. Mas sei que está perguntando seriamente, embora já saiba como me sinto sobre seus sobrinhos.

— Sim, eles são cinco. Eles são lindos e são meus. Seus olhos cintilam lindamente.

— Você é muito jovem, preciosa — murmura, delineando meu rosto, o toque carinhoso, reverente.

— E você é o homem mais bonito que já vi em toda a minha vida, meritíssimo. — sussurro de volta.

— Ah, menina — diz, os olhos ferozes, emocionados nos meus. — Vamos até lá, querida. Vamos até nossos filhos.

E nós vamos. As crianças pulam dos degraus e começam a fazer festa ao nosso redor. Nós jantamos em clima feliz. Nada de mulher correndo e se coçando, parecendo a menina do “Exorcista”. Não, dessa vez foi tudo calmo, como uma verdadeira família.

➤ MAIS TARDE...

Entro com Alessandro no quarto principal. É lindo, enorme, sofisticado como o dono. A cama dossel está coberta com lençóis brancos e vermelhos. Meu tesão atingiu um nível que nem sei mais mensurar. Passei o jantar inteiro com a calcinha ensopada, desejando-o loucamente. Tivemos que colocar os meninos em seus quartos, nos olhando, nos comendo com os olhos o tempo todo.

— Pérola... — Alessandro sussurra em meu ouvido, os braços enrolando em minha cintura, puxando minhas costas contra seu peito duro. — Ah, porra, prometo ir com calma depois, mas agora preciso me enterrar em você, menina.

— Ahh, Alessandro... — choramingo quando se esfrega em minha bunda, a boca quente sugando a lateral do meu pescoço, mordendo devagar. Eu pulso, molho, não, gente, eu alago completamente.

O prefeito devia decretar estado de emergência em minha vagina nesse exato momento. É sério!

Ele ri, rouco, arrogante, masculino e eu amo o som. Suas mãos empurram o busto do meu vestido para baixo, desnudando meus seios. Rosna, enchendo as mãos grandes em meus montes. Não são grandes, mas também não são tão pequenos. Ele os sova gostosamente, puxando os mamilos. Eu esfrego minha bunda em sua ereção e subo meus braços, segurando seus ombros por trás. Sou muito pequena perto dele. Estou excitada, mas receosa de que vá me destroçar com esse equipamento todo...

Alessandro me gira em seus braços e enfia uma mão entre minhas pernas. Os olhos negros ficam ferozes ao me sentir toda molhada. O homem não conta história, arranca meu vestido com gestos rudes e gananciosos. Estou me tremendo toda quando fico completamente nua em sua frente. Ele rosna, as mãos tornando a acariciar, apalpar minha pele nua e encontra minha vagina de novo,

os dedos provocando meus lábios que vazam o creme grosso. O tempo todo me encarando, empurra um dedo grande em minha vulva. Eu arfo, gemendo, ganindo, choramingando, tudo ao mesmo tempo.

— Faz muito tempo, não é, preciosa? — sua voz é rouca e indulgente, enquanto enfia o dedo todo e passa a me comer devagar, esfregando habilmente minhas paredes escorregadias.

Gemo, deslumbrada com seu rosto perfeito bem perto do meu e o ajudo a se livrar do terno. Em seguida, retiro a gravata e abro os botões da camisa com as mãos trêmulas. Um gemido de puro deleite escapa da minha garganta quando espalmo o peito duro, os músculos firmes, a pele morena, quente, linda. Espalho beijos molhados em seu peitoral e bíceps definidos. Alessandro rosna, pegando meus cabelos rente à nuca, puxando-os, então mergulha a boca exigente na minha. Continua metendo o dedo grosso em mim e passa a esfregar meu clitóris, a pressão logo se torna insuportável e eu explodo gozando, minha pele toda arrepiando, lava quente varrendo meu ventre.

— Assim, menina, goza para aguentar meu pau... — o homem range, mostrando que, sim, é um pecado total na cama.

Eu espiralo nos últimos espasmos do gozo e ele ri, puxando o dedo, empurrando em minha boca. Chupo-o, gulosa, ansiosa. Alessandro grunhe, os olhos negros queimando nos meus. Sem nenhuma palavra, me levanta nos braços fortes e atravessa o quarto em direção à enorme cama. Me deposita no centro e gemo, me deliciando com a maciez. Eu o olho, deslumbrada, minha boca salivando como um cachorro vendo um frango suculento girar através do vidro.

Ele me lança um olhar perverso e retira o cinto, abre o botão e o zíper das calças. Engulo em seco, meus olhos indo para o volume do sua virilha. Alessandro se livra rapidamente dos sapatos e arranca as calças, junto com a boxer preta.

Meu coração falha, minha respiração trava e meu corpo todo formiga ao ver o homem nu. O meu homem nu. Quando nossos olhos se encontram de novo,

ele está subindo na cama, se arrastando para cima de mim. Arquejo quando me prende com seu corpo quente e delicioso. Ele não se abaixa, coloca as mãos dos lados do meu rosto e abaixa a boca para o meu seio direito, sugando-o, rolando a língua no bico. Eu engasgo de prazer, meu ventre esquentando outra vez. Arqueio as costas e ele rosna, passando a mamar em mim, alternando entre um seio e outro, indo e voltando, mordiscando, lambendo, chupando com força. Estou latejando, palitando entre as pernas, doendo para tê-lo dentro de mim.

Alessandro ruge feroz o tempo todo, mas não parece com pressa agora. É uma contradição, sua boca descendo pelo meu corpo, barriga, costelas, arreganha minhas pernas e mergulha a boca em minha vagina. Eu grito alto, escandalosa, pingando, suando, desespero puro reverberando em mim.

— Apresse-se, Alessandro, porra! — imploro, entrecortado. — Me livre das malditas teias, agora! Eu o quero nu, sem nada entre nós. Estou tomando a pílula.

Ele sorri, malvado, e morde minha virilha. Alessandro sobe, se acomodando em cima de mim. Ofego quando abaixa o rosto lindo para o meu e o sinto pegando o pau, esfregando a cabeça grande em meu clitóris. Minha Nossa Senhora dos juízes gostosos! Esse passou na fila sem dó. Os olhos escuros nunca deixam os meus enquanto ele se alinha em minha vulva, movendo-se gostoso demais, então ele mete em mim.

— Ohh, meu Deus... — eu choro, estremecendo, me pendurando nos ombros largos.

— Ah, porra, quase morro de vontade de comer essa bocetinha, menina — diz asperamente e vai metendo devagar, entrando colado demais, forçando minhas paredes como nunca antes. Jesus, eu quase posso ouvir o barulho das teias rasgando e um coro de anjos cantando: Aleluia! Aleluia! — Vamos, amor, falta pouco, aguenta tudo...

Eu gemo, lamentosa. Ainda tem mais? Cacetada!

Alessandro ri, presunçoso, sabendo que é um macho muito bem dotado. Soca o restante em minha pobre e desacostumada vagina. Nós dois gememos

alto, é um som cheio de luxúria, tesão absurdo. Apesar de estar rangendo os dentes e me olhando como se eu fosse um fodido bife ao molho madeira – seu prato preferido – ele ainda é cuidadoso. Vai devagar, retirando-se e voltando lento, girando, moendo gostoso.

Quando vê que já me acostumei com seu volume, Alessandro aumenta os impulsos, estocando firme, fundo, me fazendo gritar a cada metida erótica e malvada. Me come esfomeado, arreganhando-me toda, seu corpo grande esmagando o meu sobre a cama, matando a sua fome. Nós falamos coisas sacanas um com o outro. Ele passa a uivar, eu o arranho nas costas e ombros, seu grande pau batendo dentro de mim incansavelmente, rasgando-me sem trégua. O orgasmo me arrebatava e eu gozo, convulsionando de tanto prazer.

Alessandro rosna, grunhe, então urra, os jatos quentes despejando dentro de mim. Os olhos negros perfuram os meus, enquanto o deus moreno goza. A essa altura, ele está me rasgando toda, sem a menor contenção. Droga, sim, eu terei muita dificuldade para andar amanhã. Nós gozamos, arquejando, as ondas deliciosas passando por nossos corpos suados.

Foram noites sem fim desejando dolorosamente senti-lo dentro de mim. Nossos movimentos vão arrefecendo, nossas respirações rascantes no ambiente calmo do quarto. Ele geme, rouco e longamente, depois ficamos quietos por um tempo, apenas nossos corações batendo forte,

— Eu amo você, preciosa — sussurra contra o meu pescoço e meus olhos marejam pelo prazer absoluto em ouvir isso. Sua voz linda, grossa, tão masculina, tão ele.

— Eu também amo você — murmuro, correndo meus dedos pelos seus cabelos negros, macios, suados. — Meu garanhão do Tinder — acrescento em brincadeira.

Ele ri, o som profundo vibrando em minha pele. Sua cabeça sobe e os olhos encontram os meus. Seguro seu rosto entre as mãos, derretida por esse homem mais velho. Perfeito. Lindo.

— Minha linda azarada do Tinder — ele provoca.

Eu rolo os olhos.

— Não sou mais azarada, meritíssimo — digo baixinho, recomeçando a rebolar embaixo dele. Seu pau contrai dentro de mim e eu arfo.

— Só desastrada, então — zomba e recomeça a meter em mim, o safado, que eu sempre soube estar escondido sob a capa de juiz sisudo, se revelando por completo.

Nos empolgamos rapidamente. Rolo por cima, passando a cavalgá-lo. Estamos quase gozando de novo. Rosnando, ganindo, uivando, então as batidas começam na porta do quarto.

— Tio? Pérola? — a vozinha de Bea soa através da porta. Merda. Eu paro os movimentos, tudo em mim reclamando pelo prazer interrompido. — Por que estão fazendo tanto barulho? Vocês disseram que iam dormir.

— Porra... — Alessandro rosna, as mãos passeando pelos meus seios. Eu quero sair de cima dele, mas rosna ainda mais, segurando meus quadris no lugar. — Bea, querida, Pérola e eu estamos... Hum... Discutindo sobre algo...

— Vocês estavam gemendo. Nós ouvimos...

Vem a voz de Davi.

— Droga — nós dois gememos. Já podemos imaginar a cena lá fora. Eles estão lá, todos os cinco.

— Você fez muito escândalo — ele resmunga. — Ei, eu estava na seca, mais respeito, por favor — bufo.

Ele ri e rola comigo, ficando por cima.

— Tio? Pérola? Estamos sem sono — é a voz pequena de Léa.

Suspiramos os dois.

— Eles são cinco — ele geme. — Ainda tem certeza?

Eu rio, olhando-o apaixonada.

— Eles são perfeitos — murmuro, puxando seu rosto mais perto do meu. — Eu quero vocês para mim. Quis isso desde o primeiro momento em que pisei os pés aqui.

Alessandro abre um sorriso lindo e roça a boca na minha.

— Ah, menina. Perfeita é você — sussurra com voz engrossada. — E nós somos seus. Nós fomos desde o momento em que chegou em nossas vidas. Nós sempre seremos seus.

Meus olhos se enchem de lágrimas.

— Alessandro... Meu amor... — digo, embargada, e ele me beija, lento, gostoso, apaixonado.

— Tio? Pérola? — a voz de Mateus está chateada agora. — O que estão fazendo aí?

— Eles estão namorando, seus fedelhos — vem a voz maliciosa de Caio.

— O que é namorar? — Léa pergunta em sua inocência.

— Merda! — nós dois praguejamos e somos obrigados a pular da cama.

— Tio? Pérola?

Eles continuam chamando. Meu Deus! Ainda bem deu tempo pelo menos de tirar as teias... Posso esperar os danadinhos dormirem para começar o segundo round. Eu rio em antecipação. Visto um roupão de Alessandro e ele veste um de seus robes de seda negra, que o deixa delicioso, então, vamos para a nossa turma barulhenta.

Nada foi linear nessa história, nem mesmo convencional. Porém, tudo se encaixou porque era para ser. Talvez eu volte a contar um pouco mais da minha aventura com o juiz e nossos cinco pimentinhas. Talvez um dia...



 DESVIRGINADO!

Mila Wander

Desvirginado! – Mila Wander

➤ PRÓLOGO

Eu precisava tentar mais uma vez, ainda que isso custasse a pouca dignidade que me sobrava quando o assunto dizia respeito *àquilo*. A vida é feita de riscos e jamais fui um medroso, por mais que tivesse evitado inúmeras situações que me colocassem no papel que as mulheres esperavam que qualquer homem exercesse. Tentei me convencer de que aquilo não era para mim, que eu era um cara diferente e que não tinha a menor pressa. Esperei que um milagre surgisse e que tudo se resolvesse como um passe de mágica, tão perfeito quanto nos livros e nos filmes românticos.

A verdade era que eu não acreditava que a situação se mantivesse daquele jeito até o fim da minha vida. Uma hora tinha que acontecer, certo? *Precisava* acontecer. Mas os anos se passaram e eu me via a cada dia mais contrariado. Sentia vontade, claro, eu possuía desejos como qualquer pessoa. Minha imaginação ia muito longe e eu já não conseguia disfarçar para ninguém mais. Na roda de amigos, chamavam-me de *o santificado*. O pior de tudo isso era o fato de eu ser ateu. Não podia colocar culpa em religião alguma.

A culpa era apenas minha.

Ou será que do destino? Cansei de pensar sobre isso. Há quem diga que para cada pessoa feliz no universo, há uma pessoa triste. Certamente alguém possui a sorte que deveria ser minha, ou sou apenas um ponto de equilíbrio que a natureza encontrou para não deixar a desordem tomar conta. Seja como for, houve momentos em que aceitei a minha sina. Permaneci adormecido, concentrei-me em outras coisas; trabalho, independência dos meus pais, vida

acadêmica e etc.

Toda aquela energia que não me largava foi colocava em outro âmbito da minha vida que fosse suficiente para compensá-la, embora eu não tivesse certeza se aquela troca era mesmo justa, afinal, nada parecia compensar a ausência, a vontade que o meu corpo sofria. Não foi à toa que concluí dois doutorados, um em Ciências Jurídicas e outro em Direito Constitucional. Não foi em vão que consegui o cargo de CEO em uma das maiores empresas de advocacia do país, tudo isso antes dos 30.

Com isso, minha visibilidade aumentou de uma maneira tão drástica que eu não estava mais suportando. Toda festa que eu ia uma garota, ou mais, ficava à minha espreita, esperando para dar o seu bote. No ambiente de trabalho, eu tinha pelo menos cinco funcionárias que não paravam de me secar, além de uma sócia gostosona e uma senhora que pertencia ao Conselho Administrativo. Depois que dei algumas entrevistas na TV, pois nossa empresa trabalhava para muita gente do governo e sempre tinha um abacaxi para descascar, meu ibope aumentou ainda mais. A vizinha começou a me pedir coisas. Uma grande amiga passou a me ver com outros olhos.

Enfim, o resumo da ópera era que eu poderia ser o maior fodedor da face da Terra se eu não tivesse tanto azar na hora H. Havia passado muito tempo na defensiva e estava pronto para tentar de novo, só que, obviamente, não queria passar vergonha na frente de nenhuma das mulheres descritas acima. Seria muito humilhante e, pior, poderia me expor de um jeito negativo. O meu trabalho dependia da minha imagem de bom moço, que sempre levei comigo com o passar dos anos.

A ideia surgiu quando um dos deputados para quem a empresa trabalhava se complicou em um escândalo envolvendo a sua ex-esposa e uma prostituta de luxo. A mulher conseguiu flagrar um encontro dos dois “pombinhos” e a cena não foi nada bonita, conforme o Brasil inteiro viu, já que o vídeo foi vazado e diversos memes a respeito do caso foram criados na velocidade da luz. Não se falou em outra coisa por, pelo menos, uma semana. Tivemos uma dor de cabeça

absurda, mas o pensamento grudou na minha mente de um modo praticamente irreversível.

Encontrei naquele caso uma saída para a minha lamentável conjuntura, uma que eu ainda não tinha pensado até então: contratar uma garota de programa. Sendo assim, com a ajuda de um grande amigo, já que eu não seria tão burro a ponto de deixar rastros e acabar virando meme na Internet, consegui marcar um encontro com uma morena espetacular que cobrava o olho da cara, mas prometia uma noite digna de repeteco.

A mulher tinha cabelos longos, pele bronzeada, peitos enormes e uma boca que deixava qualquer homem enlouquecido, pelo menos foi como fiquei quando ela mandou uma foto para o meu amigo, que em seguida me encaminhou. Fechei acordo na hora.

Meu amigo reservou dois quartos em um hotel mediano que ficava na cidade vizinha, já que eu não queria chamar a atenção indo a um lugar requintado demais. Não queria ostentar, meu objetivo era apenas ter uma noite de prazer sem me sentir extremamente constrangido. Na verdade se me sentisse apenas isso seria ótimo. Foda mesmo seria me considerar um otário de marca maior, um inútil, um incapaz, um acéfalo energúmeno, como vinha me sentindo desde que atingi a puberdade.

Fiz todo o dever de casa. Cheguei ao hotel utilizando o serviço do Uber, tudo para não ostentar o meu carro, uma BMW X2 dourada. Precisei fazer o check-in na manhã do dia em questão, sabendo que a garota de programa só ocuparia o seu quarto no fim daquela tarde. Aproveitei o dia para descansar e tentar não surtar, mesmo que me sentisse fugindo do controle a cada cinco minutos. Nervosismo era pouco para traduzir o que eu sentia. Ainda assim, fiz tudo o que um cara precisa fazer antes de transar: raspei os pentelhos do pau e do saco, aparei os da bunda, os do sovaco e até os das pernas. Fazia um tempo que não me depilava porque achava isso inútil, mas fiquei feliz por ter ganhado uns três centímetros de pinto.

Fiz a barba e usei as loções mais cheirosas que eu tinha durante um banho

que devia ter durado umas duas horas. Não sabia que roupa vestir, mas como não queria chamar a atenção e também não pretendia parecer desarrumado, coloquei um jeans escuro e uma camisa cinza da Armani. Completei o visual com um par de sapatênis brancos e me embbedei com o perfume One Million da Paco Rabanne.

Eu estava completamente pronto na hora marcada. Bom, pelo menos por fora, sim. Por dentro o meu coração se agitava. A barriga doía e me perguntava se precisava mesmo fazer o número 2 ou se era tudo coisa da minha cabeça. Só esperava não sentir vontade na hora H, era só o que me faltava. Pensar naquilo abriu um leque de possibilidades ruins, comecei a imaginar milhões de jeitos de aquilo dar errado, então precisei tomar um copo com água e me deitar um pouco enquanto esperava, do contrário teria um piripaque.

Ouvi batidas na porta e achei que fosse morrer de infarto. Levantei da cama rápido demais e logo me senti tonto. Meio atordoado, desliguei algumas luzes e deixei outras estrategicamente acesas. Preferia morrer a passar por tudo aquilo sem ao menos uma penumbra, para o caso de eu precisar me esconder. Ainda que a mulher só estivesse ali por dinheiro, eu não precisava deixar evidente para ela toda a minha inexperiência e muito menos a cara de bocó que certamente faria.

Girei a maçaneta depressa, mas nada aconteceu, afinal, a porta estava trancada e o idiota não destravou antes de abrir. Usei aquele tempo para soltar o ar dos pulmões. Puxei mais ar, na tentativa de me manter calmo, e daquela vez destravei a porta antes de abri-la. A mulher se materializou na minha frente. Àquela altura, meu coração dava socos sem ritmo na caixa torácica e tive quase certeza de que desmaiaria.

— Oi... — ela falou de um jeito sensual, provocador. O simples movimento de seus lábios era libidinoso em um nível absurdo. — Vincenzo?

— S-Sim... S-Sou eu... — gaguejei feito um imbecil e escancarei a porta, liberando a sua passagem. A mulher desfilou quarto adentro, deixando um rastro de um perfume doce e instigante. Até o cheiro dela era pecaminoso. — Fique à

vontade — falei, mas no instante seguinte me arrependi por ter soado tão formal.

Só queria ser educado. Não era porque estava cara a cara com uma prostituta que deixaria de ser eu mesmo; ela merecia minha cordialidade tanto quanto qualquer mulher, certo? Ainda assim, a dúvida me acometia sobre a maneira como deveria me comportar. Talvez devesse ser mais agressivo, estilo macho alfa. De qualquer forma, eu não sabia onde colocar as mãos e tinha certeza de que o meu rosto estava todo vermelho, a tirar pela quentura que sentia descendo pelo pescoço.

— Bonito o seu nome... — a mulher falou depois que parou no centro da suíte e se virou para me encarar com olhos abrasadores. Ela parecia uma tigresa prestes a dar o bote e eu não passava de um bezerrinho indefeso. — É italiano?

Aquiesci. Pensei em contar sobre a descendência da família, mas considerei inapropriado. Fechei a porta e a tranquei com as mãos trêmulas, uma parte de mim sem acreditar que aquilo era real, que *finalmente* aconteceria. Era oficial: eu estava suando frio de nervosismo. Andei a passos lentos até onde a mulher estava. Ela não tirava os olhos de mim e isso não ajudava nem um pouco. Será que dava tempo de vendá-la?

Balancei a cabeça para espantar os pensamentos.

— E então... — bati as mãos nas laterais do meu corpo. Olhei para o chão encerado, depois percebi o quanto pareceria tímido e voltei a observá-la. Mas que porra. Eu era CEO. Mandava e desmandava em um monte de gente. Por que estava sendo tão imbecil? — E-Eu... — Não fazia ideia de como começar. Tinha medo de agarrá-la e desencadear um novo desastre na minha vida.

Podia visualizar toda a desgraça: nossos corpos cambaleando diante de minha tentativa de beijá-la, a bunda farta dela batendo contra a cômoda onde jazia o abajur, fazendo-o se espatifar em mil pedaços. Em seguida, e por causa do susto, ela se desequilibraria sobre aqueles saltos altíssimos e, por mais que eu tentasse segurá-la, cairíamos os dois sobre os cacos do abajur — eu por cima de seu corpo inerte, já que ela bateria a cabeça no chão e morreria na hora. Eu seria condenado por homicídio.

Mais uma vez, balancei a cabeça para afastar os pensamentos.

— Você é do tipo tímido, não é? — perguntou, disfarçando um sorriso.

— E-Eu... B-Bom... Quer beber alguma coisa? Eu tinha visto um vinho aqui no frigobar e... — abri a portinha da geladeira em miniatura e retirei o tal vinho lá de dentro. Aliás, aquilo ali nem devia ser chamado de vinho, era uma bebida barata provavelmente com gosto de suco de uva, mas não reclamei. Talvez o álcool me ajudasse a relaxar, não importava o gosto. — Vou pegar duas taças ali na mesa e... — parei com a garrafa na mão.

Os segundos que levei pegando o vinho foram utilizados pela prostituta para se despir do vestido preto, curto e cinturado que estava vestindo. A morenaça passou a exhibir um conjunto de lingerie da cor vermelha, que moldurava o seu corpo de um jeito que considerei perfeito. Ela era tão esculpida que parecia de mentira. Por mais que estivesse nervoso, uma ereção despontou entre as minhas pernas diante daquela visão.

— Pode me chamar de Sasha — sussurrou com malícia, aproximando-se a passos felinos. Parecia que uma música sexy estava tocando e ela se movia acompanhando as batidas. A mulher parou a centímetros de mim, erguendo as mãos para depositá-las sobre o meu peito. — Hoje, farei tudo o que você quiser.

Fiquei tão quieto que parecia que eu tinha virado uma estátua. Ela continuou me provocando, passando os seios em mim, lambendo os lábios pintados de vermelho enquanto me acariciava, só provocando. Talvez Sasha esperasse que eu tivesse alguma reação, qualquer que fosse. Na verdade, eu também esperava reagir, não era possível que ficasse agindo feito uma planta durante toda a noite.

Tomando bastante cuidado com os movimentos, usei a mão livre para segurar a sua cintura fina e a trouxe para mais perto. Pensei em beijá-la, mas não sabia se era permitido, se estava incluso no pacote. Percebendo que não daria certo fazer qualquer coisa segurando uma garrafa — que podia cair no chão, quebrar e um caco poderia se enterrar no pé da Sasha, atingindo uma artéria importante que a fizesse sangrar até a morte —, depusitei-a sobre a cômoda onde

ficava a TV.

Com as duas mãos livres, voltei a tocar aquela beldade, porém com cuidado. Nada de gestos bruscos. Nada de impulsividade. A ereção latejava dentro da minha cueca e eu tinha certeza de que estava começando a me melar de lubrificante. Sasha sorriu ao perceber meu pau avolumando a calça e me segurou com a mão cheia, atijando-me. Deixei um ofego escapar. Meu Deus, finalmente. Finalmente aconteceria.

— Hum... Temos um rapaz crescido aqui — murmurou e fez menção de que ia ajoelhar diante de mim, talvez para me despir e começar um boquete, mas uma parte medrosa e desconfiada de mim a segurou antes que fizesse isso.

— Podemos ir com calma? — sugeri, a voz saindo fraca.

— Mas é claro. Você é quem manda. Por onde quer começar?

Eu não sabia. Aliás, para ser sincero, queria muito começar pelo fim. Queria tê-la nua sobre a cama e enterrar o meu pau profundamente em sua boceta. Desejava que gemesse enquanto eu a fodesse em um ritmo bruto, acelerado. Resumindo: meu maior anseio era acabar com aquela merda de uma vez por todas.

Mas eu me conhecia e jamais seria tão indelicado a ponto de pular as etapas. Ela teria que tirar a roupa, eu também, e pode ter certeza de que nesse percurso muita coisa podia acontecer. Havia as preliminares; os beijos, a mão naquilo e aquilo na mão, as chupadas, a saliva, o cheiro, o envolvimento. Seria capaz de abrir mão de tudo isso, ainda que estivesse com uma desconhecida que estava sendo paga para me satisfazer do jeito que eu bem entendesse?

Talvez assim fosse a única maneira de dar certo, afinal.

— Pode ser por onde eu quiser?

Sasha abriu um sorriso faceiro. Ela devia estar acostumada às mais loucas sugestões vindas de clientes. Com certeza eu não seria o único a propor que apenas começássemos a transar, sem mais delongas. Meu pau já estava duro e ela parecia disposta a recebê-lo.

— Mas é claro, gatinho. É só me dizer e eu farei.

Soltei um suspiro. Senti-me um pouco desestimulado com a facilidade da coisa toda. Não havia conquistas, mas, por outro lado, também não havia complicação e eu não tinha nenhuma obrigação de deixá-la satisfeita. Precisava me lembrar de que aquele era um teste, com tentativa e erro. Eu tinha a noite inteira para tentar de várias maneiras, mas uma coisa era obrigatória: enfiar o pau na boceta dela.

— Quero que... hum... fique nua e... s-se deite na cama.

Sasha soltou um risinho provocante. Afastou-se um pouco e, sensualmente, começou a se despir começando pelo sutiã. Fez algumas firulas e até uma dancinha, nunca desviando os olhos escuros dos meus. Os seios fartos saltaram para frente assim que se livrou da peça. Eu me escorei na cômoda, sentindo-me até meio fraco diante de tanta beleza. Percebendo que a garrafa de vinho estava atrás de mim e um acidente poderia acontecer, afastei-me.

Ela percebeu minha momentânea confusão:

— Quer se deitar? — sugeri. — Posso dançar pra você enquanto tiro a roupa.

Concordei com a cabeça e passei por ela, com o rosto apontado para o chão, a fim de alcançar a cama. Tirei os sapatênis, as meias e a camisa, já que ainda estava suando de nervoso e a temperatura prometia aumentar, por mais que o ar-condicionado estivesse ligado. Fiquei apenas com a calça porque senti vergonha de tirar, mas a vontade era de me livrar logo das roupas e diminuir um item da lista de etapas a serem cumpridas. Eu estava tão perto, não podia dar vacilo.

Assim que me acomodei, uma música sensual começou a tocar e notei um celular aceso sobre a cômoda; era dele que vinha o som. Sasha devia ter uma playlist com as músicas que usava para fazer strip-tease. Gostei da ideia, dessa forma o silêncio não seria mais incômodo. Fiquei imediatamente animado e ela voltou a dançar.

Seus movimentos eram graciosos, sensuais, instigantes. Por mais que estivesse seminua, não me pareceu vulgar. Sasha retirou a cinta-liga com a maior

calmaria, sem pressa, depois puxou as meias finas ao erguer cada perna sobre uma poltrona que jazia no canto da suíte. Fez tudo devagar. Ora me encarava, ora fechava os olhos e parecia conectada com a música e com o seu próprio corpo. Assisti-la era um acontecimento.

Meu pau ficou duro por todo tempo que levou para, enfim, e com a careta mais safada do mundo, livrar-se da calcinha, exibindo uma vagina depilada que só fez com que meu pênis latejasse mais. Precisava transar. Sinceramente, preferia morrer a sair daquela noite sem passar nem que fosse um segundo dentro daquela mulher.

Ela jogou a calcinha em mim. Fui pego de surpresa, mas adorei a atitude. Não pensei sobre o que fazer, meus instintos que comandaram naquele momento e acabei levando a peça ao rosto. Cheirei-a com vontade. Tinha um odor específico de boceta com sabonete íntimo. Ainda que não fosse um perito no assunto, sabia perfeitamente que eu gostava demais daquele cheiro de mulher.

Sasha veio se aproximando com firmeza, deixando seus saltos no meio do caminho, nua em pelo. Quando subiu em cima da cama, meu coração voltou a disparar. Passou a bater tão rápido que precisei ficar com a boca bem fechada, vai que ele escapulisse?

A mulher não hesitou em abrir as pernas e colocar uma em cada lado do meu corpo. Começou a esfregar os seios em mim e pude sentir o suor escorrendo das minhas têmporas. O nervosismo tinha amenizado enquanto ela estava longe, mas naquele momento eu me sentia prestes a surtar.

Sasha rastejou até parar com o rosto a centímetros dos meus e finalmente me beijou. Não foi um gesto delicado, mas também não foi violento. Ela me deu um beijo completo, com direito a lábios e línguas trabalhando de um jeito insano, em busca de algo que nunca consegui entender. Levei uma mão trêmula à sua cintura, mas mantive o toque fraco, hesitante, por puro medo daquele beijo aparentemente tão bom terminasse em desgraça. Eu podia morder os seus lábios sem querer e fazê-la sangrar, sei lá. Nossos dentes podiam se chocar com força e serem arrancados de nossas bocas, assim nós pararíamos no hospital. Enfim,

qualquer coisa maluca podia acontecer. O azar sempre encontra milhões de possibilidades.

— Vincenzo... — ela gemeu o meu nome e estranhei. Uma caraminhola se fixou na minha cabeça naquele instante. Será que Sasha gemia o nome de seus clientes? Seria a forma que utilizava para arrancar mais dinheiro deles? Porque uma coisa era certa: impossível resistir àquele gemidinho saindo de seus lábios. Se ela me pedisse para sair nu no meio da rua, com uma melancia na cabeça, eu que não desobedeceria. — Você é tão gostosinho... — seus lábios desceram pelo meu pescoço.

Eita.

Naquele instante, fiquei me sentindo o garanhão das tapiocas. Os braços perderam as forças e a larguei, permaneci entregue às carícias que me proporcionava. Fazia tanto tempo que ninguém me tocava daquele jeito. Foram tantos anos de solidão e carência... Sasha era tão direta que me senti emocionado. Para ser sincero, meus olhos marejaram e tive que me segurar pra não chorar. Merda.

Aquela mulher incrível foi deixando rastros de beijos e chupões no meu corpo. Tentei aproveitar o momento, porém também tentava conter as emoções, o que não foi uma mistura muito boa. Quando ela chegou até a minha calça, livrou-me da fivela do cinto, do botão e do zíper, foi com surpresa que, ao olhar para baixo, me dei conta de que o meu pau estava parecendo uma maria-mole: gelatinosa e caída.

Sasha não se deu por vencida, nem mesmo pareceu contrariada. Sequer pestanejou ao colocá-lo para fora da cueca. Devia estar acostumada com velhotes que viviam à base de Viagra. Pois bem, se o meu pênis pudesse se expressar, naquele momento ele soltaria um bocejo dos grandes. Sério. Estava completamente adormecido, como se nada estivesse acontecendo.

Bem que a mulher tentou animá-lo, porém a cada segundo que se passava mais eu tinha certeza de que não daria certo. Meu pau dormiu. Morreu. Sei lá, parou de funcionar. Às vezes um pequeno toque fazia com que ele ficasse ereto o

dia inteiro, como era possível que estivesse dormindo mesmo com a boca deliciosa da Sasha trabalhando nele? Impossível. Inimaginável.

Sasha foi uma guerreira: lambeu, chupou, teve a maior paciência e boa vontade. Desceu para as bolas, estimulando-as. Voltou e enrolou a língua na ponta da cabeça. O bicho não subia. NÃO SUBIA. Cacete.

Quando ela deu uma chupada barulhenta e o coitado caiu feito um balão de festa murcho, simplesmente atingi o meu limite. A completa frustração tomou conta. Parecia mentira, mas, de novo, não seria daquela vez.

— Sasha... — afastei-a com a maior gentileza que consegui reunir. — Chega.

Ela me olhou, confusa.

— Não entendo. Estava duro feito pedra não fazia muito tempo — soltou um arquejo, mas continuou em cima de mim, ignorando meu toque para afastá-la de vez. — O que aconteceu?

— E-Eu...

— Deve ser algo que está pensando. Já sei, traindo a esposa? — fez uma careta. — Não se preocupe, somos só nós dois aqui. Ninguém vai ficar sabendo, gatinho. Sou bastante discreta — piscou um olho, cúmplice. Tive vontade de morrer. Pensei até em inventar uma desculpa, aproveitando a sua deixa, mas estava farto.

Completamente revoltado.

— Não sou casado. Não tenho namorada, ficante, nada.

— Hum... — ela ergueu uma sobrancelha. — É algo comigo? Mostrei meus exames por e-mail, estou limpa e me cuido bastante. Não tem por que se preocupar.

— Não, Sasha, você é perfeita. É... maravilhosa. O problema sou eu.

Ela finalmente saiu de cima de mim. Sentou-se na cama e ficou me olhando, parecia bastante à vontade com a própria nudez.

— Como assim? O que você tem? Meu Deus, alguma IST? — arregalou os olhos e olhou para o meu pau, talvez na tentativa de encontrar uma mancha, um

caroço, sei lá, qualquer coisa que denunciasse uma doença.

A vontade de morrer se intensificou.

— Não, não tenho nada. Nem teria como... — sentei-me na cama também, com o olhar baixo, amuado. Tive vergonha de olhá-la. — É só que transar não é pra mim. Tenho que aceitar isso e parar de me colocar nessas... — aponte para o nosso redor — situações constrangedoras.

— Acho que não entendi, Vincenzo. Transar é pra todo mundo, sem distinção, a não ser que você seja assexual. Mas creio que não é o caso, vi o seu pau duro e... — de repente, sua voz agravou: — Meu Deus, você é virgem?

Minha resposta foi dar de ombros.

— Não acredito! — Sasha soltou um risinho contido. Tudo bem, foi uma reação melhor do que uma gargalhada descarada, como algumas pessoas que souberam disso já tinham feito. — Você tem quantos anos?

— Trinta e um — balbuciei.

Sasha arregalou os olhos.

— Impossível! Como pode? — ela me olhou de cima a baixo, analisando-me minuciosamente. — Você é bonito pra caramba. Seu pau parece ter um tamanho bom, se está assim mole... E pelo volume que vi na calça — observei meu pinto murcho exposto. — E é cheiroso! Acho que nunca chupei um pau tão cheiroso quanto o seu.

Tentei me animar, mas ainda me sentia muito frustrado. Afinal, de que adiantava ter um pau cheiroso se ele não era usado para nada além de mijar? Ah, e umas punhetas de vez em quando. No fim das contas, ninguém o cheirava.

— Olha, Sasha, me desculpa — suspirei, aprumando-me no colchão. Devolvi o pênis para dentro da cueca porque não suportava mais seu olhar pairando sobre ele. Não sabia se era melhor ou pior que olhasse em meus olhos. — Vou te dar o seu dinheiro e você pode curtir a estada no hotel até amanhã ao meio-dia. Não a importunarei.

— Por que você é virgem? — questionou, ignorando a minha sugestão. Eu só queria que ela fosse embora e parasse de fazer perguntas. — Não entendo.

Nunca tentou... estar com alguém? Nem em uma festa, sei lá?

Bufei, um pouco irritado.

— Tentei, sim. Três vezes, para ser mais exato. Nas três foi um desastre.

— Mesmo? O que houve? Você brochou?

Encarei a Sasha significativamente.

— Não, foi muito pior do que isso.

— Sério? — abriu bem os olhos escuros. — Poxa, três tentativas é pouco se levarmos em conta a sua idade. Devem ter sido experiências bizarras.

— Muito, muito bizarras. Você não imagina o quanto — joguei o meu corpo para trás, exausto. Queria beber aquela garrafa de vinho ruim e dormir até deixar de existir. — Foram tão ruins que me afastei durante muito tempo. Até agora. E veja só, nada mudou. Eu sou um... completo imbecil — levei as mãos para o rosto.

— Calma, Vincenzo... — Sasha acarinhou o meu abdômen exposto. Foi um gesto tão suave que parei para conferir o ponto onde ela me tocava. Tive verdadeira vontade de chorar. Sério. Eu só queria ser amado, ter alguém para mim. Só que todo mundo queria sexo, e com razão, mas por algum motivo nunca pude oferecer isso. — Que tal me contar como foram essas experiências?

— Ah, não, por favor...

— Não vou insistir, mas talvez ajude.

— Não vejo de que forma pode ajudar.

Sasha se deitou ao meu lado. Não pediu licença ao depositar a cabeça no meu peito e nem mesmo ao colocar uma perna sobre mim. Ficou me olhando como se aquilo fosse a coisa mais normal do mundo. Não vi pena em sua expressão. Notei apenas que estava curiosa e, principalmente, me dei conta de que sua vontade de ajudar era real.

Arqueei, rindo, porém sem sentir muita graça.

— Você quer mesmo saber?

— Claro que quero. Temos a noite toda pela frente — levantou a cabeça, sem deixar de me encarar de perto. — Quer vinho?

Depois que enchemos as nossas taças e voltamos para a cama, ela ainda nua e eu apenas de cueca, comecei a minha narrativa. O olhar curioso da Sasha me instigava a me abrir de uma vez por todas, e assim fiz.

Eu nunca tinha pensado em um título para as minhas péssimas experiências. Mas, como queria contar a história com riquezas de detalhes, falei para aquela linda mulher que a primeira parte do meu martírio não podia ter outro nome.

Tinha que ser: sete minutos no inferno.

➤ SETE MINUTOS NO INFERNO

Fui um adolescente tímido, mas bem normal, ainda que naquela época eu me achasse uma farsa, o que acho que deve ser uma característica de qualquer pessoa que atravessa a cruel fase da puberdade. Aos quatorze anos, ainda era virgem e nunca tinha beijado, o que não me incomodava tanto porque meus amigos também eram meio abobalhados feito eu. Passávamos a maior parte do tempo divididos entre jogar futebol e Nintendo. Há alguns anos a gente mal frequentava festas, as coisas não eram tão liberais e sempre tive a impressão de que a infância durava mais tempo.

Estávamos na oitava série quando uma garota da nossa sala resolveu fazer a sua festinha de aniversário e convidar boa parte da turma. Eu não tinha muita intimidade com ela, mas alguns dos meus amigos tinham e acabei sendo convidado assim mesmo. Os meus pais quase não me deixaram ir, precisou que a mãe de outro colega ligasse para a minha mãe e dissesse que ficaria responsável por nos levar e trazer antes da meia-noite. Ainda fiz alguns serviços domésticos a mais, só para garantir uma imagem de rapaz merecedor, e acabou que meus pais liberaram a minha ida.

Para a minha surpresa, não havia nenhum adulto na festa, que achei que seria maior. Estava mais para uma pequena reunião na casa da garota, a qual não lembro o nome, com direito a doces e salgados espalhados por uma mesa de centro e todos sentados ao redor com seus copos de refrigerante, sobre um tapete grande. Não devia ter mais do que quinze pessoas, incluindo apenas os meus amigos e as amigas dela.

Fiquei bastante tímido por ser uma comemoração intimista, por isso me limitei apenas a ouvir as conversas enquanto comia em silêncio. Foi de repente que uma das garotas chamou a atenção de todos e se levantou. Não lembro o seu

nome, mas jamais me esquecerei de seu jeito de menina dizendo as palavras que significariam o meu fim:

— Ei, gente! Conheço uma brincadeira massa! Vocês topam?

— Que brincadeira? — a aniversariante perguntou, visivelmente contrariada. — Não somos mais crianças para brincar — revirou os olhos. Ela achava que, por ter completado quatorze anos, era madura demais para essas coisas.

— Vocês vão gostar, se chama sete minutos no paraíso! É assim, colocamos os meninos de um lado e as meninas do outro. No meio, giramos uma garrafa e ela vai indicar os pares que vamos formar. Os dois selecionados tem direito a ficar sete minutos em um lugar pequeno, fechado e escuro, sem ninguém para atrapalhar!

Todos ficaram em silêncio por alguns instantes. Arregalei os olhos, meio transtornado com a tal “brincadeira”, que de inocente não tinha nada. Passar sete minutos trancado com uma garota? Parecia-me louco demais.

Um dos meus amigos abriu um sorriso faceiro. A aniversariante pareceu ter gostado do que ouviu. Acho que, na verdade, fui o único que não gostou da ideia, porém mais por timidez do que por qualquer outra coisa. No fim das contas, um lado meu estava ansioso para dar o primeiro beijo e aquela podia ser uma ótima oportunidade. Eu já tinha treinado bastante usando laranjas e potes vazios de Danone.

— Ah, tem uma regra importante: tudo o que acontecer lá dentro será segredo — a tal menina prosseguiu: — Ninguém pode comentar nada!

— Uau! — uma das meninas ofegou, mas sorriu logo em seguida.

— Estou dentro! — meu amigo mais ousado se animou.

— Gostei! Estão todos de acordo? — a aniversariante questionou.

Vi as garotas balançando a cabeça em afirmativa, sem sequer pestanejar, e tive vergonha de negar o que nem elas estavam sendo capaz. Eu devia era tomar uma dose de coragem e deixar de ser babaca. Sendo assim, chacoalhei a cabeça como se estivesse muito convicto do que queria. Os garotos estavam

visivelmente mais animados, por isso fingi entusiasmo e peguei uma garrafa vazia de Fanta, que tinha acabado de secar.

Tiramos as coisas de cima da mesa de centro, enquanto a aniversariante definia qual seria o local onde os dois selecionados ficariam trancados. Por fim, ficou definido que usaríamos um pequeno quartinho que tinha nos fundos, uma dependência para funcionários que estava sendo utilizada apenas para guardar algumas tralhas. Era um lugar empoeirado e meio fedido, mas serviria para o nosso propósito.

Sentamos ao redor da mesa; meninos de um lado e meninas do outro, conforme as regras do jogo. O primeiro casal foi selecionado. Depois o segundo, o terceiro e o quarto, e nada de eu ser escolhido, para o meu alívio. Ouvíamos, de dentro do quartinho, gritos, gemidos e às vezes apenas o silêncio. Os garotos e garotas saíam ou sérios demais ou com sorrisos em seus rostos. Uma das meninas saiu ajeitando o vestido. Um dos meus amigos tinha batom cor de rosa espalhado por todo o seu rosto.

Quanto mais o tempo passava, mais tinha certeza de que não seria escolhido, portanto fui deixando de me preocupar. Eu estava sentado em uma das esquinas, era bem difícil a garrafa parar naquela posição, ao menos foi disso que tentei me convencer.

— Gente, está tarde, é a última vez que vamos girar, está bem? — a aniversariante falou, visto que estava perto das onze da noite e alguns pais já telefonavam avisando que estavam saindo para buscar seus respectivos filhos.

Àquela altura, eu já estava bem despreocupado. No entanto, qual não foi a minha surpresa quando a bendita da garrafa parou apontando exatamente para mim! Reagi abrindo bem os olhos e ofegando, só depois conferi o lado oposto da garrafa e visualizei a Lavínia. Daquele nome eu nunca esqueci.

Lavínia era uma das garotas mais populares da escola e melhor amiga da aniversariante. Todos os caras da oitava série já tinham comentado sobre como ela era bonita e gostosa; loira, olhos azuis e com os peitos já despontados. Havia sido uma das primeiras garotas a usar sutiã, ainda na quarta série. Apesar de

estudarmos na mesma sala fazia anos, nunca tínhamos sequer trocado uma única palavra.

— Vão logo, vocês têm sete minutos! — um dos meninos berrou, levando-nos até o quartinho.

Antes que eu pudesse raciocinar, a porta foi trancada pelo lado de fora e me vi no escuro com aquela menina. Estava difícil de respirar, mas algo me dizia que não era por causa do abafado, mas sim pelo nervosismo. Eu não sabia o que fazer.

— E-Então... — murmurei, mas nem tive tempo de concluir.

Lavínia me empurrou às cegas contra uma parede e simplesmente me atacou. Sim, considero um ataque mesmo, não tem outra palavra para traduzir o ocorrido. Ela jogou o seu corpo sobre o meu, agarrou o meu pescoço sem o menor cuidado e me tascou o beijo mais esquisito de toda a minha vida. A garota mantinha a boca aberta como se fosse me engolir. Nossos dentes se chocaram até os meus doerem de verdade. Ela passou a me morder de um jeito dolorido e a saliva começou a se formar e cair pelas nossas bocas. Foi nojento, constrangedor e eu não sabia o que fazer para aquilo parar.

De repente, ela se afastou. Suspirei de alívio, porém ele durou pouco.

— Quero que você me coma, garoto — ela disse em voz baixa e o meu coração sofreu um abalo estupendo. Tive a impressão de que ela nem sabia o meu nome, por isso me chamou daquele jeito. — Mas antes vou chupar a sua pitoca.

Minha nossa. Naquela época, “pitoca” era um termo mais usado. Contudo, eu nem sabia que garotas diziam aquelas palavras, achei que apenas os meninos fossem assim, meio brutos e pervertidos.

Lavínia me empurrou mais contra a parede. Eu estava tão abobalhado que meti a cabeça com força, ficando meio grogue. Ela não se importou, parecia estar possuída por algum espírito maligno. Ergueu a barra da minha camisa e não tive escolha a não ser levantar os braços para que ela retirasse. Em seguida, suas unhas cravaram a minha pele. Lavínia me arranhou do peitoral até abaixo do

umbigo. Soltei alguns gemidos de dor, mas ela deve ter achado que eu estava gostando, porque continuou me arranhando enquanto se esfregava em mim.

— Espera... Espera... — segurei as suas mãos, finalmente criando forças para me defender.

Mas Lavínia não quis saber de história. Desvencilhou-se e começou a desabotoar a minha calça. Fez tudo tão rápido que me perguntei como conseguia. Só sei que a menina conseguiu me deixar com a calça abaixo dos joelhos e veio para cima com tudo. Sua boca não hesitou em tomar o meu pau. Não foi lenta, muito menos gentil, começou a me chupar com força e finalmente comecei a achar aquilo bom. Minha ereção despontou depressa — eu tinha quatorze anos, afinal, praticamente vivia de punheta — e tentei aproveitar a sensação nova de uma garota fazendo boquete, apesar de estar com o abdômen todo ardido e a boca inchada.

— Hum... Que pau gostoso... — ela murmurou. — Goza na minha cara.

Soltei um gemido, daquela vez de puro deleite. Eu estava mesmo prestes a gozar na cara dela. Mas a garota começou a apertar as minhas bolas. Tudo bem, no começo foi até bom, mas depois passou a ser agressiva e a praticamente mastigar meus ovos com as mãos. Doeu tanto que comecei a murchar. Lavínia não deve ter aceitado isso, porque sua boca começou a chupar rápido demais, piorando quando, do nada, resolveu usar os dentes também. Não sei o que porra ela fez, mas cada movimento doía pra caramba.

Tentei empurrar o seu corpo para trás, porém ela insistiu, continuou chupando usando lábios e dentes, e as duas mãos se agarram nas minhas pernas como uma promessa de que não se afastaria nem tão cedo. Lágrimas começaram a escorrer dos meus olhos. Puxei os cabelos dela, que soltou um grito abafado pelo meu pau. Como castigo, mordeu-o.

— Está doendo... está doendo! — tentei empurrar de novo e finalmente Lavínia se afastou.

Àquela altura meus olhos tinham se acostumado com a escuridão e eu já podia ver suas formas na penumbra. Ela se colocou de pé e me empurrou mais

uma vez, depois espremeu as duas mãos ao redor do meu pescoço, fazendo-me engasgar. Eu ainda não tinha crescido tanto, por isso éramos quase da mesma altura.

— Você vai fazer o que eu quiser, entendeu? — agarrou meu pescoço e me puxou, beijando-me daquele jeito bizarro mais uma vez. — Senão vou contar pra todo mundo que você é um medroso.

— Espere, eu... — falei, com a voz falhando. Segurei suas mãos e as afastei, do contrário poderia morrer sufocado. — Lavínia...

Do nada, a garota me deu um tapa dolorido na cara. Soltei um grito de susto e de dor; tinha realmente ardido. Fiquei tão revoltado com a sua cara de pau, com toda aquela violência, que a empurrei com tudo, usando toda a força que consegui reunir. Lavínia foi parar do outro lado do quartinho, mas isso não foi tudo. Suas costas se chocaram contra uma prateleira e todo o conteúdo que estava sobre ela caiu no chão, nela e em mim. Foi uma bagunça. Havia produtos de limpeza, garrafas de vidro e um monte de parafernália perigosa.

O pessoal resolveu abrir a porta. Encontraram Lavínia toda cortada com cacos de vidro, assim como eu, mas comigo foi muito pior. Minhas calças, junto com a cueca, ainda estavam abaixadas. Meu pau, exposto e sangrando. Sim, as chupadas da Lavínia arrancaram sangue. Meu tronco estava todo arranhado e um objeto pesado tinha caído na minha testa, provocando um galo do tamanho do mundo.

Sentia gosto de sangue na boca.

Ainda bem que naquele tempo ninguém tinha celular, caso contrário esfregariam os vídeos e fotos na minha cara para sempre. Foi bem traumatizante, quase todo mundo me viu daquele jeito. Só um amigo que teve a decência de me ajudar ao menos a me vestir, o resto só fazia gargalhar da minha cara.

Fui motivo de chacota na escola até me formar no Ensino Médio. Anos e anos de humilhação, lembrando aquela experiência a cada bullying sofrido. Meus pais não souberam do fato inteiro — apenas que uma prateleira caiu em cima de mim, porque tive que ser levado ao hospital, assim como Lavínia — e

não quiseram me transferir quando pedi. Tive que aguentar todo o vexame sozinho, já que Lavínia, sim, conseguiu mudar de colégio na semana seguinte.

Passei anos sentindo verdadeiro horror de ficar sozinho com uma garota.



— Caramba... — Sasha suspirou pesadamente. Tinha ouvido toda a história com bastante atenção, fazendo caretas nas partes mais tensas, porém sem me interromper. Gostei bastante da sua capacidade de ouvir. — Que absurdo. Foi... Meu Deus. O que essa menina tinha?

Dei de ombros.

— Eu não sei. Depois que fiquei adulto e pensei muito a respeito, cheguei à conclusão de que ela, talvez, tivesse sofrido algum tipo de abuso.

— Com certeza — ela assentiu. — Poxa, Vincenzo... Sinto muito que a sua primeira experiência com uma garota tenha sido tão ruim.

— Foi péssima. Por muito tempo quis distância de qualquer menina que se aproximasse. Morria de pavor — virei-me de lado na cama, ficando frente a frente com a Sasha. Naquele momento, ela me olhava com pena. Não me irritei porque eu também sentia dó de mim. — Passei umas duas semanas com o pau doendo. As bolas ficaram roxas, inchadas. Demorei uns três meses pra conseguir bater punheta de novo.

— Caramba!

— Ainda tenho uma cicatriz desse dia — aponte para o meu braço esquerdo, onde um caco de vidro tinha atingido. Era uma marca fina, esbranquiçada, mas existia e me fazia lembrar daquela noite sinistra. — Uma garrafa quebrou em cima de mim.

— Meu Deus... — Sasha se curvou para alisar a cicatriz. Em seguida, passou a língua sobre ela e concluiu com um beijo doce. Seu gesto me fez estremecer. O meu pau deu uma latejada, achei que fosse ficar duro e me animei,

só que foi alarme falso. — Mas e então? Passou quanto tempo para tentar de novo?

Soltei o ar de meus pulmões.

— Sete anos. Com vinte e um conheci uma garota na faculdade de Direito.

— Minha nossa, esse tempo todo? — Limitei-me a aquiescer. Durante aquele tempo foquei nos estudos, tornando-me o melhor aluno da sala. Passei em primeiro lugar geral no vestibular de uma universidade federal. — E aí deu merda de novo?

— Sim... — eu me sentia fraco em dizer aquilo. Realmente gostava da Isabel. Estava muito apaixonado. Se houve uma pessoa com quem quis dar certo, foi com ela. Mas não tive sorte. — Essa parte da história posso chamar de... o hímen irrompível.

Sasha soltou uma risada gostosa. Por algum motivo, estava me sentindo confortável com a sua presença, ainda que ela estivesse nua e eu ainda de cueca, os dois em cima da cama de um hotel, tomando vinho barato.

Parecia que a gente se conhecia há algum tempo, o que era bastante esquisito. Nunca pensei que sentiria qualquer tipo de identificação com uma garota de programa.

➤ O HÍMEN IRROMPÍVEL

Conheci Isabel na faculdade; era uma garota que, como eu, sentava sempre na frente e prestava atenção em todas as aulas. Inteligente e desenrolada, me chamou para fazer parte de seu grupo durante uma atividade e desde então mantivemos certo coleguismo. Não podia chamar de amizade porque eu ainda evitava garotas, então não me abria muito e nossas conversas aconteciam na presença de outras pessoas.

Isabel tinha uma beleza comum, nada extravagante. Possuía um jeito meigo que me conquistava. Sentia-me um pouco melhor porque me livrara do pessoal do Ensino Médio, ganhando uma chance para começar de novo, mas ainda assim não foi fácil me aproximar dela. Por muito tempo, meu interesse foi completamente platônico. Em nenhum momento imaginei que seria capaz de “partir para o ataque”, preferia ficar na minha segura e confortável bolha a me colocar em outra situação humilhante.

Fui um aluno do tipo nerd e estudioso, com toda a concentração voltada para o meu futuro. Tirava boas notas e contribuía na aula com opiniões inteligentes, o que acabou chamando a atenção dela, pelo menos foi o que me contou um tempo depois. Foi apenas no sexto período que ela me encontrou sentado no chão acarpetado da biblioteca, com alguns livros espalhados ao redor, e resolveu se sentar ao meu lado.

Não me dei conta de que estava praticamente sozinho com uma garota. Na minha cabeça, a biblioteca era um local público o suficiente para me sentir confortável, só que eu estava enganado. Conversamos sobre a matéria, os professores e acontecimentos banais dentro da universidade, nada fora da normalidade. Discutimos um pouco sobre um dos trabalhos que deveríamos apresentar e ela me chamou para fazer o TCC ao seu lado, no próximo semestre.

— Achei que você fosse fazer com a Bianca — comentei. Sua aproximação começava a me deixar meio nervoso. A perna dela encostava um pouco na minha e mesmo com nossas calças jeans separando, a quentura que emanava dela me deixava meio aéreo. Mas ali era a biblioteca, ou seja, eu permaneceria seguro, embora estivéssemos entre duas prateleiras enormes.

— Bianca não leva as coisas tão a sério quanto você — explicou-se, abrindo um sorriso bonito. Isabel tinha cabelos castanhos e encaracolados, eram lindos e eu me imaginava os acariciando. Eles exalavam sempre um cheiro bom. — Acho que vamos nos dar bem juntos. Você já tinha outra pessoa em mente?

— Hum... Não — menti. Pensava em chamar o Fernando, um dos poucos colegas de sala que eu tinha, mas a proposta da Isabel era muito melhor. — Podemos fazer juntos, sim. Sem problemas.

— Ótimo! — Isabel ergueu a mão para brincar com o meu cabelo.

Não sei o que deu nela, já que a única vez que nos tocamos foi para trocar um abraço depois que tiramos a maior nota da sala num projeto em grupo, situação que me deixou vermelho feito um pimentão. Mas, enfim, ela resolveu me tocar e riu com a própria brincadeira. Acabei rindo junto, mas de um jeito constrangido.

Achei que fosse se afastar, só que não aconteceu. Seus dedos desceram dos meus cabelos para o meu rosto e então ela ficou séria. A graça que sentia foi embora e meu nervosismo aumentou. Não conseguia entender por que estava me tocando com tanta permissividade. No instante seguinte, e sem que eu pudesse prever, Isabel se inclinou e juntou os nossos lábios de um jeito suave.

O meu primeiro beijo tinha sido uma coisa traumatizante, dolorida e nojenta, de forma que passei muito tempo achando que odiava beijar e evitando que qualquer garota tentasse. Naquele momento, contudo, senti uma coisa completamente diferente. Isabel segurou meu rosto com doçura e guiou os nossos movimentos. As línguas entrelaçaram de uma maneira que me surpreendeu. Não foi nojento e muito menos traumatizante, muito pelo contrário. Bastou encostarmos as nossas línguas e uma ereção nova em folha deu as caras.

Usei o meu braço para tentar escondê-la.

Ela foi tão cuidadosa que fiquei emocionado. Seu toque era gentil, demonstrava um carinho que nunca imaginei que pudesse sentir por mim. Pensei que, talvez, por ela usar aparelho, tivesse a exata noção de como fazer para beijar alguém sem machucar. De qualquer forma, ela tinha conseguido. Eu me encontrava nas nuvens.

— Uau! — Isabel sorriu quando separamos nossas bocas. — Você beija bem. — “Eu?”, foi o que me perguntei. Meu rosto começou a esquentar e devo ter feito uma careta incrédula, porque ela riu divertidamente. Senti uma quentura também em meu coração. A paixão que nutria por ela desde o primeiro período foi ainda mais acesa depois daquilo. Percebi que podíamos torná-la real e me senti feliz. As coisas podiam dar certo. — Você é muito fofo, Vincenzo.

— Bom... Hum... Obrigado — tentei sorrir. — Você também beija bem.

E como. Eu queria que aquele tivesse sido o meu primeiro. Pouco importava se havia acontecido apenas aos vinte e um anos, a idade era o de menos. Antes esperar por uma coisa boa do que se precipitar e ter uma coisa... Péssima.

Ela me encarou, mas logo em seguida seu olhar repousou para o ponto onde o meu braço tentava esconder. Foi então que entendi que Isabel sabia que eu estava excitado. Lambeu os próprios lábios e voltou a me olhar, daquela vez de um jeito mais malicioso.

— Sabe, eu... moro aqui perto da universidade. Minha colega de quarto está trabalhando, o que acha de... a gente podia ir lá.

Aquela proposta me pegou totalmente desprevenido. Eu não tinha condições físicas e psicológicas para atender àquela solicitação, nem se quisesse muito. Primeiro que eu não estava depilado e não queria que Isabel se assustasse com a minha mata atlântica. Segundo porque só de pensar em nós dois sozinhos dentro de um quarto eu já sentia meu corpo desfalecendo. Seria bom demais se eu tivesse mais coragem. Certamente tinha muita vontade de transar com Isabel, mas não seria daquela vez. Ou melhor, era provável que jamais acontecesse.

— Preciso ir daqui a pouco, não tenho muito tempo — menti. Havia tirado aquele dia de folga do estágio a fim de estudar para as próximas avaliações.

— Quem sabe em outro dia? Amanhã é sábado.

Passei as mãos pelos cabelos. Marcar para o dia seguinte me daria tempo para uma preparação — ao menos no que dizia respeito aos meus pentelhos enormes —, porém o medo existia e me vi negando com a cabeça.

— Desculpa, marquei com meus pais de... de sair.

— Não tem problema. Teremos outras oportunidades. Quer dizer, se você quiser, claro — ela deu de ombros e percebi certa insegurança. Tive muita pena. Não queria que Isabel pensasse que havia algum problema com ela, era injusto, principalmente quando eu me encontrava completamente apaixonado. A culpa daquela porcaria toda era minha e da minha mente detonada pelo trauma.

Sendo assim, toquei o seu lábio inferior e sorri, tentando demonstrar que me importava. Ela devolveu o sorriso.

— Que tal se a gente fosse com calma?

Seu lindo sorriso se intensificou.

— Sério?

— Claro. Quero te conhecer melhor. A gente podia... tomar um sorvete no domingo — propus. Sentia-me nervoso, mas precisava tentar. Aqueles bloqueios não podiam durar para sempre. Sem contar que nem tudo era sexo, certo? — Sabe, ir devagar. Não precisa de... hum... você sabe.

— Tudo bem, eu topo!

Isabel concordou com a sugestão e no domingo tomamos o tão ansiado sorvete. Trocamos mais beijos ainda na biblioteca. Na verdade, não paramos mais de nos beijar a cada encontro. O destino fez com que a gente formasse um bonito casal. Começamos um namoro antes das avaliações chegarem.



— Mas então você chegou a namorar? — Sasha estava com os olhos brilhando, maravilhada com a narrativa. Pena que uma hora tudo desmoronaria e ela sabia disso.

— Sim, ficamos juntos por três meses.

— Sem transar? — abriu a boca, parecia chocada.

— Nós tentamos — soprei, arrasado. Ainda me lembrava da Isabel com muito carinho. — Lembra o nome da história? Hímen irrompível?

— Ela era virgem? — Sasha fez uma expressão confusa e eu assenti. Tomei mais um gole de vinho a fim de ganhar um gás para continuar narrando aquela deprimente experiência. — Se era, por que te chamou para ir ao apê dela logo de cara?

— Ela estava naquela fase em que se sentia pronta. Meio desesperada, sabe? Acho que essa ansiedade toda acabou nos atrapalhando — mordi os lábios, devolvendo a taça para o criado-mudo. Sasha mal tinha bebido do vinho. Estava muito mais interessada em me ouvir. — Enquanto ela estava desesperada para perder a virgindade, inventei todos os tipos de desculpa para evitar que acontecesse.

— Mas por quê, Vincenzo? Vocês não construíram uma intimidade?

— Talvez o meu erro tenha sido não ser claro desde o início. Contar sobre o meu problema. Tive muito medo de estragar o que na minha cabeça já estava bom.

— E para ela não estava?

— Não, Isabel nunca se conformou com o fato de não transarmos. Mas ninguém pode dizer que não tentei.

— Houve mais de uma tentativa?

— Sim.

— Então você não tentou só três vezes durante toda a sua vida. Foram três mulheres, não é isso? — Sasha apontou, sorrindo. Concordei com a cabeça. Sempre contei a experiência com Isabel como uma só. Fazia parte da mesma desgraça. — Menos mal. Fico aliviada!

— Não fique, todas as tentativas foram uma meleca.



Eu não tirava a razão de Isabel em insistir para transar e ficar chateada diante de minhas negativas. Da forma como eu agia, parecia que não estava nem um pouco a fim de fazer sexo e isso com certeza gerava dúvidas, desconfiças, constrangimentos. Ainda assim, Isabel arranjava maneiras e mais maneiras de ficar sozinha comigo.

Na primeira tentativa — depois de um mês de namoro e de receber vários desvios de minha parte — ela me arrastou para o banheiro da universidade. Era noite e tínhamos saído de uma palestra importante, mas o prédio estava praticamente vazio e ela viu nesse fato uma oportunidade para me atacar. Mal sabia Isabel que ser atacado era a pior maneira possível de me convencer a tirar a sua virgindade.

Contudo, verdade seja dita, seu ataque não foi nada comparado à brutalidade de Lavínia. Ela puxou minhas mãos, arrastou-me para o banheiro vazio, o mais afastado de onde ainda existia algum movimento, e começou a me beijar com mais desenvoltura. Comecei a me desesperar no mesmo instante. Suor frio escorreu pelas minhas têmporas. Ainda assim, deixei que me beijasse porque não estava ruim. Seu beijo sempre foi bom e bem-vindo, era reconhecível para o meu corpo, por isso tentei relaxar como pude.

— Vincenzo... — gemeu o meu nome e minha pele arrepiou. Sua boca seguiu caminho pelo meu pescoço e me via cada vez mais perdido. O toque era doce e delicado, apesar de firme, mas fechei os olhos com força na espera que a violência viesse. — Quero você. Quero tanto...

Isabel se afastou e, sorrindo, livrou-se da blusa que estava vestindo. Depois, arrancou suas calças, ficando de calcinha e sutiã, em seguida voltou a me beijar. Cada gesto seu me dava um pequeno susto. Era como se eu esperasse

que uma merda fosse acontecer. Ela podia me arranhar, me morder, me arrancar sangue, sei lá. Pedi para os céus para manter a calma e relaxar, porém era muito difícil.

Por mais que estivesse me excitando, uma parte de mim também gostaria de empurrá-la para longe e só não tinha feito ainda por puro medo de uma desgraça acontecer e pararmos no hospital. Isabel fez menção de tirar a minha camisa e eu preendi os braços. Chacoalhei a cabeça em negativa, entrando em desespero.

— Não... — gemi sofregamente.

— O que foi, Vincenzo? Deixe-me tirar sua camisa, por favor. Quero te ver, te sentir... — a forma como disse tais palavras foi completamente suave. Ainda que eu estivesse com vontade de chorar e sair correndo, não necessariamente nessa ordem, deixei que ela me despisse.

Suas mãos foram colocadas em meu peito e esperei o arranhão, que não veio. Em vez disso, Isabel voltou a me beijar e foi escorrendo a boca pelo meu corpo de um jeito erótico, finalmente acendendo a minha ereção. Eu tinha muito tesão acumulado, isso era fato. Meu problema nunca foi falta de libido.

Ela parou as mãos no botão da minha calça e eu recuei, segurando seus pulsos. Isabel me olhou com tristeza e decepção. Tive vontade de morrer.

— O que está acontecendo, Vincenzo? Por que está tão tenso?

— P-Posso... t-tirar eu mesmo?

— Claro... — ela sorriu de leve. — Sei que está nervoso. Eu também estou. Mas prometo que vai ser lindo.

Eu não via como a nossa primeira vez ser bonita se estávamos em um banheiro público que não tinha lá um cheiro muito agradável. Pelo menos havia como trancar pelo lado de dentro e não seríamos pegos no flagra, isso já era um ponto bem importante. Não aguentaria passar por aquela humilhação na universidade também. Já bastavam os anos tenebrosos no colegial.

Respirei fundo e tirei a calça devagar, para quem sabe assim ganhar tempo. Joguei-a no chão mesmo, como Isabel tinha feito com suas roupas.

— Tira a cueca também, amor. Quero ver você.

Engoli em seco. Puxei mais ar para os pulmões e retirei a peça de uma vez. Quando voltei a olhar para Isabel, ela estava tirando as roupas íntimas. Primeiro foi o sutiã, depois a calcinha. Ficou completamente despida diante de mim e, sim, o meu pau estava duro. Ela se aproximou devagar.

Tocou meu abdômen, fazendo um rastro com os dedos até segurar o meu pau com cuidado. Soltei um suspiro. Era bom. Talvez tudo desse certo.

— Quero você dentro de mim — disse com convicção.

A forma como me tocava, somada à maneira como tinha falado aquelas palavras, me fez tomar uma atitude. Segurei-a pela cintura e a puxei para mim. Fui com tanta sede ao pote que, ao beijá-la, seu aparelho se chocou contra o meu dente e doeu. Soltei um gemido e ela se afastou, rindo. Voltou a me beijar, daquela vez com mais calma. Eu estava sentindo todo o seu corpo nu contra o meu e a sensação era maravilhosa. Queria invadi-la, fazê-la minha, acabar logo com aquilo.

Girei nossos corpos e a imprensei contra a parede. Eu não devia estar tomando muito cuidado, porque voltamos a nos atracar meio sem jeito. Ou talvez porque éramos inexperientes, não sei explicar. Isabel deu um pulo e abriu as pernas ao meu redor. Meu pau se encostou à sua boceta e eu só queria fodê-la, nada mais.

Fiz de tudo para mantê-la erguida, na posição certa. Com o quadril, comecei a fazer movimentos na esperança de que milagrosamente nos encaixássemos. Por mais que tentasse, nada aconteceu. Isabel chegou a segurar o meu pau e a colocá-lo bem na porta da sua entrada. Forcei uma vez. Nada. Forcei de novo. Nada. Na terceira vez, meu pau dobrou e nada de entrar. Parecia que Isabel tinha a vagina lacrada.

— Vem aqui... — ela murmurou e se desvencilhou, afastando-se. Achei que tinha desistido de transar, mas logo em seguida colocou a sua calça jeans sobre o batente da pia e se sentou sobre ele, no alto. Abriu as pernas, mostrando-me toda a sua boceta arreganhada.

Lambi os lábios.

— Vamos tentar assim — falou baixinho, com a voz desejosa.

Aquiesci e me aproximei, naquela altura já louco de tesão. Voltamos a nos beijar e ela tentou nos encaixar de novo, usando a mão livre. A outra buscava apoio na minha nuca. Mais uma vez, nada aconteceu, por mais aberta que Isabel estivesse. A cabeça do meu pinto já estava meio dolorida com o esforço, mas não queria desistir. Pela enésima vez, fiz a maior força, só que o bicho não entrava!

— Talvez se você tentar um dedo antes... — ela sugeriu baixinho.

Acatei a sua ideia e, como tinha visto em um filme pornô, coloquei o dedo na boca para lubrificá-lo com saliva. Em seguida, levei-o à sua abertura, que estava quente e molhada. Eu nunca tinha sentido uma vagina em toda minha vida. Mas, como era perito em pornografia, não foi difícil achar o buraquinho onde eu deveria enfiar.

Fiz isso de uma vez e foi o meu maior erro. Estava com muita gana, o que me impediu de raciocinar, de ser mais gentil, calmo. Simplesmente afundei meu dedo médio dentro dela, sem hesitar. Isabel soltou um grito tão alto que fiquei surdo na hora. Ela me empurrou para trás, gritando de dor, e cambaleei, então tudo aconteceu muito rápido. O batente da pia caiu com Isabel em cima dele, espatifou-se no chão e um cano explodiu, liberando uma água fedida para todos os lados.

Nós colocamos as nossas roupas na velocidade da luz e saímos dali o mais depressa possível, fingindo que nada aconteceu para que não tivéssemos que pagar pelos prejuízos no banheiro.

Isabel passou uma semana sem falar comigo.



Sasha me olhava com incredulidade. Acho que nunca tinha ouvido tanta porcaria junta. Mas aquela era apenas a minha vida sexual e os seus desastres.

Naquela altura esperava que ela ao menos tivesse compreendido que eu tinha muitos motivos para ter brochado. Ainda estava um pouco envergonhado e frustrado por ser virgem, mas, por outro lado, sentia-me mais leve por colocar esse trauma para fora.

— Eu não sei nem o que dizer, Vincenzo. O que aconteceu depois?

— Conversamos e voltamos a namorar numa boa. Ela parou de insistir por algumas semanas, depois inventou de assistir a um filme na sua casa e resolvi ir. Nesse dia a gente se pegou, fizemos uma preliminar maior. Eu a chupei até fazê-la gozar e, na hora de ela me chupar, seu aparelho ficou preso no meu ovo.

— O que? — Sasha berrou, prendendo o riso. — Está de brincadeira!

— Juro. Foi um inferno para tirar. Claro que o clima todo foi por água abaixo, até porque um pedacinho de pele da minha bola foi arrancada e sangrei muito.

— Meu Deus!

— Por fim, tivemos uma última e fracassada tentativa — soltei mais um dos tantos suspiros que já tinha soltado naquela noite. — No aniversário dela.

— E o que aconteceu?

— Ela preparou um jantar a luz de velas em seu apartamento. Comemos, assistimos a um filme e começou a pintar o clima... — parei, prendendo os lábios com força. Sasha nem piscava de tão atenta que estava. — Ela queria que eu a penetrasse logo, então não houve sexo oral e nem nenhuma preliminar. De novo, meu pau não entrou.

— E vocês simplesmente desistiram?

— Não. Ela tinha arranjado lubrificante, então colocamos uma grande quantidade e... e...

— E... — Sasha estava tão entusiasmada com a história que acabei me entusiasmando também, por incrível que pareça. — Você teve alergia ao produto?

— Não. Antes fosse.

— Então o quê? Minha nossa, vou ter um treco de curiosidade.

Nós rimos daquilo, mas logo voltei a ficar sério. Lembrar aquela experiência não me fazia nem um pouco bem, mas pelo menos Sasha deixava as coisas mais leves.

— Entrou meio centímetro do meu pau. Isso foi tudo. Começou a sair muito sangue da vagina dela e eu me desesperei. Isabel queria continuar, disse que não estava doendo tanto daquela vez, mas me recusei, estava sangrando em jatos e melando tudo pela frente... — fechei os olhos e balancei a cabeça para espantar a memória do líquido escarlate e viscoso manchando os lençóis. — Enfim, acabei me vestindo e indo embora.

— Meu Deus, Vincenzo. Acho que o hímen rompeu, afinal.

— Com meio centímetro? Mal pude sentir nada! — fiz uma careta.

— Sei lá, vai ver ela tinha algum problema.

— Eu não sei... Nunca cheguei a saber. Depois desse dia, Isabel acabou tudo por telefone e passou a me ignorar na universidade. Trocou de dupla de TCC e pronto. Fim.

Meus olhos marejaram. Nem eu sabia que ainda me sentia tão sensibilizado com a história da Isabel. Mais uma vez, senti-me um imbecil. Devia ter feito tudo diferente. Sasha percebeu minha emoção e me deu um beijo carinhoso no rosto. Depois, desceu para os meus lábios e nos beijamos com calma.

Antes que eu me sentisse pronto, ela se afastou e sorriu.

— E depois da Isabel? Quando tentou de novo?

— Cinco anos depois marquei um encontro com uma palestrante famosa que conheci durante um congresso. Ela fechou o cerco e me paquerava com tanta cara de pau que fui instigado a tentar. Antes eu tivesse deixado quieto...

— Minha nossa, o que houve dessa vez?

— Essa parte da história eu posso chamar de... a louca sadista.

Sasha arregalou os olhos, no auge do espanto.

— Mentira, né?

— Verdade. O pior é que é verdade — aquiesci.

➤ A LOUCA SADISTA

Foi muito difícil superar a Isabel. Se bem que, para ser sincero, não sei se foi mais complicado superá-la ou ao fato de ainda ser virgem depois de ter tido a sorte de conquistar alguém como ela. Os meus traumas só fizeram multiplicar, já que foi adicionado também o fator sentimento: fiquei com medo de gostar de alguém de novo. Sendo assim, prometi a mim mesmo que nunca mais me apaixonaria.

Essa promessa nunca foi rompida. Concluí o curso com louvores, emendei o mestrado e, logo em seguida, o primeiro doutorado. Eu não tinha tempo nem para respirar, minha vida se resumia apenas aos estudos e ao trabalho. Com vinte e seis anos eu já era doutor. Tinha um emprego bom dentro da mesma empresa em que sou CEO atualmente e estava prestes a fazer outro doutorado.

Participava de muitos congressos, tanto como ouvinte quanto como palestrante. Consegui publicar dezenas de artigos e dois livros acadêmicos. Era convidado para muitas reuniões, rodas de discussão e até me arrisquei em aplicar cursos de extensão em faculdades aos fins de semana. Minha agenda era lotada de tudo o que fosse relacionado ao Direito, então eu realmente não tive tempo de pensar em mulheres, em sexo, em paixões... Enfim. Sequer sentia falta. As punhetas que eu batia eram bem mais seguras, confortáveis e funcionavam para liberar os hormônios. Eu não precisava de mais nada.

Claro que, durante esses anos, algumas mulheres me paqueraram. Percebia seus olhares, mas fingia que nem era comigo. Comecei a ganhar fama de homem sério, compenetrado, focado. A empresa achou que eu seria um ótimo líder, então começou a realizar treinamentos, além de me fazer concluir um MBA, para que eu posteriormente estivesse apto a assumir um cargo maior. O fato de eu não aparecer com ninguém foi confundido com discrição. Alguns amigos e

colegas de trabalho que não sabiam do ocorrido achavam que eu pegava mulheres às escondidas. Outros acreditavam que eu fosse um gay enrustido.

Nunca duvidei da minha sexualidade. Sempre gostei de mulheres e é nelas que estão meus sentimentos mais profundos e o meu tesão mais genuíno. Eu só não queria passar pelas mesmas humilhações de novo. Por isso não me dei o trabalho de afirmar ou negar nada, deixei que cada um pensasse o que quisesse ao meu respeito. Enquanto eles especulavam, eu trabalhava e ganhava muito dinheiro.

Conheci a Mirian em um dos congressos para o qual fui convidado. Foi um evento grande, com duração de uma semana, e desde o primeiro dia ela soltava indiretas, fixava olhares na minha direção, fazia questão de ficar sempre por perto. Mirian estava hospedada no mesmo hotel que a organização do congresso pagou para nós ficarmos. Dessa forma, nos encontrávamos em quase todas as refeições.

Nos primeiros dias eu a ignorei completamente, mantendo-me monossilábico e tentando evitá-la. Depois, abaixei um pouco a guarda e tentei uma amizade, até porque ela conhecia muita gente importante da área e poderia ser um bom contato profissional para mim. Só que a coisa toda foi ficando cada vez mais descarada. As indiretas passaram a ser diretas, só faltava ela dizer com todas as letras que queria transar comigo. Eu já não estava conseguindo sustentar a situação.

Mirian era muito bonita e seus “ataques” me atiçavam, provocavam-me de um jeito que toda noite, antes de dormir, batia uma pensando nela, imaginando como seria fodê-la. Aquela mulher mexia comigo sem que eu tivesse controle. Meu tesão foi despertando aos poucos, até que, no último dia de congresso, ela deixou o seu número de telefone rabiscado em um papel que fora passado por debaixo da porta da suíte em que eu estava hospedado.

Eu podia tê-la ignorado de vez e de fato, quando retornei para casa, passei alguns dias fingindo que aquele maldito papel não existia. Devia ter jogado fora na primeira oportunidade, mas não o fiz. Deixei-o sobre a mesa do meu

escritório e, em um fatídico dia de extrema carência e muita curiosidade, resolvi ligar. Acabamos marcando um jantar num restaurante chique de que ela gostava.

Depois de cinco anos de solidão, eu tinha um encontro.

Obviamente, arrependi-me um segundo depois de ter marcado. Fazia tempo que eu não sentia aquele medo que me paralisava, aquele que indicava que mais um desastre estava próximo a acontecer. O nervosismo e a angústia me consumiram durante todo aquele dia, mal consegui trabalhar. Entretanto, forcei-me a fazer tudo dentro dos conformes; depilei o pau, fiz a barba, tomei um banho caprichado, escolhi uma roupa bacana e estava no tal restaurante na hora combinada. Comecei a me sentir corajoso por ao menos tentar e isso me ajudou muito.

Mirian chegou alguns minutos depois e o jantar transcorreu dentro da normalidade. Falamos de trabalho pela maior parte do tempo, pois era o que tínhamos em comum, mas ela sempre dava um jeito de deixar suas famosas indiretas e de fazer piadinhas no duplo sentido. Estava me atiçando. Aliás, a presença dela por si só já me atiçava. Tomamos duas garrafas de vinho, o que me ajudou a dar uma relaxada. No fim da noite, eu já tinha me esquecido de que deveria estar nervoso.

— Vamos para a minha casa? — sugeriu, olhando-me de um jeito sexy. — A noite ainda é uma criança.

Acho que foi o efeito do álcool que me fez aceitar sem hesitação. Naquele momento, o tesão falou mais alto e os traumas se mantiveram adormecidos, inertes. Só comecei a pensar melhor quando peguei o carro e dirigi até a casa dela — Mirian também estava dirigindo e por isso fomos separados. Aquela pausa me fez entender o quanto estava encrencado. Minutos depois, estacionei na garagem de uma casa enorme localizada dentro de um condomínio muito foda. Não tinha como voltar atrás.

Saí do carro com a cabeça em frangalhos de tão nervoso que estava. Mirian já me esperava e se aproximou devagar, parando na minha frente. Não falou nada. Foi de repente que me “atacou” ainda na garagem, enrolando os

braços ao meu redor e me beijando com muita vontade. A priori, perguntei-me se todas as mulheres do mundo atacam os homens. Ou será que o problema estava comigo, que não fazia nada até que elas se cansavam de esperar uma atitude? Era uma coisa a se pensar.

O fato é que ser atacado nunca me fez bem. Logo eu me lembrava da Lavínia e me desesperava, começava a suar frio e a ter vontade de sair correndo. Daquela vez não foi diferente. Só fiquei porque Mirian beijava bem, apesar de não ser tão delicada quanto a Isabel. Era um beijo diferente, mais firme, convicto. Tentei não me comportar como uma planta e segurá-la, mas Mirian tomou os meus pulsos e os prendeu contra a lataria do meu carro, impedindo-me de tocá-la.

Eu deveria ter me tocado que algo estava errado nesse momento. Mas para mim tudo estava tão errado que não soube diferenciar o que era real e o que fazia parte do trauma. Deveria ter inventado uma desculpa, qualquer uma, e ido embora. Mas fiquei. Deixei que ela me beijasse, permiti que segurasse minha mão e me arrastasse para dentro de sua residência.

Mirian me levou até o seu quarto e me empurrou para a sua cama sem muito cuidado. Olha, apesar de angustiado, também estava com tesão. Ela era gostosa, beijava bem e eu queria fazer sexo com urgência, então não me julgue. O medo e o desejo formavam uma mistura louca com a qual nunca consegui lidar. Por isso só me restou deitar e esperar pelo que viria em seguida, além de rezar para sair ileso.

— Fique aqui. Volto já... — ela disse sensualmente. — Vou me trocar.

Estranhei um pouco o fato de Mirian querer trocar de roupa. Para mim, não fazia muito sentido porque só bastava que ela retirasse e pronto, eu já estaria feliz, na medida do possível. Mas sei lá, talvez ela estivesse suada e quisesse lavar a xereca antes de ser comida. Enfim, não questionei. Apenas assenti.

— Tire suas roupas... — a voz saiu clara e absoluta, como se desse uma ordem. Ela se aproximou e se sentou na beirada da cama. Inclinou-se e lambeu os meus lábios lentamente. Só essa atitude foi capaz de me provocar uma ereção.

— Deite-se, erga os braços e não se mexa. Não demoro.

Mais uma vez, concordei com a cabeça sem nada falar. Mirian era um pouco mandona, porém eu podia lidar com isso. Talvez, se ela comandasse tudo, eu não precisasse ter que mostrar serviço e provar mais uma vez que era um imbecil.

Assim que a mulher foi para o banheiro, fiz o que pediu; tirei toda a minha roupa e esperei. Fiquei mexendo no meu pau para deixá-lo logo duro e, quem sabe, Mirian tivesse vontade de ser penetrada e a coisa toda acontecesse rápido. Eu só queria ao menos perder a virgindade. Ainda que tudo desse errado depois, queria sentir uma boceta na minha rola uma vez na vida.

Alguns minutos depois, ouvi o barulho da porta do banheiro e ergui os braços conforme ela solicitou. Meu coração batia depressa, mas passou a retumbar quando aquela mulher apareceu. Estava vestida com uma roupa preta, de couro brilhante, que cobria todo o seu corpo, inclusive o rosto. Apenas a boca, o nariz e os olhos estavam de fora. Aquela imagem me fez sentar na cama e pensar se não deveria ir embora.

No entanto, Mirian andou até a porta e a trancou, provocando um ruído característico. Em seguida, desligou as luzes principais, deixando algumas lâmpadas embutidas acesas. O suor frio começou a escorrer. Ela andou até um aparelho de som e uma música clássica começou a ressoar em um volume ameno. Engoli em seco.

O que ela iria fazer comigo, meu Deus?

— Deite-se, Vincenzo — falou.

Eu me deitei na mesma hora porque tive medo de desobedecer e ser castigado. De alguma forma, sentia que Mirian me castigaria se eu não fizesse exatamente o que queria. Por um segundo, fiquei aliviado por ela ditar as regras. Talvez aquela fosse a única forma de dar certo. Mirian parecia saber exatamente o que fazer, ao contrário de mim, que não passava de um polha.

Ela caminhou até ficar de pé na cama. Ergueu uma perna e depositou uma sola bem no meu pescoço, pressionando-o. Comecei a me sentir ainda mais

desconfortável. Estava em dúvida se gostava daquilo ou não. No geral, ainda suava frio e o pau tinha voltado a adormecer. Aquela roupa que vestia era mesmo muito esquisita. Preferia vê-la nua, conferir suas curvas, tocar a sua pele.

— O-O que v-vai fazer? — perguntei com a voz trêmula. Minhas têmporas começaram a latejar.

Mirian colocou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada capaz de me deixar congelado feito um picolé. Meu Deus. Ela voltou a me encarar, mas daquela vez tinha os olhos frios, duros, mostrando uma rigidez difícil de explicar.

— Vejo medo em você. Está com medo? — Fiquei calado, apenas engoli em seco. Mirian pressionou ainda mais o seu pé em mim. — Responda.

— E-Estou. Acho que você tem que ir mais...

Ela colocou mais peso em seus pés e me senti engasgar.

— Não me chame de “você”. Sou sua senhora. Não me diga o que fazer, ouviu bem?

Assenti, pensando numa maneira de dar o fora. A porta estava trancada e a chave, provavelmente, fincada na fechadura. Minhas roupas jaziam no chão. Podia empurrá-la e pegar tudo rapidamente, depois sair correndo até a garagem.

— Mirian, eu...

Aquela mulher abriu as pernas ao meu redor e se acorou, então percebi que o macacão de couro tinha uma abertura bem no fundo, deixando sua boceta e o seu ânus expostos. Aquela visão me fez estremecer. Fiquei na dúvida entre sentir pavor e tesão, por isso acabei ficando, até porque também paralisei de surpresa. Meu pênis foi dando sinal de vida conforme ela se mantinha agachada sobre mim. Deu para sentir sua quentura e umidade sobre a minha barriga. Minha nossa. Eu queria fodê-la.

Infelizmente, ela começou a passar as unhas em mim. Não foi tão violenta quanto a Lavínia, mas me lembrar dos sete minutos no inferno me fez estremecer e o pavor intensificou.

— O que eu faço contigo, Vincenzo? — murmurou a pergunta. Mirian não

parecia a mesma mulher que eu tinha conhecido no congresso. Parecia que uma doida tinha tomado o seu lugar. — Quero te vendar... Te amordaçar. Quero te prender — começou a esfregar a boceta em mim, espalhando seu líquido em minha pele. Seu cheiro passou a exalar e de novo fiquei em dúvida sobre o que sentir.

A única coisa que tive certeza foi de que estava apavorado.

— Quero te submeter. Te fazer chegar ao limite...

— E-Eu...

De repente, Mirian me deu um tapa na cara. Doeu tanto que, mais uma vez, congelei. Lembrei-me de Lavínia.

— Não fale sem ser solicitado! — ela voltou a gargalhar feito uma alucinada. — Ah, Vincenzo, você tem muito a aprender. Está cru. Mas vou te transformar num bom submisso.

Submisso? Soltei um arquejo e meus olhos se encheram de lágrimas. Sentia-me tão fraco, tão apavorado, que não consegui me mexer e nem falar. As palavras ficaram engasgadas, nem gritar consegui. Só devia empurrá-la e acabar logo com aquilo, mas o pavor me segurou naquela posição deprimente.

— Quero deixar marcas em seu corpo... — Mirian voltou a me arranhar, daquela vez com mais força. Uma lágrima escapou e ela fez uma careta. — Seu medo me dá muito tesão, Vincenzo. Eu sei que é isso o que você quer. Deseja ser castigado, não é?

Dei de ombros. Mirian voltou a me dar um tapa, daquela vez doeu ainda mais.

— Responda!

— NÃO! — gritei e, reunindo toda a força possível, finalmente a empurrei.

Acho que ela não estava preparada, porque saiu embolando para trás até que, completamente desequilibrada, caiu no chão, batendo com a cabeça. Ao menos o estrondo que ouvi deu a entender que Mirian tinha se ferrado.

— Oh, meu Deus! — berrei, descontrolado. — Meu Deus, ela está morta.

Ela morreu, eu a matei, meu Deus do céu!

Eu me levantei e peguei as roupas no chão, morrendo de medo de conferir os estragos. Já me via sendo condenado por homicídio, perdendo o meu emprego e tudo o que havia construído até então. Com lágrimas nos olhos, as mãos tremendo e a vista embaçada, consegui colocar as minhas roupas.

— Vincenzo... — ouvi a voz dela e berrei de susto:

— AHH! NÃO! — corri até a porta, destrancando-a com bastante dificuldade. Valia tudo, menos ficar para conferir o que ela faria comigo depois.

Estava tão desesperado que mal raciocinava, mas consegui ver a Mirian se levantando do chão, meio trôpega, e me senti mais aliviado ao menos por não tê-la matado. Com muita sorte, o meu emprego estaria garantido.

Peguei o meu carro e saí cantando pneus. Dirigi pela cidade feito um maníaco, completamente descontrolado, a ponto de surtar. Naquele dia, ganhei duas multas de trânsito: uma por ultrapassar um sinal vermelho e outra por passar em uma lombada eletrônica acima da velocidade permitida.



Sasha me olhava com verdadeiro espanto. Não ousou dizer nada e eu permaneci calado. Sentia medo só de me lembrar do acontecido com a Mirian. Aquele trauma que ela me causou durou tanto tempo que precisei fazer terapia. Consultei-me com uma psiquiatra também e passei alguns meses tomando remédios controlados; um para dormir e outro para “acordar”. Aquela mulher tinha acabado de foder o meu psicológico já abalado. Foram tempos muito difíceis.

— Você está bem? — Sasha, enfim, perguntou.

Abri um sorriso meio bobo. Achei a sua pergunta muito bacana e sincera. Talvez ela tivesse percebido que eu tinha ficado mal depois daquela última narrativa. Eu realmente não sabia dizer qual havia sido a pior experiência.

— Não tanto quanto gostaria. Mirian me detonou.

— Entendo... — assentiu e ergueu uma mão para alisar o meu rosto. Por algum motivo, Sasha não precisava mais me pedir licença. Eu não sentia nenhum incômodo diante de seu toque, muito pelo contrário, e ela parecia estar ciente disso. — Essa foi a última experiência, não é?

— Não... A última foi ter brochado diante de uma mulher linda e sensual — ofereci-lhe um sorriso sem graça. — Vergonhoso.

— Não se preocupe com isso, querido. É muito compreensível. — Dei de ombros. A frustração tinha diminuído um pouco. Não tinha perdido a virgindade, mas ao menos fizera uma amizade improvável. — Você é corajoso, Vincenzo — ela disse suavemente, ainda me acarinhando. Eu estava gostando bastante daquilo. — Apesar de tudo, não desistiu. Está aqui, não está? Ainda não saiu correndo.

Nós dois rimos com suavidade.

— E nem pretendo... — ergui uma mão para começar a acarinhá-la também. Sasha tinha uma pele macia e cheirosa, era impossível não sentir vontade de tocá-la. — Estou me sentindo bem aqui com você. Obrigado por me ouvir.

— Fico feliz por te deixar à vontade. De verdade mesmo.

Sorri e ela uniu nossas testas, deixando os olhares infiltrados um no outro. Suas mãos passaram a alisar o meu corpo e retribuí o gesto, alisando-a também. Seu corpo nu era bom demais de tocar. Sasha era firme e ao mesmo tempo volumosa, sem contar que exalava um cheiro muito gostoso.

— Meu nome é Denise — ela murmurou calmamente. Meu dedo mais afoito tinha parado em sua vagina desnuda e resvalava por entre os grandes lábios. Uma delícia. Entretanto, a mão parou de alisá-la assim que falou aquilo.

Não entendi por que meu coração acelerou ao saber seu nome real.

— Bonito nome, Denise. Por que me contou?

— Porque, pra mim, isso aqui deixou de ser um programa.

Afastei nossos rostos, confuso, bem como o dedo. Minha expressão a fez

sorrir.

— Mesmo?

Sasha, ou melhor, Denise assentiu.

Fiquei a olhando por algum tempo, totalmente maravilhado. Sentia-me bobo, mas não em um sentido ruim. Já ela não desviou o rosto por nada, estava convicta e manteve uma expressão suave. Cheguei à conclusão de que eu a queria. Não importava de qual modo, nem precisávamos transar, eu só a queria.

— Posso te chupar? — perguntei em um murmúrio.

— Prometo que não vou sangrar — nós rimos e a considerei tão linda naquele momento que simplesmente a beijei.

Denise abriu as pernas ao meu redor, abraçando-me, e me coloquei por cima. Meu pau ficou duríssimo em questão de segundos.

Pude chamar aquela nossa experiência de: ALELUIA!

ALELUIA!

Ela era cheirosa e tão gostosa que não dava para tirar os meus lábios daquela pele, que ficava cada vez mais quente. Quanto mais a beijava, lambia e chupava, mais a vontade de tê-la se tornava maior, até alcançar um limite insuportável. Como eu não sabia se daria certo, tentei não criar qualquer expectativa e simplesmente deixei acontecer, apenas fazendo o que me dava na telha. Aproveitei o seu corpo exposto, aberto para me receber.

Suguei os seus seios um a um. Minha língua explorava cada detalhe, cada minúcia de Denise, buscando um reconhecimento que sempre vinha. Eu nunca tinha visto aquela mulher na vida antes e mal sabia de nada ao seu respeito, porém o sentimento de identificação existia. Não sabia se era porque tinha me ouvido com atenção, ou talvez pela forma como me tocava, sempre tão delicada, ou mesmo por pura carência de minha parte. Naquele momento, não busquei explicações.

Fui descendo lentamente, formando uma trilha com os meus lábios até posicionar a cabeça no meio de suas pernas. Usei uma mão para atirá-la e Denise rebolou como se necessitasse daquele toque mais do que qualquer outra coisa. Acarínhei o seu clitóris e acompanhei a vagina ficar mais úmida. Um lado meu tinha medo de chupá-la e de repente dar errado, por isso meio que estava enrolando.

— Me chupa, Vincenzo... — ela balbuciou com a voz dengosa. Ergui a cabeça só para conferir o seu rosto desejoso, os olhos cerrados e a respiração ofegante. Aproximei o meu rosto ainda mais e passei a minha língua de baixo para cima, em toda a extensão, como se a testasse. Denise soltou um suspiro e gemeu: — Ah, que delícia...

Eu estava tão duro que pensei milhões de vezes, tudo isso em questão de

segundos, em deixar as preliminares de lado e penetrá-la de uma vez. De novo, o receio me conteve. Era melhor ir com calma. Se eu ao menos a deixasse satisfeita, então aquela noite teria valido a pena.

Sendo assim, caí de boca na sua boceta. Fiz os movimentos que eu conhecia, dando atenção especial ao clitóris, que ficava mais duro e inchado toda vez que minha língua resvalava nele. Denise gemia e se contorcia. Também puxava o meu cabelo, mas bem de leve. Fiquei feliz por ela entender que eu poderia ficar nervoso caso usasse muita força. Dava para perceber que tomava cuidado comigo, mas ainda assim buscava a sua satisfação. Era lindo demais vê-la daquele jeito.

Coloquei meus braços por baixo de suas pernas e ela se abriu mais. Chupei-a com necessidade, como se minha vida dependesse daquilo, como se seu mel em minha língua fosse alimento. Meu coração batia acelerado e sentia o meu pau latejar violentamente contra o colchão. Por um instante, achei que eu fosse capaz de gozar daquele jeito mesmo. O tesão era tanto que me via por um triz, caminhando na beira do precipício, mas sem me deixar cair.

— Porra, você é tão gostosa... — sussurrei e voltei a chupá-la em seguida. Tentei manter a constância porque queria que ela gozasse logo. Seria vergonhoso demais se eu me liberasse no lençol.

Denise deve ter entendido a minha necessidade, porque começou a tremer as pernas e o ventre. A pressão nos meus cabelos aumentou um pouco, nada que me machucasse, apenas o suficiente para ditar o ritmo que eu deveria seguir. Aquela mulher espetacular gozou no minuto seguinte. Seu gemido saiu alto, absoluto, deixando claro que tinha acabado de ter um orgasmo muito intenso.

Para não parecer afobado, continuei a chupando até deixá-la limpa do lubrificante que saiu. Depois, parei e afastei um pouco o rosto, erguendo a cabeça para observá-la. Denise me olhava com um sorriso bonito aberto.

— Uau... — riu um pouco.

Depositei uma mão sobre sua vagina e passei a acariciá-la com lentidão. Ela continuou me olhando. Lambeu os lábios e depois os mordeu por uns

instantes. Eu não sabia o que fazer. Quer dizer, sabia muito bem, o meu pênis não me deixava enganar, mas estava morrendo de medo de seguir adiante. Talvez fosse melhor parar por ali para não estragar nada.

— Quer que eu te chupe? — perguntou baixinho. A voz saiu mais como um ofego.

Balancei a cabeça em negativa.

— Não quero arriscar.

— Garanto que chupo muito bem — sorriu.

Devolvi o sorriso por educação. Começava a sentir muita angústia só de pensar.

— Não duvido de suas capacidades, minha linda.

Ela continuou sorrindo e se sentou na cama com cuidado. Eu me ajoelhei sobre o colchão. Seus olhos navegaram sobre o meu corpo e pararam em meu pau duro. Olhei para baixo a fim de vê-lo também. Estava pronto, sedento, louco para foder. Mas eu precisava manter a calma a qualquer custo.

Sem nada dizer, Denise se inclinou para o lado, pegando alguma coisa sobre o criado-mudo. Achei que pegaria a sua taça de vinho, mas me surpreendi ao ver um preservativo em suas mãos. Prendi os lábios com força. Na verdade, mordi tão forte que começou a doer, porém graças aos céus parei com isso antes que sangrasse.

— Posso colocar? — Denise pediu. Tinha uma expressão tranquila, quase como se aquele momento não fosse decisivo. Bom, para mim era e muito.

Assenti. Não sabia se era uma boa ideia deixar aquele serviço em suas mãos. No entanto, as minhas estavam trêmulas e eu podia me enrolar todo. Capaz até de acabar brochando mais uma vez por causa do medo de passar vergonha.

Ela sorriu, abriu o pacote com os dentes e foi encaixando a camisinha na extensão do meu pau sem qualquer dificuldade. Fiquei tão concentrado que tive a impressão de que podia ouvir os meus batimentos cardíacos e sentir cada nervo enviando mensagens das mais diversas ao meu cérebro. Por fim, Denise ficou de

joelhos também e juntou nossos lábios com calma. Foi um selinho puro, casto, despretensioso. Afastou-se logo em seguida.

— Estou pronta para ser a sua primeira — sussurrou.

Aquilo me deixou ainda mais emocionado, tanto que precisei engolir em seco. Denise voltou a se sentar, com as pernas abertas para mim, e segurou minhas mãos. Puxou-me devagar, sem qualquer pressa, como se deixasse claro que eu deveria prosseguir no meu tempo. Coloquei-me sobre o seu corpo e a observei.

— Vai ficar tudo bem — falou, sorrindo. Naquele instante, acreditei nela.

Por este motivo voltei a beijá-la. Sentia o peso da dúvida saindo dos meus ombros. Percebi o momento exato em que o medo foi embora, dando lugar ao puro deleite. O beijo se manteve vagaroso no início, porém foi se aprofundando conforme as barreiras que me bloqueavam caíam, uma a uma. Quando me senti livre, curvei o tronco, segurei o meu pau e o mirei em sua entrada.

Deixei o meu corpo cair lentamente. Denise abriu bem as pernas e me puxou pelos ombros, permitindo que o meu pau entrasse profundamente. Nós dois gememos em uníssonos. Tudo o que consegui pensar foi: *meu Deus, estou transando. Meu Deus, estou fodendo. Meu Deus, está dando certo.*

Retrocedi com calma uma vez. Tive medo de conferir se a sua boceta sangrava, por isso mantive aquela posição. Denise começou a chacoalhar o ventre, pedindo mais, por isso afundei de novo. E de novo. E de novo.

— Meu Deus... — as palavras que circulavam apenas em meus pensamentos foram ditas de maneira ofegante: — Meu Deus, está acontecendo.

Denise riu e se contorceu mais, exigindo velocidade. Fiquei em um estado tão avançado de loucura que, quando comecei a acelerar, não quis mais parar. Quanto mais rápido ia, mais tentava arranjar um jeito de aumentar o ritmo, não importando o suor que brotava do meu corpo e muito menos a minha vontade de gozar. Simplesmente ignorei tudo. Eu estava perdendo a virgindade, porra! Alguém deveria soltar fogos.

— Me fode, Vincenzo — ela gemia, parecendo sentir tanta excitação quanto

eu. — Me fode gostoso! — Resolvi me erguer, equilibrando o corpo com as duas mãos sobre o colchão. Nossos sexos se chocando passou a provocar barulho, mas não parei. Olhei para baixo e tive o belo vislumbre do meu pau entrando e saindo daquela boceta deliciosa.

— Porra! — grunhi, maravilhado.

— Ah, eu vou gozar! — Denise gritou e, logo em seguida, começou a tremer da cabeça aos pés. Seus gritos ecoaram pelo quarto. Não ousei parar. Eu estava por um triz, mas não desaceleraria por nada. — Que gostoso! — ela arquejou depois que aparentemente terminou de gozar.

Meus braços começaram a doer, por isso me coloquei de joelhos e puxei suas pernas ao meu encontro. Naquela posição conseguia ver perfeitamente o modo perfeito como nos encaixávamos. Sua vagina não sangrava, ainda bem. Só estava muito molhada, recebendo-me como era para ser.

— Meu Deus... Caralho... — segurei a sua cintura com as duas mãos e chacoalhei aquele corpo bronzeado para que ajudasse no ritmo. Denise começou a se tocar usando os seus dedos e, em poucos minutos, gozou outra vez. — Que gostosa do caralho! — berrei entre os seus gemidos. Àquela altura, a cama balançava tanto que o pessoal das suítes vizinhas certamente nos escutava. Não me importei.

Queria que o mundo inteiro soubesse que eu, enfim, havia conseguido!

— Meu Deus, vou gozar... — avisei com um sussurro fraco.

— Espera... — Denise nos desencaixou depressa e se aproximou, engatinhando. Retirou a camisinha e simplesmente me abocanhou. — Ah, porra! — berrei, ofegando.

Sentir seus lábios ao redor do meu pau me levou ao paraíso. Sério. Não demorou mais do que alguns segundos para que jatos e mais jatos do meu sêmen preenchesse a sua boca. Denise sequer hesitou. Enquanto eu soltava ofegos e gemidos, sugou e sugou, até me deixar completamente limpo. Engoliu toda a porra que eu tinha reservado ao longo da minha vida.

Quando a poeira abaixou, deixei o corpo cair sobre o colchão. Estava

suado, ainda quente e me sentindo tão arrasado quanto feliz. Denise fez questão de se empoleirar em mim. Ficou me observando. Devolvi aquele olhar sensual e ao mesmo tempo divertido com um sorriso bobo estampado. Sentia a alegria irradiando dos poros.

— Obrigado — murmurei, começando a alisar seus cabelos.

— Eu que agradeço por essa foda incrível. Meu Deus... Gozei tão, tão gostoso! Três vezes! Você é uma delícia, Vincenzo — ela estava genuinamente entusiasmada, dava para notar pelas suas expressões, o que me deixou ainda mais contente.

— Sei que a noite não terminou, mas... — preendi os lábios, em seguida prossegui: — Quero te ver de novo.

Ela parou de sorrir.

— Mesmo? Quer... marcar outro... programa ou... ? Escuta, Vincenzo, não vou te cobrar nada. Como te falei, deixou de ser um trabalho. Eu... Pode parecer esquisito, mas me envolvi de verdade. Estou aqui como Denise.

Balancei a cabeça, aquiescendo. Eu a compreendia porque estava sentindo a mesma coisa. Pouco me importava se ela tinha aquele tipo de trabalho. Aquela mulher fez com que eu me sentisse melhor do que muita gente foi capaz de fazer.

— Vai ser muito estranho se for um simples encontro? Quero conhecer a Denise.

Daquela vez, foi os olhos dela que marejaram.

— Você está brincando, não é? Por favor, não faz isso comigo... — ela fez menção de que ia se afastar, mas não permiti ao segurar seu corpo, mantendo-o sobre o meu. — Sei qual é o meu lugar. Você parece ser alguém importante, não quero que...

— Ei... — eu a interrompi com calma. — Não estou brincando. Foda-se o resto. Uma hora a gente descobre o que significou tudo isso. — Ficamos em silêncio por uns instantes, até que insisti: — E então, topa?

Ela sorriu e aquiesceu. Depois, beijou-me com tanta intensidade que o meu pau acendeu novamente. Por menos sentido que fizesse.

EPÍLOGO

UM ANO DEPOIS

Aquele dia estava sendo muito cansativo; uma reunião logo pela manhã, almoço com um cliente importante e mais duas reuniões complicadas no período da tarde. Dentro do elevador que me levaria até o andar onde ficava a minha sala, escorei-me em uma das faces espelhadas e suspirei. Aproveitei que estava sozinho para desfrouxar um pouco a gravata e tomei a decisão de encerrar o expediente mais cedo. Já tinha feito tudo de que a empresa precisava.

As portas se abriram e dei de cara com Susan, a minha secretária. Eu não queria ser clichê, mas fazia uns três meses que eu a tinha pegado de jeito sobre a mesa do meu escritório. A situação não se repetiu por motivos óbvios; ela era casada e eu, seu chefe imediato. Entretanto, sentia-me bem por ver uma mulher tão bonita sabendo que já a tive. Poucas vezes a observava sem imaginá-la nua.

— Susan, pode cancelar todos os compromissos de hoje? — fui logo dizendo, atravessando a recepção às pressas.

— Senhor Vincenzo! — continuei andando, um pouco aéreo. O cansaço me fazia não raciocinar direito. — Senhor Vincenzo, espere.

Estacionei e olhei para Susan. Mais uma vez, meus pensamentos foram guiados para o momento em que a coloquei de quatro e a penetrei profundamente. A perspectiva daquela posição era maravilhosa. Tornou-se uma de minhas favoritas.

— O que foi?

— Tem uma moça na sua sala.

Franzi o cenho, confuso.

— Uma moça? Como assim tem uma moça na minha sala?

Susan deu de ombros. Sabia que eu reclamaria daquela novidade. Ela sabe

muito bem que gosto de ser avisado quando alguém me procura. Também sabe que a pessoa tem que aguardar na recepção e não dentro da minha sala.

— Desculpe, ela falou que era urgente e foi logo entrando... Eu... Tentei me comunicar com o senhor, mas não consegui.

Eu poderia fazer inúmeras perguntas importantes, do tipo quem era a tal moça e o que ela queria comigo, porém estava cansado e meio puto com a Susan, sendo assim, apenas soltei um suspiro, ignorei suas explicações e caminhei para a minha sala. Dessa forma, eu teria as respostas que queria muito mais depressa.

Abri a porta e ela estava sentada sobre a minha mesa. Vestido preto e curto, pernas longas e bronzeadas cruzadas de um jeito sensual. Os cabelos escuros estavam soltos, volumosos. Seu cheiro tinha incensado todo o ambiente, como sempre fizera desde que a conheci. Meu coração bateu descompassado ao vê-la. Não imaginava que os nossos olhares se cruzariam novamente. Nem em meus sonhos cogitaria a sua presença na minha sala.

Fechei a porta atrás de mim e a tranquei. Não importava o que acontecesse, eu não queria ser interrompido de forma alguma. A mulher abaixou o olhar e, logo em seguida, foi a vez do seu corpo. Ajoelhou-se no chão acarpetado e lá ficou, certamente esperando algum comando. Apenas ela, no mundo inteiro, sabia que eu precisaria de alguns minutos para descobrir o que fazer. Aquela mulher entendia o meu íntimo como ninguém.

Sentei-me na poltrona que jazia de frente para ela e soltei um longo suspiro.

— Olhe para mim — falei. A voz soou firme do jeito que eu queria e ela me obedeceu porque sabia que ser contrariado não era o meu forte.

Seu olhar escuro se manteve suave e qualquer um poderia julgá-la desinteressada, mas eu a conhecia. Havia medo, surpresa, desejo e até decepção. Existiam tantas coisas que não cabiam em um único semblante. E o pior era que eu sentia que a minha expressão refletia a sua; em mim também havia muitas emoções conflituosas. Será que um dia deixaria de mexer comigo? Eu duvidava.

— O que faz aqui? — perguntei, fingindo uma calma que não sentia.

— Acabou. Sasha se foi.

Fiz uma careta. Soltei um riso sem querer, meio desdenhoso, e balancei a cabeça em negativa. Ofeguei, voltando a ficar sério. Ela só podia estar de brincadeira.

— O que quer dizer com isso?

— Está feito — deu de ombros. — Concluí a faculdade, arranjei um emprego, estou caminhando com minhas próprias pernas.

— Parabéns — falei de um jeito seco. O que ela queria com tudo aquilo? Já não bastava o quanto me fizera sofrer? Tudo bem, nós nos divertimos muito, passamos por momentos de pura luxúria e descobertas das mais profundas.

Em contrapartida, também nos amamos.

Eu sabia que tínhamos nos amado. Mas acabou. A sua “carreira” falou mais alto, a minha exigiu mais discrição, ela não queria depender de mim e demorei a aceitar isso, o meu ciúme corroeu todos os meus órgãos e tudo deu em merda. Era um fato. Um dia aconteceria, nós que estávamos cegos, achando que dois mais dois resultaria em dez. Tem coisas que simplesmente não podemos mudar.

— Estou pronta para recomeçar.

— Denise... — fechei os olhos. Quando os reabri, percebi que os dela estavam marejados. Droga. Nunca fui capaz de suportar vê-la chorar. — O que está fazendo ajoelhada no chão do meu escritório?

— Sei que é como você mais gosta, senhor — murmurou, sorrindo. Percebi que era um sorriso saudosos, não necessariamente feliz. Todos os meus nervos pareceram sacudir de uma vez só. Nós tínhamos descoberto, juntos, que a maneira que me deixava mais à vontade no sexo era dominando completamente. Podia ter a ver com os meus traumas com toda certeza. Mas Denise sempre me ajudou e me deu o consentimento necessário para que eu explorasse aquele meu lado... dominador. — E é como me vejo diante de você. Entregue.

Ficamos em silêncio. Eu sinceramente não sabia o que dizer.

— Eu não te vejo assim.

Denise soltou um suspiro e assentiu. Vi uma lágrima rolando e, no instante seguinte, mais lágrimas acompanharam a primeira. Senti verdadeira dor. Aquilo doía demais em mim e acredito que sempre seria daquela forma. Ela tinha me marcado de um jeito surreal. Não dava para superar. Por mais que tivesse experimentado outras camas, outros gostos, outras maneiras de fazer sexo... Ela era única. A minha primeira e única.

— Sempre te vi como uma guerreira — continuei. — Como uma mulher sensível, batalhadora e inteligente. Eu sabia que conseguiria deixar aquela vida — minha garganta apertou consideravelmente. Enquanto Denise chorava sem pausas, comecei a sentir vontade de acompanhá-la. — Eu me senti honrado toda vez que se submeteu a mim. E em todas as outras que me deu a bondade de sua companhia.

— Vincenzo... Me perdoe. Precisei partir, entenda... Não queria te prejudicar e precisava de um tempo para colocar a cabeça no lugar — soltou um soluço. Pausou por alguns segundos para se recompor e continuou: — Você também precisava. Jamais saberia se me queria mesmo se não tivesse experiências com outras pessoas. Essa dúvida sempre nos rondaria.

— Eu não queria isso. Sempre quis você.

— Eu sei.

— O que te fez vir aqui?

Ela voltou a dar de ombros.

— Precisava tentar.

— E se eu te disser que estou com outra pessoa? E se disser que não quero mais?

Denise me analisou minuciosamente. Ela tinha essa capacidade, sempre teve. Além de me ouvir como ninguém, também me lia, me decifrava. De imediato, senti-me despido diante de sua presença.

— Diria que é mentira.

Não adiantaria negar.

— Passei cinco meses esperando esse momento e, agora que está aqui, não sei o que fazer, Denise — murmurei a verdade. — Esperar por você foi pior que esperar para perder a virgindade.

Nós dois rimos um pouco, mas sabíamos que o assunto era sério.

— Estou aqui agora, pronta para ser sua de verdade. Estou preparada para ser a sua mulher, Vincenzo, sem que o peso do passado nos separe. Eu não me perdoaria se aceitasse ser sua sem resolver a minha própria vida.

Não queria vê-la naquela posição por mais nem um segundo, por isso a puxei pelos braços e ela veio com facilidade, sentando-se em meu colo. Nós nos abraçamos com força. Foi um gesto saudoso e emocionante, tanto que não consegui conter as lágrimas e chorei feito um menino. Denise também chorou muito. Passamos muito tempo sem nos desgrudar. Aquele gesto significou tantas coisas! Acima de tudo, selou um recomeço. Eu seria muito burro se recusasse o amor de quem eu tanto amava.

Como se adivinhasse meus pensamentos, Denise sussurrou em meu ouvido:

— Eu te amo. Não há ninguém como você... Seja meu último, por favor.

Afastei o meu rosto apenas para encará-la. As nossas lágrimas, àquela altura, já tinham se misturado.

— Também amo você — fui retirando a gravata devagar. Denise sorriu e juntou os punhos em minha direção. A expressão se modificou para uma bastante sensual, que fazia as mais loucas promessas. Eu queria cumpri-las uma a uma. — Mas me chame de senhor Vincenzo.

Denise riu e eu a acompanhei. Comecei a amarrar seus punhos.

— Sim, senhor Vincenzo.

— Amanhã você pode ser a senhora Denise — pisquei um olho.

Ela se alegrou ainda mais. De vez em quando eu também gostava de assumir o papel inverso. Adorava quando aquela mulher espetacular me dominava, deixava-me entregue por completo. Engraçado era que só ela tinha permissão para fazer isso. Naquele intervalo que demos, tive uma experiência

com uma dominatrix e odiei.

Eu não sabia direito que nome dar à minha história com a Denise. Nós não estávamos em um conto de fadas, mas de uma coisa eu sabia: ela me modificara em todos os sentidos, despertara em mim várias possibilidades e me ajudara a curar as cicatrizes. Eu era muito grato.

Entretanto, se um dia precisasse narrar a nossa trajetória a alguém, certamente seria com muito bom humor e a chamaria de: DESVIRGINADO!



AMOR, AMIZADE E
OUTROS DESASTRES

Juliana Dantas

Amor, Amizade e outros Desastres – Juliana Dantas

➤ O PACTO

Nos conhecemos quando tínhamos treze anos e estávamos naquela idade escrota em que seu nariz cresceu mais que o resto do rosto. Rosto que provavelmente daria para fritar uma pacote inteiro de *nuggets* de tanto óleo e onde algumas espinhas (ou muitas) surgiam para lhe dizer, de forma nada sutil, que a infância acabou e que agora são seus hormônios que mandam na casa.

O que tínhamos em comum era que todos éramos alunos novos na escola. E para pessoinhas de treze anos, esse fato era uma tragédia. Ainda mais quando se tem alguns quilos a mais (eu achei que minha gordura da infância iria embora com meus dentes de leite, mas não foi bem assim). Lembro-me de ter tentado passar despercebida pelas carteiras e sentado na última, enquanto os outros alunos iam entrando. A maioria já se conhecia e se congratulavam por estarem juntos na mesma sala novamente.

Quando a professora de Língua Portuguesa entrou e pediu para que nos apresentássemos, percebi que o garoto gordinho na minha frente, Thales, também era novo na escola. Assim como a garota de aparelhos nos dentes a frente dele, Babi, e os três alunos da fileira ao lado: uma loira chamada Amanda, um menino alto e desengonçado chamado Roberto Carlos (Sim, isso mesmo que você leu. Parece que a avó dele era super fã do cantor e exigiu que a mãe colocasse esse nome terrível no menino. Obviamente ele fazia questão de ser chamado de Beto) e João, um garoto moreno de sorriso bonito (ele só tinha, milagrosamente, uma espinha no rosto). Trocamos sorrisos tímidos e nos

juntamos para fazer o primeiro trabalho em grupo, muito felizes de não termos que tentar fazer alguns dos alunos antigos gostarem da gente.

E foi assim que nos tornamos inseparáveis. E isso já faz quinze anos.

Quinze anos de paz e tranquilidade em que resistimos ao fim do Orkut, o surto da Britney Spears e a fase Emo.

Acho que o segredo do nosso sucesso foi um pacto que fizemos em dezembro de 2004, desolados depois de Brad Pitt largar Jennifer Aniston. Lembrando que essa foi a primeira desavença que tive com o Thales, porque ele achava que a Angelina era muito mais gata que a Jennifer, mas cara, ele tinha cocô na cabeça?

Obviamente ele não assistia *Friends*, mas o obriguei a assistir quando passava as tardes na minha casa até que se apaixonasse como eu (ou ele assistia ou eu não lhe dava toddynho com bisnaguinha besuntada no amendocrem. E pessoas gordinhas como Thales e eu não brincavam com comida).

Enfim, o pacto foi que jamais mancharíamos nossa amizade nos envolvendo uns com os outros. Afinal, a amizade era mais importante do que qualquer namoro e não queríamos que nossa dinâmica mudasse nunca. Seríamos sempre seis amigos. Nada de romance ou sexo entre nós (claro que, naquela época, ninguém pensava em fazer sexo. Quer dizer, depois descobrimos que o João perdeu a virgindade naquele ano com a vizinha nas escadas do prédio dele. É, o João sempre foi o mais safado de todos nós. E se não fosse a vizinha, acho que ele teria transado com alguma torta de maçã, como naquele filme bizarro, *American Pie*).

E mesmo depois que mudamos muito, entramos na faculdade, e por fim na famigerada vida adulta de pagar boleto e acordar cedo para trabalhar (ou no meu caso, falar mal do chefe), a gente manteve nossa amizade intacta.

Até hoje.

➤ A TRAIÇÃO

O dia em que tudo ruiu começou como todos os outros.

Acordei, tomei a água com limão que minha mãe me obrigava a tomar (ela dizia que era bom para emagrecer. Mas já tomava aquela merda há dois anos e não tinha emagrecido nem um quilo). Como era sábado, avisei a minha mãe que ia correr quando na verdade ia só andar bem folgada até o shopping que ficava no nosso bairro.

Eu precisava comprar uma roupa bem sexy porque estava só esperando Renato, o cara que estava paquerando no Tinder há uns dois dias, ligar para marcarmos um encontro.

Eu devia saber que tudo ia dar errado naquele dia, quando toda a maldita roupa que experimentei não serviu. Sério, por que diabos as lojas de departamento fazia a maioria das roupas PP? Era um complô contra as pessoas fora do peso ou o quê?

Era sempre o mesmo inferno de perguntar para a vendedora:

— Tem GG?

Ela fazia aquela cara de tédio e te media com pouco caso para ir ao estoque (ou fingir que ia, sei lá) e voltar dizendo que tinha acabado.

Isso quando não diziam que a numeração ia só até o 42.

Sério, que ódio que eu tinha disso!

Então, para desestressar, fui almoçar no frango frito no KFC. Ok, podem me julgar. Eu não me importo. Já estava pensando em passar uma mensagem para o Renato, sem roupa nova sexy mesmo, quando recebi uma ligação de Thales.

— A Babi está chamando a gente pra assistir filme na casa dela agora à tarde.

— Sério? Achei que a Babi estivesse viajando.

Babi era agente de viagem e passava tempo fora da cidade ultimamente.

— Não está.

— E quem vai?

— Que pergunta besta, todo mundo.

— A Amanda não vai levar aquele namorado chato, né?

Amanda era uma sonsa que se apaixonava facilmente por caras babacas. Ok, quem nunca tinha se apaixonado por um babaca? Eu mesma já tive minha cota.

Quer dizer, tive muitos namorados babacas. Acho que era uma sina das meninas do grupo, então. Embora Babi nunca tivesse namorado ninguém. Não que tivesse apresentado para a gente pelo menos.

Na verdade a vida amorosa do nosso pequeno grupo de amigos não era o que se podia chamar de saudável. João era um galinha de marca maior, que tinha como missão do mundo ser escroto com o maior número de meninas possível. E nunca ficava com ninguém por muito tempo.

Beto também nunca tinha apresentado ninguém para o grupo (o que era bem esquisito, né? Thales e eu já tínhamos cogitado se ele não era gay. Mas uma vez peguei umas revistas de mulher pelada no banheiro da casa dele numa noite em que fomos lá jogar War).

Bem, Thales era um nerd e seguia à risca o clichê de nerd. Teve algumas namoradas, mas todas as garotas não davam a mínima para ele. E Thales sempre se apegava a essas meninas sem coração, que no final, só queriam quebrar o coração dele, que era trouxa demais. E olha que o Thales era bem bonitinho. Ele lembrava muito o Chris Pratt (quando era gordo, claro).

— Não, eles terminaram.

— Ah, que merda, ela vai estar toda chorosa.

Amanda era supersensível e ficava na fossa quando um namorado ia embora. O que eu achava totalmente inútil.

Eu ligava logo o Tinder e ia procurar outro.

— Vai ou não vai? Ia pedir pra você passar aqui em casa para me dar uma carona.

Rolo os olhos. Thales não dirigia porque não tinha passado no teste de direção. Nem depois de seis tentativas, uma das quais ele bateu o carro da autoescola em um muro. Então sempre acabava me usando como motorista. Eu podia dizer com orgulho que dirigia muito bem e fui a primeira da turma a tirar a carta.

E na primeira tentativa!

— Tudo bem, eu te busco — mordo o último pedaço de frango.

— Que barulho é este?

Caramba, ele ouviu o barulho do frango?

— Frango frito.

— Traz pra mim

— Que folgado!

— Tem bolo de chocolate aqui em casa, guardei um pedaço pra você.

Eu sorri. Thales sabia que bolo de chocolate era meu fraco.

— Ok, me convenceu!

— Por isso que te amo!



Buzino em frente à casa de Thales e ele aparece minutos depois, tentando se livrar do cachorro, Nelson, um Golden Retriever adorável e bem carente.

— E aí, cadê meu frango?

— O bolo antes! — ele passa o pacote de bolo.

— O frango está aí atrás!

— Aí sim!

Ele pegou o balde e começou a comer ali no carro mesmo, sem fazer cerimônia. Era mesmo muita sorte dele que tivesse uma melhor amiga como eu.

Quando chegamos à casa da Babi, ele já tinha devorado tudo e eu tinha feito a mesma coisa com o bolo, porque eu não ia querer dividir com ninguém.

Beto abre a porta e nos coloca para dentro.

João já está refastelado no sofá, com uma cerveja na mão, e Amanda está sentada na bancada da cozinha de Babi, que se ocupa em fazer pipoca, se lamuriando de como seu último namorado, um playboy babaca chamado Fred, tinha-a traído com uma guria na balada.

— Mas você já devia saber que esse cara não prestava, Amanda, já que quando o conheceu ele tinha namorada!

— Mas ele terminou com ela!

— Depois de três meses juntos — me intrometo.

— Então acha que a culpa é minha? — ela arregala os grandes olhos azuis.

— Você sabia onde estava se mantendo — digo. — Não é, Thales?

Thales já está enchendo um grande copo de Coca-Cola.

— Pra mim não há traição maior do que guardar um chocolate na geladeira e outra pessoa comer.

— Ah, vai jogar isso na minha cara de novo? — Thales não esquecia o episódio acontecido há dez anos já, em que eu tinha comido o ovo de páscoa que ele ganhou da avó rica.

Cara, era um ovo gigante e eu tive que comer. Na verdade, ia só abrir e roubar os bombons, mas não aguentei a pressão.

Thales sempre citava esse delito desde então.

— Você sabe que tem culpa!

— E todo ano eu lhe compro um ovo de páscoa por isso!

— Não faz mais do que a obrigação! — resmunga, indo se jogar no sofá com João.

— A pipoca está pronta! — Babi anuncia.

— Que filme vamos assistir?

— As branqueiras, claro! — Thales e eu falamos ao mesmo tempo.

— De novo? — Beto reclama.

— É o melhor filme que existe e a gente sempre começa nossas sessões com As Branquelas! É uma tradição! — falo. — As branquelas foi o primeiro filme que vimos juntos no cinema.

Nos acomodamos no sofá e finalmente todos cedem para que As Branquelas comecem a rodar na TV.

João puxa o cabelo de Amanda e ela bate em sua mão.

E desde sempre João vivia a implicar com ela.

— Gente, dá pra assistir ao filme? — Thales reclama.

— Eu vou mijar — João se levanta.

Estamos rindo feio hienas da cena do banheiro em que um deles come queijo na festa e tem uma dor de barriga imensa, quando João volta pra sala com uma cueca na mão.

— O que é isso, Babi?

— Está usando cueca? — Amanda pergunta.

E a gente começa a rir mais ainda.

— Essa cueca é do Beto, reconheço porque fui eu que dei para ele no último amigo secreto — Joao fala sério.

E de repente todos nós paramos de rir, olhando para Babi e Beto.

Eles não estão rindo.

— Por que a cueca do Beto estaria na casa da Babi? — Amanda ainda não sacou nada.

Quer dizer, acho que também não saquei, porque o que estava imaginando não era possível.

Babi e Beto se levantaram e nos encararam muito sérios.

— Sim, essa cueca é minha — Beto diz.

— E ela estava no meu banheiro porque ele dormiu aqui.

— Na verdade eu tenho dormido aqui já algum tempo.

— A verdade é que estamos namorando — Babi solta a bomba.

— E vamos nos casar — Beto completa.

— O que? — exclamamos ao mesmo tempo.

Tipo assim, depois do tsunami de 2004 isso era a maior merda que poderia acontecer na humanidade (embora, se você perguntar a Amanda ela dirá que foi o fim de Sandy e Junior. Mas a Amanda é meio sem-noção, então a opinião dela não conta).

— Como assim, casar? Não entendi a piada — Amanda balbuciou, confusa.

Às vezes ela era bem devagar para entender as coisas. Não que fosse uma loira burra ou algo assim, ela só saía perdendo quando meu sarcasmo entrava em cena, ou as piadas sujas de João. Ou quando Thales começava com seu papo nerd que ultimamente envolvia Game of Thrones e como ele iria matar os produtores com uma espada samurai por ter cagado no fim da série.

— Não é piada — Beto diz sério, ajustando os óculos. Ele não era mais aquele menino esquisito e desengonçado, até tinha ficado bem bonitinho e se tornado um daqueles publicitários cheios de grana (o que era bom, visto que ele já me emprestou uma grana várias vezes, afinal, não era pão duro como o Thales, que trabalhava com desenvolvimento de game e ganhava uma grana boa também). — Vamos mesmo nos casar.

— É uma piada ruim — Thales pega o controle remoto e coloca o filme para rodar de novo. — E não acredito que paramos o filme na melhor cena para vocês falarem merda.

— Só pode ser piada mesmo — João larga a cueca e pega a cerveja, sentando novamente ao lado da Amanda.

— Sei que é difícil digerir, mas é bem sério — Babi continua. Ela está pálida e apreensiva. Na verdade, Babi é bem pálida e a gente adorava tirar sarro dela a chamando de noiva cadáver.

— Não quero ser repetitiva, mas não estou entendendo nada — é a minha vez de falar.

— Cala a boca e assiste ao filme — Thales joga a almofada em mim.

João começa a rir, fazendo a cerveja que ele tinha acabado de ingerir sair por seu nariz e ir direto para a blusa branca de Amanda.

Ela grita e lhe dá um tapa, fazendo-o rir mais ainda.

— Gente, por favor, escutem! — Babi vai até a TV e a desliga, não se importando por receber pipoca na cara, jogada por Thales. — Eu e o Beto estamos noivos e vamos casar.

Todo mundo ficou silenciosa, enquanto o Beto se aproximava de Babi e segura sua mão.

A gente faz isso o tempo todo, mas de repente percebo que naquele instante é diferente.

— Espera, como isso é possível? — Amanda indaga. — Assim do nada resolveram que vão casar? Por quê?

— Por que as pessoas se casam? Porque estão apaixonadas. — Babi diz calmamente.

— Ah, para, né? Agora já foi longe demais — eu me levanto. — Parem agora com essa brincadeira!

— Não é brincadeira — Amanda insiste.

— Vocês estão mesmo juntos? — Thales indaga devagar.

— Claro que não! — grito.

Mas Babi e Beto respondem um sonoro “sim”.

— Há quanto tempo? — João agora também está sério.

— Bem, desde sempre — Beto responde.

— O que? — daquela vez gritamos em uníssono.

— Mas tínhamos um pacto! — grito mais alto que todos, porque parece que entrei em algum episódio ruim de *Black Mirror*.

— Sim, tínhamos um pacto. Ninguém ia namorar ninguém — Thales concorda comigo. Devo frisar que é bem difícil Thales e eu concordarmos.

— E agora dizem que estão juntos todo esse tempo... — Amanda ainda parece em choque.

— Enganando a gente — João se levanta. — Trepando sem nos avisar, ou quem sabe convidar...!

— Mas que merda está falando? — Babi se indigna. — Acha que eu tinha

que transar com você também?

— Ninguém tinha que transar com ninguém! — tento parar aquela conversa sem noção.

— Isso aí! — Thales concorda.

— Quero dizer que, se soubesse que estávamos liberados deste pacto ridículo, que podíamos transar, já tinha comido a Amanda! — João explica.

— Ei! — Amanda ficou vermelha como um pimentão.

— Vai dizer que nunca sacou esse clima entre nós? — João continua.

— Mentira!

— Desde que vi seus peitos naquele dia na festa da piscina, em Porto Seguro, eu quero te pegar, Amanda, acho que sabe disso tão bem quanto eu e...

— Parem de falar de sexo entre nós pelo amor de Deus! Isso é tipo... — coloco as mãos nos ouvidos, horrorizada como uma freira virgem.

— Incesto — Thales se põe ao meu lado.

— Não somos irmãos! — Beto parece ainda não ter perdido a calma. O mentiroso! Aliás, dois mentirosos, ele e Babi!

Eu devia saber que não podia confiar naquela falsa desde que ela colou na minha prova de História no nono ano, fazendo com que nós duas ficássemos com zero depois do professor descobrir.

— Somos quase! Que nojo — continuo: — Como podem ter feito isso? É muita sacanagem com a gente...

— Espera, isso não tem nada a ver com vocês! — Babi me interrompe.

— Ah, cala a sua boca, falsa!

— Eu não sou falsa...

— E estar transando com o Beto todo este tempo é o que?

— Gente, vamos acalmar os ânimos — Beto toca os ombros de Babi.

Meu sangue ferve de raiva. Dois filhos da puta!

— Vocês estão mesmo transando desde que tínhamos treze anos? — Amanda parece prestes a chorar.

Ela era assim, uma manteiga derretida. Tinha chorado uma semana depois

que o Restart acabou.

— Claro que não, tínhamos treze anos! — Babi rebate.

— Como isso aconteceu? — Thales faz a pergunta que todos queríamos fazer.

— A gente sempre se gostou — Babi diz.

Beto continua:

— No começo era uma coisa boba, paixão de adolescente, mas um dia percebemos que estávamos apaixonados, tínhamos quinze anos. Foi na festa da Amanda, lembra?

— Vocês ficaram juntos na minha festa?

— Na verdade, você foi meio que o nosso cupido, já que colocou a gente de par para a valsa.

— Sabia que aquela cafonice ia dar merda! — resmungo.

Eu tinha sido contra aquela festa de princesa ridícula de Amanda. Mas ela insistia que era um sonho. E lá fomos nós para aquele baile brega, que a mãe dela deve estar pagando até hoje.

— Eu me lembro que estava com os peitos bem bons naquele vestido rosa — João pisca.

— Para com isso! — bato em seu braço. — Não pode ser tarado com a gente, lembra?

— Não podia antes de saber que a Babi e o Beto estavam trepando escondido.

— Não é assim, não estamos trepando escondido! — Babi rebate.

— Ah, sim, vão casar, pelo amor de Deus! — Thales cospe as palavras. — Que tipo de bizarrice é essa?

— Olha, estão fazendo tempestade num copo d'água — Beto diz. — A gente queria contar a vocês há mais tempo, mas sabíamos que iam reagir assim e não queríamos estragar tudo.

— Mas estão estragando agora! — continuo expressando minha indignação.

— Não tem nada sendo estragado! — Babi rebate. — A gente só resolveu casar e acho que agora somos adultos e é ridículo ficar escondendo essa situação de vocês!

— Eu não concordo! — levanto o braço e todos ficam em silêncio porque sabem o que acontece quando alguém levanta o braço. — Veto — digo devagar.

— Isso aí, eu veto também! — Thales levanta o braço.

Tínhamos inventado aquela regra desde o começo da nossa amizade. Se entrávamos em desacordo, alguém sempre podia vetar e se os vetos fossem maioria, estava decidido.

— Não podem vetar isso! É ridículo! — Babi refuta.

— Podemos, sim! Essas são as regras! — insisto.

— Não que dois embustes como vocês respeitem as regras, claro! — Thales dardeja.

— Gente, sério, não somos mais crianças — Beto ainda continua bancando o sensato.

— Vai abolir a regra do veto agora também? — me indigno ainda mais.

— E vocês dois, levantem logo essa merda de braço! — Thales olha para João e Amanda.

Amanda hesita, mas acaba levantando.

— Não quero que nada mude...

— João, cara, anda logo! — ordeno.

— Eu não sei... Talvez já seja a hora de acabarmos com esse pacto...

— Não! — Thales e eu gritamos ao mesmo tempo.

— Pelo menos alguém tem senso nesta sala! — Babi resmunga.

— Ele só está fazendo isso porque quer comer a Amanda! — Thales grita.

— Eca! — faço cara de nojo.

— E se estiver? Não podem me impedir! — João desafia.

— Parem de falar como se eu não estivesse aqui! — Amanda começa a chorar e sai da sala, se trancando no banheiro.

— E então, decide, João. Vai ficar do nosso lado ou dos traíras? — insisto.

João sacode a cabeça e cruza os braços.

— Não vou vetar nada.

— E agora estamos empatados! — me irrita.

— O Nelson podia votar, como antes... — Thales sugere.

Encaro-o.

— O Nelson é seu cachorro!

— E daí? Ele já decidiu antes, lembra quando não conseguíamos decidir onde iríamos ver o final de *Lost*?

— Isso faz nove anos!

— E daí?

— Já chega — Babi corta a nossa discussão. — Olha, eu sinto muito ter escondido isso de vocês por tanto tempo, mas tínhamos medo de que estragasse tudo se contássemos...

— Nossa, que consideração! — resmungo.

— Mas a real é que vamos casar, vocês querendo ou não.

— E nossa amizade não é nada pra vocês?

— Não queremos terminar a nossa amizade. Vai ser que nem a Mônica quando se apaixonou pelo Chandler em *Friends* — Beto diz.

Ah, isso era golpe baixo.

— Não compara seu casinho com *Mondler*! — agora estou realmente furiosa.

Como eles ousavam se comparar ao maior shipper de todos os tempos?

— Acho que ele tem razão, é tipo a mesma coisa — Babi diz.

— Nunca! No mínimo são Rachel e Ross. Dois idiotas que sempre rachavam a turma!

— Vocês que estão rachando a turma não aceitando... — Beto continua.

— Eu não aceito mesmo!

— Então é assim? — Thales indaga — Vai deixar nossa amizade acabar desse jeito?

— Gente, não sejam ridículos... — Babi continua.

— Eu não preciso ficar aqui ouvindo isso! Vamos embora! — pego a minha bolsa.

Thales já coloca o capuz.

Olho em volta, procurando por João, e ele sumiu.

— Cadê o João?

— Acho que ele foi atrás da Amanda no banheiro — Thales responde.

Vou atrás deles e, quando abro a porta do banheiro, paro horrorizada ao ver João com a língua enfiada na garganta de Amanda.

— Mas que porra é essa?

Será que eu tinha sido transportada para alguma realidade paralela onde amizade não existia mais?

Eles param de se beijar e Amanda pelo menos tem a decência de corar.

— Mano, sério isso? — Thales está atrás de mim. — Vocês também?

— Eu não sei o que aconteceu... — Amanda balbucia.

— Aconteceu o que sempre estivemos a fim de fazer e não tínhamos coragem por causa desse pacto sem noção — João responde.

— Agora o pacto é sem noção? — Thales está furioso atrás de mim também.

— Não era até cinco minutos atrás, quando certas pessoas... — olho em direção a Babi e Beto na sala — decidiram que o casamento de merda deles era mais importante que a amizade!

João ri.

— Você está sendo ridícula agora.

— Para de me chamar de ridícula.

— Mas você sempre foi! Lembra quando inventou que seria gótica, porque virou fã do Evanescence, e pediu para que todo mundo passasse um mês te chamando de Amy Lee?

— Isso não tem nada a ver, aconteceu há mil anos.

— Assim como esse pacto idiota!

— Então vamos começar a desfazer todos os pactos agora?

— Acho que já está na hora mesmo...

— Ah, que ótimo, então todos devem saber que você pegou piolho em 2005 e eu descobri porque vi um bicho andando no seu cabelo!

— Cala a boca! — João fica vermelho de raiva.

— Eca, você teve piolho? — Thales faz careta de novo.

— Sim, e eu te ajudei a se livrar! E nunca contei pra ninguém porque fizemos um pacto! Foram horas passando o pente fino! Eu fui sua amiga e olha como você retribui! Nem contei para a Isabela, com quem você ficava na época, lembra? Ela pegou piolho de você e nunca soube!

— Gente, vocês ainda estão discutindo? — Beto e Babi se aproximam.

— O João beijou a Amanda! — Thales acusa.

— O João tinha piolho! — grito.

— Credo — Babi faz cara de nojo.

— Ah, então é assim? Está com nojinho? Quer que eu conte seu segredinho sujo também? — João rebate com raiva.

— Eu não tenho segredo nenhum! — Babi diz.

— Vocês sabiam que a Babi tirava caca do nariz e colocava na carteira?

Todo mundo arregala a boca em horror.

— Credo, isso, sim, é nojento! — Thales tem uma ânsia de vômito.

— Seu... filha da puta! — Babi grita para João. — Gente, eu não faço mais isso, foi só uma época quando eu era criança...

— Mas era nojento, sim! — Thales insiste.

— Ah, acha nojento? — ela enfia o dedo na cara dele. — E quando você treinava beijar com o seu cachorro?

— O que? — todo mundo diz ao mesmo tempo.

— Sim, cheguei na casa do Thales uma vez e ele estava beijando o Nelson! E ele era só um filhote!

— Você molestou seu cachorro? — encaro-o, horrorizada.

— Eu tinha que aprender a beijar! — ele se defende. — E você que beijava a Amanda?

— Ah! — três olhos estupefatos se prendem em nós.

Amanda está mais vermelha que galo coió.

— Vocês se pegavam? Como é que nunca vi isso? — João sorri com malícia.

— Fiz uma vez só! — Amanda diz, chorosa. — Eu também queria aprender a beijar. Eu e a Malu vimos aquele filme Segundas Intenções e decidimos que podíamos treinar. Foi muito inocente!

— Não precisa dar satisfação para eles, Amanda! — grito. — E por que essa cara de horror, Beto? Não era você que fazia troca-troca com seu primo Erasmo? — Sim, parece que a avó do Beto tinha convencido a tia dele a colocar este nome no primo também.

Beto fica vermelho feito pimentão.

— Sua linguaruda!

— Por que nunca me contou isso? — Babi acusa.

— E por que nunca me contou que limpava meleca na carteira?

— Ah, eu não faço mais isso!

— Nem eu faço troca-troca com meu primo.

— Bem, isso é um alívio.

— Gente, acho que já chega de discutir, né? — Amanda nos interrompe. — Eu também fiquei chocada em saber que a Babi e o Beto são um casal. Mas se eles estão apaixonados, não temos que nos intrometer. A gente tinha treze anos quando topamos esse pacto, somos adultos agora...

— Ah, cala a boca, sua Sandy de meia tigela! — me irrita. — Fica aí, com a língua na garganta desse paspalho piolhento que deve ter umas cinco tipo de DST! Por mim, já deu! Vamos embora, Thales!

— Isso aí!

Passamos pelos traíras e saímos batendo a porta.

— Filhos da puta! — Thales resmunga quando entra no meu carro.

— Sim, dois pilantras! E o João e a Amanda? Falsianes do caralho! — endosso. — Que ranço!

— Isso parece um episódio ruim de Barrados no Baile — Thales resmunga.

Em algum momento da nossa adolescência Thales tinha desenvolvido uma paixão pela Kelly Taylor, nos obrigando a ver incontáveis reprises do programa que já tinha sido cancelado nos anos 2000.

— Todos os episódios de Barrados no Baile são ruins.

Ele me lança um olhar mortal.

— Devia ter vergonha de admitir que assistia àquilo — continuo.

— Falou a pessoa que faz maratona de *Friends* toda semana.

— Não tem nem comparação.

— A gente não devia estar discutindo série antiga e sim como nossos amigos nos trolaram hoje.

— Ainda não consigo acreditar.

De repente me sinto muito mal por tudo. Mal de verdade. Antes eu estava brava, agora bate a deprê e eu ligo o rádio, deixando Nickelback invadir meus ouvidos.

— Você tem um péssimo gosto musical — Thales reclama.

— Pois é melhor se acostumar, porque a partir de agora acho que sou sua única amiga!

— É tudo uma merda. Eu devia ter continuado com minha ideia original.

— Que ideia original?

— Eu achava que ficaria muito melhor sem amigos nenhum.

— Nem o Jorge?

Ele faz cara de quem vai chorar.

Jorge era um robô bizarro feito de cabo de vassoura e um carrinho de controle remoto que o pequeno Thales criou quando tinha doze anos. O ser esquisito durou alguns meses. Thales adorava dizer que era um original robô revolucionário, quando na verdade ele apenas controlava com o controle remoto do carrinho para que andasse de lá pra cá, soltando sons bizarros oriundos de restos de aparelhos de som antigo do pai de Thales.

Na primeira vez que fomos à casa de Thales ele nos mostrou Jorge todo orgulhoso, o que fez João ter um ataque de riso. Amanda, com sua falta de noção, resolveu mexer no trambolho e quebrou.

Thales chorou uns três dias e teve que se conformar que nós seríamos seus únicos amigos a partir de então.

— E o João e a Amanda? Você acredita que eles estavam se beijando?

— Nem sei quem é o pior! Inacreditável.

— Mas eu sempre soube.

— Sempre soube o que?

— Que o João gostava da Amanda.

— Está falando sério?

— Sim, acho que chocou zero pessoas ele ter se aproveitado disso para assumir.

— O que vamos fazer agora?

— Podemos arranjar novos amigos.

— Não seja ridículo.

— É, quem ia aguentar a gente?

— Por que ninguém ia aguentar a gente? Nós somos os mais legais!

— Isso é verdade. Ninguém precisa daqueles filhos da puta furadores de pacto.

— Então agora somos um dupla!— fazemos um Hi-5, batendo nossas mãos no ar. Paro o carro em frente a casa dele.

— Quer entrar?

— É, acho que nem quero ficar sozinha mesmo.

Acompanho-o para dentro. Thales morava sozinho agora que seus pais tinham se aposentado e mudado para a casa de praia no Guarujá. O que era uma pena porque a gente adorava descer a serra no fim de semana para curtir a praia na casa da família dele.

— Ainda tem bolo de chocolate, quer?

— Ainda pergunta?

Sentamos no sofá com o bolo entre nós, assistindo à Guerra dos Cupcakes na TV.

— Acha mesmo que nunca mais vamos ser amigos? — Thales indaga.

— Nunca mais vai ser a mesma coisa.

— Acho que tem razão.

— Como eu disse, agora é só eu e você.

— E como vai ser quando arranjar um namorado?

— Namorados vão e vem, amizade é para sempre! E você sabe muito bem como minha vida amorosa é uma merda! Eu só arranjo embuste!

— Isso porque você sempre quer os caras errados.

— O que quer dizer?

— Você sempre vai atrás desses caras bombados de academia.

— E por que eu não posso querer um cara malhado?

— Já se olhou no espelho?

— Ah... Que coisa escrota de se dizer! Seu gordo filho da puta!

Ele ri como se não tivesse se ofendido por eu o chamar de gordo. Bem, nós éramos gordos, então não sei se era ofensa quando se dizia a verdade. Acho que isso sempre nos uniu de certa forma. Todos os nossos amigos eram magros, embora muito diferentes entre si. Amanda e João eram lindos. Babi era inteligente e meio esquisita. Beto era o grandão desengonçado.

Eu era a guria gordinha cuja mãe tinha passado a adolescência atazanando para parar de comer e ir malhar, afinal, quem é que ia me querer se eu fosse gorda?

Sim, essas eram as exatas palavras da minha digníssima mãe.

Mas ela era assim porque era uma mulher magra quando se casou com meu pai, mas depois de parir dois filhos (meu irmão, Marcelo, tinha perdido a gordura de infância, já eu... bem, acho que ia morrer com ela), tinha engordado igual a um peru para ser abatido no natal.

Só que em um natal qualquer foi meu pai que a abandonou. Pela secretária. Magra.

Mamãe queimou todas as suas roupas para se vingar e também passou aquele ano queimando todas as gorduras com remédios tarja preta controladíssimos, que me fizeram ter medo de ser queimada também por um bom tempo.

Aí eu passava muito tempo na casa do Thales, assistindo às reprises de Barrados no Baile (quando eu perdia o desafio que geralmente consistia em passar trote, chamando táxi para a casa do vizinho e ficar escondido atrás do muro, rindo quando o pobre motorista chegava).

— Desculpa — ele diz com um olhar culpado. — Não queria te ofender.

— Não ofende. Você é meu amigo. Eu deixo você me zoar porque eu posso te zoar também — bato em seu ombro e rimos.

Olho para nossos braços. Temos a mesma tatuagem: o desenho de Nelson. Thales estava com medo de fazer, dez anos atrás, e eu decidi que faria com ele.

De repente ele para e fica me encarando.

— O que foi? Tem bolo no meus dentes?

— A gente podia transar.

Arregalo os olhos, horrorizada.

— Está maluco?

— Está todo mundo transando mesmo...

— De onde tirou essa merda?

— Seria uma forma de protesto.

Eu me levanto do sofá, muito brava.

— Não acredito que está falando isso!

— Calma, foi só uma ideia...

— A pior ideia de todas! Achei que fôssemos amigos!

— Nós somos amigos!

— Amigos não transam!

— Bem, tem aquelas amizades coloridas...

— Ah, cala a boca! Eu vou embora! Parece que você também perdeu a

noção!

— Não, espera, me desculpe.

— Tchau, Thales!

Saio quase correndo, ignorando os latidos de Nelson no quintal, e entro no carro, muito irritada.

➤ CONTATINHOS E BODYS

ASSASSINOS

Quando chego a minha casa, corro para a geladeira e pego o maior pote de sorvete de todos.

— Maria Luiza, você vai comer tudo isso? — minha mãe aparece para me irritar.

— Mãe, hoje não, ok? Estou tão puta que comia até esse cachorro maldito — aponto para o Yorkshire da minha mãe.

— Não fale assim do Fred!

— Então me deixa em paz! — subo para o meu quarto, batendo a porta.

Eu devia ir morar sozinha, já estava de saco cheio da minha mãe no meu pé.

— Querida, quero lhe mostrar algo lindo que comprei! — ela entra no quarto sem cerimônia e me dá um sacola.

Abro o pacote e tem um daqueles body que prende a gordura, mais conhecido como instrumento de tortura.

— Acha que vou entrar nisso?

— Claro que vai. Isso comprime a gordura da barriga e vai te dar uns centímetros de cintura, além de subir seus seios.

— Meus seios não são caídos!

— Mas sempre dá pra subir mais...

— Você é louca.

— Sou sua mãe. Sei das coisas. Se escutasse meus conselhos, já tinha perdido estes quilos a mais, tem um rosto tão bonito!

— Ah, para com esse texto idiota! Mania besta de ficar dizendo “ai, por

que não emagrece, tem o rosto tão bonito!”. Aff.

— Por que está tão agressiva, querida? Andou tomando meus remédios de emagrecimento?

— Não sou nem louca!

— Mas saiba que a Rafaela, sabe, a minha colega de yoga, está tomando esse remédio aqui — ela pega um frasquinho — é natural. Pode tomar.

— Nem pensar!

— Ou prefere fazer a bariátrica?

— Por que eu faria isso?

— Seu colesterol está alto, filha. E...

— Problema meu! Agora me deixa em paz, preciso tomar banho!

— Está bem, parece que está de mau humor hoje, hein...

Ela finalmente me deixa em paz e eu tomo um banho longo.

Quando volto para o quarto, tem uma mensagem do Renato. Ah, sim. Contatinhos. É isso que preciso hoje. Preciso sair e transar com alguém que não seja meu amigo, claro. De onde Thales tirou que seria uma boa ideia a gente transar?

Estava tomando drogas ou o quê? Será que ele tinha voltado a comer a comida do cachorro? Porque o cachorro dele era meio sem noção e eu já tinha dito ao Thales que podia ser drogas que colocavam na comida. Ele dizia que eu tinha que parar de ser paranoica e ver teoria da conspiração em tudo. Então decido esquecer a conversa bizarra com Thales e me concentro no meu contratinho.

Conheci Renato no Tinder e vínhamos tento muitas conversas interessantes que estavam começando a resvalar para a sacanagem. Eu esperava em breve o encontrar para que passássemos da conversa para a ação.

Renato era alto, moreno e malhado.

Muito gostoso.

E meu mais novo crush.

Só que eu tinha colocado uma foto de rosto no Tinder porque era muito

mais fácil dos caras darem match.

É, eu sei, era total ridículo, mas era uma verdade.

Mesmo assim, sorrio e digito um oi.

“Oi”

“O que está fazendo?”

“Acabei de tomar banho”

“Opa, manda nudes.”

Eu rio.

“Não acho que vai ser tão fácil assim”.

“Manda foto de agora”

Ai, meu Deus, Renato, se eu não tivesse tãõ a fim de te pegar ia mandá-lo à merda.

Porque hétero tinha que ser tão escroto? Era esse o castigo que todas as mulheres tinham que pagar por Eva ter comido a maçã? Aguentar os héteros sem noção?

“Acho melhor você ver ao vivo”.

“Ok, quer vir aqui em casa ver um filme?”

WOW

Aí, sim.

“Claro”.

Ele me passa seu endereço e eu sorrio, muito animada, mas de repente me

sinto um tanto insegura. E se ele não se atraísse por mim?

Olho o body da minha mãe. Bem, não custa nada tentar.



Meia hora depois estou entalada no body demoníaco enquanto minha mãe e a empregada, Cidinha, tentam puxar o maldito pra cima. Não sei quem está suando mais, se eu ou elas.

— Vamos, Cida, puxa, puxa, puxa! — minha mãe ordena.

— Tô puxando, dona Inês, mas tá difícil. Isso aqui não é o número da menina, não!

— Se não tivesse comido aquele sorvete... — mamãe diz com censura.

— Cala a boca, mãe, e se não vai servir, puxem pra baixo!

— Acho que não vai...

— Eu tenho um encontro e preciso sair disso agora.

— Um encontro? Então puxe pra cima, vamos, Cida, força total agora. Te garanto um aumento — mamãe fica animada.

E quase vejo os olhos de Cida pularem das órbitas como nos desenhos animados, porque minha mãe é a maior pão dura da paróquia. Cida puxa com força total e como num milagre a coisa de lycra está em mim.

Eu só não sei se vou conseguir respirar, mas tudo bem. E mamãe tem razão, a coisa comprime tudo. Só que não só as gorduras, tenho certeza de que comprimi meu intestino, meu útero e talvez tenha quebrado algumas costelas.

— Ficou linda, filha! E me conta como vai ser este encontro...

— Mãe, não vou te falar, que nojo!

— Por que não? Sabe que a mamãe é moderna, querida. Lembra quando Marcelo trouxe o Otto aqui pela primeira vez? Foi lindo a conversa que tivemos, ele me explicou a posição frango assado, eu nem sabia que existia e...

— Chega, mãe! Acho que foi por isso que o Marcelo mudou de casa, para

poder ter paz!

Meu irmão tinha se mudado para morar com o namorado há alguns meses e eu sentia falta dele. Não porque éramos unidos, mas porque eu podia dividir as noias da mamãe com ele. Agora era 100% para mim.

Estou saturada já.

— Então não vou mais encher seu saco, mas toma esse comprimidinho aqui.

— O que é isso?

— Aquele remédio natural! É bom para o metabolismo, só isso!

Para ela parar de torrar minha paciência eu tomo. Consigo dispensá-la para poder fazer minha maquiagem e chamo um Uber, pois poderei beber um vinho sem me preocupar em ter que dirigir depois.

Quando entro no carro sinto uma acerta dificuldade de sentar e tenho que ficar esticada, meio deitada, meio sentada, o que faz o motorista me lançar olhares estranhos. Pego o celular e vejo que a conversa do nosso grupo do whats está lotada. Tenho vontade de entrar e mandar todo mundo a merda e depois sair em grande estilo. Mas a curiosidade é maior.

Amanda, a traidora do caralho, está perguntando a Babi e Beto detalhes da relação e como tudo aconteceu. Os pombinhos ridículos estão contando, muito animados, como eles esconderam de nós o relacionamento todo o tempo.

Filhos da puta!

Não resisto e digito:

“E você, Amanda, não tem vergonha? Aliás, não estava dando para o João?”

“Ah, que bom que ainda esta aqui, Malu” — ela responde.

“Saiba que estarei saindo em poucos minutos”

“Vai sair nada, se não já tinha saído, para de ser dramática” — Joao digita.

“Ah, não, fica vendo?”

“O Thales já entrou aqui mais cedo e disse que ia sair e está em silêncio só

vendo a conversa”

“Parem de falar de mim como se eu não estivesse aqui, seus arrombados”
— Thales diz.

“Malu, achei que já estivesse mais calma” — Babi digita — “mas vejo que ainda está brava”

“E vou ficar brava pra sempre”

“Para se ser infantil”

“Ah, vão se foder”

Saio do grupo e vejo que tem uma conversa do Thales me chamando.
Hesito em entrar.

“Desculpa pela proposta. Acho que estava com a cabeça virada.”

“Não devia te desculpar.”

“Por favor, você foi a única amiga que me restou”

“Ah, Thales, que exagero! E todos aqueles seus amigos de jogos?”

“Você sabe o que eu quis dizer”

“Se prometer nunca mais vir com este papo pra cima de mim...”

“Ok, combinado”

“Certeza?”

“Sim”

“Jura?”

“Juro pelo meu cachorro e pela memória do Jorginho, que Deus o tenha no céu dos robôs.”

“Ok, acredito em você”

“O que está fazendo? Por que não vem aqui em casa pra gente ver um filme?”

Franzo a testa. Ele não está falando com segundas intenções, né?

Claro que não. Mas aí me lembro do papo idiota na casa dele, de que

devíamos transar e fico desconfiada. Mas como não quero brigar com ele de novo, afinal, pode ser o único amigo que me restou, decido fingir demência.

“Não posso, estou indo a um encontro”

“A gente está numa crise e devia se apoiar e você vai transar?”

“Sério que está me dizendo isso?”

“Sério que vai sair com mais um dos seus bombados fracassados?”

“Vai se foder, Thales”

Desligo o celular, irritada. Por que Thales estava agindo feito um idiota?

Porém, o Uber já para em frente à casa do Renato e eu pego o blush na bolsa. Passo mais um pouco, não quero parece pálida e acabada (que é o que eu estou neste momento).

Saio do Uber, não sem certa dificuldade, tentando me arrastar pelo banco e não cair na rua antes de me levantar. Graças a Deus consigo sair do carro, mantendo o mínimo de dignidade.

A casa de Renato é um sobrado maneiro. Toco a campainha e abro meu sorriso mais sedutor. Ele demora um pouco para abrir a porta e aproveito para pegar o espelho para dar uma última checada no visual. Arregalo os olhos, horrorizada, ao ver meu rosto mais vermelho que o da boneca Emília.

— Mas que merda...

Passo os dedos pela bochecha, tentando amenizar o estrago, quando Renato abre a porta, sorridente.

— Oi, linda.

— Oi.... — respiro fundo e tento fingir que está tudo bem.

A luz nem é tanta, ele não vai perceber. E não está na moda blush exagerado?

“Bem, se for para uma festa junina...”

— Entra — ele gasta alguns segundos me medindo e tento não ficar insegura.

Pelos menos pediu para eu entrar e não gritou um “desculpa, mas eu pensei que tinha quinze quilos a menos, passar bem”.

Entro na sala, que é daquelas em conceito aberto, unida com a cozinha. Caramba, ele assiste Irmãos à Obra ou o quê?

É perfeito, com aquela ilha magnífica no meio. Meu sonho de consumo! Preciso casar com este cara! Para fazer vários bolos *red velvet* naquele forno maravilhoso.

— Uau, sua casa é linda.

— Eu acabei de decorar.

— Amei. Muito bom gosto e moderna... e essa ilha...

Passo a mão no mármore branco, sentindo até um tesão. Já posso imaginar a gente transando em cima daquele mármore, meu Deus, vai ser uma loucura.

Quando levando o olhar, Renato está me encarando com um olhar esquisito e eu sorrio, sem graça. Acho que exagerei no tesão pelo mármore.

— Enfim... Que filme vamos assistir? — pisco. — Tem alguma novidade na Netflix?

— Estou assando uma carne... Achei que podíamos jantar antes, tomar um bom vinho...

Meu estômago ronca. Querido, eu nunca dispenso uma boa janta.

— Claro, seria ótimo!

— Sente, vou te servir um vinho...

Sentar?

Acho melhor não, o body está cada vez mais apertado e estou fingindo que não tenho todos os órgãos internos encolhidos drasticamente.

— Estou bem em pé!

Ele dá a volta na ilha e pega uma garrafa de vinho, servindo uma taça para mim.

— E então, Malu, com o que você trabalha?

Bem, acho que já tinha dito para ele, mas não sei se esqueceu ou se está só puxando assunto.

— Eu trabalho em uma Editora. Sou assistente editorial — e meu chefe é um babaca misógino que não passa de um escritor frustrado e desconta sua frustração com a vida de merda que vive em mim. Mas acho que não conheço Renato o suficiente para começar a jogar em cima dele toda a raiva que sinto do meu chefe cretino.

— Que interessante. Sabe que eu escrevo alguma coisa?

Ah, não... Lá vem o papo do aspirante a escritor. Toda vez que falava que trabalhava em uma editora as pessoas tinham a mania de achar que eu poderia publicar o livro delas. Gente, menos, por favor.

— Sêrio? — sorrio com falso interesse, afinal, quero estar com este cara no meio das minhas pernas até o fim da noite.

— Sim, se você tiver um tempinho, posso te passar para ler...

— Claro, me passa por e-mail... qualquer dia — desconverso e então um apito do forno faz a conversa ser interrompida, para ele ir retirar a carne de lá.

— Hum, o cheiro está realmente bom — mano do céu, esse cara pode ser o homem da minha vida! Real e oficial!

— É uma receita de família — ah, que fofo! E ainda é um cara de família.
— Hum, acho que precisa de mais um tempo no forno.

Ele volta a carne para o forno, para minha decepção, e me encara com um sorriso malicioso.

— Que tal colocarmos o filme e começarmos a assistir?

— Hum, eu topo — retribuo o sorriso.

Ele liga a enorme TV de tela plana e graças a Deus puxa o sofá, que é retrátil e dá pra deitar, porque eu teria muita dificuldade de sentar com aquele body maldito.

Então, como toda a graça que consigo reunir, chego perto do sofá e tento me abaixar, mas não consigo!

Caralho!

Ele já deitou nas almofadas e está mexendo no controle remoto. Hesito por um momento, sem saber como vou deitar sem sentar antes e então, não vendo

mais jeito, me jogo no sofá e caio como uma jaca sobre as almofadas. O impacto é tanto que Renato dá um pulo e rola para o lado, caindo sobre o chão.

— Ah, me desculpe, me empolguei — tento não ficar vermelha.

Renato volta para o sofá, alisando a testa que bateu em algum lugar.

— Ah, tudo bem. Foi só o susto.

Mas já começo a ver um galo se formando em sua testa. Melhor não comentar nada. Ele corre as opções da Netflix e quando passa por *Friends* sinto uma vontade imensa de pedir para deixar lá. Força do hábito.

— Difícil escolher, né?

“Querido, a gente nem vai assistir nada, põe qualquer coisa aí”

— Deixa em *Friends* — opa, falei isso alto?

Ele me encara.

— Sério?

Dou de ombros.

— Por que não? Melhor do que passarmos horas tentando escolher.

— Está bem.

Ele coloca e eu relaxo (o máximo que é possível relaxar quando se está com um um body contraindo seus rins). Então sinto os dedos de Renato no meu braço e mordo os lábios. Ah, sim. Hoje não vou ver *Friends*, mas quem se importa?

Viro-me e sorrio convidativamente, isso basta para ele estar me beijando no momento seguinte.

Ah, sim!

Passo meus braços ansiosos por seus ombros e minha perna sobre seu quadril. Então, sinto uma dor nas costelas que me faz gemer. Renato interpreta isso como tesão e vem pra cima. Caramba, agora não só a lycra dos infernos está contraindo tudo, mas o peso do Renato também (ok, eu gostava de um peso, mas gente, não estou conseguindo respirar).

Sinto seus dedos levantando minha blusa, enquanto ele beija meu pescoço sem perceber que estou com falta de ar. Claro, ele pensa que estou ofegante por

causa de suas carícias.

— Nossa, o que é isso? — ele olha para o body maligno.

— Hum... Talvez eu precise tirar isso... antes de....bem...

Ele sorri.

— Posso te ajudar.

E ele arranca minha saia e depois minha blusa. Uau, que rápido. Pelo menos meus seios estão bem bons, assim, super levantados pelo body.

Aí o Renato começa a procurar onde é que se abre o maldito.

— Onde eu?...

— Ah, acho que tem que puxar pra baixo...

— Ah, sim.

Ele leva a mão aos meus seios e começa a puxar. Não é fácil. De repente, meus seios pulam na cara dele.

— Eita!

Mano, gritar um eita no meio da transa não é legal.

Mas ele continua puxando a lycra, que se emperra no meio da minha barriga e, senhor do céu, não vai ser nem um pouco legal se minha barriga pular na cara dele também.

— Acho melhor eu me levantar...

— Sim, certo...

Ele se levanta e eu fico lá, tentando achar um jeito de sair do sofá, mas me vejo obrigada a estender a mão.

— Pode me ajudar?

— Ah, sim.

Ele me puxa. Graças a Deus ele é forte e estou de pé em segundos. Tento tirar o body puxando para baixo e caramba, não vai! Estou suando, vermelha e nem um pouco sensual neste momento, me contorcendo toda para arrancar aquela coisa de mim.

Eu vou matar a minha mãe com requintes de crueldade!

— Acho melhor eu te ajudar — Renato começa a puxar pra baixo também.

— Acho que talvez deva ficar atrás de mim?...

— Sim, isso!

Ele se coloca por trás e começa a fazer força, desce um pouco e nem quero pensar que ele está vendo todas as dobras das minhas costas, que mais parecem as do boneco Michelin.

— Eita, está saindo!

Para de falar eita, pelo amor de Jeová!

E estamos assim naquela luta inglória.

Renato agora está tão suado quanto eu e eu só penso que este é o encontro mais flopado de todos os tempos, quando de repente a porta se abre e eu vejo uma mulher de meia idade nos encarando, com um grito mudo saindo de sua boca escancarada.

— Mãe?

Mãe?

Espera... mãe?

Que porra é essa?

— Renato, o que significa isso?

Eu cubro meus seios sem saber se saio correndo pelas ruas ou se me enfio debaixo do sofá.

— É... a senhora não estava na praia?

— Era por isso que insistiu para que eu fosse viajar? Para trazer... mulheres para casa?

— Mãe, não me embarace.

— Na verdade *eu* que estou embaraçada!

— Bem, acho que ninguém está mais embaraçada do que eu! — consigo me abaixar para pegar minha blusa e a coloco. O body ainda está preso na minha barriga.

— Bem, acho que pode me apresentar, não é? — a mãe de Renato parece mais calma agora que não é obrigada a olhar para minha barriga e meus peitos.

— Mãe, essa é Malu. Malu, essa é Irma, minha mãe.

— Estão namorando? — a mulher especula. — Não sabia que tinha uma namorada, Renato.

— Mãe, é nosso primeiro encontro — ele diz, vermelho.

E último, pelo o que estou percebendo.

Será que já posso ir embora? Assim mesmo sem a roupa?

— Ah, entendi... E já está... tirando sua ... que é isso que está usando?

Fico mais vermelha ainda, porque não acho minha saia em lugar nenhum.

— Um body compressor, sabe...

— Ah, por isso estavam com dificuldade de tirar...

Ah, Deus, me leve agora.

— É, sim.

— Bem, acho melhor decidir se vai pôr ou tirar de uma vez.

— Acho melhor tirar... — não que vá servir para alguma coisa agora, penso, desgostosa. — Se me mostrar onde é o banheiro...

— A primeira porta à esquerda.

Eu hesito, pois não quero recolocar aquele instrumento de tortura de novo, mas não consigo tirar sozinha. Renato pega minha saia e me entrega.

— Não sei se consigo tirar sozinha.

— Eu ajudo, querida, tenho experiência — a mulher se adianta.

Ah, claro. É tudo o que eu queria.

A mãe do meu crush tirando a minha roupa. Que desastre, meu Deus!

Mas com um sorriso amarelo deixo que ela me guie até o banheiro e se posicione atrás de mim. Com surpreendente destreza, me livra do body assassino.

— Uau, a senhora foi rápida.

— Isso era muito comum na minha época, mas acho que nunca coloquei para ter um encontro. Se bem que não tirávamos a roupa no primeiro encontro...

— é clara a sua desaprovação. — Sabe, querida, meu Renato é um menino de ouro. Mas se quer casar com ele não deveria ser tão fácil.

— Mas eu não quero casar com ele...

— Mas não ia entregar sua flor?

Minha flor? Que porra essa doida está falando?

— Flor?

— Virgindade.

— Oh...

Devo dizer a ela que já entreguei minha flor há muito tempo?

— Ah, olha, acho melhor eu ir embora...

Coloco minha saia e tento manter um sorriso digno no rosto quando saio do banheiro.

➤ DESASTRE

Renato está tirando a carne do forno quando entro na cozinha. Nossa, cheira muito bem e agora que estou sem o body torturador eu podia até fazer uma boquinha.

Talvez ele fizesse uma marmitinha pra mim?

— Me desculpe — ele diz, culpado.

— Devia ter me avisado que morava com a sua mãe.

Sim, era bom demais para ser verdade que aquele cara tivesse aquela casa maneira estilo Irmãos à Obra. Talvez eu devesse casar com a mãe dele, já que ela tinha uma casa daquelas e sabia tirar um body muito bem.

— Ela estava viajando — ele fica meio vermelho.

— Acho que nosso encontro foi para o brejo, né?

— Por que não fica para jantar? — a mãe de Renato aparece e começa a cortar a carne.

Ok, estou com vergonha e com ódio do mundo, mas eu posso ao menos comer e tirar algum proveito daquela noite desastrosa.

— Claro!

Sorrio, me sentando na bancada. Renato não parece muito satisfeito. Claro que ele queria era estar me comendo e não que eu estivesse comendo a carne assada.

— Meu Renato é um ótimo cozinheiro!

— Sério?

Sorrio, satisfeita, acho que Renato voltou a ser meu crush preferido.

— Mas ele só fica comendo essas comidas fit...

— Eu preciso manter a forma — ele explica.

— A comida não tem gosto de nada, querido — a mãe rebate.

— Mas é saudável.

— Acho que concordo com sua mãe.

— Devia fazer isso, comece o crossfit! Força, foco e fé... e vai mudar a sua vida.

Ah, não.

O papo do viciado em crossfit não, pelo amor das criancinhas!

— É, quem sabe?

— Querida, qual igreja você frequenta? — a mãe de Renato pergunta, passando o prato para mim.

Só tem umas saladinhas chochas ao lado da carne. Poxa, podia ter umas batatas, um arroz de forno ou uma lasanha...

— É, não... não frequento nenhuma no momento.

— Então vou te levar na minha igreja no próximo domingo. O pastor Jeferson tem um ótimo discurso para meninas perdidas.

Minha nossa!

— Mãe, para com isso — Renato me lança um olhar de desculpa.

Eu coloco a carne na boca e me ocupo em comer para não ter que responder. E então que começa.

Sinto uma fisgada no ventre.

E mais uma.

E de repente é como se tivesse um alien dentro de mim. Ou dois.

Puta merda, o que é aquilo?

Tomo um gole de vinho e tento manter o rosto sereno, enquanto a mãe de Renato fala sobre o tal pastor Jeferson. Mas minha barriga está agora sendo palco de alguma luta de MMA e começo a suar frio.

Jesus, preciso ir ao banheiro. Tipo assim, agora!

O que tem naquela carne? Papelão?

— Tudo bem, Malu? — Renato pergunta, me olhando esquisito.

Empurro o prato para o lado e sorrio.

— Claro que sim.

— Já terminou, querida?

A mãe de Renato já retira o prato da minha frente.

— Filho, lave a louça! — ela ordena para a consternação de Renato. —
Vamos para a sala, Malu, quero te mostrar algo.

Ai, jesus, eu quero ir embora!

Mas acompanho a mulher até a sala e ela me faz sentar ao seu lado, enquanto pega o controle remoto e coloca em um culto na TV. Minha nossa, ela não vai me fazer assistir, não é? Será que se inventar que sou macumbeira, ou que sou devota de Lúcifer (o da Netflix, que fique bem claro), ela me deixa em paz? Nada contra nenhuma religião, mas na atual conjuntura eu só quero dar o fora daqui!

— Eu adoro esse pastor! Vai gostar muito do culto, minha querida!

Sorriso amarelo e sacudo a cabeça, concordando.

O alien na minha barriga continua a querer sair de qualquer jeito e eu não consigo achar posição para ficar sentada.

— Ouviu isso? — a mulher pergunta, cismada, quando um ronco sai da minha barriga.

— O que? Não ouvi nada... — disfarço, mas um ronco ainda maior me faz gemer.

— Você está bem?

— Sim, claro, eu só... preciso ir ao banheiro?

Pego minha bolsa e me levanto. Saio andando toda travada, daquele jeito de quem não quer evacuar nas calças.

— Com licença, eu já volto...

E quando chego ao corredor topo com Renato, que me puxa pela mão e cola a boca na minha, em seguida me puxando para um quarto.

Não, agora não!

— Renato, não acho uma boa ideia...

— Minha mãe fica distraída com o culto, a gente pode dar uma rapidinha...
— ele beija meu pescoço e eu me contorço toda para me soltar.

Minha barriga faz um barulho que mais parece um vulcão prestes a entrar em erupção.

— Que foi isso? — Renato me solta, agora me encarando meio confuso.

— Eu preciso ir no banheiro... — sussurro e, quando estou fora de vista, corro para o banheiro e tranco a porta, me jogando no vaso.

Vocês sabem aquela cena de As Branquelas, quando um dos caras come queijo e fazem um estrago no banheiro?

Sou eu neste momento. Minha nossa senhora protetora dos usuários de Tinder, me ajude! Será que dá para ouvir as bombas sendo jogadas no vaso lá da sala? Eu só consigo me segurar na parede e rezar para que meu intestino não esteja saindo junto. Aquilo não pode estar acontecendo comigo!

Depois de um tempo infinito em que provavelmente até o meu cérebro foi cagado (com o perdão da palavra, mas não dá mais pra dosar a pílula e ser fina).

Eu me caguei toda.

Estou toda cagada!

Meu Deus!

Me levanto, ainda tonta, olho para o vaso e quase grito de horror.

Que foi aquilo? Todo o esgoto do Tietê está ali.

Dou descarga. Uma vez.

Não vai.

Repito. Ainda não vai.

Três vezes.

— Vai embora, cocô maldito! — sussurro.

E depois de umas dez descargas consigo fazer com que tudo vá embora por fim. Mas o chão está sujo também. Pego a toalha do banheiro mesmo e coloco um pouco de água e começo a limpar. Deus, que desgraça é essa?

O cheiro está um horror quando termino, então jogo a toalha no lixo. Eles não vão dar falta, vão?

Vejo que tem uns incensos na pia.

E tem até um isqueiro ali. Isso!

Acendo os incensos.

Tem um cheiro pavoroso, mas tem que servir. Aproveito, pego o isqueiro e fico mexendo no ar para o cheiro do fogo amenizar o fedor, mas sem querer tacho fogo na cortina.

— Mas que merda!

Apavorada, começo a soprar, mas claro que não adianta nada. Inferno, vou pôr fogo na casa! Começo a puxar a cortina para baixo até que ela cede e eu jogo dentro da privada. Graças a Deus, o fogo se apaga e eu respiro aliviada, mas a cortina está um horror, metade queimada, metade rasgada.

Minha nossa, como vou encarar o Renato e a mãe dele?

Preciso sair daqui! Abro a janela e pulo. Que se foda, vou fugir mesmo!

O banheiro está todo cagado, estraguei as cortinas e puta merda, acho que minha calcinha arruinada ficou no chão, mas agora já era. Corro pela rua deserta, apavorada.

Corro tanto que nem sei onde estou.

Paro para respirar e pego o celular.

Tento chamar um Uber, não tem nada perto.

Que porra?

Aí vejo uma mensagem de Thales.

Merda. Ele vai ter que me ajudar.

“Oi, sumido”

“Que porra, não estava em um encontro?”

“Deu merda. Pode vir me buscar?”

“Estou jogando.”

Reviro os olhos e ligo para ele.

— Fala. Espero mesmo que seja importante para me atrapalhar.

— Acha que não te ligaria no meio de um de um jogo se não fosse? Preciso que venha me pegar. Deu merda no meu encontro.

Deu merda literalmente.

Eu teria rido se não tivesse com vontade de chorar de ódio.

— Que diabos aconteceu?

— Por favor — ignoro sua pergunta — Não consigo chamar um Uber e nem sei direito onde estou. Vai na minha casa, pega meu carro e vem me pegar!

Thales mora a cinco minutos da minha casa.

— Vai confiar seu precioso carro a mim?

— Para você ver meu desespero! A chave está na ignição. Vou avisar minha mãe que você vai lá pegar.

— Tudo bem. Mas me deve uma!

— Obrigada!

➤ DOIS CARAS NUMA MOTO

Passo a localização e percebo que está cheio de mensagem pipocando do Renato. Nem vou olhar. A vergonha ainda me faz ter vontade de abrir um buraco no chão e enfiar a cabeça dentro!

Então, ligo para minha mãe.

— Oi, querida, tudo bem? Já sentiu os efeitos do remédio?

— Como assim?

— A pílula que tomou para desfazer as gorduras!

Meu rosto esquenta agora, mas é de raiva.

— Está querendo dizer que a maldita pílula que me deu era para cagar gordura? A senhora pirou de vez?

— Ai, querida, eu achei que tinha entendido...

— Sabe a vergonha que passei? Puta que pariu!

— Não fale palavrão, filha, é muito feio uma mulher falando palavrões, os homens não gostam.

Ah, depois do vexame de hoje acredito que nunca mais nenhum homem vai me querer! Penso em dizer, mas apenas desligo quando escuto o barulho de uma moto virando a esquina.

E puta merda.

Congelo no lugar.

Dois caras numa moto.

Dois caras numa moto, cacete!

E todo mundo sabe o que significa dois caras numa moto!

Era só o que me faltava! Ser assaltada para fechar a noite de desastre com chave de ouro! Então retiro o sapato e saio correndo pela rua. A moto acelera e eu sinto meu coração acelerando também, de puro terror.

A moto me fecha e eu paraliso, pensando que nem acabei de pagar as parcelas do meu iPhone, caralho!

— Por favor, não leva meu celular!

De repente, o cara na garupa retira o capacete e eu reconheço Thales.

— Mas que merda é essa? Você ia me assaltar?

— Por isso correu?

— Claro que sim! Ia ficar esperando ser assaltada? Dois caras numa moto significa o que?

Escuto uma risada conhecida. O cara da frente tira o capacete e vejo surgir os cabelos escuros e a fuça bonita de João.

— Seu filha da puta!

— Ei, vim salvar seu pescoço! Por que está pistola comigo?

Franzo a testa, olhando de um para o outro.

— Por que não buscou o meu carro? — indago a Thales.

— Porque o João chegou bem na hora e eu fiquei preocupado.

— E como acha que vou embora com vocês dois nessa motinha?

— Ei, mais respeito!

Se João tinha um amor na vida era aquela moto.

— Ok, perguntando com todo o respeito, como acha que vão me tirar daqui?

— Monta atrás do Thales e bora lá.

— Só pode estar de brincadeira!

— Você pode ficar aí também, se quiser.

— Devia ter feito o que mandei! — brigo com Thales.

— Mandou?

— Era só um favor! Custava ter ido até minha casa buscar o carro?

— Sabe que odeio dirigir!

— Vão ficar discutindo até que horas? — João se impacienta.

Respiro fundo e vejo que não tenho alternativa a não ser subir na moto.

Thales me passa um capacete, que eu pego de má vontade.

— Mano, sério mesmo, não tem medo que eu e o Thales desmontemos sua moto com nosso peso?

— Vocês vão pagar se isso acontecer — ele responde calmamente.

— Nem devia ter vindo! — resmungo.

— E desde quando não vou ao socorro de uma amiga?

Ah, isso dói, porque ele parece tão sincero. E merda, eles são mesmo meus amigos.

— Amigos não desfazem pactos!

— Caramba, vamos discutir isso de novo?

— Malu, acho que este não é o momento... — Thales desce da moto e coloca a blusa dele em cima dos meus ombros, que sacode com meu choro.

Sim, estou chorando no meio da rua feito uma desequilibrada.

— Vocês estragaram tudo!

De repente, um carro para e Babi, Beto e Amanda saem deles com rostos preocupados.

➤ MAIS QUE AMIGOS: FRIENDS

— Que diabo estão fazendo aqui? — indago por entre minhas lágrimas.

Será que o remédio doido da minha mãe além de me fazer ter dor de barriga também me fazia ficar com o temperamento abalado?

— O Thales mandou uma mensagem dizendo que você estava perdida na rua! — Amanda toca meus ombros — Você está bem? Foi atacada?

— Amanda, para de ser ridícula! — mas aceito quando ela me abraça.

— Calma, vai ficar tudo bem! — Babi me abraça também e de repente todos estão me abraçando.

— Eu devia odiar vocês — resmungo, aceitando o lenço que Beto me passa e assoando o nariz.

— Mas não odeia, só está brava porque não quer que nada mude — Amanda diz sabiamente.

Quem disse que Amanda não podia ser sábia?

Ou talvez ela tenha tirado essa frase de alguma música de Sandy e Junior.

— Vamos embora — Beto diz e nos guia para o carro.

— Que cheiro é esse? — Beto franze o nariz quando dá partida e eu reviro os olhos, começando um outro acesso de choro ao me lembrar do vexame.

— Nem queiram saber... — soluço.

— Que diabos aconteceu? — Babi insiste.

— Eu me caguei toda na casa do Renato...

— Quem é Renato?

— Meu crush. O cara com quem eu devia estar transando agora! Primeiro eu coloquei um body maldito e não conseguia tirar! Ai a mãe dele apareceu e me pegou com o body preso e meus peitos pra fora!

— Minha nossa! — Amanda põe a mão na boca, chocada.

— Foi horrível!

— Eu ia morrer de vergonha!

— E eu tomei um comprimido da minha mãe que ela esqueceu de contar que dava dor de barriga!

— Sei qual é! Minha mãe já tomou também — Beto ri.

— Não é engraçado!

— Desculpa, é, sim — Babi ri.

— Você não sabe o horror que foi eu correndo para o banheiro, parecia o filme As Branquelas.

E então, de repente, estou rindo também. Porque, cara, é realmente muito engraçado agora que tudo passou. Estamos rindo feito crianças quando chegamos à casa de Babi. João e Thales já estão lá.

— Estão rindo do que? — João pergunta.

— Alguém conta pra ele, preciso tomar um banho, pelo amor de Deus!

Thales vai atrás de mim.

— Você está bem?

— Agora estou.

Ele franze o nariz

— Que cheiro é esse?

— Acho melhor ir lá na sala, eles te contam. Eu vou tomar um banho!

Nunca me senti tão nojenta na minha vida, nem quando a Amanda vomitou em mim depois de sairmos da montanha russa no Hopi Hari. Depois de um banho demorado e de me sentir quase gente novamente, visto um roupão da Babi, porque as roupas dela não serviriam em mim mesmo.

Ela diz que vai colocar minhas roupas na lavadora.

Olho em volta do quarto e percebo as coisas de Beto ali. De repente, me sinto mal de novo. Era isso. Dois de nossas amigas agora eram um casal. E isso mudava tudo e me dava um medo danado.

— Eu sei que é assustador — ela entende meu olhar — mas não precisa surtar.

— Tudo vai mudar. Não quero que mude. Vocês são as únicas constantes na minha vida.

— Não vai mudar.

— Já mudou!

— A nossa amizade nunca vai mudar. Não é porque eu e o Beto estamos juntos que vamos deixar de ser amigos.

— Vão se transformar naqueles casais que só saem com casal.

Ela ri.

— Claro que não!

— Se bem que o João e a Amanda estão prestes a virar um casal também, então podem ficar fazendo encontrinho e discutindo sobre filhos e férias cafonas na Disney!

— Para de ser paranoica! — ela me abraça e eu suspiro.

— Promete que não vão virar um casal cafona?

— Eu prometo.

Ela sai do quarto e eu me olho no espelho, penteando o cabelo.

Que noite desastrosa! Eu só queria me dar bem! Ligar para um contratinho e hitar com uma transa bem feita para esquecer a traição dos meus amigos. Mas tudo tinha dado errado! Qual era o meu problema?

Thales entra no quarto e senta ao meu lado.

— Parece triste.

— Só estou cansada. E humilhada.

Ele ri.

— O João quase se mijou de rir quando o Beto contou sua história.

— Foi um fiasco! Por que essas coisas sempre acontecem comigo?

— É, as vezes você faz bastante merda.

Nos encaramos e começamos a rir com a trocadilho infame.

— É, acho que sou cheia de defeito, né?

— Você é cheia de defeito porque é de verdade — ele toca meu rosto.

E caramba, de repente eu sinto um tesãozinho.

Opa. Pelo Thales?

Me recordo de sua sugestão à tarde.

— Isso está esquisito... — murmuro.

— Sabe, sempre achei você incrível, é a minha melhor amiga. A minha pessoa preferida no mundo. Eu nem devia ter feito aquela proposta boba. Porque nunca ia arriscar transar contigo e depois, se a gente ficasse mal, não perderia minha melhor amiga.

— Mas o Beto e a Babi arriscaram...

— Incrível que eles já estão juntos há mais de dez anos!

— Então deu certo?

— E o João e a Amanda?

— O que está acontecendo, afinal?

— O João confessou que sempre foi apaixonado por ela.

— E o que a Amanda disse?

— Ela disse não à tarde, mas agora já está considerando. Sabe como é a Amanda.

— Sei bem...

— E aí?

Eu toco sua mão.

— Você é o cara mais legal do mundo, Thales.

— Ah, claro, o gordinho legal.

— Sim, um gordinho legal. Mas você é bem bonitinho também.

— Sério?

— Claro que sim.

— Estamos flertando, Malu?

Eu pisco e me levanto.

— Pode apostar!

Saímos do quarto e de repente eu me sinto muito bem.

Babi está cozinhando com a ajuda de Beto e percebo que eles sempre foram assim, muito unidos. Como é que nunca tínhamos reparado antes, que eles

se moviam juntos, como uma dança?

E Joao está no sofá com Amanda, fazendo cócegas e ela rindo e xingando. Eles também foram assim, como cães e gatos, mas sempre juntos. Talvez ficarmos juntos fosse o nosso destino.

Thales pisca pra mim quando abre a geladeira e enche dois copos de coca. É, ele me conhece. Talvez em pouco tempo sejamos três casais cafonas.

E quem disse que precisaria ser um desastre?



 E SE FOSSE REAL

Josy Stoque

E Se Fosse Real – Josy Stoque



Júnior encerrou o jantar romântico quando viu as chamas em meus olhos. Eu o desejava. Estava nítido em meu sorriso e no cruzar inquieto das pernas, em busca de uma posição confortável que só seria possível quando ele estivesse entre elas, me possuindo com a mesma fome que demonstrara durante a refeição. Queria ser a sobremesa. Precisava.

Tatiana suspira e abaixa o livro pela primeira vez desde que o começou há algumas horas. Ela sempre faz uma pausa para se preparar quando a coisa esquenta. Mas hoje está particularmente ansiosa e, em vez de se munir de seu arsenal erótico, como de costume, Tati desbloqueia a tela do celular e toca com a ponta do dedo no ícone do app de namoro no qual se cadastrou há algumas semanas.

Foi uma experiência um tanto intensa. Durante a primeira semana no aplicativo recebeu tantos convites para conversas que não deu conta de responder à maioria. Foi uma surpresa, não necessariamente boa. Como uma romântica incurável, mas também uma mulher desconfiada pelas rasteiras da vida, Tatiana fincou dois pés atrás, mantendo-se distante o suficiente para analisar todos os pretendentes sem ilusões.

Não a julgue antes de conhecê-la melhor. Tati, como gosta de ser chamada, já se frustrou muito com homens reais. Ela compreendeu que eles jamais serão como os mocinhos maravilhosos dos livros que lê ou das comédias românticas

cinematográficas que sempre lhe arrancam lágrimas. Mas isso não tornou mais fácil para ela aceitar as mancadas masculinas. Se está difícil para nós que temos dois pés no chão, imagina para quem vive com a cabeça no mundo da lua, como Tatiana?

Pois é. Agora você entende que o buraco é mais embaixo.

Ela toca na bolinha com o rosto de um rapaz não muito bonito, mas que também não é feio. Seu nome é Júnior. Preciso contar outro segredo sobre Tati. Enquanto lê, ela troca os nomes dos personagens para o seu e o do crush. Foi a solução que encontrou para viver as histórias que a encantam, já que na vida real não consegue vivenciá-las. Ela se considera a pessoa mais azarada do universo.

Tatiana relê a conversa que tiveram, ignorando o fato de Júnior estar offline. Acha até bom, já que não está no clima para papo. Ela acredita que entrar para o aplicativo tenha piorado tudo. Não consegue mais curtir as histórias ficcionais como antes, em sua bolha de ilusão romântica. O app é uma agulha afiada que furou sua bolha e a trouxe para o mundo real.

Quando é que conseguiria conversar com os caras do mesmo jeito que as mocinhas faziam nos livros? Por que eles não entendiam as indiretas? Não que a conversa não tivesse esquentado. Isso era fácil de acontecer. Mas nenhuma tinha aquele quê a mais que há na ficção: sedução e romantismo, duas coisas que envenenaram sua alma há tanto tempo que se sente morrendo de amor, um amor que não consegue concretizar.

Tatiana não gosta do mundo real e preferia não conhecê-lo. Sua mãe, sua melhor amiga e até mesmo a colega do trabalho já a aconselharam a dar uma chance de verdade ao tal Júnior e ver o que acontece. Já cansaram de lhe dizer que criar expectativas estava fodendo suas chances de relacionamentos reais e duradouros. Tati não sabia como ele ainda não tinha desistido de falar com ela. Talvez elas tenham razão.

Tomada por uma coragem que desconhecia, digita uma mensagem antes que se arrependa. Envia antes que volte atrás. Quando soube que não conseguia apagar as mensagens do app de namoro como no Whatsapp, ficou mais

cuidadosa, mas agora até que é uma boa coisa. Tatiana se sente uma covarde na maior parte de tempo e tem inveja das protagonistas femininas que sabem o que querem e fazem acontecer.

É a sua vez de mostrar que aprendeu alguma coisa útil nos romances que lê.

Sua concentração na leitura vai para o espaço por causa da ansiedade que a toma pela resposta de Júnior. Fica irritadiça por ter que esperar tanto para que ele fique online e responda. Ela realmente não tem sorte. No entanto, a resposta animada dele a deixa contagiada, quando finalmente aparece. Apesar do medo, com o coração disparado e a boca seca, Tati lê as palavras do rapaz com crescente empolgação. Chama a Ludmilla que é hoje!

Sua mente fica frenética e seu corpo acompanha. Tatiana passa seu número para Júnior e os apitinhos do Whatsapp a deixam feliz. Vai acontecer e dará tudo certo. Ele parece tão ansioso quanto ela. Tati passa o restante do tempo se arrumando e respondendo as mensagens dele, entre picantes e engraçadas. Ela gosta do Ju. Ele é fofo e, pelas conversas sensuais que tiveram, deve ser bom de cama também.

Não é esperar demais que esse encontro seja perfeito, não é?, Tatiana pensa e eu, daqui do alto de minha onipresença, discordo, mas não digo nada, porque não quero desanimá-la quando finalmente dá o primeiro passo rumo à realização de seu desejo. Poxa vida, se quer, se joga, garota! A vida passa e quando se der conta só vai ter sobrado arrependimento onde deveria haver uma montanha de momentos e vivências.

Eles marcam de se encontrar em um local público. Prudência nunca é demais.

— Oi, princesa — Tatiana acha fofo que Júnior a chame assim. Parece íntimo e agradável. Como nos livros, denota conexão. Ele se aproxima e lhe dá um beijo demorado e quente no rosto, abraçando-a com um braço só, mas tão apertado e tão perto que ela se sente aquecer em seu calor. Nossa! Até eu esquentei aqui.

— Oi, Ju — responde, tímida e corando. Sério mesmo, Tati? Ela se encolhe quando ele se afasta, como se já sentisse falta de seu abraço.

Júnior puxa a cadeira para que ela se sente e Tatiana agradece com um sorriso comedido. Ele se senta e faz o pedido, questionando-a sobre o que prefere. Foi ele que sugeriu o restaurante, portanto, conhece os pratos melhor. Ela gosta do clima bom e que ele tome a iniciativa. Ju também pede uma garrafa de vinho. Tati gosta de vinho e fica feliz que ele tenha acertado. Por enquanto, está tudo indo bem.

A refeição é prazerosa e a conversa, agradável. Há algo a mais no ar. Tatiana acha que vai rolar um sexo gostoso de sobremesa, como no livro que está lendo. No entanto, a primeira decepção acontece. Depois de pagar a conta, Júnior a leva direto para casa. Na porta, antes dese despedirem, ela perde o controle e o agarra. Seu ataque é tão preciso que vai parar em seu colo, esmagada entre ele e a direção do carro.

A posição torna impossível se mexer e com cinco minutos de um beijo molhado e duro, a dor nas costas fica terrível. Mas Júnior parece alheio ao desconforto que a acomete. Ele a beija como se buscasse o ar de sua boca e suas mãos já estão enfiadas dentro de sua roupa. Para alcançar os seios dela, empurra-a para trás e sua coluna estrala. Tatiana não consegue se conter, ergue a cabeça para o teto e solta um grito sofrido:

— Ainnnn, minhas costas!

Júnior sai do transe, abre os olhos e a encara, assustado. Não sabe se deve movê-la com medo de machucá-la mais.

— Acho que desloquei alguma coisa aqui — Tati ainda geme, travada, com medo se mexer e piorar a dor.

— O que devo fazer? — Júnior se desespera.

— Melhor me levar ao médico.

— Você consegue se sentar no banco do passageiro para eu poder dirigir?

— Vou tentar.

Tatiana morde o lábio inferior antes de mover qualquer músculo, mas a dor

é tão intensa que ela para de novo.

— Não consigo. E agora?

— Vou ligar para o SAMU.

O celular de Júnior está no bolso de sua calça. Quando tenta pegá-lo, Tatiana perde o controle e o soca. Ele teve que se mexer e conseqüentemente a moveu junto.

— Fica quieto, senão eu te mato! — ameaça, sentindo uma dor descomunal.

— Calma, Tati. Como quer que eu te ajude se não puder me mexer?

Ela suspira, cansada e amedrontada.

— Tem razão, me desculpa? — faz muxoxo.

— Claro que te desculpo, princesa — ele sorri de maneira safada, fazendo-a se esquecer da dor por um instante.

Tomada pelo momento de paixão e fofurice, Tatiana o beija com toda a vontade que ainda a habita. Porém, a dor torna impossível continuar e, escorando-se no encosto do banco, volta a gritar com toda a sua força.

— Caralho! Filho da puta! Desgraça!

Júnior nunca viu tanto palavrão sair da boca de uma mulher que não fosse a sua mãe estressada com seu pai. Não consegue evitar o riso que a cena lhe provoca. Mas seu corpo chacoalhando desencadeia mais uma onda de palavrões dos lábios de Tatiana.

— Merda! Cacete! Porra!

Alguém bate no vidro do automóvel e os dois se sobressaltam. O susto faz com que Tatiana se mova mais do que pretendia e suas costas se desencaixam da direção com um latejar profundo, porém curto. Os dois olham para a pessoa que espia para dentro do veículo.

— Tatiana, está tudo bem com você? Esse homem está te machucando?

Júnior tenta se defender, mas gagueja, surpreso demais com o fato de o vizinho de Tatiana estar segurando uma chave de fenda de forma ameaçadora.

— E-eu n-não...

— Não, seu Mauro, dei só um mau jeito aqui, mas já passou.

— Tem certeza, Tatiana? — o vizinho olha de um para o outro, ainda desconfiado.

— Talvez eu ainda precise de uma ambulância, mas o Júnior não tem culpa de nada — admite, rindo.

Seu Mauro volta para casa, olhando por sobre o ombro de sobreaviso. Júnior suspira longamente, com os olhos fixos no senhor armado. Tati está tão envergonhada que resolve encerrar a noite e ir para o hospital sozinha se for o caso. Sem beijá-lo, Tatiana deseja boa-noite e desce do carro antes que cometa mais algum desastre que deixe Ju tão machucado quanto ela.

Júnior não aceita e corre atrás dela, segurando-a pela mão para não feri-la.

— Ei, não vou embora sem saber se vai ficar bem. Deixe-me levá-la ao hospital. Por favor — suplica quando ela reluta.

Tatiana suspira pela enésima vez naquele dia. Que dia! Era para ser um primeiro encontro perfeito, mas ela conseguiu destruir tudo. E olha que o medo que tinha era de que Júnior fosse o problema. Talvez o problema fosse ela. Talvez não estivesse destinada a ter uma relação real. Talvez estivesse fadada a viver no mundo encantado e provocante dos romances eróticos. Nos livros, mesmo que acontecesse alguma merda, dava tudo certo no final.

— Não precisa, está tudo bem mesmo. Vou tomar um Dorflex e dormir. Mas foi uma noite muito agradável. Obrigada — consegue forçar um sorriso que o tranquiliza.

Júnior arremeda um sorriso, aceitando que não haverá um final de noite melhor que aquele.

— A gente pode tentar de novo quando você estiver se sentindo melhor, o que acha? — mas ele também não perde as esperanças.

Tati agita a cabeça antes de responder:

— Sim, claro. Tenho certeza de que vou acordar melhor amanhã.

— Então, boa noite. Melhores — ele abre um sorriso imenso e lhe dá um beijo inocente na bochecha.

Tatiana controla seu afoitamento e decide que, se realmente houver uma próxima vez, não moverá um dedo sequer para tomar iniciativa.

DOIS

Júnior não conseguiu esperar que estivéssemos dentro do carro, ou mesmo em um local menos público. Do lado de fora do restaurante, antes de abrir a porta do automóvel para eu entrar, ele me prensou contra a lataria, que rangeu com a violência de seu desejo. Ele me queria e ter certeza disso me inflamava mais. Senti algo quente escorrer entre as minhas pernas, umedecendo-as.

Tatiana está lendo seu livro, ainda sentindo fisgadas nas costas, quando seu Whatsapp apita. Havia desistido de Júnior. Com certeza ele desistiu dela depois daquele primeiro encontro desastroso e de uma noite de sono e reflexão. O rapaz deve ter visto que não dá para sair com uma maluca que o ataca no carro e depois grita para todo mundo ouvir. Seu Mauro acredita que Ju é um agressor de mulheres.

O vizinho foi visitá-la na manhã seguinte, mas quem abriu a porta foi a sua mãe. Tatiana nunca passou tanta vergonha na vida. A mãe, preocupada com a integridade da família, quis ver a lesão e depois de conferir o hematoma em suas costas, queria chamar a polícia e fazer corpo de delito. Foram algumas horas para a moça explicar que havia sido um acidente provocado somente por ela mesma.

Sua maior vergonha foi ter que explicar para a mãe, com todas as letras assombrosas, que fora ela que o atacara e por isso a única culpada pela dor latejante nas costas. Depois daquela conversa, a matriarca a acharia uma garota atirada, que não podia ver um homem que já queria sentar no pau dele. No entanto, ela não disse nada disso, mas para a filha seu olhar bastou para traduzir o que pensava.

Depois da conversa difícil com a mãe, Tati não quis ter com mais ninguém, por isso se negou a responder as amigas no Whatsapp. Olha o celular agora só pela curiosidade. São mais de cem mensagens ignoradas com sucesso, no entanto, o nome de Júnior salta nas notificações e ela não acredita. Também não acredito, mas é verdade. Ele mandou algumas mensagens para Tati, que está decidindo se vai responder.

Quer dizer, se vai ao menos ler. Nem isso teve coragem ainda.

A curiosidade vence e Tatiana desbloqueia a tela para conferir o que Júnior tem a dizer. Pensou que ele sumiria por uns dias, por mais que tivesse dito que falaria com ela no dia seguinte, não acreditou de verdade em suas palavras. São coisas que as pessoas dizem por educação, não significa que sejam sinceras. Mas lá está um Júnior preocupado com seu estado de saúde e seu humor, chamando-a para sair de novo se estiver disposta.

Sem ter certeza do que dizer, Tati pede socorro às amigas. Elas estão furiosas com o vácuo, além de preocupadas que alguma merda tivesse acontecido com ela devido ao seu sumiço, e ficam aliviadas quando Tatiana responde que está tudo bem apesar de confuso, contando em um áudio de cinco minutos o caos da noite passada. Conforme vai colocando para fora, percebe que não foi tão ruim assim. Podia ser pior.

— Com certeza — retruca a melhor amiga.

— Se você recusar sair com ele vai provar para mim que é uma otária — desafia a colega de trabalho, sempre mais dura, mas não menos certa.

— Tudo bem, tudo bem, vou me desculpar e aceitar o convite — Tati se rende.

— Se desculpar pelo quê? — discorda a melhor amiga.

— Só se for de ser trouxa — zomba a colega de trabalho.

Tatiana as ignora e manda um emoji nada educado. Abre a conversa com Júnior, que continua online, esperando pacientemente que ela responda às suas mensagens. Ela explica que estava lendo, como desculpa pela demora, e ele, sabendo que Tati é uma devoradora de livros, aceita numa boa, encurtando a

conversa com uma frase que a deixa totalmente desconcertada:

— Não quero atrapalhar a sua leitura, mas não paro de pensar no nosso beijo.

Ela demora mais do que o normal para responder, lendo e relendo a frase sem parar. Uma frase igual a de seus livros. Será que seu sonho secreto se realizaria e ela encontraria um cara que pelo menos se esforça para ser como os mocinhos sedutores de seus amados romances?

— O beijo foi literalmente marcante, não é? — ela brinca, fazendo alusão ao hematoma nas suas costas.

— É bom saber que o nosso primeiro encontro deixou uma marca em você — ele entra na brincadeira.

Isso está ficando cada vez melhor, Tati se anima.

— Fico aliviada por não ter te assustado — é sincera.

— De jeito nenhum. Nem sempre as coisas acontecem como a gente imagina e eu tento não criar expectativas. Para mim foi uma surpresa aquele beijo ardente, mas não menos interessante e desejado.

Tatiana se preocupa em ter sido precipitada. Então ele não pretendia beijá-la?

— Ah... — é o que consegue escrever, sentindo-se perdida.

— Não quero que se sinta mal ou culpada. Eu queria tanto quanto você, princesa. Desculpa por não ter demonstrado. É que não tinha certeza de que você queria.

— Ah! — continua sem graça, mas com um sorriso no rosto. — Eu queria.

— É, agora eu sei. Você foi bem clara. Fico feliz e grato por isso.

Ambos enviam emojis de risadas e combinam de ver um filme que acaba de entrar em cartaz. Gosto do programa, mais do que um restaurante. Cinema tem um clima gostoso. Escuro, íntimo e ainda uma chance de conhecer os pensamentos do outro em assuntos de maior relevância. Muitos filmes abordam temas atuais ou conhecimentos históricos. Cultura sempre é uma grande oportunidade para troca rica de ideias.

Eles se encontram na porta do cinema. Júnior, que chegou antes, já comprou os ingressos para a última fila. Tatiana acha propício para uns amassos deliciosos e não vê como algum desastre possa acontecer na segurança da poltrona acolchoada. A sala está lotada. Parece que toda a cidade resolveu assistir àquele filme hoje. Tati não gosta, mas sorri para Ju, que aperta a sua mão e a guia até as cadeiras marcadas.

Os trailers começam assim que se acomodam. O combo de pipoca com refrigerante está entre eles e Tatiana come sem parar. Uma para se distrair e outra para eliminar aquele entrave do meio deles. Quando já comeu metade, ela se dá conta de que já estragou seu hálito fresco e que tem casquinha do milho presa entre os dentes. Toma o refrigerante e esfrega a língua na ânsia de removê-lo.

O filme começa e, como é 3D, precisam colocar os óculos especiais. Tati mal presta atenção na trama, enquanto Júnior ri e reage ao seu lado, curtindo o longa e a pipoca que ela abandonou. Tatiana não consegue se concentrar, só pensa na maldita hora que aceitou ir ao cinema e que resolveu comer pipoca antes de beijar o crush com quem gostaria de ter uns bons amassos.

Mas parece que os planos de Ju não são os mesmos. Ele realmente assiste ao filme e não tenta beijá-la em nenhum momento. Nem mesmo segura a sua mão quando a pipoca acaba. Talvez ele também esteja envergonhado. Tati está incomodada com a gordura nos dedos. Não vê a hora de ir ao banheiro para lavá-los. Por que também concordou com a manteiga?

Quando percebe que nada pode acontecer naquela sala escura, minando todas as suas expectativas, ela cruza os braços e presta atenção nos trinta minutos finais, mas não consegue curtir. Perdeu toda a trama e não entende o final. Júnior a leva para fora falando, comentando cenas que ela não viu, e Tatiana o deixa falando sozinho, sorrindo e balançando a cabeça. É só o que lhe resta fazer para não estragar a noite de novo.

Quando vê a placa indicativa dos sanitários, diz que precisa ir e foge. Escora na pia e se encara diante do espelho, morrendo de vergonha. O que está fazendo com seu segundo encontro, que era para ser perfeito? Também não sei e

quero muito compreender. Juro por Deus! Tati suspira, lava as mãos, faz gargarejo com água mesmo e lava a boca, que também está engordurada da manteiga. *Graças a Deus que não o beijei na sala!*, se alegra.

Ela acredita que ainda pode evitar um novo desastre. Vai dar tudo certo, diz a si mesma antes de sair do banheiro e encontrá-lo encostado na parede, sorridente, com as mãos no bolso. Ele está particularmente bonito e despojado de bermuda e camiseta. Tatiana abre um sorriso imenso e acredita que agora não tem por que não dar certo. Imagina que ele vá levá-la para o motel que viu no caminho até o shopping.

Ledo engano. Quando passam do motel, ela cruza os braços. Ele ainda está falante e bem à vontade. Ela gosta, mas queria mais. Nem sabe bem o mais que quer, só sabe que quer. Júnior para em frente à sua casa, desce e abre a porta dela, guiando-a pela mão até a entrada. Como naqueles filmes de comédia romântica, Ju para, sorri, enfia as mãos nos bolsos e olha para Tatiana intensamente.

— Adorei o nosso segundo encontro — ele diz, desviando o olhar para sua boca.

— Eu também — ela mente e mente mal, mas a expectativa de ganhar um beijo de despedida aquece seu corpo inteiro.

Ela não espera. Talvez esse seja seu mal. Não saber esperar. Em algum momento entre um olhar e outro ela simplesmente perde a noção. E lá está Tati de novo, em um ataque preciso, que termina com suas bocas grudadas. Que delícia de beijo! É do jeito que Tatiana se lembra. Ela se perde nele e se entrega, deixando todo seu peso amolecer nos braços do rapaz, que a segura firme.

Suas costas doloridas vão de encontro ao muro e ela geme. Júnior se lembra do machucado e escora sua coluna com a palma macia, amenizando o atrito. A dor é mais fina e incomoda menos, mas a quentura aos poucos a ameniza. É confortável e agradável estar nos braços de Júnior. Nunca sentiu uma conexão tão forte e rápida com outro antes.

É de repente que sente um solavanco e Ju desaparece. Tatiana abre os

olhos, os braços estendidos no ar vazio à sua frente, e encara a cena mais bizarra da sua vida. Seu Mauro arrasta Júnior para sua garagem, com a chave de fenda ameaçadora presa na cintura. Ah! Esqueci-me de contar que seu Mauro é eletricitista. Desculpa. Pensei que fosse óbvio. Ele é aposentado, mas faz bicos. Já fez muitos consertos na casa de Tatiana, que mora só com a mãe desde sempre. Por isso seu Mauro é tão protetor com a moça.

— Seu Mauro, solte o Júnior! — ela implora e corre até eles para salvá-lo.

— Esse rapaz precisa de uma lição para ter mais respeito com moça de família.

— Juro que está tudo bem, seu Mauro. Pode soltá-lo, por favor? Ele não fez nada!

— Você é jovem, Tatiana. Não tem pai para protegê-la. Mas eu não vou deixar que nenhum espertinho lhe faça mal.

O homem não para de arrastar Júnior, que se debate tentando se livrar, mas sem ameaçar a integridade física do senhor idoso.

— Não fiz nada de errado, seu Mauro! O senhor está enganado. Respeito a Tati!

A gritaria chama a atenção da vizinhança, que espia pela janela e vem até as calçadas assistir ao barraco. A coisa piora quando a mãe de Tati também aparece.

— O que está acontecendo aqui? — ela coloca as mãos na cintura.

— Mãe, me ajude! — Tatiana suplica, sem saída a não ser se humilhar mais. Que vergonha! — Seu Mauro perdeu o juízo e quer punir Júnior por nada.

A mãe encara a filha com olhos estreitos e ameaçadores.

— Seu Mauro, me desculpe se minha filha sem juízo está se agarrando com os outros na rua, mas ela está fazendo isso porque quer — a senhora diz alto para todo mundo escutar.

Seu Mauro para. Júnior também. Tati olha para a mãe sem acreditar. Não se ouve nem uma mosca. Vizinhos balançam a cabeça, criticando a pobre moça, que só queria conhecer alguém e transar, e ninguém tinha nada a ver com isso.

Mas não é assim que pensam sua mãe e seu Mauro. Naquele instante, Tatiana decide que nunca mais vai trazer outro homem para casa de novo. Não enquanto morar ali.

O vizinho solta Júnior e olha tristonho para a Tatiana, como se ela fosse uma perdida. Ela fica triste, mas o encara, esperando a bomba. O velho não diz nada e volta para casa, virando-lhe as costas como se não merece mais o seu apreço. A moça se sente mil vezes pior e, antes que alguém diga mais alguma coisa ofensiva, ela corre para dentro e se tranca no quarto.

Seu celular apita sem pausa, mas ela o ignora. Não quer falar com ninguém agora. Talvez nunca mais queira. Um buraco poderia se abrir e engoli-la ou alienígenas poderiam invadir a Terra e abduzi-la. Ela não se importa com mais nada. Só quer sumir.

TRÊS

Eu dirigia enquanto Junior me beijava e masturbava. Sentia as pernas tremerem, moles feito gelatina sobre os pedais. Por isso, decidi reduzir a velocidade, o que também prolongaria o meu prazer. Ele fazia promessas obscenas no meu ouvido, arrepiando todos os pelos do meu corpo. Se com as mãos, a boca e a língua Junior podia fazer maravilhas, imagina com seu longo e grosso pau?

Tatiana chora e funga, largando o livro para assuar o nariz. Ela só quer transar, por que ninguém entende? É maior de idade, portanto, era para ter uma vida sexual ativa. Não é mais adolescente para viver de masturbação. E ela sabe que até adolescentes hoje em dia transam. Por que sua mãe e seu Mauro não aceitam que ela é adulta e que sexo é natural? Ainda bem que suas amigas compreendem e a apoiam.

É com elas que Tati se consola. Envergonhada demais, ignorou todas as mensagens de Junior e o bloqueou. Não acredita que seja possível que ele ainda se interesse por ela depois do vexame que o fez passar. Começa a pensar que talvez seja uma aposta idiota, daquelas que crianças fazem na escola: eu duvido que você beije fulano. Só pode ser por isso que ele insiste tanto. Não faz sentido para ela.

Suas amigas discordam. Acham que ele realmente gosta dela, apesar de ser uma “imbecil trapalhona”, palavras delas. Tatiana está tão chateada que nem se ofende mais. A mãe lhe fez um sermão de meia hora sobre ser discreta, disse entender que ela queria namorar e não tinha nada contra, mas que não precisava fazer isso na frente de toda a vizinhança. Nisso teve que concordar com a mãe.

— Para de choramingar — a colega de trabalho se estressou quando ela contou a tragicomédia no dia seguinte. — Seus vizinhos não têm nada a ver com a sua vida sexual. Seu Mauro extrapolou os limites. Nem se ele fosse seu pai poderia ter feito o que fez.

— E sua mãe não podia estar mais errada — salientou a melhor amiga. — Eu duvido que ela nunca se agarrou com alguém contra um muro. Quem nunca fez isso que atire a primeira pedra.

Devo confessar que até eu já fiz isso. Não estou aqui para julgar Tatiana. Apenas para narrar os fatos e torcer para que ela consiga o que tanto quer: transar com Junior.

Nesse momento, suas amigas são as pessoas mais generosas e inacreditáveis de sua vida. Tatiana sorri e as abraça, feliz por tê-las nesse momento sofrido e por ter aceitado sair de casa depois de uma semana de molho. Ainda bem que largou aquele livro e resolveu dar o ar de sua graça na rua. Elas foram a uma lanchonete. O programa não podia ser melhor: lanche e sorvete. É exatamente do que ela precisa agora.

— Vocês não sabem como me sinto — ela lamenta, sugando seu milkshake ruidosamente. — Aquele maldito livro estava me fazendo chorar. Toda vez que a personagem goza com o mocinho, eu choro. Minha vida é muito triste!

As amigas dão risada e tapinhas amistosos nas costas de Tatiana. Ela é tão dramática, mas também muito engraçada. Não posso negar. Estou muito ansiosa para saber como essa história termina. Espero que esteja também. Sou #TeamJunior e você?

— Você devia desbloquear o cara, se desculpar por ter feito isso e tentar uma terceira vez — aconselha a melhor amiga, sempre a voz da razão.

— Ah! Esse cara já era. Parte para outra, amiga — a colega de trabalho pensa diferente. — Para quê se humilhar mais?

Tatiana olha de uma para a outra com os olhos arregalados. Fica assustada com conselhos tão divergentes. A verdade é que ela se arrepende de tê-lo bloqueado. Há algum mérito na persistência de Junior. Ele nunca foi invasivo,

mas respeitoso e decente. Parecia um cara legal apesar de conhecê-lo pouco. Mas uma terceira chance implicava em passar por cima de seu ego dilacerado. Difícil decisão.

— Eu gosto dele — admite para a colega de trabalho. — Mas não sei se o suficiente para tentar outra vez — faz uma careta para a melhor amiga.

— A sua resposta está aí — a colega completa, se sentindo vitoriosa no embate.

— Você que sabe o que é melhor para você — diz a amiga. — Só não se feche.

Tati assente, sugando inconsolável o restante do conteúdo do copo. Desbloquear Junior não dava nenhuma garantia de que ele realmente não tivesse desistido dela e seguido em frente. Se fosse o contrário, ela estaria com raiva e nunca o perdoaria. Por que deveria esperar que ele fosse generoso a ponto de estar esperando ou acreditar em qualquer justificativa tosca que ela der? Sua colega de trabalho tinha razão.

A porta da lanchonete se abre, trazendo o reflexo solar para dentro do lugar fechado e arejado, que a cega por um instante. Quando se fecha, bloqueando a claridade, Tatiana arregala os olhos, espantada. Junior acaba de entrar, acompanhado de dois amigos. Eles estão sorridentes e brincam um com o outro. Ele não a viu e ela se encolhe, tentando desaparecer debaixo da mesa.

— O que houve? — sua melhor amiga percebe e segue o olhar de Tati, olhando para trás. — PUTA MERDA!

— Que foi? — a colega segue o exemplo da amiga e se choca. — Não acredito!

Ambas já haviam visto a fotografia de Junior e o reconheceram de imediato.

— Quem são os gatinhos junto com seu crush? — a colega de trabalho é a primeira a reagir de um jeito que as outras não esperam. — Acho que você devia fazer as pazes com ele só para gente conhecê-los também.

A melhor amiga soca o ombro da colega, que reclama, mas se cala,

entendendo.

— Você acabou de dizer que a fila anda — Tatiana sussurra.

— Isso foi antes de eu ver que esse Junior pode render não só uma boa foda para você, como para nós duas — e aponta para a melhor amiga.

— Nem vem que eu não estou precisando de homem. Estou ótima sozinha.

— Muita hipocrisia de sua parte falar e falar para Tatiana dar uma chance para o Junior, quando você foge de relacionamentos há tanto tempo — a colega de trabalho aponta o dedo na cara da outra, sem dó. — Pronto, falei o que Tati está pensando.

— Não me inclua nessa — Tatiana se desespera, aumentando o tom de voz.

Junior franze o cenho e olha na direção delas. Eu estava aqui urrando e torcendo para isso acontecer. Ele sorri ao reconhecê-la, derrubando a barreira frágil que Tati construiu ao seu redor. Os amigos falam com ele, mas Ju os ignora e caminha até ela, determinado. Para bem ao seu lado, que está livre, e fala antes de tocá-la:

— Oi, Tatiana, tudo bem? Achei que nunca mais fosse vê-la de novo. Como o mundo é pequeno.

Tati faz uma careta, mortificada. Ela cora, arrancando-me gargalhadas.

— Oi, tudo bem e com você? Eu perdi meu celular, acredita? Foi a maior confusão. Perdi os contatos e não consegui comprar outro ainda.

A colega de trabalho faz um sinal positivo, incentivando a mentira. A amiga ergue as sobrancelhas, chocada.

— Jura? Achei que tivesse me bloqueado, por estar envergonhada com o que o seu vizinho fez comigo. Queria que soubesse que não a culpo. Se alguém tem culpa nessa história é o seu Mauro que não bate bem da cabeça. Aquele senhor me dá medo — Ju finge estar apavorado, mas ri, com as mãos enfiadas no bolso.

Tentando se fazer notar, a colega de trabalho solta uma risada alta, que chama a atenção dos outros amigos. Eles se aproximam, posicionando-se

estrategicamente ao lado de cada garota. Tatiana olha para aquilo sem acreditar que esteja acontecendo.

— Será que bati a cabeça e acordei em um universo paralelo? — resmunga.

— O que disse? — Junior se inclina, apoiando as mãos na mesa e ficando bem acima dela.

Tati estica o pescoço para cima e se surpreende com a proximidade. Paralisada, sente a onda atrativa que a puxa direto para os lábios do rapaz. Chacoalha a cabeça. Será que Junior sabe a atração que exerce sobre ela e conta com isso para que Tatiana caia em sua conversa de novo? O que ele realmente quer?

— Nada. Seu Mauro não está falando comigo desde aquele dia e eu acho ótimo.

— Com certeza. Com todo o respeito, que velho maluco.

— Ele só estava preocupado.

— Sim, eu entendo, você não tem pai e ele assumiu essa responsabilidade. Mas você precisa concordar que aquela chave de fenda o faz parecer um psicopata.

Ela balança a cabeça, concordando, tentando rir com ele, mas não conseguindo quebrar a tensão que tomou todo seu corpo assim que o viu entrar na lanchonete.

— O que vai fazer hoje à noite? — ele pergunta despretensiosamente, obrigando-a a encará-lo de novo. — Vamos ao estádio ver o tricolor destruir o timão.

— Ah! Nem pensar! — a colega de trabalho se intromete no quase convite. — O timão vai detonar o tricolor. Sem chance, irmão.

— Quer apostar? — ele estende a mão para a colega de trabalho, que aceita.

— Uma caixa de cerveja — ela completa a aposta.

— Feito — ele solta a mão da colega e olha para Tatiana com seu

inseparável sorriso conquistador de corações solitários. — Vejo vocês no jogo.

Ele aponta o dedo para Tati e se afasta de ré, como se não quisesse perdê-la de vista. Ela não consegue retribuir. Está chocada demais. Quando eles saem da lanchonete, ela se ajeita na cadeira, percebendo que ainda estava encolhida, e olha assombrada para as amigas.

— O que foi que aconteceu aqui?

— Temos um encontro triplo! — a colega de trabalho vibra, comemorando. — E ainda vou beber cerveja de graça na conta daqueles bambis — ela se ajeita na cadeira, colocando as mãos atrás da cabeça, relaxada e sorridente.

— Idiota, que merda você fez? Eu odeio futebol! — dessa vez, a melhor amiga estapeia a colega de trabalho até que ela precise erguer os braços contra o rosto para se proteger.

— Eu nem sei qual é o tricolor — resmunga Tatiana, mais perdida que a outra.

A colega de trabalho ri tanto que perde as forças e a melhor amiga desiste de bater nela. Tatiana? fica emburrada, com os braços cruzados contra o peito, remoendo seu ódio internamente. As três reagem tão diferente a essa noitada com as amigas que eu nem sei o que esperar. Tem tudo para ser outro desastre, não concorda?

➤ QUATRO

Estacionei na garagem de casa quando gozava pela quinta vez. As pernas se transformaram em marias-moles. O carro morreu quando meus pés escaparam dos pedais antes de desligá-lo totalmente. Ninguém se importou. Junior aproveitou minha fraqueza e puxou as minhas pernas para cima, abrindo-as o suficiente para acessar meu clitóris sensível com a língua. Bendita hora que escolhi o vestido.

Tatiana não devia ler depois do banho, antes de ir ao jogo com as amigas. Agora está em ponto de bala, criando mil expectativas sobre o encontro com os rapazes e pensando no que a língua do Junior real pode fazer com o seu abandonado clitóris. Se fosse tão bom quanto o beijo, ela podia apostar que gozaria muito naquela boca gostosa. Está se masturbando loucamente, quando o celular toca, fazendo-a derrubar o vibrador no chão. O objeto vai parar debaixo da cama devido à vibração que ainda está ligada.

— Alô, quem é? — não reconhece o número no identificador de chamadas.

— Oi, princesa. Como você ainda não me desbloqueou, estou ligando do telefone do meu amigo, que estava comigo na lanchonete essa tarde.

— Ah, oi, Ju — está sem fôlego, descompensada. Ele descobriu que ela mentiu.

— Hm... Essa voz cheia de ar... — ele murmura do outro lado da linha. Ela ouve as vozes dos amigos ficarem mais distantes, como se Junior estivesse se distanciando deles. — Conta para mim o que está vestindo.

O calor e a excitação já fizeram seu rosto ficar vermelho, mas as palavras

de Junior reacendem a chama. Tatiana joga o problema da mentira para o fundo de sua mente.

— Você vai ter que descobrir sozinho — Tati nem acredita na ousadia que tem.

— Não vejo a hora. Diz que você está se tocando agora, imaginando que sou eu te chupando.

Tati não acredita em sua sorte, por isso sorri, resfolegando. Fecha os olhos e volta a se tocar, ignorando a vibração que continua debaixo da cama. Estava muito perto de gozar.

— Sim. Estou tão excitada que meu grelo tá duro.

— Hm... Princesa, goza na minha boca. Vou me lambuzar todo no seu gozo. Delícia.

Tati gosta do que ele diz e aumenta o ritmo, sentindo a cabeça ferver de excitação.

— Eu vou gozar, sua boca é perfeita demais, não para o que está fazendo — ela incentiva, retorcendo-se sobre o lençol.

— Imagina minhas mãos apertando suas coxas, meus lábios envolvendo e puxando seu grelo duro, meus dedos invadindo sua boceta molhadinha.

— Ah, sim! Oh! — Tati perde totalmente o controle e fica incoerente, incapaz de responder as palavras de Junior. Seu gozo é tão intenso que sente um jato ensopar seus dedos e solta um grito. O corpo tremelica sem parar conforme diminui o ritmo dos dedos.

— O que está havendo aqui? — sua mãe invade o quarto e pega a filha com as pernas abertas, as mãos na boceta e a roupa embolada na cintura. — Tatiana!

— Mãe!!!

— Vixi — ouve Junior antes de soltar o celular e se cobrir com uma peça de roupa jogada sobre a cama enquanto escolhia a que usaria para o encontro, melando-a em sua lubrificação abundante. — Por que entrou sem bater?

Coitada, nem para se masturbar Tati tem privacidade.

— Você gritou, achei que tinha acontecido alguma coisa — sua mãe não demonstra nenhum constrangimento com a cena, chocando todo mundo, inclusive a mim. — Que barulho é esse?

A mãe invade o quarto em busca do objeto que vibra debaixo da cama. Tatiana não precisa de mais essa vergonha. Levanta do colchão, cobrindo-se mais ou menos, e pega a mãe pelos ombros, evitando tocá-la com os dedos molhados, assim que ela se inclina para procurar o responsável pelo barulho.

— Sai daqui, mãe! — Tati apela, vermelha de vergonha e raiva. — Não é da sua conta!

— Tatiana, olha como fala comigo, essa casa é minha.

Mesmo contrariada, a mãe se deixa guiar para fora do quarto. Já do lado de fora, olha irritada para a filha pelo modo como foi expulsa.

— Você deixou isso bem claro um milhão de vezes. Tchau! — Tati bate a porta na cara da mãe e a tranca.

Tatiana bufa, indignada. Não acredita que sua mãe estragou o sexo por telefone que teve com Junior. E foi um sexo tão bom! Ela merecia ter curtido mais aquele orgasmo. Pega o telefone com uma mão e o leva até a orelha, enquanto pega a peça suja na outra, levando-a até o cesto de roupa no canto do quarto.

— Junior, tá aí ainda? — ela está certa em ter esperança.

— Estou. Sinto muito pela interrupção. Pelo menos você gozou. Foi gostoso?

— Foi o melhor orgasmo da minha vida — responde, sincera, mesmo frustrada.

Junior ri do outro lado da linha.

— Prometo que, quando a gente transar, você vai mudar de ideia.

— Não prometa o que não pode cumprir.

— Jamais faria uma heresia dessas. Sei que não me conhece bem, mas se tem uma coisa que eu gosto de fazer é chupar boceta.

— Bom saber — Tatiana ri, esquecendo de vez sua mãe enxerida.

— Estou feliz por estarmos nos falando de novo. Espero que me desbloqueie para eu poder te ligar do meu número todas as noites que não estivermos juntos.

— Sim, claro — retruca sem jeito e sem se explicar direito. — Me desculpa, Ju.

— Está tudo bem, princesa. Juro que entendo.

— Obrigada.

— Até daqui a pouco.

— Até.

Eles encerram a ligação e o telefone toca em seguida. Enquanto atende as amigas que estão na porta da sua casa para buscá-la, Tatiana ouve o vibrador dar uma vacilada e parar de repente. *Merda! Era tudo o que eu precisava, ficar sem vibrador justo agora!*, pensa, sem acreditar na onda de má sorte que a cerca. Só pode ser vodu. Diz para as amigas que já está saindo, arruma a sua roupa e deixa o vibrador morto onde está.

Ignora a mãe e pula na traseira do carro da colega de trabalho, que está toda animada ao volante, cantando e batendo na direção para acompanhar o ritmo da música. A melhor amiga não está com uma cara boa. Parece que deseja que a noite acabe logo. Tatiana está tão dividida que nem sabe o que esperar. Só quer que Junior cumpra a sua promessa e que seja logo.

O estádio está lotado para o clássico. As meninas entram na arquibancada onde a torcida do timão se encontra, cantando os gritos de guerra, segurando faixas e fazendo olas. Tati pergunta para as amigas se poderão se encontrar com os rapazes, mas elas garantem que não seria seguro para os bambis se infiltrarem na torcida do timão. Ela acha uma bobagem estarem separados por causa da rivalidade entre times.

O jogo é intenso, cheio de gritos, xingamentos e hinos de vitória. Tatiana não consegue ver muita coisa. A torcida organizada fica em pé o tempo todo e por mais que a arquibancada seja inclinada, ela não tem altura o suficiente para enxergar acima das cabeças. Uma hora desiste de acompanhar e pega o celular.

Faz o que deveria ter feito em casa: desbloqueia Junior e o chama no Whatsapp.

Ele só vê no intervalo. Diz que, devido ao barulho da torcida do tricolor, não ouviu a notificação. Ju está animado e falante, mas chateado porque o adversário já fez dois gols contra o seu time. Tatiana fica intrigadíssima. A torcida do timão reclamou tanto que parecia que estava perdendo. Ele diz que não se importa de pagar a cerveja para elas, contanto que aceitem ir ao churrasco de domingo no seu rancho.

Rancho? Churrasco? Cerveja? Tati gosta da ideia. Seria uma grande oportunidade para que ele cumpra sua promessa de chupá-la. No momento, é a única coisa que povoa a sua mente. Mesmo que conseguisse ver o jogo, não entende nada de futebol para opinar. Ela só está ali para ver Junior. Do contrário, estaria em casa, lendo seu livro erótico e passando por mais uma sessão de sexo solitário.

Ah, droga! Seu vibrador está quebrado! Tomara que o problema seja só as pilhas velhas.

Tatiana concorda e confessa que a cerveja não seria o maior prêmio que ela receberia. Junior se empolga, mandando vários gifs animados bem sexuais. Tati sente sua vagina inchar até ficar dolorida. Ela precisa de alívio. Avisa às amigas que vai ao banheiro fazer xixi e elas dizem que também precisam. Dá de ombros e rumam para o banheiro.

É ali na entrada que ela nota Junior encostado na parede, os dedos no celular, frenético, enquanto ele sorri para a tela. Tatiana olha para seu celular e não tem nenhuma notificação. Um alerta vermelho se acende em seu cérebro. *A gente nem ficou direito e ele já está me traindo?*, se indigna. Sem pensar muito no que está fazendo, Tati vai até ele e toma o celular de sua mão.

— Ei! — ele grita e levanta o olhar para ela, que está com o nariz enfiado na tela, rolando a conversa. — Tati, o que está fazendo? É particular.

Ela se envergonha do que fez ao notar que é um grupo cheio de caras que compartilham freneticamente memes sobre o jogo.

— Desculpe, não sei o que me deu — devolve o celular e se afasta.

Porém, Junior a pega pelo braço e a puxa para si. Ela é tão pequena e leve que seu corpo se cola ao dele. Ju abraça sua cintura e a prende com força.

— Você pensou que eu estava conversando com uma mulher.

Tatiana morde o lábio inferior e, incapaz de admitir em voz alta, apenas balança a cabeça. Junior abre um sorriso tão grande e tão lindo que ela mal pode acreditar no quanto se sente atraída por ele.

— Não precisa se preocupar. Você é a única com quem estou conversando no momento. Gosto de me dedicar. Como nossa conversa rendeu e até nos conhecemos pessoalmente, desisti de procurar por alternativas. Prefiro as certezas.

Junior se inclina e esfrega as pontas dos narizes deles de maneira carinhosa, arrancando um sorriso tímido de Tatiana. Ela ergue os braços e envolve seu pescoço, puxando sua cabeça para baixo.

— Só vou me preocupar se você não me beijar — ela nem acredita que não o atacou brutalmente dessa vez, fazendo a coisa certa.

O beijo é melhor do que se recorda. Tem um gosto bom, seus lábios são macios e a língua desponta, forçando-a abrir mais a boca e o autoriza a mergulhar mais fundo nela. Não há vácuo que não deseja ser preenchido. Havia um buraco dentro de Tati que precisava ser recheado com muito carinho, sexo e um bom homem, como Junior, que a fazia flutuar sem precisar da ficção para isso.

Estou contente vendo a cena. Já não era sem tempo. Será que Tatiana vai finalmente transar?

CINCO

Os espasmos sacudiram não só meu ventre, como meu corpo todo, conforme Junior acariciava meu clitóris com seus lábios sedosos. Sentia como se fosse desfalecer a qualquer instante. Estava exausta e satisfeita, mas ainda nem havíamos chegado ao quarto. Havia muita disposição dentro de mim para descobrir aquele homem e seu pau que de tão duro sobressaía na calça jeans.

Tatiana sente um volume entre eles e sorri nos lábios de Junior. Não há como negar que ele está pensando o mesmo que ela. O beijo esquentava e se aprofundava. O casal se esquecia do local onde está, se perde no desejo que os faz delirar e os une no mesmo propósito. As mãos se afundam nas carnes, desejosas demais para se conter. Os lábios resfolegam, as respirações permanecem erráticas.

No minuto infinito daquele beijo, a mente de Tati alça voo. Sua imaginação transpassa a realidade e se vê empurrando Junior até o banheiro feminino e o apertando em um reservado, que tranca por dentro. As calças são abertas, os sexos expostos e tocados rapidamente antes de se unirem de forma bruta e precisa. Com os lábios ainda grudados, ela monta nele, enquanto ele se escora no vaso sanitário.

O beijo abafa os gemidos que crescem junto com o ritmo intenso da rapidinha. As mãos buscam outras partes dos corpos para envolver, encaixando-se com perfeição um no outro. Os movimentos de sobe e desce são tão bons que Tatiana se esquece da promessa de Junior de chupá-la. Ela precisa de alívio imediato e não pode mais esperar para tê-lo dentro de si. Já chega de vibradores, é hora de ter homens reais.

A sua entrega é tão absoluta que não demora muito para sentir o orgasmo chegando, se avolumando, até transbordar de seu corpo em forma de grito. Seus lábios se separam o suficiente para que possa extravasar seu prazer em um rouco prolongado, misturado com um gemido sofrido de quem gozou deliciosamente. As mãos de Junior a mantém firme no movimento e em seguida é a sua vez de gozar.

Eles nem se questionam sobre camisinha. Quem liga? É só uma fantasia mesmo.

— Tatiana, planeta Terra chamando — ela ouve um estalo de dedos e abre os olhos.

Está parada diante do espelho do banheiro do estádio. Olha para sua cara de satisfação e não acredita na força de sua imaginação. Como foi que inventou tudo aquilo? Parecia tão real! Suspira e voltam para seus lugares. Esse jogo parece que não tem fim. Os próximos quarenta e cinco minutos passam tão lentamente que Tatiana acha que antes do final terá morrido de tédio.

Pelo menos as mensagens de Junior são de verdade. Estão no seu celular para provar que não estava alucinando. Ele é bom em sexo virtual. Não tem como Tati não imaginar como seria na realidade. Ela tem uma longa lista de livros eróticos lidos para alimentar sua fértil imaginação. Sabe que a vida real nem sempre é como os livros, mas o problema é que tem medo de que seja muito pior. Quem nunca?

Não devia ter aproveitado o tempo ocioso para ler mais um pouco do livro pelo celular. Não repete o erro agora. Fantasiar que está transando com Junior em um banheiro público é muito coisa de livro. Começa a rir de si mesma, chamando a atenção de suas amigas. Uma está até rouca de tanto gritar junto com a torcida e a outra tenta avistar os gatinhos com um binóculo, pouco interessada no jogo.

— O que foi, Tati? — a melhor amiga pergunta, intrigada.

— Nada não, li uma coisa aqui no celular, achei engraçado — ela balança o celular que segura para provar seu ponto.

— Nós vamos tomar cerveja de graça, caralho! — a colega do trabalho solta um grito no fim da frase, fazendo todos os nervos de seu pescoço ficarem visíveis.

— Credo! Que maluca! — a melhor amiga revira os olhos e se afasta, tapando os ouvidos e fazendo uma careta.

— E eu que pensei que eu era a louca das três — Tatiana resmunga, com os olhos arregalados.

— O que você disse? — a colega de trabalho nem se abala com a reação desanimada das amigas. Ela está empolgada demais com a vitória certa do timão.

— Nada não.

De repente, a horda de torcedores se revolta e começa a xingar. A colega de trabalho se estica para entender o que aconteceu, mas o placar deixa claro que o tricolor entrou no segundo tempo disposto a virar o jogo. Ela solta uma exclamação e se junta aos xingadores, ignorando as duas amigas que não participam de nada. A melhor amiga odeia tanto a colega nesse momento, mas prefere ficar calada para não apanhar.

Tati fica com o olhar fixo no placar porque ele marca o tempo de jogo. Os minutos passam e outra alteração mostra que o tricolor empatou com o timão. Ela olha para a colega de trabalho, preocupada. O rosto dela está vermelho e ela grita muito. Teme que tenha um ataque cardíaco. Balança a cabeça inconformada. Como foi se enfiar em um jogo de futebol? Será que vale tudo pelo crush?

Para seu desespero, o jogo termina empatado e o juiz determina prorrogação de quinze minutos para desempatar. Não aguenta mais ficar sentada naquela arquibancada dura e desconfortável. Tem certeza de que sua bunda vai ficar quadrada por uma era e que ela não será mais sexy nesse formato. Também acha que sairá do estádio surda pelo menos de um ouvido. Que gritaria infernal!

Pensa no prêmio, Tatiana, diz para si mesma em pensamento. Se Junior for essa Coca-cola toda, vale a pena o sacrifício. É, espero que seja mesmo. Estou ficando com dó das garotas. Seu celular vibra e é uma mensagem de

Junior. Lê ansiosa. Há um tempo ele está silencioso, estendendo seu tédio por quilômetros sem fim. Ju mandou uma figurinha triste e ela vê a notificação de que ele está digitando.

Crush

Pensei que a essa altura já estaríamos tomando uma cerveja para comemorar a vitória do tricolor

Tati

Isso não deixaria minha amiga feliz, mas eu gostaria se isso for um convite.

Crush

Independente do resultado?

Tati

Com certeza. O jogo é só uma desculpa.

Nossa, que sincera! Gosto assim. Continua desse jeito, Tatiana.

Crush

Concordo. Pena que não pudemos ficar na mesma torcida. Seria mais agradável perder com você ao meu lado.

Ain, que fofo. E o #TeamJunior pira! Tatiana fica com as bochechas rosadas, mas ri, faceira. Quem não sorriria?

Tati

Calma que seu time ainda não perdeu. Tem chance de virar. O juiz é legal.

Crush

obrigado pelo apoio moral, mas o juiz está fazendo apenas sua obrigação. É final de campeonato. Não pode haver empate. Tem que ter apenas um ganhador.

Tati

Ah! Desculpe, não entendo nada de futebol.

Crush

Percebi, mas isso não é um problema. Só se você se importar de eu gostar.

Tati

De jeito nenhum. Cada um com seu hobby. Eu também tenho o meu.

Crush

Sei. Essa coisa de ler livros eróticos deve ser legal. Dá ideias.

Tati

Verdade... muitas ideias...

Crush

Já colocou alguma em prática?

Tati

Não.

Crush

Gostaria?

Tati

Só se você me ajudar com isso.

Opa! A coisa está esquentando e estou adorando. E você?

Crush

Não conte comigo para ler, mas para praticar é só me chamar.

Por que homens têm preconceitos com livros eróticos? Ou será que é preconceito com livro no geral? Curiosidade eles admitem. Então por que o receio? Tatiana tem a mesma dúvida, mas não a externa. Manda um emoji safadinho e a conversa acaba quando o grito de gol explode ao seu redor. O timão desempatou e volta a provocar a torcida adversária. Parece que a sorte está do lado de nossa heroína.

O jogo termina no segundo tempo da prorrogação, com mais de meia hora

de atraso. Tatiana está bocejando, cansada e entediada, mas há algo agitado dentro dela enquanto se move atrás das amigas entre os torcedores fanáticos. Nunca se imaginou em um lugar como aquele em sua vida. Só aquelas duas para convencê-la. Ou melhor, o crush que está conquistando seu coração aos pouquinhos.

Marcam um ponto de encontro do lado de fora do estádio. A colega de trabalho não vê a hora de zoar com a cara dos bambis e cobrar sua prenda. Uma caixa de cerveja grátis é tudo de que uma garota precisa. A melhor amiga se apruma, mais interessada no encontro de verdade com os boys do que no maldito e estressante jogo. Tatiana mal consegue conter os pulos no peito que seu coração dá ao pensar em Junior na sua cama.

Na sua cama, não literalmente. Já basta o que sua mãe viu e o que seu vizinho fez. Qualquer outra cama será válida, mas que tenha uma cama, por favor. Ela reza silenciosamente para a deusa do amor e do sexo. Já está apelando para a mitologia a fim de acabar com a má sorte e sua vasta e prolongada temporada de vacas magras. Já passou da hora de ser muito bem comida por um cara real.

Elas chegam primeiro ao ponto de encontro, pois era mais perto da saída que tomaram. Por medida de segurança, as torcidas são separadas mesmo na hora de entrar e sair do estádio. Chega de morte em estádios! A colega de trabalho acende um cigarro, a melhor amiga bate o pé no chão no ritmo da música, incapaz de conter a própria ansiedade, e Tatiana rói as unhas que pintou recentemente.

Seus olhos estão fixos na esquina de onde eles devem vir. E lá está seu crush, vestido de maneira despojada, rindo e brincando com os amigos, apesar da derrota que tomou do time adversário. Tati esfrega as mãos na barra da blusinha, a fim de esconder a catástrofe que as unhas se tornaram, e sorri, tímida, quando Junior olha para ela. Ju se aproxima focado nela, tirando todo o ar de seus pulmões. Suas bochechas coram.

— E então — diz ao se aproximar. — Vamos tomar uma?

Ele falou sério quanto a sair para comemorar. Ela abaixa a cabeça, incrédula, e eu a xingo mentalmente. Diga alguma coisa, Tatiana, ou eu mesma te mato!

— Sim — ela responde depois de alguns segundos, sem olhar para as amigas.

Ufa! Ainda bem que elas não se meteram e a deixaram decidir. Achei bacana. O que será que vai rolar no bar?



Fiquei sem a blusa assim que passamos pela porta da sala, já o sutiã ficou no corredor e a calcinha, na porta do quarto. Junior me atirou sobre a sua cama e sorriu, ainda de pé, contemplando a minha completa nudez. “Você é linda, sabia?” “Não”, respondi sem a menor vontade de me cobrir. Seu olhar era meu novo e quente cobertor.

Tatiana não vê a hora de chegar ao tal bar. A colega de trabalho está seguindo o carro dos meninos e sua ansiedade faz a pulsação na têmpora soar tão alto que é ensurdecedor. Sua respiração está fora de controle e não entende porque ficou tão nervosa com a possibilidade de um novo encontro com Junior. Talvez seja devido às testemunhas presentes ou porque ela quer muito transar com ele.

Mas sabe que o fato de não estarem sozinhos dificulta tudo, o que a deixa sem planos para escapar das amigas e fazer Ju entender que gostaria de ir para um lugar mais tranquilo e privado com ele. Talvez essa seja a solução para seu pequeno dilema. Demonstrar sem palavras diretas, ou por mensagens de texto, que gostaria de ser acompanhada por ele no fim da noite. É isso. Missão dada é missão cumprida.

O bar não é nada do que Tatiana esperava. É um boteco bem comum, cheio de homens bebendo e falando alto sobre o bendito jogo, que ainda é comentado nas telas espalhadas pelo lugar. Ela revira os olhos, a melhor amiga sente náuseas e a colega de trabalho saltita para o interior, se sentindo na sala da própria casa. Os rapazes acabam de sentar em uma mesa para seis, em um canto apertado do bar lotado.

— Pelo menos eles não nos levaram para a avenida — a colega de trabalho nota as caras das amigas e as abraça, cochichando uma frase de consolo.

— Como se aqui fosse diferente — a melhor amiga não acredita que se enfiou naquele lugar por causa de homem. Será que valeria a pena?

— É melhor do que ficar em pé, correndo o risco de cruzar com malucos violentos — Tatiana tenta ser otimista, seu foco é total em Junior.

Os caras são estratégicos, abrem espaço para as moças se sentarem de forma que fiquem intercalados e possam se conhecer melhor. Tati acha ótimo estar tão perto de Junior, provavelmente poderá lhe sussurrar seus desejos sem que sejam ouvidos pelos outros. Faz muito barulho no bar. O volume das TVs é alto e as conversas tentam sobrepor o som. Ao se sentar, imediatamente a coxa de Junior encosta na sua.

— Sinto muito por ter sido um jogo longo e entediante para você — Junior puxa conversa, ignorando os casais formados na mesa.

Tatiana faz o mesmo, inclinando-se em sua direção. O queixo apoiado na mão, o cotovela na mesa. Ela cruza as pernas sob o tampo sem nem perceber, quase jogando-a sobre a dele. Tati enrosca o pé na panturrilha de Junior. Ele lhe sorri, inclinando-se como se fosse beijá-la, mas para bem antes, para sua decepção.

— Mantenho acessível tudo o que gosto para momentos como esse.

Ju ergue as sobrancelhas, surpreso.

— Você leu no estádio?

— O que mais poderia fazer? — Tati afirma e ri em seguida, se sentindo ridícula. — Mesmo que eu pudesse assistir ao jogo, não entenderia nada. — Dá de ombros.

Junior imita sua posição, deixando seu rosto quase da mesma altura do dela.

— Conte-me sobre a história.

— Bem... — começa, se sentindo tímida e sem graça. — Não é nada demais. Só mais um caso de amor com bastante sexo. O importante é que me

distrai — se justifica.

— Acho que não eu serviria para ler esse tipo de livro — ele admite.

— Por quê? — ela fica receosa que ele vá destilar preconceito contra o gênero.

— Porque eu ia querer colocar tudo em prática.

Surpresa, Tatiana não contém uma risada alta, jogando a cabeça para trás.

— E você acha que não quero?

— Mas você não faz.

Já tiveram aquela conversa antes.

— Não faço por falta de oportunidade.

Os olhos dele se incendeiam.

— Se a gente for fazer isso, quero que me conte tudo o que gostaria de fazer.

— Por quê?

— Quero ser a pessoa que vai realizar todas as suas fantasias.

Ah!!! Pausa para um surto e um respiro. Que é isso, Junior? Assim você nos mata!

Tatiana abre um sorriso, sem capacidade de dizer qualquer coisa. Decide agir. Às vezes é mais fácil para ela, mesmo que em sua experiência não tenha sido muito bom. Ela desliza a mão livre embaixo da mesa, de sua perna para a dele, de maneira natural e lenta, como se fosse apenas um carinho. Porém, não para na coxa, subindo até a virilha e encontrando seu pau. Ele reage ao toque ousado quase que instantaneamente.

Junior ergue uma sobrancelha e sorri para ela, os olhos grudados em sua expressão também sorridente e ligeiramente safada, enquanto Tati o acaricia. Primeiro, lentamente, imprecisa, como se o despertasse. Depois mais forte, sentindo a dureza crescer e se avolumar sob sua palma quente e suada. Ela o esfrega com força e ele aperta a mandíbula a fim de conter o gemido que quer escapar.

De repente, o garçom para ao seu lado, com uma bandeja contendo duas

garrafas de cerveja e seis copos limpos. O susto é tão grande que Tatiana se move abruptamente, dando uma cotovelada no abdômen do garçom, que derruba todo o conteúdo sobre o colo de Junior. O caos chama a atenção de todo o bar. Tati tapa a boca com as mãos para conter o próprio grito, encarando seu estrago, estupefata.

O garçom, com toda a paciência do mundo, se desculpa e começa a recolher os cacos. Junior se levanta assim que o rapaz se agacha e o volume imenso de seu pênis na bermuda encharcada e clara se faz notar por pelo menos metade do bar. As amigas na sua mesa exclamam, surpresas. Desesperada, e se sentindo mil vezes culpada, Tatiana se levanta e usa o próprio corpo como escudo.

— Me perdoe — ela lhe comunica baixinho quando se encaram.

— Não se preocupe — ele devolve, constrangido. Tem um rubor latente em seu rosto.

— Vamos ao banheiro, é melhor do que ficarmos parados aqui.

Ele só balança a cabeça, mas não se move. Como o farão sem que fique na cara a situação em que se meteram? Tati toma a sua mão e vai à frente, tentando se manter próxima o bastante para que disfarce a protuberância visível na bermuda, e anda o mais rápido que pode. Junior a acompanha fácil com suas longas pernas, quase a encoxando pelo caminho.

Ela o leva direto para o banheiro dos homens e tranca a porta quando ele passa. Encosta-se à parede, sentindo-se a pior das pessoas, enquanto Junior a encara, menos constrangido e mais divertido. Tatiana não entende como ele pode olhar para ela com se a vergonha que o fez passar fosse engraçada e não a pior coisa que alguém poderia querer para si.

— Não foi uma boa ideia ter vindo na frente daquele jeito.

— O que mais eu poderia fazer?! — ela se desespera com sua fala.

Ju continua sorrindo e caminha em sua direção, parando a poucos centímetros.

— Eu não sei, mas a cerveja gelada estava diminuindo minha ereção.

— E isso não é uma coisa boa?

— Seria se você não estivesse tão próxima e tão quente.

Sua voz sai rouca e a fala entala na garganta de Tati. Ele se inclina, apoiando as palmas nas paredes ao lado de sua cabeça e encosta suas testas, respirando com dificuldade.

— Eu não me lembro de ter uma ereção em público desde a adolescência.

— Isso é um elogio?

— Sinceramente, eu não sei. Só sei que estou com muita vontade de transar com você agora.

A recíproca não poderia ser mais verdadeira. Esquecendo o estrago que acaba de causar, Tatiana se atraca com Junior, transformando o beijo em algo mais selvagem e animalesco imediatamente. Eles mordem os lábios um do outro e sugam as línguas, em um beijo barulhento e cheio de uma vontade medonha. Sem se preocuparem com mais nada, se grudam, e Tati pode sentir de verdade a bendita ereção entre eles.

Ele a quer e não existe mais nada nesse mundo que a impeça de ter o que mais deseja.

— Senhor, está tudo bem? — o garçom bate à porta e eles se separam.

— Ai — Junior reclama da mordida que Tati lhe dá sem querer, no susto.

Ela tapa a boca com as duas mãos, com medo de que o outro perceba que Ju está acompanhado.

— Senhor? — o garçom insiste.

A quem Tatiana está querendo enganar? É óbvio que pelo menos quem está sentado perto do banheiro viu o casal entrar e percebeu o que podia acontecer. É claro que ninguém está disposto a permitir que ela saia da seca, nem que seja em uma rapidinha no banheiro, como vem fantasiando desde o estádio. *Que falta de sorte*, resmunga mentalmente.

— Sim, está tudo bem, estou terminando de me limpar — Junior responde, dando de ombros. Ouvem passos enquanto ele não tira os olhos dela. — É melhor a gente deixar essa conversa para outro lugar. Não quero que nossa

primeira vez seja assim.

Ponto para Junior? Na cabeça de Tati, não. Ela queria agora, mas nem o garçom quer deixar que ela transe. Que injustiça! Tatiana acena, concordando, e decide deixá-lo sozinho no banheiro masculino. Não há mais nada que ela possa fazer, nem mesmo atacá-lo, já que ele deixou claro que não tem a fantasia de transar em um banheiro público. Então por que prometeu fazer tudo o que ela queria?

Frustrada, volta para a mesa e se joga na cadeira de maneira que chama a atenção. As amigas a olham com incógnitas no rosto, mas não podem perguntar nada na frente dos outros rapazes, para não piorar o constrangimento na mesa. Os moços puxam outros assuntos para trazer a atenção das garotas de volta, e bebem a outra cerveja que o garçom trouxe.

Seu celular apita antes que Junior volte à mesa. Ela olha a tela, surpresa, quando percebe que é uma mensagem dele.

Crush

O celular se salvou. Ainda bem.

Tati manda só um emoji de joinha.

Crush

Desculpe se me expressei mal. Não é que não queira transar com você agora. Só não quero que seja rápido. Acho que vale a pena esperar mais um pouco e ter uma transa completa e longa, não acha?

Tatiana suspira.

Tati

Acho, claro. Eu me desculpo por arruinar sua bermuda.

Crush

Você não tem esse poder. (emoji de risos) Quero dizer que nada me fará

mudar de ideia quanto a conhecê-la melhor, inclusive na cama.

Tati

Mesmo que a má sorte sempre me acompanhe?

Crush

Não existe má sorte. Existe o tempo certo e o tempo errado. Vejo como um sinal para irmos com menos sede ao pote. A vontade será ainda maior.

É fácil dizer isso quando tem uma vida sexual ativa e regular. Mas para a Tatiana, que está há muito tempo esperando, cada minuto parece perdido.

Tati

Tudo bem.

Sem coragem de insistir depois desse banho de água fria, não acrescenta que gostaria de transar hoje, mais tarde. Pelo andar da carruagem, vai ficar na vontade. Para piorar sua situação, lembra-se do mico de mais cedo com sua mãe e de seu vibrador quebrado. Não existe má sorte? Só se for para Junior. Para Tatiana o buraco é muito mais embaixo.

SETE

O corpo nu de Junior era agradável. Nem muito, nem pouco chamativo. Na medida. O que não parecia ser era seu pau. Já imaginava a grandeza só pela ereção marcando a roupa, mas não via a hora de tê-lo inteiro dentro de mim. Era grande e grosso, com uma cabeça redonda e brilhante, parecendo bastante apetitoso. Eu o queria em mim de diversas formas.

Tatiana e as amigas aceitaram ir ao churrasco no rancho de Junior no domingo, para beberem a caixa de cerveja grátis. Com a localização do lugar enviada pelo rapaz, as garotas estavam eufóricas. Parecia que tudo tinha dado certo na outra noite e todo mundo saiu daquele jogo com um par e muitos beijos. Tati acha ótimo dividir esses momentos com as amigas.

— Que bom que foi tudo conforme a gente esperava — comemora a melhor amiga, animada por ter rolado um clima entre ela e o seu crush.

— Ainda não, né... Olha o mico que eu paguei! — Tati reclama e com razão.

— Vai ficar melhor, calma, meninas — a colega de trabalho é de longe a mais empolgada. — É hoje!

Elas fazem seu cumprimento particular como um brinde em comemoração ao que vai acontecer naquele rancho. Tatiana se anima. Não tem como dar errado. Não vai ter nada para atrapalhá-los no meio do mato. Não é possível que dessa vez nada vai acontecer. Se assim for, Tati desiste. Não tem por que continuar se humilhando por causa de sexo. Pra que existe masturbação e livro erótico?

O rancho fica na saída sul da cidade, a poucos quilômetros de distância.

Por isso, chegam logo ao destino. O lugar é bem cuidado. Tem um gramado verde e uma estrada de pedras que as guia até a casa à beira do rio. Os rapazes estão espalhados, mas são logo avistados pelas garotas. Um está no estaleiro, outro na varanda, se ocupando com a churrasqueira, e Junior está sentado em uma mesa entre os dois, com o celular nas mãos.

Os três se viram para o carro que estaciona ao lado do veículo que os trouxe, enchendo Tati de expectativas. Ela pensou que estava se iludindo ao achar que teriam privacidade, provavelmente a família e os amigos dos três estariam presentes, mas pelo visto eles têm o mesmo plano que elas. As meninas descem, são recebidas com beijinhos e sorrisos, e sem nem perceber se dividem em três casais.

A melhor amiga vai para o estaleiro com seu crush, curtindo a paisagem e uma conversa agradável. A colega de trabalho toma a cerveja que o churrasqueiro lhe oferece, estando bem do lado do freezer. Mas vamos focar em Tatiana, está bem? Junior oferece um tour pela casa — realmente é maior do que Tati imaginava. Ju deve frequentar bastante o lugar com a família e os amigos. Está tudo bem arrumado.

Cada um está munido de um copo de cerveja gelada quando adentram a casa sem resistência de ninguém. Tatiana nem se preocupa se os outros casais se importam. Ela só se importa com Junior e, se ele quer mostrar a casa, ela está disposta a conhecer. De preferência, transar com ele em cada cômodo não seria pedir demais, seria? Passam pela cozinha sem grandes atrativos, chegando logo à sala.

— Nossa! — ela se espanta quanto vê o tamanho da TV que eles têm e o sofá superconfortável.

— É a sala de jogos. Gostou?

— Incrível! — Pena que Tati seja uma negação no videogame.

— Aqui fica o banheiro — ele aponta como por obrigação e avança o corredor escuro, pelo qual Tatiana o segue. — Temos três quartos totalmente equipados.

— Vocês costumam dormir aqui?

— Quando a gente vem pra cá, é para desconectar um pouco da correria da cidade e poder beber sem se preocupar em dirigir.

— Está certo. É um lugar bem tranquilo.

— O muro é alto e o vizinho não nos incomoda.

Tati revira os olhos.

— Era tudo o que queria. Tenho vizinhos insuportáveis, que não respeitam a ordem de silêncio depois das vinte e duas horas.

— Aqui eu me desestresso e entro em contato com a natureza.

Junior está se saindo melhor do que a encomenda. Ele mostra o quarto de uma extremidade primeiro, depois o do meio e por fim o mais distante da varada, onde estão os nossos amigos. Ju se joga na cama de costas, coloca as mãos atrás da cabeça e cruza os tornozelos. Tatiana, mais tímida e menos à vontade, dá a volta na cama, se senta e se deita, com as mãos repousadas sobre a barriga. E agora?

— Esse é o quarto em que costumo ficar — ele explica com naturalidade.

Tati já havia concluído o óbvio pela maneira com que ele agiu. Não soube o que dizer ou o que fazer. Deveria agir ou esperar?

— O que achou? — ele quebra o silêncio.

— Da cama? Confortável.

Junior ri e se vira de lado, apoiando a cabeça na mão e o cotovelo no colchão. Tatiana vira o pescoço e o encara, perdendo o ar com sua proximidade.

— Gostaria de dormir aqui comigo?

Tati abre a boca, mas não sai nada. Fecha, enquanto organiza os mil conflitos em seu cérebro. Ela precisa trabalhar no dia seguinte e não trouxe roupa.

— Se tivesse me avisado antes, eu poderia ter me organizado... — ela lamenta.

Ju toca sua boca com as pontas dos dedos, de maneira delicada, calando-a.

— Temos o restante do dia.

Os dedos dele deslizam nos lábios dela de maneira carinhosa, fazendo o contorno de sua boca delicada. Ele a observa tão atentamente que Tatiana tem certeza de que nunca viu uma expressão mais sexy em toda a sua existência. Morde o lábio, incapaz de ficar parada, já que seu corpo começa a tremer de expectativa e sua respiração se torna confusa.

Ele sorri ao perceber sua reação exagerada e, sem pedir permissão ou avisar de antemão, a beija. A palma quente de sua mão envolve o rosto de Tati, que se entrega ao beijo como se precisasse do ar da boca dele para sobreviver. Ela envolve com as mãos ansiosas o pescoço dele, tornando o beijo mais profundo. As línguas bailam no mesmo ritmo insano do desejo.

Os corpos esquentam depressa. Tudo em volta deles desaparece. Só existem eles, enroscados de uma maneira inumana, tão grudados que fica difícil saber onde um começa e o outro termina. O calor torna as roupas insuportáveis, grudando na pele suada. É quase combinado que cada um começa a tirar a própria roupa e, ao perceberem o que estão fazendo, sorriem e ajudam o outro a se despir.

É aí que o desastre começa.

A perna de Tatiana enrosca na calça jeans, que não sai. Por que não pôs uma saia? Nem precisaria tirar. Para piorar a situação, o zíper da bermuda de Junior emperra e não quer abrir. Ambos estão tortos e tentando de maneira menos bruta possível despir seu companheiro, mas Tati perde a paciência com o maldito zíper e o puxa com força. Sem abrir, ele escapa de sua mão suada e seu cotovelo acerta o rosto de Ju.

— Ai — o rapaz cobre o rosto com as mãos e ela nota sangue.

— Meu Deus! — exclama, apavorada. — Eu quebrei o seu nariz?

Junior funga e tenta tocar o machucado, mas solta um longo gemido.

— Acho que não — mas sua careta de dor diz que sim.

— Merda! Desculpa!

Ele balança a cabeça, um pouco tonto pela dor.

— Foi um acidente, fica tranquila. Vou estancar esse sangue antes que suje

tudo.

Ju se levanta e vai ao banheiro da suíte. Tatiana fica sem saber o que fazer. Se vestir? Se despir? Esperar? Ir embora? Mas não dá uma dentro. Ele volta depois de cinco minutos, sorrindo, mas com o nariz inchado. Ela nem se mexeu porque não conseguiu se decidir. Tati está sentada do mesmo jeito quando ele volta ao quarto.

— Então?

— Está melhor. Acho que não quebrou mesmo.

— Menos mal. Se quiser, posso te acompanhar até o hospital para ter certeza.

— Não precisa — ele diz, se sentando ao seu lado e acariciando seu pescoço ao colocar o cabelo dela para trás. Sorri, deformando ainda mais o nariz inchado. Tatiana se sente mal. O que foi que ela fez? — Onde paramos?

No entanto, não discute quando ele a beija de novo. Eles literalmente recomeçam, já que deu uma boa esfriada na pegada de antes. Já estão seminus. No entanto, Junior não tem pressa. Ele a beija devagar, aproveitando o momento e o tempo, como prometeu, e deixando os corpos seguirem o fluxo natural do desejo. Quando Tatiana esquece o que fez é porque seu corpo já está pegando fogo.

Ela aprofunda o beijo e um gemido escapa dos lábios de Junior. Tati acha que ele está curtindo, portanto, gira o corpo e vai parar sentada no colo dele. Mordisca seu lábio inferior e, de repente, sente algo se misturar à sua saliva. É sangue. Ela interrompe o beijo, preocupada, e constata o que já sabia. O nariz de Ju voltou a sangrar, provavelmente estimulado pelo calor da pegação.

— Você está sangrando de novo. Tem certeza de que não precisa de um médico?

Ju ergue a cabeça para cima e tapa o nariz a fim de acabar com o sangramento.

— Tenho — sua voz sai fanha. — Está tudo bem. Nem está doendo tanto.

— Mas então está doendo.

— Só um pouquinho, Tati. Não se preocupe. Vou tomar um analgésico.

Ele some no banheiro de novo e Tatiana se atira no colchão, de braços abertos, indignada com sua má sorte. Não importa onde esteja, o azar sempre a acompanha. Não é culpa de ninguém além de si mesma. Como pôde quebrar o nariz de Junior no meio da pegação? Se ele quiser, pode fazer corpo de delito e acusá-la de agressão. Ela arregala os olhos quando pensa nisso e decide que precisa ir embora. Está tudo acabado.

No entanto, Junior volta para o quarto antes que ela realmente se mova.

— Hm... É delicioso te ver seminua na minha cama.

Tati ergue os olhos, incrédula. A voz dele está fanha, como se ainda estivesse apertando o nariz. Do seu ângulo, dá para ver direitinho que tem algodão enfiado nas narinas de Junior. Meu Deus! Ele vai insistir com isso mesmo machucado. Tatiana não sabe o que pensar. Deveria ser uma companhia melhor e levá-lo ao hospital em vez de ceder ao seu claro desejo de terminar o que começaram?

Não olhe para mim, eu também não sei o que ela deveria fazer nesse caso.

➤ OITO

Os beijos de Junior pelo meu corpo me fizeram pegar fogo. Era como ser beijada por chamas vivas. Seus lábios eram quentes, úmidos e macios. Nossa! Minha pele derretia sob sua língua, que desbravou cada reentrância que encontrou pelo caminho. Quando tocou novamente meu clitóris, eu estava pronta para gozar outra vez em sua boca.

Tatiana não consegue se decidir. A confusão em sua cabeça a impede de tomar uma decisão. Mas Junior está bastante resolvido pelos dois, ou apenas fingindo que não foi quase nocauteado por uma mulher. Vai saber. Ele se aproxima sorrindo, como se seu nariz não estivesse do tamanho de uma laranja, e livra a perna de Tati da calça jeans grudenta.

Com um olhar sexy, no qual ela tenta se concentrar, apesar de ser difícil com o nariz tão evidente em seu rosto, ele também tira sua calcinha. E, como também prometeu, enfia a cara entre as pernas da moça, acariciando seu clitóris com a língua. Tatiana fecha os olhos e aproveita o momento. Pelo menos, nessa posição, ela não consegue ver o estrago que fez no pobre rapaz.

Sua mente viaja conforme as carícias de Junior passam de tímidas para constantes. Seu ventre se retorce de excitação quando suga ruidosamente o clitóris. Sente seu corpo inteiro vibrar. Começa a perder a noção dentro de pouco tempo. Sente que não vai demorar muito para gozar apesar de tudo o que houve antes. Nem acredita que está recebendo o melhor oral de sua vida.

No entanto, Junior perde o fôlego e ergue a cabeça, sugando o ar pela boca de maneira barulhenta. Sua respiração está toda errada e ele sorri para ela, um pouco sem graça por não conseguir manter o ritmo. Em vez de se desculpar,

entretanto, volta a chupá-la. Tatiana se concentra novamente, buscando aquele mesmo estado de excitação anterior.

Mas Junior para novamente, dessa vez mais rápido. Ele não vai conseguir chupá-la sem respirar. Tati se dá conta de que não tem jeito de ele cumprir sua promessa agora, por mais que insista. Se ele continuar assim, só vai frustrar os dois. Mas ela não sabe como dizer a ele que pode desistir e fodê-la de uma vez. Basta dizer, simples assim, não é? Ela se ergue nos cotovelos, pronta para se expressar, mas Junior volta a sugá-la.

— Ohhhhhhhhh — ela geme, surpresa, quando ele introduz dois dedos nela de uma só vez.

Junior passa a apenas acariciar o clitóris com a ponta da língua, concentrando o ritmo e a força na penetração. Ainda apoiada nos cotovelos, Tati joga a cabeça para trás e se entrega. Não demora muito para entrar naquele estado aéreo de quem está prestes a gozar. Sua pulsação enlouquece e seu ouvido ensurdece. Sente os olhos literalmente virarem para cima e não vê mais nada. Só sente quando o orgasmo explode dentro dela.

— Jesus! — ela nem acredita na facilidade com que gozou, como as mocinhas dos livros que lê.

Ju se levanta e cobre Tatiana com seu corpo. Ainda está vestido, para o desespero de toda a nação feminina. Seus lábios se encontram em um beijo curto, mas intenso. Junior está sem fôlego quando se separa forçadamente dela e começa a tirar a calça. Ele o faz de primeira, mas Tati só se concentra no homem sexy se despindo diante de seus olhos. Não vê a hora de conhecer seu pau.

Ele está saliente na cueca quando a calça vai parar no chão. Sem se conter, como sempre, Tatiana fica de joelhos e faz questão de trazer o pênis para fora. Ele é grande do jeito que imaginava, como no livro. Lambe os lábios, faminta. Sem pensar muito a respeito, apenas o abocanha. É justo, ele também a masturbou. Retribuição é a chave para um sexo satisfatório para os dois.

Só que a boca de Tati é menor do que o diâmetro do pau de Junior e ela tem dificuldade de fazê-lo caber. Também percebe que, sem querer, seus dentes

raspam na carne macia, porém endurecida pelo prazer que ele sente. O silvo que ele solta entre os dentes denuncia sua sensibilidade ao acidente. Tatiana não faz nenhuma pausa para se desculpar, mas tenta de diversas maneiras fazer aquilo dar certo.

Usa as duas mãos para compensar a falta de profundidade com que o suga. Sente-se uma péssima parceira. Nem para um bom boquete ela serve. O pensamento a deixa deprimida, mas não desiste. Concentra-se na cabeça, o lugar mais sensível do pau, e move as mãos no ritmo cada vez mais rápido a fim de levá-lo a gozar em sua boca. Não tem certeza de que está fazendo certo, mas faz tudo o que pode para compensar.

De repente, alguém entra no quarto, que estava com a porta aberta.

— Uou, desculpem! — é um dos amigos dele, que dá meia-volta, mas é tarde.

Desesperada, até por sua nudez, Tatiana acaba mordendo o pau de Junior.

— Aiiiiiiiiiiiiiiiiiiii!!!!!!! — o rapaz grita, afastando-se em um pulo.

O coitado do pau sangra com a dentada e Tatiana se cobre com o lençol, vendo o desastre que cometeu sem acreditar.

— Me desculpa, Ju. Eu me assustei com seu amigo.

Ainda nu, o rapaz se tranca no banheiro. Tatiana está tão envergonhada que decide que já chega. Acabou, mesmo se Junior for legal a ponto de perdoá-la, ela não pode se perdoar. Veste-se a jato e corre para fora do quarto, antes que Ju saia do banheiro. Acena para as amigas, que estão em uma roda junto com os dois rapazes. As duas se apressam até ela com sorrisos maliciosos.

— Até que enfim, hein — a melhor amiga lhe dá uma cotovelada amistosa.

— Ele tem mesmo o pau grande? — a colega de trabalho questiona.

— Calem-se e vamos embora, agora!

— Ah, para! Vai ficar envergonhada só porque o... — a colega começa.

— Cala a boca e vamos logo!

Tatiana puxa as duas amigas para o carro e deita no banco de trás. Não tem

mais coragem de encarar Junior. Não tem mais coragem de encarar ninguém. Durante o trajeto de volta, chora e desabafa, dizendo que está destinada a ficar sozinha, que nenhum cara merece uma garota como ela e que nunca mais vai sair com alguém. Pelo menos quando lê seus livros está segura, assim como todos que a cercam.

Os conselhos das amigas não adiantam de nada e, quando chega a casa, Tatiana se joga em sua cama e chora o restante do dia. Sua mãe também não consegue tirar nenhuma palavra dela, quer dizer, apenas gritos de “vá embora!” e “me deixa em paz!”. O celular fica desligado para que não apite. Tati fica sozinha, se martirizando por algo que não foi culpa dela. As coisas às vezes não dão certo e nem sempre é culpa de alguém.

— Cala a boca você também! — Tatiana grita comigo, a narradora.

Opa! Como é que vou contar a história, se ficar quieta?

— Não tem mais história! Acabou! — ela grita e se cobre, morta de vergonha.

Não acredito nisso. Mesmo que Junior não seja mais opção, sempre tem outro cara disposto a conhecer uma garota maluquinha e com a cabeça nas nuvens como Tatiana. Tenho certeza de que, se for isso mesmo que ela quer, não tem por que se negar. Acredito, acima de tudo, que nada nem ninguém é perfeito, mas existem pessoas semelhantes por aí esperando alguém que as compreenda.

— Você não acredita mesmo nisso, fala a verdade — ela discute comigo.

Estou falando a verdade.

— Então por que não namora desde seu divórcio?

Nessa Tatiana me pegou, mas eu tenho uma explicação para dar.

— Vai dizer que com você é diferente.

Sim, porque não somos iguais, Tati. Mas concordo com você. Desisti dos aplicativos de namoro em apenas um mês.

— Está vendo? Quem pensa que é para me dar lição de moral?

Não estou lhe dando lição de moral alguma, apenas aconselhando. Quem está de fora sempre vê melhor. Eu também relutei em dar ouvidos para as minhas

amigas.

— Porque dói, não é verdade?

Já doeu, mas agora não dói mais.

— Então por que não insiste?

Porque não quero. Não sinto falta de ter alguém na minha vida. Nesse momento, estou focada na minha carreira, que é contar histórias como a sua.

— Ou seja, você está ganhando dinheiro com a desgraça dos outros.

Bem, não exatamente...

— Estou cansada, chega dessa discussão nada a ver. Eu nunca deveria ter dado uma chance ao Junior. Essa é a verdade e ponto final.

Tatiana, você...

— Eu o quê?

Você nunca deu uma chance a ele.

— Do que está falando? Não está contando essa maldita história até agora? É tudo coisa da sua cabeça.

— O que? O fato de eu ter má sorte?

Não, mas de você acreditar que tem, e...

— Mas eu tenho!

Não tem, Tati. Você nem deu uma chance a ele. Está aí inventando coisas.

— Eu não inventei que mordi o cara.

Inventou, sim!

— Não inventei que quebrei seu nariz. Olha o sangue na minha...

Tatiana olha para a calça e não encontra a mancha.

Você inventou, Tati. Você nem saiu desse quarto.

— Eu não... Não pode ser!

A imaginação é algo poderoso. Junior ainda não respondeu sua mensagem.

— Não é possível! — ela se descabelá, sem acreditar.

Desculpe te fazer acordar. Eu estava gostando da história da sua cabeça, mas chegou em um ponto meio depressivo e pensei que acabou a diversão. Você não merece sofrer por antecipação. Ninguém merece.

— Eu inventei tudo?

Tudinho. Desde o momento em que mandou a mensagem corajosa, dizendo que queria sair com ele. Você nunca mandou, de fato, a mensagem.

— Não mandei?

Não mandou. Olhe seu celular. Tatiana faz o que pedi. Precisa religar o celular, porque, na verdade, ela o desligou para ler e não ser interrompida por ninguém, nem por suas amigas. Para ver como eu tenho razão, o livro está aberto ao seu lado, exatamente na página que parou de ler e começou a viajar na maionese. Pobre garota. Só queria um cara real para transar, mas não tem coragem de dar o passo para realizar.

— Não acredito! — ela encara a tela do celular e vê que a última mensagem de Junior foi na noite anterior, quando conversaram sobre a vida. Não há nenhuma mensagem dela pedindo para sair com ele.

E agora, Tati, você vai ou não vai sair da fantasia e tentar algo de verdade com Junior?

— Eu não sei. E se tudo o que pensei acontecer?

Impossível!

— Como você sabe?

Porque a vida real nunca é como imaginamos.

— Será?

Tenho absoluta certeza. Saia de seu mundinho imaginário e vá viver, mulher!

Tatiana não se move. Olha para o celular por tanto tempo que eu fico preocupada. Será que a garota vai ter coragem de tentar? Eu espero que sim.

NOVE

Mas não foi só com a boca que ele me masturbou. Seus dedos também entraram em ação. A outra mão apertou um seio e eu me senti nas nuvens. Como era bom ser tocada de todas as formas. Era como se ele não pudesse deixar de me tocar e eu estava amando. Ninguém nunca tinha adorado tanto me deixar tão louca e excitada como Junior.

Tatiana imaginou tudo. A mensagem de texto, a própria ansiedade, a resposta de Junior, o primeiro encontro, a pegação no carro, o surto de proteção do seu Mauro, o segundo encontro, o ataque de seu Mauro, a reação estranha de sua mãe, o sexo virtual, a masturbação e o flagra de sua mãe, o terceiro encontro na lanchonete com as amigas, onde ela nem foi, o jogo e principalmente o rancho. Foi tudo invenção.

Agora ela entrou na fase da negação. Simplesmente pegou o livro e continuou lendo e se imaginando a mocinha, chamando o mocinho de Junior. Eu não acredito que tudo isso não serviu para nada. Nem mesmo para lhe dar coragem de agir. Pelo visto a deixou com mais medo. Mas não pode ser tão ruim quanto ela imaginou, não é mesmo? Você não concorda comigo?

Seus dedos dentro de mim eram enlouquecedores. Eu me remexia acompanhando seus movimentos. Minhas mãos em seus cabelos o obrigavam a ficar exatamente onde estava. Sua respiração quente fazia carícias em meu ventre. Eu me sentia envolta em uma névoa de prazer sem par. Pelo visto, Junior me daria uma surra de orgasmos.

Ignorando-me completamente, Tati se apossa de seu vibrador, que está muito bem. A pilha fraca também era imaginação. Ainda ontem ela comprou pilhas novas. Enquanto continua a leitura, ela se masturba. É sua pornografia, seu reino da fantasia, seu orgasmo garantido, sem ser obrigada a passar por convenções sociais mínimas ou encontros constrangedores. Na sua cabeça ela é livre.

Mas e se fosse real? Não tudo o que ela imaginou, mas um encontro de verdade, a interação com outro ser humano e não apenas com personagens imaginários? O que ela poderia tirar dessa relação verdadeira que não consegue nos livros? É certo que livros são bons e necessários. São um espelho no qual o leitor se enxerga melhor e se conhece profundamente. Se relacionar consigo mesmo é tão importante quanto com o outro.

Negligenciar as outras relações é que não dá. Viver a vida intensamente. Respirar o ar, mesmo que seja poluído. Sorrir para uma criança brincando na calçada. Assistir um casal de idosos fazendo caminhada. Almoçar com os colegas de trabalho. Resolver uma crise no trabalho. Dar e receber suporte da família e dos amigos. Sentir um abraço. Beijar na boca. Fazer sexo.

Tudo isso faz parte da vida e se negar por medo não é muito saudável.

Não demorou muito para eu alcançar outro clímax. Junior sugou meu clitóris sensível com força ao perceber como minha vagina apertava seus dedos. Ele subiu pelo meu ventre, beijando-o até alcançar a minha boca. Seu pau imenso encontrou a minha entrada lubrificada e pronta para recebê-lo, e ele se enterrou fundo em uma só estocada.

Credo! Esse livro está me tirando a concentração. Preciso de uma intervenção agora. É isso. Como narradora, eu posso forçar a situação. Não tente se vingar de mim depois, Tatiana, mas o que farei será para seu bem. Seu celular

toca, justo agora que está perto de gozar. A reação natural de Tati é ignorar, mas o toque é insistente, acabando com o clima.

— Filha da mãe! — reclamando, ela desliga o vibrador, deixa o livro de lado e verifica o celular.

Para seu total espanto, é Junior.

— Você fez isso?

Eu, não. Atende logo, garota!

— Nem pensar!

Ela deixa o celular cair no colchão e se afasta dele como se fosse um bicho.

Tati...

— Não vou atender. E se tudo o que pensei acontecer?

Não vai, eu já disse. Confie em mim.

— Como posso confiar? — seu grito é estridente. — Você me fez acreditar que tudo aquilo era real.

Eu não, você pensou tudo sozinha.

Em vez de responder, ela bufa. O celular para de tocar. Junior manda mensagem.

Leia, Tati, por favor.

— Não — ela balança a cabeça, negando e virando o rosto para não ver a tela.

O celular continua notificando os recados do rapaz e, como ela está online, ele insiste, ligando pelo Whatsapp.

Tati...

— Me deixa em paz, tá legal? — há lágrimas em seus olhos.

Você nunca vai saber se é real se não tentar.

— Você está forçando a barra — ela enxuga os olhos.

Vou te dizer no que somos diferentes. Posso não tentar novamente, mas já tentei. Deu merda, mas me casei, eu vivi. Você nem isso, garota.

— Mas por que não tentou de novo?

Já disse, não sinto falta. Você sente. Respeite a si mesma e tente.

— Respeite o meu medo e me deixe em paz.

Não é só medo no seu caso, é paranoia. Você precisa de ajuda.

— Você não pode me ajudar.

Eu estou contando essa história e quero te dar um final feliz, Tati. Permita.

— Não existe final feliz na vida real.

É verdade. Existem momentos felizes. Não quer experimentar alguns?

— Não, obrigada.

O celular para de apitar. Junior desiste. E seria o fim da história se eu não estivesse narrando esse conto.

A mãe de Tatiana bate à porta, anunciando que suas amigas chegaram. Mas elas não marcaram nada! Tati se surpreende e pede para que entrem. Sua mãe, ao contrário do que ela idealizou, sempre respeitou sua privacidade. Até certo ponto. Como toda a mãe, ela pergunta para onde a filha vai, mas parou de perguntar quando volta há muito tempo. Ela se divide em ver a filha segura em casa e a preocupação por ela não sair.

— Oi, doida — a colega de trabalho se atira na cama, sentando em cima do vibrador. — O que é isso? — ao encontrá-lo, dá um pulo para o lado. — Credo!

— Desculpa — Tati acha engraçado, mas dá de ombros para a colega.

— Nojenta! — a colega de trabalho limpa a mão na roupa, morrendo de asco.

É bom para a Tati ver outros se lascando em vez dela. O sorriso aumenta.

— O que está lendo? — a melhor amiga pega o livro e lê um parágrafo.

Ele ficou parado um segundo, deixando-me acostumar com sua espessura antes de começar a bombar dentro de mim. Era tão bom. Eu me sentia completa. Sua boca na minha, suas mãos apertando as minhas nádegas com força e seu pau imenso saindo e entrando em mim em estocadas curtas e profundas. Eu ia enlouquecer naquela

cama.

— Cruzes, que pornográfico! — a melhor amiga larga o livro.

Elas não são tão descoladas quanto Tati imaginou também. Uma pena, né. Só eu entendo o gosto de Tatiana por livros eróticos. Se joga, garota!

— Você devia parar de ler essa porcaria — a melhor amiga aconselha. — Não tem nada de literatura nessa bosta.

Tati revira os olhos. A melhor amiga é leitora, mas só lê clássicos e a chamada alta literatura. Eu também reviro os olhos. Preconceito tem em todo lugar, até mesmo entre pessoas que se dizem cultas. Que triste. A colega de trabalho não lê nem bula de remédio ou lista de supermercado. Ela ergue o dedo do meio para as duas, entediada com essa conversa chata sobre livros.

— Onde nós vamos beber hoje? — ela muda de assunto.

— Em lugar algum — Tati responde ao mesmo tempo que a melhor amiga.

— Tem um barzinho novo na cidade.

— Simbora! — a colega de trabalho, que sabe que Tati não irá se não for arrastada, abre o guarda-roupa da amiga e escolhe um vestido que ela não usa há tempos.

— Guarda isso — Tati o atira de volta para a colega.

— Deve te servir, se você não engordou.

— Vai tomar no cu!

— Ui, ela tem brios. Então, toma vergonha na sua cara e sai dessa cama.

Tatiana cruza os braços e faz birra. Igualzinho fez comigo. Ela estreita os olhos.

— É sério, amiga. A gente só quer que você saia um pouco do seu mundo e veja o mundo real. Ele também é bom.

É bom, apesar das tragédias naturais e não naturais, da morte do ecossistema, do clima maluco, dos assassinatos, assaltos e estupros, da política interna e externa e da porcaria de seu vizinho, que é um pé no saco e vive varrendo lixo para a porta da sua casa. E também do outro vizinho, que acha que

tem o direito de beber até de manhã, ouvindo funk para toda a rua ouvir.

— É sim, mas não quero — para mandá-las embora, Tati pega o livro e abre.

A melhor amiga o toma dela e a colega de trabalho continua segurando o vestido.

— Vocês não vão embora, né? — Tati bufa, mas não vê alternativa.

Eu disse que faria uma intervenção. Ela revira os olhos para mim.

— Não mesmo — diz a melhor amiga.

— Não sem você — concorda a colega de trabalho.

Tatiana suspira, derrotada, leva o vestido para o banheiro, toma uma ducha, ajeita o cabelo e se veste. Promete a si mesma que fará a vida delas um inferno se a saída for uma merda.

➤ DEZ

Não tem trecho de livro erótico nesse capítulo porque Tatiana não leu mais, graças a minha intervenção. Quer dizer, de suas amigas, que sabem ser um pé no saco quando querem. Ainda bem. E elas também sabem quando é hora de invadir a privacidade de Tati, não de um jeito que ela se ofenda. Apesar de que tenho certeza de que a reação dela não será boa quando souber que...

— E aquele garoto, o tal de Junior? Vocês marcaram algo? — pergunta a colega de trabalho.

— Não, estamos conversando ainda. É cedo. — Para variar, Tati dá sempre a mesma resposta.

— Há quanto tempo estão conversando? Dois meses?

— Por aí — ela é vaga.

— Já não está na hora de se conhecerem pessoalmente? Quando um cara insiste tanto em um aplicativo, é porque está mesmo a fim, não? E respeita seu tempo — a melhor amiga sempre é a mais ponderada das três.

— Eu não sei. E se ele for um estuprador?

— Ai, Tati, não viaja — a colega de trabalho é a mais inconsequente.

— Todo homem é um potencial estuprador — Tatiana se defende.

— Tem razão, mas é só tomar alguns cuidados... — a melhor amiga ameniza.

— Tá legal, chega. Já não estou saindo com vocês? O que mais querem?

— Que você transe com caras reais — a colega de trabalho revira os olhos. Tatiana faz uma careta e a melhor amiga intervém.

— Que você possa curtir a vida do mesmo jeito que curte seus livros.

— Ok. Quem sabe semana que vem? — Tati se esquivava e elas ficam em silêncio.

Acabam de chegar ao tal bar. Está lotado, tem música ao vivo e parece legal. À meia luz, os corpos se espremem para encontrar caminho até uma mesa vazia. O garçom as leva até a área externa, que é coberta apenas por uma tenda para o caso de chover. A noite está estrelada e fresca. Tatiana se sente um pouco desconfortável por causa da música alta e a quantidade de gente. Não está acostumada com balada.

Elas se acomodam e pedem cerveja. Enquanto esperam, olham ao redor. Ainda em silêncio, deixam os olhos varrerem o local, cheio de gatinhos e gatinhas para todos os gostos. De repente, a colega de trabalho acena para três caras que tentam passar pela turba. Tatiana gela quando percebe que um deles é Junior. Seu coração vai parar na boca e suas pernas viram gelatina.

— Como...? — é a única coisa que consegue balbuciar.

As amigas sabem a senha de seu celular e aproveitaram que ela estava se arrumando para combinar a saída com Junior. Quando eu faço uma intervenção, é para dar certo. E também com segurança. Tatiana não estaria sozinha no encontro, o que lhe pouparia problemas. Ela está tão paralisada que não tem condições nem de xingá-las. Agora é tarde demais para isso.

Junior já chegou à mesa e primeiro cumprimenta as meninas, apresentando seus amigos. Tati não guarda os nomes. Seus ouvidos parecem abafados por algo que eu descrevo como pânico. Ele a cumprimenta por último, deixando um beijo bem no canto da boca, como se fosse por um mero deslize. Tatiana cora e se encolhe. Ju puxa uma cadeira e se senta tão perto que suas coxas encostam.

Calma, ela não está inventando nada disso. Eu juro. Está acontecendo mesmo.

Ele precisa se inclinar e gritar em seu ouvido para que possam conversar.

— Gostou da surpresa?

— Cl-claro — a verdade é que Tati é muito tímida. Ela tenta sorrir. Suas mãos estão enroscadas no vestido.

— Você está muito bonita.

— Obrigada. Você também. — Ela nem reparou como ele está vestido.

Mas notou que ele é normal. Nem muito bonito, nem muito feio. É um cara que não chamaria a atenção de ninguém em um bar como aquele. Ela acha que isso é uma coisa boa. Pelo menos ninguém vai dar em cima dele.

— Você vem sempre aqui? — Junior continua puxando papo.

— Não, é a primeira vez.

— Esse bar também é novo, mas eu vim na abertura.

— E curte?

— Sim. Durante a semana tem jogo.

— Ah! — também é verdade que Junior torce para o tricolor e a colega de trabalho, para o timão.

— Você não curte, né?

— Não.

— Sem problemas. Meus amigos me acompanham. A gente pode fazer outras coisas. Você gosta de beber cerveja e conversar. Isso é ótimo.

— Concordo — ela dá um gole em sua cerveja. Sua garganta está seca.

— Posso? — ele aponta para o copo dela.

Quando passa para ele, seus dedos se tocam. Junior toma, sorrindo, olhando para ela.

— Está boa. É uma das coisas que eu gosto daqui. A cerveja é gelada.

— Isso é importante.

Você também está achando essa conversa bem normal, né? Mas é assim que a vida real acontece.

— Terminou de ler aquele livro?

— Já, estou no meio de outro.

— Você é rápida.

— Sim, às vezes me arrependo de devorar assim que acaba. Podia ter curtido mais.

— Entendo... — ele ri e toma mais um gole da cerveja dela, sem pedir permissão. — Suas amigas são muito bacanas. Achei legal elas estarem presentes no nosso primeiro encontro. Passa segurança, né?

— Verdade.

— Também chamei meus amigos. Assim ninguém fica de vela.

Tatiana cora de novo.

— Não achou esquisito que elas interviessem?

— Não. Já te chamei para sair algumas vezes, mas você nunca pode. Pelo menos assim a gente se conhece melhor pessoalmente. Prefiro.

— Eu não me importo que seja pelo celular.

— É diferente, não acha?

— Sim, mais profundo.

— Mais irreal, eu diria. Não que eu estivesse mentido, também não acredito que você estivesse. Só que... Sei lá... Como vou explicar? Tem certas coisas que só dá para descobrir se conversarmos olho no olho.

— Você quer dizer, para saber se o outro está mentindo?

— Não. Tem coisa que não é dita, mas é transmitida. O corpo também fala.

Tatiana balança a cabeça, concordando, mas encabulada. Ela se retrai cada vez mais.

— Por exemplo. Pelo modo que você conversa pelo Whatsapp, nunca pensei que fosse tão tímida.

— Desculpa...

— Não precisa se desculpar. Não é culpa sua. Entendo que pelo virtual seja mais seguro para se comunicar.

— Obrigada.

Ela finalmente consegue expressar seu contentamento em forma de sorriso.

— Eu também me sinto um pouco assim no primeiro encontro. A gente nunca sabe como vai ser.

Tatiana até imaginou, mas também não sabe. Nem eu.

— Você já teve alguns, né? — ela afirma.

— Sim. Alguns foram legais, outros não. É a vida. Ela é imprevisível.

— É mesmo, né?

Tati começa a relaxar aos poucos. Junior é tão sincero pessoalmente

quanto pelo celular, mas de uma maneira um pouco mais controlada, o que é natural em um primeiro encontro. Mais cerveja chega, mais conversa rola e a certa altura estão mais soltos graças a bebida. A verdade é que Tatiana se transforma em outra pessoa quando bebe. E isso não é de todo ruim.

— Vamos dançar! — ela pede, puxando-o pelo colarinho para o mínimo espaço entre as cadeiras.

A música eletrônica é ensurdecadora. O álcool deixa seu corpo, geralmente travado, maleável e rapidamente se encaixa ao de Junior no ritmo da música. Volta e meia eles pulam com os punhos erguidos para o alto. Tati grita até perder a voz. Junior a acompanha sorrindo, gostando da maneira soltinha que ela fica. Não parece mais aquela garota tímida do começo da noite.

Eles não param de dançar e, a certa altura, seus corpos estão tão juntos e seus rostos tão pertos que Junior não se contém. Ele toma seu rosto entre as mãos e a beija. É um beijo inesperado. Tatiana e nem eu, pra falar a real, estava esperando. Eles estavam curtindo tanto a música que pensei que nem ia rolar nada. Viu? Não estou manipulando a narrativa, eu juro!

O beijo é quente, molhado e sedutor. A música e a bebida ajudam a esquentar o clima depressa, é verdade, mas a atração existe. Se não existisse, não teria rolado uma química tão boa. Eles perdem o ritmo da música, passando a ouvir as próprias respirações e o pulsar maluco do coração nos peitos, em vez da batida das caixas de som. Os corpos se grudam de um jeito intenso, as mãos apertando as curvas seguras.

Nada de nádegas e peitos. Estão em público. Mas mesmo assim estão se apertando. Ele, a cintura dela e ela, a nuca dele. O beijo se torna algo maior, fora deles. Uma entidade no salão. Está bem, agora eu viajei um pouco e manipulei a narrativa. Desculpem, mas não tem como ver a cena e não me empolgar. A conexão entre eles é visceral.

É bom saber que no fim das contas os medos de Tatiana são infundados, que a química entre os dois existe, portanto, há uma chance de ser bom para ambos, pelo tempo que durar. Aí só o futuro dirá, não é mesmo? O importante é

que é real e está acontecendo, enquanto escrevo essas últimas linhas.
Agora chega de ler esse conto erótico e vai você viver também.
Ou prometo que vou intervir.



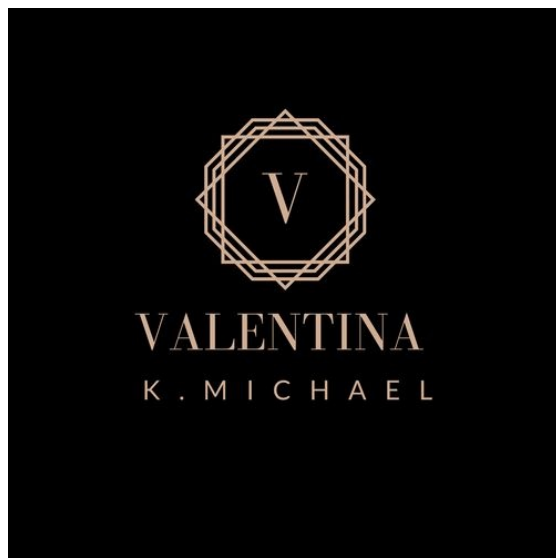
➤ SOBRE AS AUTORAS

ANE PIMENTEL



Ane Pimentel é o pseudônimo de duas amigas apaixonadas por ler. Duas viciadas em livros que, para se distrair, decidiram pôr no papel algumas ideias e, desde 2015, se descobriram apaixonadas pela escrita. Aracajuanas, graduadas em Letras pela Universidade Federal de Sergipe, são amantes de filmes e séries. Atualmente, contam com doze livros publicados e, com frequência, figuram a lista dos mais vendidos na Amazon. Elas se consideram irmãs de alma e estenderam a irmandade até a literatura.

VALENTINA K. MICHAEL



Criado em 2014, o pseudônimo Valentina K. Michael veio trazer paixão e fantasia em romances na literatura brasileira. Leitora assídua desde a infância, a escrita chegou de forma surpreendente na vida de Valentina, levando-a ao topo no âmbito digital. Com quinze livros publicados, luta para continuar tecendo um caminho de satisfação profissional. Hoje, com 26 anos, mora em Minas Gerais e se dedica à escrita.

NANA SIMONS



Nana Simons é paulista e filha única. Ex-estudante de psicologia, teve seu primeiro caso de amor pela leitura bem nova, quando descobriu os cadernos de poesia da mãe e desde então não parou de ler. A escrita se tornou um refúgio e o amor pelas palavras passou a crescer cada dia mais. Autora da série No Berço da Máfia, O Governador, Por Você Cobain James e Soldado de Gelo.

LANI QUEIROZ



Lani Queiroz nasceu em Gonçalves Dias – MA, reside atualmente em Arraias – TO com o marido e um casal de filhos. É formada em Pedagogia com Mestrado em Educação, doutoranda em Educação, Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. É professora da Universidade Federal do Tocantins – UFT. É apaixonada pela leitura e escrita desde os dez anos. Sempre escreveu contos e romances, mas nunca havia tido coragem de tornar seu trabalho público.

MILA WANDER



Mila Wander nasceu e mora no Recife, onde se dedica integralmente ao mundo dos livros. Formada em Pedagogia e estudante de Psicologia, é apaixonada por criar romances diferentes, mesclando-os a outros gêneros. Dentre mais de vinte títulos publicados, Mila é autora da duologia de sucesso O Safado do 105 e O Canalha do 610, além da trilogia Despedida de Solteira, Dominados e Meu Maior Presente.

JULIANA DANTAS



A autora paulista Juliana Dantas envolveu-se com a escrita em 2006, escrevendo fanfics dos seus seriados e livros preferidos. Depois de anos trabalhando como livreira, estreou como autora independente na Amazon em 2016 e hoje possui 27 títulos na plataforma Kindle, além de livros publicados pela Editora Pandorga e Volúpia Editora. Com mais de 55 milhões de páginas lidas, sua escrita transita livremente entre dramas surpreendentes e romances leves e divertidos. Em 2019 lançará um livro inédito pelo selo Harlequin, da Editora Harper Collins e continuará se dedicando a seus romances na Amazon, enquanto planeja sua próxima viagem e maratona Friends na Netflix.

JOSY STOQUE



Depois de uma saga sobrenatural, um romance erótico em parceria e um conto de fadas, Josy Stoque escreveu a trilogia Puro Êxtase, sucesso de vendas na versão digital; o romance erótico-policia Não Espere pelo Amanhã, que se tornou best-seller da Amazon; e Eu Nunca, com Mila Wander, um dos mais vendidos da Veja Online. Entre outros, já que nunca mais parou e tem muitas ideias ainda para colocar no papel. Josy é pisciana, sonhadora e, claro, viciada em livros. Tanto que a sua gatinha tem nome de personagem: Tris.